



MEMÓRIA CAMPONESA

As Ligas Camponesas na Paraíba

IVAN TARGINO • MARILDA MENEZES
EMÍLIA MOREIRA • GENARO IENO
BELARMINO MARIANO NETO
WALDIR PORFÍRIO
(organizadores)



MEMÓRIA CAMPONESA

As Ligas Camponesas na Paraíba



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA



CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

DIRETOR

Ulisses Carvalho Silva

VICE-DIRETORA

Fabiana Cardoso Siqueira



EDITORA DO CCTA

EDITOR

Ulisses Carvalho Silva

CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

Ulisses Carvalho Silva

Carlos José Cartaxo

Magno Alexon Bezerra Seabra

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

Diagramação: Rudah Silva

IVAN TARGINO
MARILDA MENEZES
EMILIA MOREIRA
GENARO IENO
BELARMINO MARIANO NETO
WALDIR PORFÍRIO
(organizadores)

MEMÓRIA CAMPONESA

As Ligas Camponesas na Paraíba

EDITORA DO CCTA
João Pessoa
2024

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

M533 Memória camponesa: as ligas camponesas na Paraíba
[recurso eletrônico] / Organização: Ivan Targino ... [et al.].
- João Pessoa: Editora do CCTA, 2024.

Recurso digital (5,28 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-425-2

1. Ligas camponesas - Paraíba. 2. Reforma agrária.
3. Líderes camponeses. 4. Ligas camponesas - Aspectos
políticos e sociais. I. Targino, Ivan.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 332.021.8(813.3)

OS HOMENS DA TERRA

Vinicius de Moraes¹

Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertaram e cuja luta ora inicia.

*Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha
Porque desfrutais da terra
E a terra é de quem trabalha
Bem como os frutos que encerra
Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha.
Chegado é o tempo de guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
– União contra granada!
– Reforma contra metralha!*

*Senhores donos da Terra
Juntais vossa rica tralha
Vosso cristal, vossa prata
Luzindo em vossa toalha.
Juntais vossos ricos trapos
Senhores Donos de terra
Que os nossos pobres farrapos
Nossa juta e nossa palha
Vêm vindo pelo caminho
Para manchar vosso linho
Com o barro da nossa guerra:
E a nossa guerra não falha!*

*Nossa guerra forja e funde
O operário e o camponês;
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis
Com seu martelo e seu torno
Sua lima e sua torquês,
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis.*

¹ Vinicius de Moraes. Poemas para a Liberdade. Violão de rua. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1962.

Nosso pão de cada dia
Feito em vossa padaria
Com o trigo que não colheis;
Nosso pão que forja e funde
O camponês e o operário
No forno onde coze o trigo
Para o pão que nos vendeis

Nas vendas do latifúndio
Senhor latifundiário!
Senhor Grileiro de terra
É chegada a vossa vez
A voz que ouvis e que berra
É o brado do camponês
Clamando do seu calvário
Contra a vossa mesquinhez.

O café vos deu o ouro
Com que encheis vosso tesouro
A cana vos deu a prata
Que reluz em vosso armário
O cacau vos deu o cobre
Que atirais no chão do pobre
O algodão vos deu o chumbo
Com que matais o operário:
É chegada a vossa vez
Senhor latifundiário!

Em toda parte, nos campos
Junta-se a nossa outra voz
Escutai, Senhor dos campos
Nós já não somos mais sós.
Queremos bonança e paz
Para cuidar da lavoura
Ceifar o capim que dá
Colher o milho que doura,
Queremos que a terra possa
Ser tão nossa quanto vossa
Porque a terra não tem dono
Senhores Donos da Terra.
Queremos plantar no outono
Para ter na primavera
Amor em vez de abandono
Fatura em vez de miséria.

*Queremos paz, não a guerra
Senhores Donos de Terra ...
Mas se ouvidos não prestais
Às grandes vozes gerais
Que ecoam de serra em serra
Então vos daremos guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
– Granada contra granada!
– Metralha contra metralha!*

*E a nossa guerra é sagrada
A nossa guerra não falha!*

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	10
APRESENTAÇÃO.....	16
MESA I – SESSÃO DE ABERTURA	21
1.1 Pronunciamento da Professora Marilda Aparecida de Menezes	21
1.2 Pronunciamento do Dr. Francisco de Assis Lemos	25
1.3 Pronunciamento do Sr. Severino Domingos de Lima (Beija-Flor)	27
1.4 Pronunciamento do Professor Moacir Palmeira.....	28
1.5 Pronunciamento do Sr. José Francisco da Silva	31
1.6 Pronunciamento do Sr. José Rodrigues Sobrinho	33
MESA II – AS LIGAS CAMPONESAS EM SAPÉ E NA PARAÍBA	36
2.1 Pronunciamento de Francisco de Assis Lemos	36
2.2 Pronunciamento de Elizabeth Teixeira	49
2.3 Pronunciamento de Marina Dias	54
2.4 Pronunciamento de Neide Araújo.....	57
2.5 Debate	64
MESA III – A ATUAÇÃO DOS ADVOGADOS, INTELLECTUAIS, ESTUDANTES E IMPRENSA.....	77
3.1 Depoimento da Dra. Ofélia Amorim	77
3.2 Depoimento de Iza Guerra.....	84
3.3 Depoimento de Adalberto Barreto.....	88
3.4 Depoimento de Gonzaga Rodrigues	94
3.5 Depoimento de Augusto Arroxelas.....	97
3.6 Debates.....	105
MESA IV – AS LIGAS CAMPONESAS DE GUARABIRA E MAMANGUAPE	114
4.1 Depoimento do Sr. José Arnóbio	114
4.2 Depoimento da Sra. Maria da Glória Celestino da Silva.....	118
4.3 Depoimento do Sr. Antônio Francisco de Carvalho.....	118
4.4 Depoimento do Sr. Antônio Manoel Marinho	121
4.5 Debates.....	124
MESA V – MÉDICOS, POLÍTICOS, SINDICATOS E AS LIGAS CAMPONESAS	132
5.1 Depoimento do Sr. Malaquias Batista Filho	133
5.2 Depoimento do Sr. Luiz Hugo Guimarães	139
5.3 Debates	146
MESA VI – AS LIGAS CAMPONESAS EM SANTA RITA, ESPÍRITO SANTO E ALHANDRA	155
6.1 Depoimento do Sr. Manoel Dantas	156
6.2 Depoimento da Sra. Maria Aquino	159
6.3 Depoimento do Sr. Elias Quirino	159
6.4 Depoimento da Sra. Neuza Cardoso	162
6.5 Depoimento do Sr. José Cardoso de Farias.....	164
6.6 Depoimento do Sr. Antônio Dantas	167
6.7 Debates	179

MESA VII – AS LIGAS DE MULUNGU E DE CAMPINA GRANDE	185
7.1 Depoimento do Sr. José Hermínio Dionísio	185
7.2 Depoimento do Sr. Geraldo Camilo.....	190
7.3 Depoimento do Sr. Celestino Pereira da Silva	192
MESA VIII – OUTRAS QUESTÕES SOBRE AS LIGAS: AS ARMAS, ELEIÇÕES E O PAPEL DA MULHER	206
8.1 Depoimento da Sra. Ofélia Amorim	207
8.2 Depoimento do Sr. Assis Lemos	208
8.3 Depoimento do Sr. Waldir Porfírio	218
8.4 Depoimento da Sra. Ofélia Amorim.....	220
8.5 Debates	222
SESSÃO DE ENCERRAMENTO	224
9.1 Homenagem às lideranças camponesas do passado.....	224
9.2 Homenagem às lideranças camponesas do presente.....	225
9.3 Agradecimentos finais.....	228

APÊNDICES

APANHADO BIOGRÁFICO DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS DAS LIGAS CAMPONESAS NA PARAÍBA	235
BIBLIOGRAFIA SOBRE AS LIGAS NA PARAÍBA.....	255
BIBLIOGRAFIA SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS NO NORDESTE	260
VÍDEOS E FILME SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS.....	263

ANEXOS

ANEXO I – ESTATUTO DA LIGA CAMPONESA DO ESTADO DA PARAÍBA	266
ANEXO II – ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE LAVRADORES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS DE SAPÉ.....	271
ANEXO III – RELAÇÃO DOS PERSEGUIDOS POLÍTICOS NA PARAÍBA COM LIGAÇÃO COM AS LIGAS CAMPONESAS.....	275
ANEXO IV – DEPOIMENTO DE ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA	279
ANEXO V – INQUÉRITOS CONTRA FRANCISCO DE ASSIS LEMOS	284
ANEXO VI - AO MEU NOBRE PAI PEDRO FAZENDEIRO E OUTROS TANTOS COMPANHEIROS ...	294
ANEXO VII – FOLDER DO SEMINÁRIO “MEMÓRIA CAMPONESA: AS LIGAS CAMPONESAS NA PARAIBA”	297
ANEXO VIII - DISCURSO PROFERIDO POR RAYMUNDO ASFORA EM HOMENAGEM A JOÃO PEDRO TEIXEIRA EM 04.04.1962.....	300

PREFÁCIO

José Sergio Leite Lopes
(Museu Nacional/UFRJ)

O Seminário Memória Camponesa da Paraíba, realizado nos dias 28 e 29 de abril de 2006, foi um dos mais emocionantes e esclarecedores da série de seminários realizados em nove estados da federação durante a duração do projeto Memória Camponesa, coordenado por Moacir Palmeira (professor do Museu Nacional/UFRJ, ex-assessor da CONTAG) entre 2004 e 2010¹. Em abril de 2006 outros três seminários já haviam sido realizados no Rio de Janeiro (outubro de 2004), no Rio Grande do Norte e em Pernambuco (janeiro e fevereiro de 2005)².

O ano inicial da série de seminários, 2004, não por acaso era o ano da data redonda da efeméride dos 40 anos do golpe militar de 1964. A partir de abril de 2004 se reproduziram com mais força reflexões, no interior da rede de ex-sindicalistas do sistema CONTAG, sobre o apagamento, ou pelo menos a sub-representação, na sua expressão na imprensa e na esfera pública, dos efeitos da repressão da ditadura sobre o campesinato e os trabalhadores rurais. A atenção estava voltada para os importantes personagens e fatos que se destacavam em torno das graves violações de direitos humanos que se abateram sobre militantes e ativistas das organizações políticas clandestinas, que se individualizavam nas listas dos processos de reparações materiais e simbólicas em instituições como a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos (CMDP, instituída em 1995)

1 O prefaciador preferencial deste livro seria de fato Moacir Palmeira, que só não o fez por razões de saúde. Os organizadores do livro tiveram a generosidade de se voltarem para mim, que havia tido a oportunidade de acompanhar de perto a coordenação deste projeto no Museu Nacional/UFRJ. Difícil de dizer algo mais neste prefácio do que já tenha sido dito na apresentação, introdução e comentários finais deste livro, a não ser o destaque de alguns pontos, vistos da perspectiva dos 18 anos de distância da realização do evento.

2 Os seminários se realizaram na seguinte ordem: RJ-18 e 19 de out 2004, RN-20 e 21 de jan 2005, PE-24 e 25 de jan 2005, PB-28 e 29 de abril 2006, Ceará-21 e 22 de set 2006, Goiás-8 de nov 2006, PR-27 de abril de 2007, RS-10 de set 2007, SP-18 e 19 de nov 2007. Houve ainda um Seminário geral no PPGAS/MN-Seminário Sindicalismo Rural: Passado e Presente, em dezembro de 2010 (convidados CONTAG, FETAG-RJ, FETAPE, entre lideranças e assessores). Ver <https://memov.org/site/col-memoria-camponesa/>

ou a Comissão de Anistia (instituída entre 2002 e 2003). Em suma, a cobertura jornalística e os eventos em torno da efeméride de março/abril de 2004 davam destaque aos episódios repressivos que incidiram sobre os ativistas de organizações políticas então clandestinas, e surgiram inquietações no interior dos grandes coletivos de grupos sociais de maiorias minorizadas dentre as classes sociais dominadas ou dentre grupos mobilizados em torno de questões étnicas e de gênero. Não é à toa que na mesa de abertura do seminário estivessem presentes, além de Moacir Palmeira, os sindicalistas veteranos José Francisco da Silva, ex-presidente da CONTAG, Biu da Luz, sindicalista/cantador de Pau d'Alho (PE) e José Rodrigues Sobrinho, fundador da FETARN, que estiveram na origem das preocupações que desembocaram no projeto Memória Camponesa.

Nos encontros anteriores os depoimentos haviam abrangido as experiências das associações no movimento camponês prévios ao Estatuto do Trabalhador Rural, de 1963, as associações que vieram a se agrupar desde 1954 na ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), de iniciativa do clandestino Partido Comunista; as associações promovidas pela Igreja Católica, ou outras associações como as das Ligas Camponesas centradas no Nordeste e o MASTER no Sul do país. Mas também a experiência de sindicalização pelo Estatuto dos Trabalhador Rural, nos seus inícios, nos anos de repressão e intervenções ministeriais nos anos após o golpe, e na reconstrução das lutas sindicais no final dos anos 60 e durante os anos 70.

O seminário da Paraíba se deu a tarefa de organizar o evento em torno da memória das Ligas Camponesas, dada a importância e a densidade da sua presença neste estado. Assim, o período posterior à repressão às Ligas, as lutas e conflitos que se organizaram pelos sindicatos e entidades como as comunidades de base das pastorais da terra, foi deixado para ser detalhado em encontros possíveis em oportunidades futuras.

Os Seminários da série Memória Camponesa foram realizados em instalações de instituições universitárias (casos por exemplo do Rio de Janeiro, Ceará, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás), de entidades sindicais (sub-sede

de Carpina da FETAPE), de instituições da Igreja Católica (caso do Rio Grande do Norte). O encontro da Paraíba se deu em auditório da Assembleia Legislativa do Estado, e contou com sua infraestrutura (transmissão pela TV Assembleia, registro audiovisual e taquigráfico, divulgação), ocasionando uma repercussão local maior. Além do apoio das universidades federais sediadas no estado e da universidade estadual, também foi buscado o apoio da direção do INCRA estadual.

A dimensão da repercussão local do seminário da Paraíba também se produziu pela circunstância de estar havendo um acampamento do MST em João Pessoa por ocasião da mobilização do chamado “abril vermelho” daquele ano, o que possibilitou a presença de numerosos militantes daquele movimento na plateia do auditório da Assembleia Legislativa. Nos dois dias do seminário estes ativistas puderam desfrutar da narrativa histórica detalhada do movimento das Ligas, movimento ao qual o MST (pelo menos o do Nordeste) se auto atribui ser herdeiro. Este fato deu um colorido especial à plateia, e deu margem a que representantes do MST fossem incorporados a momentos performáticos do encontro, como quando da proposta de repetição do ato da entrega de flores do Sr José Hermínio, da Liga de Alhandra, à então jovem assessora jurídica das Ligas, Dra. Ofélia, em 1961, por ocasião da cerimônia de sua formatura em Direito. A foto em preto e branco que registrava a entrega das flores de José Hermínio a Ofélia apresentada durante o seminário, agora servia de modelo para a sua repetição 35 anos depois, quando um segundo buquê é acrescentado à cerimônia e entregue a Marilene, representante do MST.

Este seminário esteve assim carregado de forte emoção, desde o reencontro de participantes do movimento que não se viam há décadas, até a primeira mesa do encontro sobre a Liga de Sapé, com a presença de Elisabeth Teixeira, de Marina, a irmã de Nego Fuba, de Neide, a filha de Pedro Fazendeiro e do presidente da Federação das Ligas na Paraíba, o agrônomo e ex-deputado estadual Assis Lemos. O drama da reunião dos familiares de três personagens assassinados entre 1962 (João Pedro Teixeira) e 1964 (João Alfredo/ Nego Fuba e Pedro Fazendeiro) trouxe um impacto emocional ao encontro já na

sua primeira manhã. Elisabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira, que logo após seu assassinato assumiu um papel de liderança nas Ligas, trouxe para a reunião, com suas palavras, o testemunho de sua saga, mais conhecida desde seu protagonismo no filme “Cabra Marcado pra Morrer” de Eduardo Coutinho. Assis Lemos trouxe um panorama da presença das Ligas na Paraíba através de sua vivência política do movimento e do período antes e depois do golpe de 64, e ainda deu seu testemunho do desaparecimento dos seus colegas de cela Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, logo após as solturas dos dois da prisão. Neide e Marina relataram as perseguições e humilhações sofridas depois do golpe que culminaram com o desaparecimento respectivamente de seu pai e de seu irmão.

Também provocou outro tipo de tensão a surpresa do aparecimento na terceira mesa, na manhã do segundo dia, das divergências no interior do movimento como se ainda estivessem vivas após mais de trinta anos, na fala de Antônio Dantas, fundador da Liga de Santa Rita e na resposta em sua própria defesa por parte de Assis Lemos (além do anexo V deste livro).

Outros destaques do encontro foram os testemunhos de assessores do movimento e de profissionais que com ele colaboravam, como médicos, engenheiros, jornalistas, advogados e educadores, assim como a importância do movimento das Ligas para a implementação de políticas públicas locais de saúde e de educação. Os depoimentos de Ofélia Amorim e Iza Guerra deram importantes detalhes respectivamente sobre a atuação da assessoria jurídica das Ligas com os instrumentos disponíveis na época, e das iniciativas de alfabetização e cultura popular no período. Foram também mencionadas as ligações entre as Ligas e movimentos sociais urbanos como os operários e operárias têxteis, tanto em Pernambuco quanto na Paraíba, onde se destacavam os municípios de Rio Tinto, Mamanguape e Santa Rita. Também o sindicalismo dos bancários e os jornalistas, através da Associação Paraibana de Imprensa, que era o lugar que ecoava a esfera pública dos movimentos, foram importantes apoios para as Ligas.

A equipe organizadora se esmerou na sua capacidade de detectar os antigos participantes das Ligas e de convidá-los. Como grupo mais estigmatizado e

reprimido pelos órgãos repressivos e pelas milícias privadas dos usineiros e latifundiários, os membros das Ligas se impuseram o exílio interno e o silêncio como meios de sobrevivência (de que é significativa a clandestinidade de Marta, novo nome de Elisabeth, na cidade de São Rafael no Rio Grande do Norte, onde ainda permaneceu durante alguns anos mesmo após a anistia de 1979). Assim, o trabalho da Igreja Católica nas comunidades de base e da CPT foi pouco a pouco ganhando a confiança dos membros silenciados das antigas Ligas, trabalho representado no encontro através da homenageada Irmã Toni (além da presença de Noaldo Meireles, advogado da CPT e presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos). Também de grande importância foi o trabalho de Waldir Porfírio, como assessor na Assembleia Legislativa, onde havia organizado durante 10 anos os processos de reparação dos mortos e desaparecidos políticos, desde 1995 e dos anistiados políticos desde 2003, e assim passou a conhecer os silenciados perseguidos ex-membros das Ligas. Assim, os organizadores do encontro puderam reunir os testemunhos de membros das Ligas dos municípios de Sapé, Guarabira, Mamanguape, Alhandra, Santa Rita, Mulungu e Campina Grande. Além de assessores, profissionais, sindicalistas urbanos e entidades que ecoavam os movimentos da sociedade civil paraibana do período anterior e imediatamente após o golpe de 64.

No momento do encontro estava nas cogitações dos movimentos a arrecadação de recursos para que houvesse a recuperação da casa onde havia morado a família de João Pedro e Elisabeth para transformá-la em um memorial das Ligas, o que se efetivou alguns anos depois.

É importante de ser assinalada aqui a forma de apresentação do registro do encontro proposto através deste livro. Os nove seminários do projeto Memória Camponesa foram registrados no formato audiovisual, forma de documentação então prevista. Além deste formato de registro audiovisual, a equipe organizadora do seminário da Paraíba teve a iniciativa de registrar todo o encontro de forma escrita, e, além disso, organizar tal registro sob a forma de livro, numa edição cuidadosa, com apêndices e anexos importantes. Desta

forma, o registro do que foi falado no encontro se acompanha de instrumentos de contextualização essenciais para a boa compreensão do que ali estava sendo dito e do que estava em jogo, na memória do período histórico, e no momento do seminário. Os três apêndices, sobre biografias e bibliografias, se desdobram nas breves biografias dos principais personagens das Ligas Camponesas na Paraíba, sobre a bibliografia existente sobre as Ligas na Paraíba, e ainda uma bibliografia sobre as Ligas no Nordeste. Além disso há 5 anexos constituídos de documentos variados: uma relação nominal dos perseguidos políticos na Paraíba em relação com as Ligas Camponesas; uma poesia escrita em homenagem ao Pai, Pedro Fazendeiro, por sua filha Náugia, irmã de Neide, que participou da 2ª mesa com seu depoimento; dois estatutos, o das Ligas Camponesas do estado da Paraíba, e o da Liga de Sapé; e um depoimento escrito por Antônio Augusto de Almeida, que não pôde estar presente no encontro, e que reivindicou aos organizadores do livro dar sua versão dos acontecimentos no município de Santa Rita durante assembleia dos trabalhadores em greve na agroindústria do açúcar na sede do sindicato dos tecelões local (mencionados no depoimento de Antônio Dantas na mesa da manhã do segundo dia do encontro). Neste depoimento-resposta há uma reconstituição histórica mais ampla, esclarecedora de diferentes aspectos historiográficos referentes aos movimentos e entidades partidárias e sindicais daquele período.

Os méritos dos organizadores do livro neste empreendimento, somados ao desempenho criativo dos depoentes nas mesas, debates e cerimônias do encontro, fazem desta obra um instrumento essencial para a compreensão da vivência e dos contextos da experiência histórica das Ligas Camponesas da Paraíba, parte vívida da experiência do movimento e da memória camponesa no Brasil.

APRESENTAÇÃO

A realização de um encontro que reunisse diferentes atores das Ligas Camponesas era uma aspiração antiga de muitos dos que fizeram e/ou participaram do seminário “Memória camponesa: as Ligas Camponesas da Paraíba”. Sentia-se a necessidade de registrar os depoimentos de pessoas que participaram daquele importante movimento, certamente, o movimento camponês mais importante da história da Paraíba, seja pela sua amplitude quantitativa e espacial, seja pelas consequências políticas, sociais e econômicas que elas desencadearam. É bem verdade que já existem vários trabalhos, seja de protagonistas dos fatos seja de estudiosos da questão, como é possível ver pela relação de obras sobre o tema ao final deste livro. Não resta dúvida que são contribuições importantes para o registro e para o entendimento daquele movimento. No entanto, a nosso ver, faltava um registro mais amplo de depoimentos de pessoas que vivenciaram aquele momento, independentemente, do grau de responsabilidade na condução do mesmo. Mais do que registrar os depoimentos, sentia-se a necessidade do debate entre esses atores de modo a explicitar os seus traços mais marcantes, a sua “metodologia” de ação, os conflitos existentes no seu interior, as disputas pela sua condução, as contribuições de pessoas “externas” ao mundo camponês, mas que com ele se comprometeram e que foram fundamentais para a sua organização.

Aquela, entretanto, era uma aspiração latente que não tinha encontrado um canal eficiente para a sua concretização. A oportunidade surgiu através de uma provocação do Professor Moacir Palmeira, professor da UFRJ, e de José Francisco da Silva, ex-presidente da CONTAG. O Professor Moacir Palmeira, instigado pelo José Francisco, montou o projeto “Memórias Camponesas e Cultura Popular”, juntamente com o Prof. José Sérgio Lopes e a Professora

Renata de Castro Menezes. Era objetivo do projeto o resgate da memória dos movimentos camponeses ocorridos no Brasil, na segunda metade do século XX, através da realização de encontros e de seu registro em vídeo. Foi no contexto desse projeto que Moacir Palmeira, José Sérgio Lopes e José Francisco, em meados de 2005, promoveram uma reunião no gabinete do então superintendente do INCRA, Júlio César Ramalho, com alguns professores envolvidos com a problemática agrária do Estado da Paraíba. Estiveram presentes àquela reunião além dos três proponentes anteriormente citados, o Superintendente do INCRA, Marilda Menezes, Emilia Moreira, Genaro Ieno e Ivan Targino.

Naquela oportunidade foi apresentado o projeto e discutida a possibilidade de realização de um encontro com aquelas características na Paraíba. O quarto da série, pois já tinham ocorrido eventos similares no Rio de Janeiro, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. Diante da dimensão da luta camponesa pela terra na Paraíba, achou-se por bem, restringir um primeiro encontro ao período das Ligas Camponesas. Ficaria para outra oportunidade a realização de um evento que cobrisse a memória da luta pela terra a partir da década de 70, quando se intensificou a participação da Igreja Católica principalmente através da atuação da CPT e do Centro de Direitos Humanos da Arquidiocese da Paraíba. Além da participação dos camponeses, foi importante o envolvimento de pessoas externas ao mundo camponês, mas com ele comprometido a exemplo do próprio arcebispo, Dom José Maria Pires, de Wanderley Caixe, de Frei Anástacio, de Frei Hermano e de tantos outros.

Ficou, então, acertada a realização do encontro “Memória camponesa: as Ligas Camponesas na Paraíba”. Àquele grupo inicial, juntaram-se o Professor Belarmino Mariano Neto, o jornalista e historiador Waldir Porfírio e a Irmã Antonia M. van Ham (Irmã Tonny). O encontro foi realizado nos dias 28 e 29 de abril de 2006, no auditório da Assembleia Legislativa da Paraíba. Além da mesa de abertura (Mesa 1), foram organizadas oito mesas, assim constituídas:

- **Mesa 2 – As Ligas Camponesas em Sapé e na Paraíba**, composta por Francisco de Assis Lemos (ex-presidente da Federação das Ligas Camponesas

da Paraíba), Elizabeth Teixeira (ex-presidente da Liga Camponesa de Sapé), Marina Dias (irmã de João Alfredo Dias, o Nego Fuba, um dos fundadores da Liga de Sapé) e Neide Araújo (Filha de Pedro Fazendeiro, um dos fundadores da Liga de Sapé);

- **Mesa 3 – A atuação dos advogados, intelectuais, estudantes e imprensa**, formada por Ofélia Amorim (advogada das Ligas), Isa Guerra (presidente do Centro de Cultura Popular – CEPLAR), Adalberto Barreto, jornalista e presidente da Associação Paraibana de Imprensa por ocasião do golpe militar e Gonzaga Rodrigues (jornalista e articulista);
- **Mesa 4 – As ligas camponesas de Guarabira e Mamanguape**, formada por José Arnóbio (camponês membro da Liga de Mamanguape), Glória Celestina da Silva (camponesa membra da Liga de Mamanguape), Antônio Francisco de Carvalho (camponês membro da Liga de Guarabira) e Manoel Marinho (camponês membro da Liga de Guarabira);
- **Mesa 5 – Médicos, políticos, sindicatos e as ligas camponesas** formada por Malaquias Batista (médico), Luiz Hugo Guimarães (professor e líder sindical);
- **Mesa 6 – “As ligas camponesas em Santa Rita, Espírito Santo e Alhandra”** integrada por Manoel Dantas (camponês membro da Liga de Espírito Santo); Elias Quirino (presidente da Liga de Alhandra) e sua esposa, Neuza Cardoso; José Cardoso de Farias (Camponês membro da Liga de Mucatu) e Antonio Dantas (presidente da Liga de Santa Rita);
- **Mesa 7 – “As Ligas Camponesas de Mulungu e Campina Grande”** composta por Geraldo Camilo (médico e ex-prefeito de Mulungu) e Celestino Pereira da Silva (fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande);
- **Mesa 8 – “Outras questões sobre as ligas: as armas, as eleições e o papel da mulher”** integrada por Francisco de Assis Lemos (presidente das Ligas Camponesas da Paraíba) e por Ofélia Amorim (advogada das Ligas Camponesas);
- **Mesa 9 – Mesa de encerramento do encontro.**
Duas personalidades importantes, embora convidadas, não puderam

comparecer: o juiz Hermilo Ximenes que era juiz da comarca de Rio Tinto e tinha posições favoráveis aos trabalhadores, e Antônio Maria, delegado de Sapé a quem coube executar o mandato de prisão. Todos os depoimentos foram registrados em vídeo e taquigrafados pela equipe da Assembleia Legislativa. O evento foi transmitido ao vivo através da TV Assembleia.

A presente publicação foi estruturada a partir do texto taquigrafado e das filmagens realizadas pela TV Assembleia e pela equipe do NUDOC da UFPB. Foram feitos alguns ajustes de linguagem tendo em vista dar maior fluidez ao texto, mas permanecendo fiel às falas registradas.

Dentre tantos seminários e encontros de que participamos sobre a questão camponesa, o encontro “Memória camponesa: a Liga Camponesa na Paraíba” constituiu um marco extremamente importante. Pela primeira vez, foram reunidos em uma mesma oportunidade tantos atores que participaram, ativamente, embora com níveis de responsabilidades diferenciados, do maior movimento camponês já registrado na história estadual. Só isso já era suficiente para caracterizar esse evento como um momento ímpar. Mais do que o conteúdo dos depoimentos, ficaram registrados nas mentes e nos corações de todos aqueles que dele participaram, como tatuagem indelével, os exemplos de coragem, de dedicação, de despojamento dos interesses individuais e de superação dos sofrimentos passados.

Tendo em vista oferecer subsídios para uma visão mais ampla do movimento das Ligas Camponesas, este livro traz alguns apêndices e anexos. Dos apêndices constam uma breve biografia dos principais atores que participaram do movimento, bem como um apanhado das referências das Ligas na Paraíba e no Nordeste.

Nos anexos são reproduzidos alguns documentos e depoimentos relacionados com as Ligas Camponesas na Paraíba: Estatuto da Liga Camponesa do estado da Paraíba; Estatuto da Liga Camponesa de Sapé; cópia dos processos contra Francisco de Assis Lemas; Depoimento de Antonio Augusto de Almeida sobre sua participação no movimento enquanto membro do Partido Comunista; e um poema de Naugia Maria Araújo, filha de Pedro Fazendeiro.

Ao publicar este livro esperamos que aqueles ensinamentos de vida sirvam como sementes, que germinadas, façam brotar novas entregas na luta pela construção da igualdade no campo paraibano.

Ivan Targino

João Pessoa, 28 de março de 2024

MESA I – SESSÃO DE ABERTURA

A mesa de abertura foi presidida por Marilda Aparecida de Menezes e composta por Francisco de Assis Lemos, Moacir Palmeira, José Rodrigues Sobrinho, Severino Domingos de Lima e José Francisco da Silva.

1.1 Pronunciamento da Professora Marilda Aparecida de Menezes

“Bom dia a todos! Inicialmente, nós queremos agradecer, imensamente, a presença de todos e dizer da nossa imensa alegria e emoção de ter todos vocês, presentes, aqui. Meu nome é Marilda Menezes, sou professora da Universidade Federal de Campina Grande, sou professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação de Sociologia e integro o coletivo de pessoas que trabalhou com muita dedicação, com muita emoção, para conseguir juntar muitas das lideranças das Ligas Camponesas dos anos 60.”

“Escolheram-me para fazer a abertura, mas o encontro não teria sido possível sem o enorme esforço de um grupo de pessoas que se envolveram, que se dedicaram e lutaram para que esse evento pudesse ser realizado.”

“Eu queria agradecer a presença de todos e, particularmente, a presença daqueles que participaram do grande movimento das Ligas Camponesas. Estão presentes companheiros do município de Sapé (aplausos), de Guarabira (aplausos), de Mamanguape (aplausos); de Santa Rita (aplausos), de Cruz do Espírito Santo (aplausos) e de Alhandra (aplausos).”

“Além dos companheiros camponeses que foram lideranças e participaram da luta dos anos 60, nós temos a presença de várias entidades, de pesquisadores, de estudantes, de políticos e da imprensa. Nós queríamos agradecer imensamente a presença de todos e dizer da emoção de estarmos todos nós

reunidos aqui, hoje. Queremos agradecer também a presença dos companheiros Sem-Terra que estão acampados no INCRA, desde domingo (dia 16 de março de 2006) e que vieram aqui para entrelaçar a Luta Camponesa do presente com essa Memória das Ligas Camponesas.”

“O objetivo do seminário é, justamente, registrar a memória das Ligas Camponesas da década de 60. Apesar de muitos já terem falecido, essa história continua muito forte na memória dos que ainda estão vivos, assim como através do conhecimento transmitido para a segunda e terceira geração dos que viveram aquele momento. Constatamos que após quase 50 anos daquele tão importante movimento histórico, que nós entendemos ser um dos movimentos históricos mais importantes do século XX no Brasil, ainda são poucos os registros, seja gravados, seja escritos das lembranças, da experiência, da vivência de muitos daqueles trabalhadores, camponeses, intelectuais que dele participaram. O objetivo do encontro é registrar a experiência, a vivência, seja das lideranças, seja de seus familiares, seja dos seus amigos. Nós entendemos que a história do Brasil não é só a história das elites. Ela é, também, a história de cada homem comum, mesmo daqueles que não ficaram conhecidos e reconhecidos como heróis. Cada homem, por mais simples que seja, ele é um construtor da história. Então, o espírito desse encontro é registrar retalhos de memória dos trabalhadores e de seus aliados de luta, na certeza de que a história do Brasil não se restringe à história da classe dominante, das elites. A história do Brasil é muito mais ampla e ela é construída, muitas vezes, até no silêncio. Muitos dos participantes das Ligas tiveram que silenciar para sobreviver, para garantir a sua própria vida.”

“Então, nesse momento político que nós temos o direito de falar, podemos, de algum modo, expressar tudo aquilo que foi silenciado. Nós achamos que não podíamos mais adiar esse registro da vivência, da experiência tão rica dos que fizeram ou testemunharam as Ligas Camponesas na Paraíba. Antes de fazermos alguns agradecimentos, gostaríamos de dizer mais um pouquinho da construção desse encontro que hoje se realiza.”

“Na verdade, essa ideia do registro da Memória das Ligas é um sonho muito antigo, de muitos de nós. Nós poderíamos citar alguns pesquisadores, jornalistas, camponeses que escreveram também a sua história, pois queriam deixar para as outras gerações um registro de suas memórias. Esse encontro tornou-se possível pela vinculação com um projeto do Professor Moacir Palmeira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, objetivando o resgate da memória dos movimentos camponeses ocorridos na segunda metade do século XX no Brasil. Articulados a esse projeto já ocorreram outros três eventos: a) em 2004, foi realizado um encontro no Rio de Janeiro, envolvendo as lideranças dos movimentos camponeses naquele estado durante a década de 60; b) um segundo encontro foi promovido, no ano passado, em Pernambuco, na FETAP, organizado pela Federação dos Trabalhadores de Agricultura em Pernambuco e; c) o encontro do Rio Grande do Norte, realizado há pouco. Então, nós estamos fazendo hoje o quarto encontro desse esforço de registrar a memória dos principais movimentos camponeses que tiveram lugar no Brasil, na segunda metade do século XX.”

“Em meados do ano passado, houve uma reunião no gabinete do superintendente do INCRA na Paraíba, Júlio Cesar Ramalho, com as presenças de Moacir Palmeira, José Francisco da Silva, José Sérgio Leite, Emilia de Rodat Fernandes Moreira, Ivan Targino, Genaro Ieno e a minha. Na ocasião, Moacir Palmeira e José Francisco da Silva expuseram o projeto de resgate da memória das lutas camponesas e se discutiu a viabilidade de se organizar um encontro na Paraíba. Ao grupo local inicial, juntaram-se, posteriormente, o Professor Belarmino Mariano Neto, da UEPB de Guarabira, o jornalista e pesquisador Waldir Porfírio e a Irmã Antônia M. Van Ham (Irmã Tony) que é uma pessoa muito presente no registro das Lutas Camponesas da Paraíba e que já vem realizando, há alguns anos, o trabalho de resgate da memória do povo de Sapé a respeito das Ligas Camponesas, trabalho que deverá ser publicado em breve. A Irmã Tony deu uma contribuição excelente, no sentido de localizar as pessoas, de trazê-las para cá.”

“Bom, quando nós começamos a organizar os encontros, não tínhamos

nenhum recurso, mas devagarzinho a gente foi conseguindo uma ajuda aqui, outra ajuda ali e fomos conseguindo resolver os problemas.”

“Nós queremos registrar o apoio de algumas instituições: da Prefeitura Municipal de João Pessoa, do Núcleo de Estudos Agrários (NEAD), do Ministério do Desenvolvimento Agrário, do Centro de Humanidade da UFCG. Agradecemos o apoio da Assembleia Legislativa, na pessoa do Senhor Félix Araújo, secretário Legislativo da Assembleia, por nos permitir o uso do auditório e assegurar a gravação do encontro pela TV Assembleia, que está fazendo a gravação ao vivo do encontro. Agradecemos também o mestrado em Economia da UFPB, o Núcleo de Saúde Coletiva da UFPB, o Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB, Frei Anastácio, deputado estadual; o laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA), que garantiram os poucos recursos financeiros que viabilizaram a realização do evento. O Grupo de Memória da UFCG que também está filmando o evento. Agradecemos a Vinícius Lima Nunes e a Fábio Ronaldo da Silva pela produção do bonito folder para divulgação do evento. A ilustração é uma fotografia de trabalhadores entrando na fazenda para negociar com os donos das terras o fim do “cambão”. A fotografia foi tirada do livro do Dr. Assis Lemos, “Nordeste: O Vietnã Que Não Houve”. Então, nós agradecemos também a cessão da fotografia retirada do livro dele.”

“Após essas considerações iniciais, nós queríamos compor a Mesa de Abertura do encontro, convidando: o Dr. Francisco de Assis Lemos, ex-deputado estadual e ex-presidente das Ligas Camponesas na Paraíba, cassado pela ditadura militar; o sindicalista Severino Domingos de Lima, mais conhecido por Beija-Flor, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco; o Prof. Moacir Palmeira, idealizador da iniciativa; José Francisco da Silva, ex-presidente da CONTAG e também um dos animadores da ideia inicial e; o sindicalista José Rodrigues Sobrinho, ex-presidente da Federação dos trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte, cassado pela ditadura militar. Nós passamos inicialmente a palavra ao Dr. Assis Lemos.”

1.2 Pronunciamento do Dr. Francisco de Assis Lemos

“Nenhum de vocês pode imaginar a satisfação que eu estou sentindo nesse momento, 42 anos depois de ter me afastado da Paraíba e reencontrar, hoje, velhos amigos, companheiros de luta daquela época. Foi uma luta muito séria, uma luta que, afinal, conquistou muitas vitórias. Na Paraíba, foram inúmeras as conquistas conseguidas pelas Ligas Camponesas: postos médicos com remédios, enfermeiros, médicos, 24 horas de plantão para assistirem aos camponeses. Naquela época, foram sete postos para os municípios onde se situavam as Ligas Camponesas; três hospitais: um em Cabedelo, outro em Campina Grande e outro que seria construído em Sapé; instalação de postos do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social). Pode-se registrar a vinda de figuras ilustres que vinham diretamente de países da Europa, dos Estados Unidos e de tantos lugares, que vinham para conhecer a Paraíba, conhecer as Ligas Camponesas e visitar especialmente a cidade de Sapé. Aqui estiveram o Presidente da República João Goulart; o Ex-Presidente Juscelino Kubitschek esteve em Sapé; a mãe do Ernesto Che Guevara passou dois dias na Paraíba, conhecendo as Ligas Camponesas e a situação do campo no nosso estado.”

“Então, para mim que participei, deste o primeiro momento, junto com Pedro Fazendeiro, com João Alfredo, com João Pedro Teixeira, e um velho companheiro que participava também e eu nem me lembrava mais do nome, Walter Acioli, que foi tesoureiro da Liga Camponesa de Sapé. Com todos aqueles companheiros iniciamos a luta subindo nos tamboretas, nas feiras das cidades do interior para exatamente convidar os camponeses para ingressarem nas Ligas. Isso começou de forma muito simples e terminou com uma grandeza extraordinária. Até o presidente dos Estados Unidos, o Presidente John Kennedy, marcou uma viagem diretamente dos Estados Unidos para Sapé, na Paraíba e não veio porque foi assassinado. Relato isso para vocês terem uma ideia do significado daquela luta.”

“Municípios da Paraíba, como Pilar que nunca tinha tido um médico, de repente, tinha um posto instalado com oito médicos, ambulâncias, enfermeiros,

remédios de graça para a população. Quem conquistou isso? As Ligas Camponesas. Um posto do Banco do Brasil em Sapé, quem conquistou? As Ligas Camponesas. Posto do SAPS. O ministro da Agricultura, da época, veio diretamente a Sapé para iniciar a distribuição de sementes e de máquinas com os trabalhadores da Zona da Mata, na Paraíba. Tantas outras autoridades! O presidente da Superintendência da Reforma Agrária, João Pinheiro Neto, esteve exatamente visitando várias Ligas, principalmente a Liga de Sapé.”

“Então, companheiros, hoje, para mim, é uma alegria muito grande não só de voltar a contar essas histórias, mas de reencontrar os velhos companheiros, especialmente Elizabeth Teixeira, a irmã de João Alfredo e as filhas de Pedro Fazendeiro. Todos vocês sabem que esses dois companheiros foram os primeiros desaparecidos no Brasil, depois do golpe de 64. Eram os meus companheiros de prisão. Eu sei o que aconteceu antes e até a hora em que disseram que eles tinham sido soltos e até hoje não apareceram.”

“Então, companheiros, essa oportunidade que me está sendo dada, de não só recordar as lutas das Ligas Camponesas, mas também dizer para a população de hoje que nenhum país do mundo conseguiu progredir sem fazer a sua reforma agrária. Nenhum país! Quem não fez a reforma agrária está no atraso. O Brasil fez, com João Goulart, no dia 13 de março de 1964, mas o golpe, no dia 31, liquidou essa reforma agrária, que teria sido a grande salvação para o povo brasileiro. Hoje, nós não teríamos mais as favelas porque aquela população que saiu do campo e foi para a cidade se transformou em favelado, vivendo na pobreza, e isso não teria acontecido se a reforma agrária tivesse sido realmente implantada no Brasil.”

“Meus companheiros, meus amigos é uma satisfação muito grande em dirigir essas rápidas palavras, neste momento, nesta reunião. (Aplausos).”

Professora Marilda Menezes: “Obrigada, Dr. Assis Lemos! Passamos a palavra, uns cinco minutos também, ao sindicalista Beija-Flor, da FETAP, para ele contar um pouquinho do encontro de Memória Camponesa que foi realizado o ano passado, em Pernambuco.”

1.3 Pronunciamento do Sr. Severino Domingos de Lima (Beija-Flor)

“Bom-dia para todas e todos, companheiros e companheiras, à Professora Marilda, em nome de quem saúdo os demais que estão na Mesa.”

“Eu queria externar a alegria e o prazer de estar aqui com vocês. Eu sou Severino Domingos de Lima, conhecido por Beija-Flor, sou poeta repentista e sou secretário de Organização e Formação da FETAP (Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco).”

“Eu queria passar um pouco para vocês, também, como foi organizado o nosso encontro, em Pernambuco, nos dias 24 e 25. Eu queria, antes de tudo, dizer que estamos aqui, eu e mais um companheiro e uma companheira. O companheiro Ronaldo, de Pernambuco, da FETAPE, e a companheira Elaine, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paudalho. O nosso encontro, também, teve a iniciativa do companheiro Moacir Palmeira. Esse grande companheiro que estuda, acompanha e entra na luta dos camponeses, e muitas vezes, com ele, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, fizemos presença nas greves dos trabalhadores canavieiros. Moacir Palmeira é um irmão, é um grande companheiro. E também através do companheiro José Francisco da Silva e Zefinha, sua esposa. José Francisco ex-presidente da Contag (Confederação Nacional) é um lutador de Pernambuco, da Federação de Pernambuco também. Foram eles que deram a iniciativa e estimularam a gente, da Federação, a fazer esse encontro em Carpina. Até então, a gente tem companheiros que escrevem algumas coisas das lutas da gente, mas fica no papel, não se publica, não se leva à frente para que a nova geração tome conhecimento disso e através desses dois companheiros, José Francisco e Moacir, nós conseguimos fazer com que a Federação entendesse a importância de realizar esse encontro. Começamos a convidar aqueles companheiros que lutaram antes da década de 60, ou seja, desde 50. Companheiros que estavam no Rio de Janeiro, companheiros que estavam em São Paulo, companheiros que estavam em Brasília, companheiros

que estavam em Pernambuco junto com a gente, no Rio Grande do Norte, então foi um encontro muito bom. Eu tenho certeza que a alegria que vocês estão sentindo hoje de estar reencontrando os camaradas, os companheiros daquela época e companheiras, nós sentimos naquele dia, em Pernambuco. Era abraço de durar quase quinze minutos, as lágrimas saiam dos olhos dos companheiros e das companheiras, pela emoção de estar se vendo novamente e lembrar do que passaram junto, na prisão, por dentro dos matos. Nós estamos muito felizes, nós somos os artistas desse filme e estamos aqui, porque muitos companheiros e companheiras gostariam de estar aqui com a gente e não estão. Estão só iluminando esse caminho para gente continuar a luta daqueles que foram embora.”

“O encontro foi muito bom. Tiramos um documentário muito bom, que hoje nós temos na FETAPE, e o companheiro Moacir Palmeira também aproveitou, junto com toda a sua equipe. Foi um trabalho excelente que a gente fez. Nós queremos dizer, parabéns para toda a equipe da organização desse encontro, e a alegria de Pernambuco, através da nossa FETAPE, de estar aqui presente com vocês, é muito grande. A gente fica muito agradecido e deseja muito sucesso a todos, nesse encontro.”

Professora Marilda Menezes: “Agradecemos ao Beija-Flor. Passamos a palavra ao Professor Moacir Palmeira.”

1.4 Pronunciamento do Professor Moacir Palmeira

“Bom-dia! Meu nome é Moacir Palmeira, trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhei muitos anos na CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), período em que o José Francisco era o Presidente.”

“Enfim, generosamente, disseram que eu sou o mentor dessa ideia do seminário e não é bem isso. Essa ideia foi nascendo de várias pessoas. José Francisco, no dia em que saiu da CONTAG, eu estava na Universidade, nessa época, e ele fez esse apelo, se não era possível registrar a repressão contra os camponeses, antes de 64. Não tinha um pesquisador que pudesse fazer isso? Naquela ocasião, a gente não tinha disponibilidade, mas ficou a ideia. Depois, os companheiros

do Rio Grande do Norte, Sebastião Menezes, que está aqui presente, e José Rodrigues, fundador da Federação do Rio Grande do Norte, cada vez que eu ia ao Rio Grande do Norte ficava o pessoal preocupado com essa história, que não era registrada.”

“Em uma ocasião, fizemos uma reunião na CONTAG, por ocasião dos 30 anos de sua fundação, na qual se juntaram várias dessas lideranças do período pré-64 e acabou não sendo registrado. Bom, nisso a gente estava vendo o tempo passar, todo mundo sabia da importância da luta das Ligas Camponesas, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas quando se falava da história, nessa época, isso era meio que esquecido. Agora, por ocasião dos 40 anos do golpe militar, houve seminários em todo o Brasil e eu tomei um susto quando vi que os seminários não contemplavam as lutas camponesas. Foi nesse momento que Sebastião, José Francisco e eu nos reunimos e dissemos: “temos que começar isso, de qualquer jeito”. Tinha grandes companheiros, como Biu, do Ceará, que tinha acabado de falecer. Enfim, muita gente achava que as mobilizações estavam começando agora, ou então que era desse ou daquele grupo. Todos nós sabemos que a luta é de todos os camponeses, que essa luta não tem dono e, ao mesmo tempo, sentíamos que era preciso registrar essa luta. Não era possível que situações como as que serão narradas aqui se perdessem por aí. Então, surgiu essa ideia simples, de fazer esse seminário. Começamos no Rio de Janeiro. Para a gente era mais fácil, nós já estávamos lá, reunimos o pessoal daquela época, fizemos o primeiro. Depois foi a vez do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Sabíamos que a Paraíba foi um estado fundamental, sendo necessário realizar, também, um seminário aqui. Pensamos em cobrir todo o período, inclusive o período de resistência da ditadura, sobretudo até o final dos anos 70, mas tinha tanta coisa na Paraíba que os organizadores acharam melhor dividir para fazer um seminário bem representativo do que foram essas lutas, antes de 64. Então, vamos ver se a gente faz, depois, um seminário, na Paraíba, para pegar as lutas mais recentes, essas lutas, em plena ditadura, que os camponeses travaram aqui, em Alhandra, em Caaporã, enfim, em toda essa área do litoral, mas também nos

municípios de antigas lutas, como Sapé, que estavam resistindo, mantendo viva essa chama de luta.”

“Bom, a ideia é essa. Os relatos e debates serão gravados, filmados, e a gente deve sair daqui com resultado. Vai ser editado um vídeo com esses depoimentos, para que seja divulgado, para que isso sirva aos movimentos, sirva ao movimento sindical, ao movimento Sem-Terra, a todos os movimentos que estão aí, lutando pela reforma agrária. Que isso sirva aos pesquisadores da universidade, ao pessoal que está, com seriedade, querendo conhecer essas lutas dos camponeses, enfim, sirva à sociedade. De cada estado estamos fazendo um vídeo, vamos ver depois se a gente faz um mais geral, que possa representar, um pouco, o que foi a luta no Brasil todo.”

“Então, é isso, a ideia é simples e não tem dono. Do mesmo modo que a luta não tem dono, a luta é do povo todo, a luta é dos camponeses do Brasil, essa também é uma ideia que foi brotando, aqui e ali, e, simplesmente, em certo momento, não tinha jeito, tinha que se implementar.”

“Muito obrigado e queria só dizer que foi realmente uma grande emoção. Voltei a encontrar Dona Elizabeth, que já conhecia de outras épocas; o Dr. Assis Lemos, que era uma referência para todos nós, estudantes no Rio de Janeiro, e sabíamos da atuação das Ligas na Paraíba. Então, era isso, dizer que participo com a mesma emoção, acho que de todos e tenho certeza que vamos prosseguir com esse encontro, com todo o sucesso. Queria louvar, só uma coisa, a comissão organizadora da Paraíba, que conseguiu ir no detalhe, encontrar uma quantidade grande de pessoas que estavam envolvidas nas lutas e conseguiu reunir boa parte dela aqui, nesse seminário.”

“Muito obrigado a vocês. (Aplausos).”

Professora Marilda Menezes: “Agradecemos ao Professor Moacir Palmeira. Passamos a palavra ao Sr. José Francisco da Silva.”

1.5 Pronunciamento do Sr. José Francisco da Silva

“Meus cumprimentos à Professora Marilda Menezes, que está coordenando a Mesa, em seu nome saúdo a toda comissão organizadora. Meus cumprimentos aos demais participantes da Mesa: Moacir Palmeira, nosso companheiro que tem estimulado muito a gente nesse resgate da Memória Camponesa; companheiro Severino Rodrigues de Lima, conhecido como Beija-Flor, representando aqui a Federação dos Trabalhadores de Pernambuco; meus cumprimentos a José Rodrigues, o nosso baluarte dessa luta no Rio Grande do Norte; meus cumprimentos aos palestrantes do encontro, que eu posso sintetizar na pessoa dessa grande referência, essa grande figura, essa grande mulher, esse grande ser humano que é Dona Elizabeth Teixeira, companheira Elizabeth Teixeira; meus cumprimentos a todos; a Zefinha e todos que fazem parte do INCRA de Pernambuco, que estão nessa luta. Meus cumprimentos a todos.”

“Gente, é muito importante encarnar essa convicção, essa luta, essa batalha e ter uma perspectiva histórica pela frente. Em determinado momento dessa reflexão, dessas colocações, a gente se comove, as lágrimas caem, a torneira se abre porque é muito gratificante. É de uma riqueza muito grande, palavra por palavra aqui colocada, isso aqui é de uma seriedade muito grande. A firmeza, a clareza, o compromisso das colocações da Senhora Elizabeth Teixeira, seguida de cada um dos companheiros aqui, nossos palestrantes também, palavra por palavra, isso não pode se perder. Tem que se registrar, tem que se refletir, no campo, no movimento sindical, na Contag, nas federações, na universidade. Tem-se que refletir isso com as pessoas do campo político, porque nem todos os políticos estão destruídos, para que essa ideia seja realmente cada dia mais incorporada por muita gente. Realmente é duro, é difícil. A gente pensava que a reforma agrária ia ser implantada rapidamente, que essa estrutura ia se quebrar, que a justiça social chegaria ao campo. A gente sabe que em 500 anos de Brasil houve avanços, sim, resultado dessas lutas. Houve conquistas, mas estamos longe ainda de ter uma sociedade mais justa, mais humana, mais solidária. Mas o

caminho é esse, é o caminho dessa consolidação, dessa democracia, democracia com mais qualidade ainda, democracia participativa e com controle social. Quer dizer, isso é muito importante, não é apenas a expressão democracia, que isso aí até já se conquistou, mas é, acima de tudo, a participação, acima de tudo, as organizações dentro dela, e, acima de tudo, o controle social. Sem isso, fica uma democracia muito por cima, mas o caminho é esse porque os outros períodos autoritários de ditadura, a gente já viu aqui, no registro, o sofrimento. Mas, isso também não vai cair do céu, não. É passo a passo, é organização, é conquista. Esse sentimento aqui representa realmente a luta camponesa no Brasil. Mas, em cada estado que a gente se reúne, a gente vê, a gente sente como que se deu essa luta, com tanta garra, com tanta dedicação.”

“Uma coisa boa de se registrar também, que as coisas não se dão de forma isolada. Os depoimentos mostram que há uma ligação entre as pessoas comprometidas, mesmo não sendo camponesas, com essas pessoas que assumiram essa luta no campo. Está aí o companheiro palestrante, o Assis Lemos, estão aí tantos outros companheiros, alguns companheiros de universidade, os companheiros da Igreja, os companheiros da OAB, essa ponte, essa ligação é porque o Brasil é de todos nós. O Brasil é de todos nós e o segmento camponês, sozinho, não teria condições de quebrar essa estrutura que está aí. E a responsabilidade da quebra dessa estrutura não é só do Movimento Camponês, não é só dos camponeses, é de todos nós. Quem não quer um Brasil mais humano, mais justo, mais solidário? E tem que passar pela quebra dessa estrutura latifundiária, injusta, que está aí, não só dela, mas tem que passar por uma série de outras mudanças.”

“Mas, eu observei bem essa ligação. Enquanto as outras pessoas também, em outros estados, perderam a vida, mesmo sendo advogado, mesmo sendo freira, mesmo sendo camponês, então isso tem valor, tem compromisso, tem dedicação e precisa ser registrado. Não precisa citar casos aqui, nós sabemos de “N” casos: no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, na Paraíba, no Norte do país, em Goiás, no Pará, enfim, em todos os estados. Quantos e quantos perderam a vida? Padre, freira, advogado, independente de partido,

independente de sigla essa ou aquela, mas, acima de tudo, animado pela fé, pela fé que encontrou resposta até mesmo no Evangelho, para que essa luta se desse por uma sociedade mais justa.”

“Hoje, vejo aí as marchas, as marchas das margaridas, as lutas pela terra. Vejo também as conquistas, que já têm no campo. Tem, ainda, muito caminho pela frente, principalmente, no tocante a parte da terra, a parte agrária, essa está muito emperrada. Tem uma Justiça capenga, que atrapalha, que entrava. A maior parte dos funcionários públicos que vieram da ditadura, ainda não incorporaram, mesmo nos órgãos públicos, esse compromisso, tanto na Caixa Econômica, quanto no INCRA, quanto nos órgãos que ainda têm o dever de fazer com que esse processo avance, e a nossa Justiça também. O poder latifundiário está muito presente, mas vai se quebrando, não está tão forte quanto naquela época.”

“Então, gente, eu, como o Moacir, sou um defensor desse registro. Eu me lembro do filme “Cabra Marcado Para Morrer” cuja pessoa central era Pedro Teixeira e também Elizabeth. A Contag, na época, fez toda uma mobilização para que se fizesse uma apresentação do filme em Brasília, pois é um dever ocupar os espaços. Está aí o movimento dos Sem-Terra, está aí o movimento sindical. Esse negócio de divisão aqui, embaixo, para fortalecer a direta, isso não dá. É preciso a unidade do movimento para avançar nossa luta.”

Professora Marilda Menezes: “Agradecemos as palavras do Sr. José Francisco da Silva. Passamos a palavra ao Sr. José Rodrigues Sobrinho.”

1.6 Pronunciamento do Sr. José Rodrigues Sobrinho

“Eu quero agradecer o convite para estar aqui. É interessante isso porque a gente que esteve nessa luta, de 60 até 02 de abril de 64, teve, realmente toda a história do movimento destruída pelo Exército. A gente foi vítima disso. Eu participei ativamente das lutas e hoje eu sou uma pessoa que está viva porque muito milagre aconteceu, mas teve muita coisa para me matar. Para vocês terem uma ideia, nós éramos a grande referência da federação, eu fui o primeiro preso do

Rio Grande do Norte. Depois tive muita participação aqui, na Paraíba, também, junto com o movimento da Paraíba, porque a gente sozinho não podia fazer essa coisa toda.”

“O processo de repressão, passado aqui, foi o mesmo passado lá. Uma coisa interessante é que eu, presidente da Federação, muito novo, com 22 anos de idade, preso e exilado do país, a única pessoa que eu encontrei, na época, foi o companheiro paraibano Abelardo Jurema, que já conhecia. Nós ficamos em Lima, no Peru, exilado. Só pude voltar em 67, porque houve uma deliberação que nós tínhamos que voltar para reorganizar a Liga dos Trabalhadores Rurais. Eu voltei, a gente teve como meta a primeira retomada da Contag, quando José Francisco foi eleito presidente.”

“Quero dizer para vocês que é uma satisfação muito grande a gente estar vindo aqui, satisfação por encontrar pessoas, que não deixam que as Memórias das Ligas Camponesas se apaguem, mas não é com alegria que a gente vê o relato de histórias de companheiros que se mantiveram nessa luta e não tiveram a mesma sorte que eu tive de estar aqui, presente.”

“A Elizabeth, eu não tive a oportunidade de conhecer porque quando ela foi escondida para o Rio Grande do Norte eu estava preso, mas eu sei a história de Elizabeth. Conheço São Rafael, cidade onde buscou refúgio e o anonimato. Os companheiros com quem a gente trabalha nessa reestruturação dos movimentos sociais, até hoje falam nela, ela é muito querida, tanto é que nós vamos ter algumas comemorações lá e nós vamos convidar Elizabeth para voltar a sua segunda terra natal. Muito obrigado.”

Professora Marilda Menezes: “Agradecemos as palavras do Sr. José Rodrigues Sobrinho. Nós, ainda, queremos registrar a presença de mais algumas pessoas: Simão Almeida, ex-deputado estadual; Senhor Luiz Guimarães, presidente do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba e dos palestrantes nesse encontro; Professora Socorro Rangel, que é uma estudiosa das Ligas Camponesas; Deputado Zenóbio Toscano, que foi quem organizou e apoiou os processos de indenização das lideranças das Ligas Camponesas; Senhor Elias Quirino, de

Alhandra, e sua esposa, Nós agradecemos a vinda do Senhor Elias, que foi liderança das Ligas de Alhandra; Senhora Maria do Carmo Aquino, uma das liderança das Ligas de Guarabira, juntamente com o seu irmão Osmar de Aquino; Professora Ghislaine Duqué da UFCG, estudiosa dos movimentos sociais no campo paraibano; Júlio César Oliveira, secretário-geral do Partido Socialista Brasileiro; Alba Lígia, secretária do diretório do PSB em João Pessoa.”

“Agradecemos, também, a participação de vários estudantes que vieram do Rio, de Campina Grande e de Guarabira, além dos estudantes de João Pessoa aqui presentes. Registramos, também, a presença de vários professores que se dedicam ao tema das Lutas Agrárias e dos Movimentos Sociais. Enfim, agradecemos a presença de todos.”

“Mais uma vez expressamos o nosso agradecimento a todos os que usaram da palavra nessa mesa de abertura e desejamos todo sucesso para esse evento que já se mostra repleto de emoções e de chamamento para a continuidade da luta pelo direito à terra por parte de quem nela trabalha e vive. Muito obrigada!”

MESA II – AS LIGAS CAMPONESAS EM SAPÉ E NA PARAÍBA

Senhor Presidente Waldir Porfírio da Silva:

“Bom-dia a todos e todas, aqui presentes. Sem mais demora, uma vez que a gente está um pouco atrasado, gostaria de chamar para compor a Mesa o Doutor Assis Lemos. Ele é ex-deputado estadual e ex-presidente da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba, autor do livro *O Vietnã Que Não Houve*. Convido também a guerreira, a querida Elizabeth Teixeira, eterna lenda do movimento camponês. Convido a companheira Marina Dias, irmã de Nego Fuba, que esteve ao lado do irmão durante a sua luta nas Ligas e teve que deixar a Paraíba e ir morar no Rio, perseguida que foi, após o golpe militar; a companheira Marina veio do Rio de Janeiro para participar desse encontro. Neide Araújo, filha de Pedro Inácio de Araújo, o nosso Pedro Fazendeiro, que foi uma das grandes lideranças e um dos primeiros desaparecidos políticos do Brasil, registro a presença de outra filha de Pedro Fazendeiro, a Náugia Araújo (aplausos).”

“Composta a Mesa, vamos passar agora a palavra para Assis Lemos, que é o primeiro palestrante, que terá o tempo de trinta minutos para fazer a sua exposição.”

2.1 Pronunciamento de Francisco de Assis Lemos

“Meus amigos, aproveito esta grande oportunidade para lembrar não só para os velhos companheiros que estão aqui e que lutaram juntos nas Ligas Camponesas da Paraíba, mas também para todos os que aqui se encontram, interessados em saber a história daquela luta grandiosa que aconteceu na Paraíba.”

“Como falei inicialmente, o início da Ligas Camponesas se deu exatamente de uma forma simples. Em Sapé, João Pedro Teixeira, Pedro Inácio de Araújo,

João Alfredo Dias, Alfredo Nascimento, do engenho Miriri, e tantos outros companheiros começaram um movimento tentando organizar os camponeses, na sua associação de classe, para lutarem pelos seus direitos. E que direitos eram esses? Aqui está presente, com muita satisfação para mim, o velho companheiro Elias, de Alhandra, que foi também um dos pioneiros das lutas das Ligas Camponesas da Paraíba, organizando e dirigindo os camponeses do município de Alhandra e daquela região da Paraíba.”

“O que acontecia naquele tempo? Os velhos companheiros sabem, a juventude de hoje possivelmente não sabe. Na Paraíba, no campo, sobretudo aqui na Várzea, o trabalho do homem era o trabalho gratuito, o chamado ‘cambão’, em que o trabalhador, para morar em uma fazenda, tinha que dar dois, três, quatro até cinco dias de trabalho de graça na fazenda para poder plantar ao redor do seu casebre, alguma plantação, criar uma galinha, um porco, enfim, cultivar alguma coisa para a sua sobrevivência. Para isso, precisava trabalhar de graça alguns dias por semana, não só ele, como a sua mulher, os seus filhos, que pudessem fazer algum tipo de trabalho na fazenda. Tudo aquilo que ele produzia, a partir do ovo da galinha, não era possível levar para a feira da cidade, tinha que entregar no barracão da fazenda e tudo aquilo que o camponês precisasse, também tinha que ir buscar no barracão da fazenda, e nessa relação não entrava dinheiro. Quantos companheiros, quantos camponeses, naquela época, a gente encontrava camponês já com o cabelo branco, que nunca tinha botado uma moeda no bolso porque o seu trabalho, o seu relacionamento era esse, era a troca daquilo que produzia por aquilo que tinha no barracão da fazenda.”

“Em Rio Tinto, onde era cobrado o maior ‘cambão’, na Paraíba, toda a terra pertencia ao grupo Lundgren, até a casa do padre era do grupo. Então, os trabalhadores trabalhavam cinco dias por semana de graça e tinham que fazer o relacionamento com o barracão. E o que acontecia? No dia em que um camponês precisasse sair do município para ir a outro lugar, era preso. Por que era preso? Porque estava devendo no barracão da fazenda. E o camponês, como ia saber se estava devendo ou não ao barracão, se a grande maioria não sabia ler nem

escrever? E pelo fato de que grande parte dos camponeses não sabia ler nem escrever, surgiu em João Pessoa, e aqui estão algumas companheiras que participaram de uma organização chamada CEPLAR que usava o método Paulo Freire para alfabetizar os camponeses. Essas companheiras como a Iza Guerra, a Ofélia e tantas outras, passaram a treinar, a ensinar as filhas dos camponeses para que elas, à noite, nas fazendas, pudessem alfabetizar os seus pais. Muitos camponeses participavam das suas Ligas, participavam das passeatas, carregavam faixas com palavras escritas e não sabiam ler, não sabiam o que estavam carregando. Se alguém colocasse na mão de um camponês analfabeto, uma faixa dizendo que ele era criminoso, ou que ele era ladrão, ele era capaz de carregar porque não sabia o que estava escrito. Então, essa campanha de alfabetização foi uma coisa espetacular, foi uma grande conquista que os camponeses da Paraíba tiveram, que era exatamente para combater com o analfabetismo no nosso campo.”

“Então, a luta maior foi exatamente acabar com o ‘cambão’, acabar com o trabalho de graça. O camponês pagaria o foro da terra, o aluguel da sua casa, mas receberia na base do salário, da época, o trabalho que ele desse na propriedade. Quando se faziam as contas, o camponês ia verificar que estava sendo violentamente explorado pelo dono da terra, no relacionamento do barracão. Então, o camponês, sabendo disso, passou a lutar contra o ‘cambão’.”

“O início da Liga foi exatamente isso. Quem começou isso, subindo nos tamboretas, nas feiras, para fazer o discurso, falar com os camponeses? João Pedro Teixeira, Pedro Fazendeiro e o Nego Fuba, que era o orador das Ligas Camponesas de Sapé, era quem convencia mais aqueles moradores, no dia de feira, para entrarem nas Ligas. Então, os camponeses foram se convencendo disso e nesse boletim que vocês estão na mão, esses camponeses andando no campo, eram os camponeses das Ligas que estavam organizados para irem de fazenda em fazenda acabar com o ‘cambão’. Saía aquele grupo de camponês, ia à fazenda, cercava a casa do dono da terra e ia negociar para, a partir daquele instante, acabar com o trabalho gratuito na propriedade.”

“Assim foi se conseguindo uma vitória atrás da outra, até que houve uma

reunião, em João Pessoa, entre um grupo de proprietários e as Ligas Camponesas, onde o governo conseguiu um acordo, que a partir daquele dia estava acabado com o ‘cambão’ na Paraíba. Quem conseguiu isso? Que grande vitória foi essa? As Ligas Camponesas.”

“O engenho que primeiro se organizou foi o engenho Miriri, que tinha o companheiro Alfredo Nascimento como líder de todos aqueles companheiros. Todos os camponeses de Miriri participavam das Ligas. Todos. Alfredo foi ameaçado de morte, veio a João Pessoa e aqui, jornalistas, líderes sindicais, líderes dos estudantes, todos se organizaram – eu estava presente também – e fomos à casa do Governador Pedro Gondim, que era o governador da época. Ele estava morando em Tambaú. Nós fomos lá, com o Alfredo, para pedir garantia de vida para que ele pudesse voltar ao seu trabalho. O governador deu a garantia, chamou o comandante da Polícia, o secretário de Segurança e disse que a partir daquele instante Alfredo Nascimento estava com a sua vida garantida, podia voltar para Miriri que nada iria lhe acontecer. Pois bem, companheiros, Alfredo voltou. Ele foi chegando na fazenda e o administrador, que era um sargento da Polícia, partiu para cima dele, atirou e matou o Alfredo. Foi o primeiro líder camponês morto na Paraíba, dessa forma, e ele era um grande líder que tinha conseguido que todos os camponeses, quase 700, 800 camponeses que moravam no engenho Miriri, se associassem à Liga Camponesa de Sapé. A partir daí a luta contra o ‘cambão’ se intensificou.”

“No sertão da Paraíba, o que acontecia no campo? Era, sobretudo, o predomínio da cultura do algodão. O trabalhador e a sua família plantavam o algodão até a colheita e teriam direito ou a metade, ou a terça parte da produção do algodão para eles, o resto ficava para o proprietário. Mas na hora de pesar o produto do camponês, isso nós descobrimos no município de Sousa, em uma visita dos estudantes de Agronomia a uma fazenda, em Sousa. Quando chegamos lá, tinha uma fila enorme de mulheres, homens, tudo com um saco cheio de algodão colhido para pesar em uma balança que estava lá, no meio do campo. Pesavam, usando como peso uma pedra. Essa pedra aqui tem dois quilos, essa aqui tem

três, essa aqui tem um e quando terminou, um estudante de Agronomia disse: “espere aí, quantos quilos tem essa pedra?” O fazendeiro disse: “tem dois”. “E essa aqui?” “Essa aí tem um”. “E essa outra?” “Um também”. Aí ele botou a pedra de dois quilos no prato da balança e as outras duas no outro, vocês já viram a diferença que deu. Isso mostrava que até no peso do algodão colhido pelo trabalhador, ele era roubado, ele era enganado.”

“Nas usinas da Paraíba, não sei se os antigos companheiros se lembram, quando o trabalhador cometia algum erro – um erro para o usineiro, não um erro para o camponês – ele era colocado dentro de um tanque d’água, um tanque cheio d’água. Botava o camponês com água até o pescoço, trancava o tanque e o camarada podia ser condenado a um dia, a dois, a três para ficar com a água até o pescoço. Se o camponês não resistisse e se afogasse, morresse, não tinha problema, abria o tanque, tirava o cadáver e enterrava. Era isso o que acontecia na Paraíba. Era uma violência, uma coisa tremenda. E foi contra isso que os camponeses paraibanos se uniram, para se organizar, lutar e acabar com essa exploração. Os camponeses paraibanos não só acabaram com o ‘cambão’. A sua luta na Paraíba também fez com que o Presidente João Goulart, no dia 13 de março de 1964, decretasse aquilo que era a luta principal de todos os camponeses brasileiros, que era a reforma agrária. Pois bem, no dia 13 de março de 1964, o Presidente João Goulart assinou, no Rio de Janeiro, a reforma agrária no Brasil. E que reforma agrária era essa? Dez quilômetros de cada lado da estrada federal, rodovia ou estrada de ferro, ou ferrovia, ou açude também federal seriam desapropriados para que os camponeses pudessem plantar.”

“A Sudene, no Nordeste, que tinha como superintendente o paraibano Celso Furtado, tinha, antes dessa reforma agrária, iniciado quase que uma reforma agrária na estrada que liga João Pessoa a Recife. As áreas entre a estrada e a cerca das propriedades em torno da estrada (tinham 10 ou 20 metros, não sei quantos metros têm) pertenciam ao órgão que cuidava da estrada federal. Pois bem, essas terras pertenciam ao país e não tinham dono. Celso Furtado, com a Sudene, começou a fazer plantação de fruteiras: bananeiras, laranjeiras,

abacateiro, uma porção de coisas na estrada que liga João Pessoa a Recife, e a produção, qualquer pessoa, qualquer camponês, qualquer pessoa, podia colher aqueles frutos para a sua alimentação. Então, vocês imaginem, dez quilômetros ao lado das estradas em que os camponeses pudessem ficar e plantar, o que teria sido para nosso país? Primeiro, nenhuma família camponesa ia sair da terra para ir morar nas favelas do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Os seus filhos teriam se educado e seriam hoje pessoas formadas, médicos, engenheiros, advogados etc. Mas como não deixaram haver a reforma agrária, o golpe de 64 acabou com a reforma agrária, essas famílias saíram do campo e foram morar em qualquer favela, em qualquer lugar. E como não tinham emprego, os seus filhos passaram para a violência, para tanta coisa que acontece hoje, no Brasil. Se tivesse sido feita a reforma agrária, esses homens teriam ficado no campo. Em cada 100 brasileiros, 80 moravam no campo, naquela época, só 20 moravam na cidade. Hoje é o contrário, 80 brasileiros moram na cidade e só 20 ficaram no campo. Então, se tivesse havido a reforma agrária, isso não teria acontecido. As cidades teriam alimentos, a população alimentada teria empregos. Tantas coisas teriam acontecido se, de fato, aquilo que os camponeses lutaram, através das suas Ligas, tivesse sido executado, como foi realmente conseguido, através da reforma agrária que João Goulart assinou.”

“As Ligas Camponesas da Paraíba, como eu disse, conseguiram esses postos do SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência). Eu quero repetir aqui, um fato. Para vocês terem ideia, foram implantados oito postos do SAMDU. A Paraíba ficou como segundo estado no Brasil a ter postos médicos dessa forma. Numa pancada só, foram nomeados 56 médicos na Paraíba, fora os motoristas, fora os enfermeiros, fora as pessoas que iam trabalhar nesses postos do chamado SAMDU, que dariam remédio, tratamento, assistência médica, tudo de graça para o homem do campo. Pois bem, quando foi nomear os médicos, o Presidente João Goulart disse que os nomes seriam indicados pelas Ligas Camponesas. Então, a Liga de Sapé, de Santa Rita, de Mamanguape, de Rio Tinto, de Guarabira, etc., reunia e indicava não só os médicos, mas também

o motorista, o enfermeiro, esses todos. Então, vocês imaginam que a Paraíba, naquela época, tinha dois ministros no governo: o ministro da Justiça e o ministro do Trabalho, Aberlado Jurema e Fernando Nóbrega; dois senadores importantes, naquela época, dirigentes de partidos políticos: o Senador Rui Carneiro e o Senador Argemiro de Figueiredo. Os deputados federais que compunham a nossa bancada e os senadores, quando eles souberam que ia ser nomeada essa quantidade de médicos e de pessoas na Paraíba, correram ao presidente para reclamar. Como é que eles iam explicar aos seus eleitores, na Paraíba, que não tinham conseguido nomear um motorista, quanto mais médico. Aquilo seria um desastre político para todos eles. Mas a pressão das Ligas era tão grande, a força das Ligas era tanta que o Presidente João Goulart manteve a palavra e nomeou todos os membros desses postos indicados pelas Ligas Camponesas. Nenhum político paraibano conseguiu nomear, sequer, um motorista de uma dessas Ligas. Foi uma grande vitória conquistada, por quê? Porque os camponeses estavam organizados. Você chegava no interior e ia encontrar quase todo mundo que tinha na fazenda, todos os camponeses estavam associados à sua Liga porque estavam conquistando essas vitórias. Havia visitas de pessoas do mundo inteiro. Jornalistas que vinham da Europa, da Ásia, vinham para cá para conhecer o que estava acontecendo no Nordeste, essa coisa espetacular que a conquista das Ligas Camponesas estavam fazendo.”

“Então, companheiros, a grande luta, hoje, no campo, em nosso país, é exatamente conquistar novamente a reforma agrária e a reforma agrária não irá beneficiar apenas o trabalhador do campo. Irá beneficiar todo Brasil porque uma reforma agrária vai produzir alimentos, e que alimentos são esses? Aqueles que a população da cidade precisar. Hoje, companheiros, a luta pela reforma agrária tem que conquistar a população da cidade. A população da cidade vai ser mais bem beneficiada do que o trabalhador que ficar no campo. É preciso mostrar ao homem da favela, que a reforma agrária vai trazer alimentos baratos para ele e que, se ele participar da luta, ele é que vai dizer o que deve ser plantado próximo às cidades. A reforma agrária, hoje, não tem que ser feita no fim do mundo; tem

que ser feita junto dos grandes centros, onde a população precisa de alimentos. Então, é isso que tem que ser a luta de hoje para conquistar uma reforma agrária de interesse de toda a população brasileira.”

“Hoje, a agricultura brasileira mudou tanto que não se encontra mais, no Brasil, nenhuma firma, nenhuma empresa que produza adubo, semente, máquina agrícola, inseticida, etc. Nenhuma, nenhuma no Brasil que seja de brasileiros, tudo é de estrangeiro. Então, vocês vejam a que ponto nós estamos, hoje, no nosso país, tudo depende dos grupos internacionais. Então, é preciso, urgente, que seja feita essa reforma agrária no nosso país, e hoje, todos aqueles que lutam pela reforma agrária têm que imediatamente conquistar a opinião da cidade para a reforma agrária.”

“No tempo das Ligas, que a maioria estava no campo, mesmo assim, os camponeses, todos os domingos, saiam de Alhandra, Sapé, Santa Rita, Mamanguape, Guarabira e de qualquer uma das Ligas e vinham para João Pessoa, para os bairros da Torre, de Oitizeiro, de Mandacaru. A população estava avisada: domingo, a Liga Camponesa, o pessoal da Liga vem para cá para ajudar a consertar o que estava precisando nas casas – eles vinham para cá, cortavam as folhas de coqueiro, cobriam as casas da população da cidade. Então, o camponês, mesmo na pobreza, sem ter um tostão no bolso, vinha para fazer um serviço para a população pobre da cidade. Em troca, queriam o quê? Queriam o apoio da população para a sua luta, para a luta pela reforma agrária. E naquele tempo, como eu disse, de cada 100 pessoas, 80 estavam no campo, só 20 na cidade, e as Ligas Camponesas conquistaram o apoio da população da cidade. Vocês não imaginam quando se marcava uma concentração, como houve em 1º de maio, como houve com a vinda do Presidente João Goulart à Paraíba, quantos milhares e milhares de camponeses que vinham do interior e enchiam a Lagoa, o Ponto dos Cem Réis, etc.! Era uma quantidade imensa de camponeses que vinha do campo e, em troca, a população dos bairros pobres de João Pessoa também se deslocava de onde estivesse e vinha participar, se juntar com os camponeses, nas suas demonstrações e nas suas lutas.”

“Então, companheiros, hoje, é preciso que haja isso. Eu quero dizer, para terminar, e não podia deixar de dizer isso. Se você está me dando um minuto, eu peço mais um. Aqui está a filha de Pedro Fazendeiro e a irmã de João Alfredo, para que todos se lembrem: esses dois companheiros estavam presos aqui, no Quartel do 15º Batalhão de Infantaria. Quem era encarregado do inquérito militar, aqui, era o Major Cordeiro – o nome dele, todo, que eu nunca vou esquecer, era José Benedito Montenegro dos Magalhães Cordeiro. Esse homem estava investigando as Lutas Camponesas, na Paraíba. Eu estava preso numa cela e João Alfredo na outra. No sábado, dia 29 de agosto, João foi chamado para ser interrogado pelo Major Cordeiro. Quando voltou, eu sabia sobre o que o major iria perguntar. Quando ele voltou, disse: ‘eu vou mofar na prisão’. O termo foi esse: “vou mofar na prisão porque o que o Major Cordeiro quer, eu não sei como vou... e ele disse que eu só saía daqui quando eu confessasse aquele fato que ele queria saber”. Pois bem, duas horas depois tiraram João Alfredo da cela e botaram no xadrez, e a noite, às 19 horas, soltaram João Alfredo. João Alfredo foi solto num sábado, à noite. Me transferiram para um xadrez que só tinha mais dois presos: era Antônio Bolinha, que foi prefeito de Rio Tinto, e Pedro Fazendeiro. Nós três ficamos numa cela. No dia 07 de setembro, depois da parada militar –até o comandante do 4º Exército veio participar dessa parada – de repente chega um sargento e diz: ‘Seu Pedro, prepare as suas coisas que você vai ser solto’, e nós ficamos muito alegres porque só ia sobrar eu e Antônio Bolinha para serem soltos. Pedro Fazendeiro preparou as coisas e Antônio Bolinha deu um dinheiro para ele e disse: ‘Pedro, pegue um táxi na frente dos guardas e vá para casa porque em Recife estão soltando do quartel e prendendo na esquina’. Pedro pegou o dinheiro e foi. Isso era uma terça ou quarta-feira, 07 de setembro. No domingo, eu estava recebendo a visita da minha mulher. A visita, naquele tempo, era de sete minutos por semana. Eu estava recebendo a visita da minha mulher, cercado de soldados, e quando eu vejo, lá vem Dona Maria, a mulher de Pedro Fazendeiro, entrando no quartel. Aí eu disse: ‘Oi, Dona Maria, como é que vai Pedro?’. E ela disse: ‘Por quê? Eu vim visitá-lo’ Eu disse:

‘Não, Dona Maria, Pedro foi solto terça ou quarta-feira, eu não me lembro bem’.
Aí, ela disse: ‘Aquele homem é doido? Passa seis meses presos, é solto e não vai para casa?’ Eu disse: ‘Dona Maria, Pedro não foi para casa? Não chegou em casa?’ Ela disse: ‘Não’. Aí, eu disse: ‘Então, a senhora vá ao Grupamento de Engenharia e fale com o Major Aquino’, que era outro militar, mas era um militar decentíssimo, que tratava com dignidade todos os presos políticos da Paraíba. Aí, ela insistiu. Prestem bem a atenção, ela insistiu. E eu disse: ‘Dona Maria, vá agora’. Ela disse: ‘Não, eu preciso falar com João Alfredo, que eu estou vindo de Sapé e trouxe umas roupas para ele’. Aí, eu disse: ‘Dona Maria, João já faz mais de dez dias que foi solto. Não chegou em casa, também?’ Ela respondeu: ‘Não’. Aí, foi a minha sorte, o que aconteceu com ele me salvou, e aquela visita de Dona Maria. Aí eu disse para minha mulher: ‘Vá hoje, com minha mãe, à casa do Major Cordeiro e diga a ele que se for me soltar, de dia ou de noite, eu só saio com a família.’ E minha mãe foi lá para ter uma conversa com o major e disse para ele: ‘Major, se o Senhor soltar o meu filho, eu quero sair com ele, para não acontecer o que aconteceu com Pedro Fazendeiro e João Alfredo, que foram assassinados e estão dizendo que foi o Senhor quem os matou’. O major tomou aquele susto e imediatamente me transferiu para o Grupamento de Engenharia e botou grades nas janelas da casa dele.”

“Então, companheiros, para se descobrir, dois ou três dias depois os jornais publicaram a foto de dois corpos mortos perto de Campina Grande, com a cabeça toda esfacelada. Não dava para ninguém reconhecer. Era 10 de setembro. E Antônio Bolinha, disse: ‘Esse calção é de Pedro’. Era o calção que Pedro usava na prisão. Então, nós ficamos naquela desconfiança, se de fato aqueles corpos eram de João Alfredo e de Pedro Fazendeiro. De fato eram. Quer dizer, tiraram eles do quartel, num sábado, à noite – nos quartéis não existe nada funcionando nos sábados – e no dia 07 de setembro, à noite, disseram que tinham sido soltos. Então, esses dois companheiros foram os dois únicos brasileiros que desapareceram e até hoje a família está aqui e desconfia, mas não sabe e nunca conseguiram os restos mortais dos dois.”

“Então, somente em 69 foi que novamente passou, já na ditadura, a desaparecer presos políticos, como foi o caso do jornalista Vlademir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho. E vocês prestem atenção, sobretudo a imprensa. Quando Vlademir Herzog apareceu morto no Quartel do 2º Exército, em São Paulo, disseram que ele tinha se suicidado. Quem era o comandante do 2º Exército? O General Ednardo D’Ávila Melo que na época em que Pedro Fazendeiro e João Alfredo desapareceram era o coronel, o comandante do 15º Regimento de Infantaria. Então, vocês vejam a ligação, aqui, na Paraíba, no comando dele, no quartel em que ele estava, desaparecem dois companheiros, em 64. Em 69, o jornalista Vlademir Herzog, segundo eles, se suicidou na prisão. Quem era o comandante? Ednardo D’Ávila Melo. Então, se quiser descobrir o que aconteceu com essas pessoas, é somente ir atrás e verificar. É procurar o Major Cordeiro e saber o que aconteceu com Pedro e com João Alfredo. Em São Paulo, todo mundo soube que era o Ednardo D’Ávila Mello, o mesmo Ednardo D’Ávila Mello que, em 1964, estava aqui.”

“Meus companheiros, eu teria muita coisa para falar, a mais, das grandes vitórias que as Ligas Camponesas da Paraíba tiveram. Foram vitórias, mesmo. As Ligas ficaram conhecidas no mundo inteiro. Jornalistas da Alemanha, dos Estados Unidos, da França, vinham para cá, e como eu disse, até o Presidente Kennedy ficou de ir diretamente a Sapé. Houve uma revolta muito grande, na época, porque como é que o líder americano viria exatamente a Sapé, onde havia sido derramado sangue de vários camponeses? Então, as lideranças estudantis, operárias, todos ficaram contra essa vinda de John Kennedy, mas Luiz Carlos Prestes, com a sua inteligência espetacular, mudou tudo, dizendo que se devia apoiar essa vinda de Kennedy à Paraíba, porque era um representante dos camponeses paraibanos que iria falar na saudação ao Kennedy. Só falariam três pessoas: o líder camponês da Paraíba, a Jacqueline Kennedy, que queria falar, e o Presidente John Kennedy. Três oradores, mas iriam falar para o mundo todo. Então, Prestes disse: “Quem for falar em nome dos camponeses, vai fazer uma denúncia não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro que vai transmitir

essa vinda do Kennedy”. Porque o Kennedy tinha dito que o Nordeste seria o segundo Vietnã, que aqui iria haver uma revolução tão grande quanto o Vietnã, e ele precisava vir para saber a real situação, para poder dar ajuda para os camponeses. Pois bem, o Preste teve essa ideia e isso só não aconteceu porque o Kennedy foi assassinado. Então, para vocês terem ideia da grandeza das lutas das Ligas Camponesas da Paraíba, chegou ao ponto do presidente dos Estados Unidos resolver vir, diretamente, ao município de Sapé.”

“Então, companheiros, a mãe de Che Guevara, Juscelino Kubitschek, João Goulart, as lideranças nacionais, o ministro da Agricultura, o presidente do Banco do Brasil, do Banco do Nordeste, o superintendente da Sudene, todos vinham para conhecer a real situação dos camponeses. E, afinal, acabou-se com o ‘cambão’ na Paraíba e se tentou acabar com a conga (não sei se vocês se lembram disso) que era o que acontecia aqui na zona do litoral paraibano. Os camponeses plantavam mandioca e iam fazer farinha. Para usar a casa de farinha ele tinha que entregar uma parte da farinha produzida ao dono da casa de farinha. Aquela cota que ficava para o proprietário se chamava conga. Então, também se acabou com essa conga. Em resposta a toda essa mobilização, o Presidente João Goulart assinou a reforma agrária. Relato esses fatos para vocês terem uma ideia da vitória extraordinária das Ligas Camponesas da Paraíba.”

“Aqui estão presentes os camponeses daquela época, inclusive o presidente da Liga de Alhandra, o Elias Quirino, as companheiras Isa Guerra e Ofélia Amorim, que foi advogada das Ligas, e tantos outros que aqui estão presentes para, exatamente, se lembrarem não apenas da tristeza da exploração, da miséria em que se vivia no campo, mas também para comemorar as vitórias e mostrar aos paraibanos, mostrar àqueles que lutam, hoje, pela reforma agrária, mostrar à juventude da nossa terra qual o caminho, o que se deve fazer para recuperar tudo aquilo que se perdeu, que o Brasil perdeu, durante esses anos todos da ditadura, de modo que até hoje continuamos sem que haja uma reforma agrária para que o nosso país possa se desenvolver.”

“Então, meus companheiros, vocês não queiram imaginar o que representa

esse momento. Fui professor, estudei aqui e fui presidente da União dos Estudantes da Paraíba, da Federação das Ligas, fui eleito deputado com a maior votação aqui em João Pessoa. Na minha época, o prefeito da cidade que tinha muito prestígio se chamava Miranda Freire. Foi candidato, eu tive mais votos do que ele, por quê? Porque a luta pela reforma agrária não era por mim não. Tive aquela votação porque eu estava exatamente entre os companheiros que estavam à frente das lutas das Ligas Camponesas.”

“Aqui eu vejo Maria do Carmo Aquino, vejo tantos companheiros que lutaram naquela época e tantas pessoas que ajudaram muito na luta das Ligas Camponesas em Santa Rita. É uma satisfação muito grande estar aqui. Vocês não podem imaginar o que passou um companheiro que estava lutando aqui e que teve que sair da Paraíba para poder sobreviver. Eu fui duas vezes agredido. A primeira, eu e Pedro Fazendeiro. Eu passei quarenta dias no hospital, fui vítima de um ataque do grupo dos Veloso Borges, quando eu visitava a sede da Liga Camponesa em Itabaiana. Então, com tudo isso, tive que sair da Paraíba e não pude voltar. Hoje, estou aqui, revendo velhos companheiros e, sobretudo, os novos, aqueles que vão exatamente dar continuidade a esta luta que o Brasil deve não só aos camponeses, mas deve a todos os brasileiros, que é a reforma agrária. A sua realização significa o país dar um avanço significativo para o progresso. Nenhum país do mundo, nenhum país, até os Estados Unidos, conseguiu se desenvolver sem que tenha feito a sua reforma agrária. O Brasil precisa fazer isso, não só para ajudar os camponeses, mas para ajudar todos os brasileiros.”

“Então, meus amigos, a minha satisfação foi muito grande. Quarenta e dois anos depois de ter saído da minha terra, voltar a reencontrar os companheiros e relembrar algumas coisas, muitas coisas que o tempo disponível não me dá oportunidade de falar. Mas nós teremos, durante esses dois dias, a oportunidade de poder exatamente informar aos paraibanos aquilo que eu vivenciei no decorrer das lutas das Ligas Camponesas da minha terra. (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: Agradeço a intervenção de Assis Lemos e agora passo a palavra a nossa querida Elizabeth Teixeira.

2.2 Pronunciamento de Elizabeth Teixeira

“Eu quero agradecer a todos os companheiros e companheiras que estão presentes aqui, ouvindo as palavras do companheiro Assis Lemos. O companheiro Antônio José Dantas, que chegou, foi um companheiro que muitas vezes foi a minha casa saber como é que eu estava, como estava a luta.”

“Eu quero dizer para os companheiros e companheiras que João Pedro Teixeira, na Paraíba, foi quem começou a luta do campo, no município de Sapé. Quando eu casei com João Pedro, meu pai e minha mãe não aceitaram o casamento. Ninguém da minha família aceitou o casamento. A gente foi para Recife. Moramos vários anos lá. Ele trabalhando em uma pedreira, até que a pedreira parou. Daí a situação ficou muito difícil. A gente já tinha quatro filhos. Aí recebi um convite do meu irmão para vir morar no município de Sapé, no sítio Barra de Anta. João Pedro veio comigo. Quando chegamos em Barra de Anta, eu ainda não tinha nem conhecimento de que João Pedro já tinha aquele espírito de luta.”

“João Pedro andava nos engenhos Anta, Melancia, Sapucaia, que ficava mais próximo a nossa casa, tomando conhecimento como os trabalhadores daqueles engenhos, daquelas fazendas sobreviviam. Ele viu uma situação difícil. Ele chegava em casa e falava para mim que a vida do trabalhador do campo, dos engenhos, das fazendas é tão difícil que chegava o momento de muitos pais verem seus filhinhos morrerem de fome. Então, ele convidava aqueles trabalhadores para virem até a nossa casa, conversar com ele. Do engenho Anta, do engenho Melancia, do engenho Sapucaia, do engenho Maraú e de outras fazendas. Conversavam com ele e chegou o momento dele fundar a Liga Camponesa em Sapé, que foi fundada por João Pedro Teixeira, em 58. João Pedro fundou a Liga, os companheiros que já tinham conhecimento dele, que conversavam muito em nossa casa com ele iam para a sede da Liga, em Sapé, conversar, assistir todo o movimento.”

“Então, João Pedro começou uma luta, mesmo, de dia à noite. Tinha momentos em que ele chegava em casa e me abraçava. Ficava abraçado comigo e dizia que iam tirar a vida dele e os nossos filhinhos ficavam todos chorando,

em volta dele e de mim. E perguntava se quando tirassem a vida dele, se eu assumia o lugar dele na Liga Camponesa. Eu sempre ficava calada, nunca tive resposta para dar a João Pedro porque nós tínhamos muitos filhos. Quando ele foi assassinado eu fiquei com 11 filhos e era difícil. E ele falava para os filhos que eles estudassem para que eles fossem advogados para defender ele na luta em que ele estava. João Pedro, no dia-a-dia, na luta da Liga Camponesa, no movimento do campo por uma reforma agrária, ele dizia para mim: 'vão tirar a minha vida, minha filha, mas a reforma agrária vai ser implantada em nosso país para que a vida do homem do campo melhore, para que eles tenham o direito de criar os seus filhos e não ver morrer de fome e também ter o direito de botar numa escola'. Porque era tudo analfabeto, sem ter direito a ir a uma escola. Isso é muito difícil. A luta do campo, da reforma agrária, todos companheiros e companheiras que estão aqui presentes sabem que é uma luta difícil porque muitos tombaram, foram assassinados, não só João Pedro, mas muitos outros companheiros e companheiras, como a Margarida foi assassinada barbaramente por lutar por uma reforma agrária."

"Mas, com o assassinato de João Pedro eu assumi. No momento em que eu vi ele assassinado, peguei na mão dele e disse: 'João Pedro eu vou assumir a sua luta para o que der e vier', e assumi a luta, a presidência da Liga Camponesa de Sapé e muitas vezes eu fui presa. Em um momento, dois carros cheios de policiais chegaram até a minha casa. Me chamaram e fizeram duas filas de soldados. O tenente ficou lá e eu na caminhada entre as duas alas de soldados. Um atirava de um lado, outro de outro. Quando eu cheguei lá perto do tenente, os pés cobertos de terra, eu disse: 'Tenente, isso é mais uma prova de covardia. Não mataram João Pedro de emboscada? Não botaram uma emboscada e tiraram a vida de João Pedro? E por que não tiram a minha? Façam isso'. Tantos disparos de tiros, foram muitos que a vizinhança, até muitos vizinhos pensavam que eu tinha sido assassinada, todos da minha residência, eu com todos os meus filhos, por conta da quantidade de tiro que foi disparado. Aí ele disse: 'Entre no carro'. Eu disse: 'Eu vou voltar para pegar os documentos porque eu não vou

sem documento'. Aí voltei, quando eu cheguei em casa, a minha filha mais velha, Marluce Teixeira, me abraçou e disse: 'Vão tirar a sua vida, minha mãe; vão tirar a sua vida e você não vai mais voltar'. Eu disse: 'Não, filha, eles não vão tirar a minha vida, é só para me fazer medo, para eu ter medo e abandonar a luta'. 'Não, mainha, vão tirar'. Aí eu peguei os documentos e vim presa para aqui. Ela mandou comprar veneno, ingeriu veneno com mel de engenho, tomou e morreu. Quando eu cheguei aqui, Dr. Santa Cruz já estava na delegacia. Eu não fiquei presa e Dr. Santa Cruz deu o carro dele para eu voltar com o motorista, que foi me levar em casa. Quando eu cheguei em casa, Marluce já estava passando mal, passando mal com o veneno que tinha tomado. Eu botei ela no carro e trouxe para João Pessoa. Quando eu cheguei aqui, com pouco tempo ela morreu. A minha filha morreu. Antes de acontecer isso, já tinha acontecido um tiro na cabeça do meu filho Paulo Pedro Teixeira, com dez anos. Os carros que passavam na estrada asfaltada, desciam, passavam em frente da minha casa para ir para o engenho Anta e engenho Melancia. Quando eu saía para a Liga, para a luta, o meu filho Paulo Pedro ficava em casa e quando ele via que o carro ia passando, ele subia na janela da casa e gritava: 'Mataram o meu pai, mas quando eu crescer eu mato o bandido que matou o meu pai'. O que aconteceu? O mesmo que mandou tirar a vida de João Pedro Teixeira mandou um capanga com uma espingarda dar um tiro nele. Eu estava na sala com os camponeses de Anta, conversando com os camponeses, quando ouvimos o disparo e quando ouvi o disparo do tiro, corri, os companheiros comigo. O cara ia saindo com a espingarda e nós pegamos o cara. Tomamos a espingarda. Os companheiros ainda falaram para mim: 'Que podemos fazer?' Eu disse: 'Nada'. Nós entregamos ele à polícia e a arma dele, a espingarda. Aí eu peguei meu filho. Estava caído no chão. O tiro foi mesmo na testinha dele. A bala ficou dentro do cérebro. Eu trouxe ele para João Pessoa. O médico operou. Tirou do cérebro dele a bala. Disse que o menino não podia mais estudar. Ele ficou sentindo sempre uma dor de cabeça, mas cresceu. Chegou até a casar. A esposa dele tem três filhos. Ele casou com uma menina de Recife, que morava lá, mas agora ele já faleceu. É morto, Paulo Pedro Teixeira."

“Eu sofri muito na luta das Ligas Camponesas. Sofri com muitas prisões, com o que aconteceu com meus filhos. De noite, quando eu chegava da luta, os filhos me abraçavam e diziam: ‘Mataram meu pai e vão matar a senhora também, mainha, porque vão tirar a sua vida’. Era uma situação muito difícil para mim. Mas continuei a luta da Liga Camponesa, em Sapé. Com o golpe militar eu fui presa. Passei seis meses no Quartel do Exército. O Exército disse que não tinha razões para eu continuar presa. Iam me liberar. De fato me liberaram e mandaram me levar até a casa de meu pai. Quando eu cheguei à casa de meu pai, ele disse: ‘Aqui você não pode ficar. Você tem esse menino que é a cara de João Pedro e ninguém quer. Nem eu quero, nem a família quer. Você, para onde for, pode levar. Tem um carro aí, um motorista, leva você para onde você quiser, aqui você não fica.’”

“Aí eu resolvi ir para Recife porque lá, quando eu morei com João Pedro, tinha um vizinho que era do Partido Comunista, Manoel Serafim. Era uma pessoa muito boa. Uma personalidade muito boa, e eu disse: ‘Vou à casa do companheiro Manoel Serafim’. Cheguei em Recife, na casa dele, ele falou: ‘Aqui você não pode ficar. Você é uma pessoa muito conhecida e não pode ficar aqui’. Ia chegando um motorista com um carro grande, do interior do Rio Grande do Norte, de uma cidade chamada São Rafael. Ele levava produtos do campo para o mercado de Recife, ia chegando e foi dizendo: ‘Essa mulher está chorando, por quê?’ Aí, o Manoel Serafim chamou ele, conversou com ele, ele rápido volta e diz: ‘Pode entrar dentro do carro’. Eu entrei dentro do carro, sem nada, sem condições nenhuma, porque meu pai tinha condições, mas não me deu nada. Eu entrei no carro e fui para São Rafael. Quando cheguei em São Rafael, com ele, tinha uma senhora, uma velhinha, que tinha uma casa grande. Ele falou com ela. Ela me deu uma sala e um quarto para eu ficar e eu fiquei lá. Ele, no dia seguinte, trouxe os amigos para eu ser lavadeira de roupa de cinco amigos dele e eu fiquei lavando as roupas no rio e engomando. Adoeci e não pude mais lavar as roupas no rio porque a pele não aceitou o sol.”

“Eu via muitas crianças nas calçadas, daquelas ruas e, eu chorava muito, quando via aquelas crianças nas calçadas daquelas ruas, lembrando dos meus

filhinhos que tinham ficado abandonados, sem pai e sem mãe. Aí eu falei com as mães, se elas me davam café, uma alimentação de meio-dia, à noite, para eu começar uma alfabetização. Se elas me davam cadeira porque aquelas crianças não iam para a escola porque a escola ficava distante e as mães não podiam botar as crianças na escola. Aceitaram. Aí eu fiquei alfabetizando as crianças, elas me dando alimentação. Depois resolveram me dar dinheiro. Eu alfabetizei as crianças nos anos todos de ditadura que passei naquele São Rafael com o nome de Marta Maria da Costa. Foram 16 anos, alfabetizando aquelas crianças. Tem até dois meninos que foram alfabetizados comigo e que hoje são advogados. Eles, em 93, mandaram uma carta para mim. Eu estava no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, dei as cartas para o Dr. Wanderley Caixe. A minha felicidade foi essa alfabetização, no Rio Grande do Norte.”

“Mas, eu desejo que quem hoje esteja na Liga Camponesa, que continue a lutar por uma reforma agrária, pois 44 anos já fazem do assassinato de João Pedro e a reforma agrária ainda não foi implantada em nosso país. E ele dizia para mim, me abraçava, todos os dias, que a reforma agrária ia ser implantada em nosso país. Iam tirar a vida dele, mas que iam implantar a reforma agrária. 44 anos já fez do assassinato de João Pedro. Agora, no dia 13 de fevereiro eu completei 81 anos e cadê a reforma agrária?”

“Agora, o companheiro Assis Lemos, falando aqui, eu até me senti mais feliz porque ele disse que tem de se implantar uma reforma agrária em nosso país, que tem que melhorar a situação do trabalhador do campo. Para melhorar o trabalho do homem do campo, é com uma reforma agrária, é distribuindo terra para que ele possa produzir. Uma reforma agrária com as condições que João Pedro falava para mim. Isso tem que ser implantado em nosso país porque a luta dos companheiros que já tombaram, que já foram assassinados na luta por uma reforma agrária não pode ser em vão. Todos os companheiros que hoje continuam, vamos pedir a Deus que seja implantada essa reforma agrária em nosso país. Eu pensei até que o companheiro Lula – porque na minha luta, onde eu encontrava com Lula, que fosse em São Paulo, que fosse no Rio, onde fosse, ele

me abraçava – quando assumisse a presidência, fosse implantar uma reforma agrária, lutar para que fosse implantada uma reforma agrária em nosso país. Mas, eu ainda acredito que seja implantada uma reforma agrária em nosso país, que o homem do campo tenha condições de sobreviver no campo, na luta. Eu acredito, companheiros.”

“Quero agradecer, aqui, a palavra do companheiro Assis Lemos, que falou a realidade da luta daquela época de 60. Eu também quero agradecer a todos que estão presentes, companheiras e companheiros; a companheira, irmã de João Alfredo Dias, companheiro João Alfredo que foi também um lutador na Liga Camponesa de Sapé; companheiro Pedro Fazendeiro, a filha dele que está aqui; agradecer a todos; ao companheiro Antônio José Dantas. A todos os companheiros e companheiras que estão presentes, os meus agradecimentos.”

“Peço desculpa por não ser mais aquela pessoa que era. Hoje eu estou tão cansada, eu sofri tanto, tanto, que eu imagino até assim, como é que eu estou viva, ainda hoje, pelo sofrimento que eu passei, pela vida. Não foi fácil ficar sem João Pedro Teixeira, com meus filhos. Depois ficar sem meus filhos, tudo abandonado, na ditadura militar. Foi muito triste. Meus agradecimentos. Muito obrigada a todos. Peço desculpas e desejo tudo muito bom para todos. (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: “Agradeço a emocionante história da luta de Elizabeth Teixeira. Antes de passar a palavra para Marina Dias, irmã do nosso querido Nego Fuba, eu gostaria de registrar a presença de Noaldo, que é presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos. Registro também a presença de Antônio Dantas e de Derly Pereira. Passo agora a palavra para Marina Dias.”

2.3 Pronunciamento de Marina Dias

“Companheiros e companheiras, é uma honra para mim estar aqui. Moro no Rio, e vim porque é uma honra muito grande falar do meu irmão. Meu irmão foi tudo para mim. Eu sofri muita humilhação naquela cidade de Sapé. Foram, três vezes, os soldados do Quartel RI na minha casa. Antes dele morrer, invadiram a minha casa, procurando arma, nunca encontraram nada. Acordava de manhã

cedo com eles na minha casa. A gente dormindo e eles lá na porta. Se nós não abríssimos a porta, eles invadiam, quebravam a porta e entravam. Procuravam arma, nunca encontraram. Depois de revirar a casa toda, eles falavam: 'Só se nós procurar nas telhas. Não é possível, como é que pode? Falaram que tem arma nessa casa e nós não encontramos'. Depois voltavam novamente. Eu sei que foram três vezes a humilhação. Depois mais humilhação. Quando meu irmão desapareceu, foi no dia do golpe militar, 31 de março. Não esqueço nada. Tiraram meu irmão de Sapé. Ele era vereador, era também enfermeiro do SAMDU. Um médico tirou meu irmão do SAMDU, levou para uma fazenda dele. Depois, não sei como, descobriram que meu irmão estava lá. Tiraram meu irmão de lá e levaram para Sapé. Bateram muito nele. Depois eles passaram na minha porta tocando uma música, cantando e falando. Eles inventaram: 'O Nego Fuba está morto, cortado em não sei quantos pedaços, está dentro de um saco'. Olha, isso foi uma dor muito grande que eu senti, lá dentro. Quando eu senti aquelas palavras, foi uma dor que eu não esqueço nunca, dessa dor, dessa humilhação. Depois meu irmão ficou preso, três meses, incomunicável. Eu ia visitar ele toda semana, nunca conseguia falar com ele. Depois de quase três meses foi que eu consegui falar com ele e com pouco tempo ele saiu. Foi para casa. Com 15 dias ele foi preso de novo. Eu fui visitar ele. Ainda vi. Dessa última vez que ele foi preso, ele não vinha para a sala para falar comigo. Nós falávamos por uma grade. Na última vez que eu vi ele, ele falou assim: 'Minha irmã, chega de sofrer, chega de fazer você sofrer. Eu não posso mais ver você sofrendo. Eu vou embora, eu vou sair daqui. Quando eu sair daqui, eu quero arrumar um dinheiro, meu pai vai me dar um dinheiro e eu vou embora. Vou para o Rio, vou para onde for, mas eu não quero mais ver você sofrer, porque quem sofre tudo é você. Eu sofro porque estou aqui, eu só tenho você. Meu irmão não pode vir porque é negociante, meu pai não pode vir porque trabalha em terra da usina'. E quando é depois, que eu vou procurar o meu irmão, cadê o meu irmão? Aí disseram que meu irmão tinha sido solto num dia. No outro dia e eu fui procurar o Major Cordeiro. Oito dias antes, o Jairo foi solto, Assis Lemos deve lembrar, chegou em Sapé e falou que

meu irmão já tinha sido solto. Aí eu fui, no domingo, visitar. Eu fui para falar, para ver. Cheguei lá fiz que não sabia que meu irmão tinha sido solto e quando eu perguntei, ele disse: 'O seu irmão foi solto'. Eu disse: 'Como, se o meu irmão não chegou?' Eu fui procurar o Major Cordeiro e falei para ele que meu irmão tinha sido solto no sábado e ele falou: 'E ele não foi solto no sábado, ele foi solto numa sexta-feira'. Ele ficou sem saber como era que me respondia. Eu também não falei quem falou para mim. Falei apenas que tive um sonho, que meu sonho era verdadeiro. Ele achava que meu irmão tinha sido solto na sexta-feira, dia 27. Ele ficou todo sem graça e até hoje meu irmão não apareceu. No jornal, quando apareceu no jornal, eu conheci pelo jornal. Eu conheci pelo short que ele tinha, de diversas cores, cheio de umas listrinhas. O jornal era preto e branco, mas meu irmão era bem escurinho e na parte que era meu irmão, era uma parte mais escura. Seu Pedro Fazendeiro tinha uma perna mais curta do que a outra, eu conheci pela perna do Seu Pedro Fazendeiro porque a perna era encolhida. Eu falei: 'Esse é meu irmão'. E até hoje eu não sei notícia do meu irmão. Sofri muitas humilhações. Eu saía na rua e todo mundo dizia: 'Olha lá, a Nega Fuba. Essa daí é a irmã do Nego Fuba, é a Nega Fuba'."

"Eu vi que estava muito humilhada naquele lugar onde nasci. Eu não podia mais ficar ali e resolvi ir embora para o Rio de Janeiro. Fui trabalhar em casa de família. Trabalhei na casa de coronel, trabalhei na casa de major, mas nunca falei quem eu era. Eu era doida para falar quem eu era? Eu ia ser presa. Nunca falei quem eu era. Hoje eu estou aqui, falando quem eu sou e lá, onde eu estou, agora eu falo quem eu sou, com muita honra. Eu queria que meu irmão estivesse aqui para ele falar como ele falava. Como ele tinha força! Como ele tinha força naquela língua para falar e defender os camponeses!"

"Eu estou muito feliz porque aqui estou, mas também estou muito nervosa, estou muito emocionada. Falar do meu irmão é uma honra muito grande. Eu vim do Rio, tenho problema nas minhas pernas, mas é uma honra muito grande eu estar aqui, defendendo meu irmão com unhas e dentes (aplausos). Para mim é um prazer muito grande. Se eu for falar do meu irmão, eu passo o dia todo

contando histórias, histórias, o que eu passei no Quartel do 15 RI. As humilhações, tudo o que eu passei na minha vida. Mas eu agradeço a Deus que eu estou viva e estou aqui e se precisar, mais uma vez, eu estarei aqui para defender o meu irmão porque meu irmão foi uma mãe para mim. Eu perdi minha mãe muito nova e meu irmão tomou conta de mim até eu casar. Ele viajou para a China e falou: 'Eu só vou viajar para a China quando te deixar casada' e fez o meu casamento para depois viajar porque disse que não ia deixar eu solteira. Ele foi para a China, foi para Cuba, por isso que botaram o nome de Nego Fuba. Ninguém não sabe a história, por que é que meu irmão se chamava o Nego Fuba. (Os participantes do seminário cantam um trecho do Hino da Independência, fora do microfone). Obrigada, gente. Desculpe, eu não sei falar tanto, mas, obrigada. Se precisar, 10 vezes, 100 vezes, para falar do meu irmão, eu estou aqui para defender a honra do meu irmão. (Aplausos)."

Jornalista Waldir Porfírio: "Agradeço a intervenção de Marina Dias e passo a palavra para Neide Araújo, filha de um dos líderes da Liga de Sapé, Pedro Fazendeiro."

2.4 Pronunciamento de Neide Araújo

"Bom-dia a todos. Para mim é gratificante estar aqui porque estou conhecendo novas lideranças, novas pessoas que levam avante a luta que meu pai foi engajado nela. Também é uma satisfação muito grande porque estou vendo companheiros da época do meu pai, como o meu amigo Assis Lemos, Elizabeth Teixeira, Marina, Arroxelas, Dantas, tantos outros que eu não sei bem o nome, mas a fisionomia eu gravei."

"Quando começou o movimento das Ligas Camponesas, eu era praticamente uma criança, mas eu me recordo de muitas coisas. Eu recordo das reuniões aos sábados, recordo da feira, recordo do local onde ficava situada a Liga Camponesa em Sapé e recordo também que eu fiz muitas carteiras, eu juntamente com uma irmã, Nadieje, que é falecida. Então, nós ficávamos na janelinha de trás e os camponeses iam e nós fazíamos carteiras para os camponeses. Tenho muito orgulho do

meu pai, da luta dele, do ideal dele e tenho tristeza pelo modo covarde como ele foi assassinado, mas também tenho muito orgulho porque ele não foi covarde, como os que assassinaram ele. Então, já na minha infância eu recordo das perseguições, recordo às vezes que nós acordávamos e nossa casa estava cercada pelo Exército e minha mãe dizia: 'Pedro, a casa está cercada'. E, como a Marina disse, a casa era revirada, de ponta-cabeça, e o que eles procuravam? Armas. Nunca encontraram armas na minha casa, o que encontravam na minha casa eram panfletos. Houve uma época, eu não me recordo bem o ano, que meu pai foi uma viagem a Cuba, com João Alfredo, com Ivan Figueiredo e outros companheiros. Ele trouxe muitos panfletos, muitas coisas e o que o Exército encontrou na minha casa foi isso, e levaram tudo. Recordo também das perseguições. Recordo quando ele estava no campo, às vezes trabalhando, plantando roçado para sobrevivência da família, às vezes ajudando outros companheiros, cuja lavoura tinha sido arrancada e ele ia com um grupo de camponeses e replantava a lavoura daquele camponês, e a polícia ia, comandada pelo Coronel Luiz de Barros, e prendia meu pai. Nós, em casa, sabíamos a notícia, minha mãe ficava apavorada, nós éramos de menor e só podíamos esperar. Sempre contamos com a ajuda de Assis Lemos, de Dr. João Santa Cruz, de Arroxelas, dos companheiros, de Dr. Malaquias Batista.”

“Recordo que um dia, quando eu saí do colégio, eu estudava no Grupo Gentil Lins, em Sapé, e quando cheguei na porta da minha casa, no caminho de casa, vi meu pai passar em cima de um caminhão. Eu não sei o que eles iam levando, se era um homem ou o maior bandido, como eles classificavam. Não sei o que eles iam levando. O certo é que meu pai ia escoltado em cima de um caminhão, fileira de soldados, aqueles caminhões que tinham os bancos em cima, as fileiras de soldados de um lado e do outro, e meu pai no meio deles. Na passagem dele, em casa, eu não sei distinguir o semblante dele, só sei que para a gente era muita tristeza. Me lembro de uma vez que ele foi preso. O Coronel Luiz de Barros, tinha uma sede muito grande nele, deu-lhe uma tapa na cara e falou na minha avó que, no caso, seria mãe do meu pai, e meu pai disse: 'Major, em cara de homem não se bate' e ele bateu. Outra vez, quando o meu pai voltou para

casa, passou vários dias com dores no ouvido. Então, essas são as recordações que eu tenho, antes do golpe militar de 64.”

“Com o golpe militar de 64, meu pai ficou na fazenda Mussuré, de Álvaro Magliano. Passou uns tempos lá, mas não podia ficar sempre se escondendo porque nós tínhamos muito medo da polícia e acreditávamos no Exército. Então, chegou o dia que meu pai disse que ia se apresentar, foi na companhia de um advogado, que não me chega o nome agora, e se apresentou no 15º RI, isso no mês de abril. Nesse mês de abril eu estava completando 15 anos de idade, isso já depois do golpe militar, e esse foi o meu presente, a prisão do meu pai, porque nós acreditávamos no Exército. Minha tia Ligia dizia que o Exército não faria qualquer covardia com um preso político e como a polícia, no caso, Luiz de Bastos, tinha muita sede no meu pai, então ele achou melhor se entregar e foi, e começou o sofrimento da gente.”

“Como o Dr. Assis Lemos, aqui, disse, as visitas eram sete minutos, no domingo. Nós íamos visitá-lo, levávamos alguma coisa para ele. Nossa situação não era boa, tudo o que ele tinha foi destruído no sítio que ele tinha, em Miriri. Tudo foi destruído. Tiraram caminhões e caminhões de roça, tiraram muita banana, tiraram fotografias, nós ainda pegamos algumas fotografias e levamos para o Grupamento de Engenharia. Pedimos alguma coisa e nunca recebemos nada. A terra não era dele, ele era posseiro. Então, não podíamos pagar o aluguel da casa e passamos a morar numa casinha que um primo nosso passou para a gente. Era uma casinha de palha, já escorada com um tronco de coqueiro porque aquele lado da parede podia virar. Tivemos a ajuda do Dr. Malaquias Batista, do Dr. Assis Lemos que deram uma máquina de costura a minha mãe e ela, com essa máquina de costura, não tínhamos energia elétrica, com essa máquina de costura ela começou a fazer um calção para um, uma roupinha para outro, mesmo assim estudamos. Não chegamos a concretizar os sonhos do meu pai, porque ele sonhava que um filho seria advogado, o outro seria médico, Náugia, que está ali, presente, seria uma das médicas. Infelizmente nenhum chegou ao nível universitário. Eu cheguei, terminei Ciências Contábeis.”

“Com a prisão de meu pai, nós começamos a visitá-lo. A última vez que chegamos a ver o meu pai foi no dia 06 de setembro de 64. Nesse dia, o meu pai chorou. Minha mãe perguntou a ele: ‘Pedro quando é que você sai?’ Ele disse: ‘Eu não sei. O Major Cordeiro quer que eu diga coisas que eu não sei’. Então, assim como o companheiro Assis Lemos testemunhou que João Alfredo disse: ‘Eu vou mofar aqui’, meu pai também achou que, a partir dali, ia mofar ali. Só que era uma esperança de vida, seria mofar ali, ficar ali, mas um dia sair. Isso é o que nós esperávamos, mas isso não aconteceu. Quando foi na visita do outro domingo, nós tivemos a notícia que o meu pai tinha saído. O companheiro Assis Lemos aconselhou minha mãe que fosse ao Grupamento de Engenharia. Minha mãe foi, mas, lá, a resposta que nós tivemos foi que meu pai, por lá, estava liberado, que ele estava na mão do 15º RI.”

“Um dia a minha mãe juntou as coisas dele, porque ele ficou com a roupa do corpo, porque nós levamos a roupa dele para lavar, nesse dia 06 de setembro. Então, eu juntei as roupas de meu pai, algumas coisas como sabonete, pasta, algumas coisas, fui levar e eu pedi ao Major Cordeiro: ‘Major Cordeiro, eu não quero que o senhor solte o meu pai. O senhor acha que ele tem culpa em alguma coisa? Então, o senhor fique com ele aí, mas o senhor diga aonde colocou o meu pai para que eu possa entregar essas coisas a ele porque ele está com a roupa do couro’. E ele, cinicamente, olhou para a minha cara e disse assim: ‘Eu soltei o seu pai’. E eu disse a ele: ‘Não, o senhor não soltou o meu pai’. Então, ele disse: ‘se o seu pai não chegou em casa é porque ele foi para Cuba’. E eu disse: ‘O meu pai não faria isso. Eu conheço o pai que eu tenho. Eu sei do amor dele pelos filhos e pela família e eu sei que se meu pai fosse se ausentar para qualquer canto, houvesse o que houvesse, minha mãe seria comunicada’. E ele, cinicamente, mais uma vez olhou para minha cara e disse: ‘Menina, eu não sou um homem ruim, eu sou um homem bom. Ainda, na semana passada chegou uma mulher pedindo esmola e eu dei a ela dois litros de leite’. E eu disse a ele: ‘Grande coisa, um leite que o senhor recebe dos americanos’. Eu não sei se era dos americanos que ele recebia, mas eu sei que, na época, existia uma campanha que dava leite

para as pessoas. Eu disse: 'O leite que o senhor recebe dos americanos. E tem uma coisa: quem é ruim, quem é bom não diz por si, deixa que os outros digam'. Então, ele perguntou se eu queria correr o 15º RI. Veio na cabeça correr o 15º RI, mas também me veio na cabeça, do jeito que ele deu fim ao meu pai, ele pode dar fim a mim e ao meu irmão, porque eu tinha entrado na sala dele sozinha, meu irmão, Marinardo, tinha ficado na recepção, e eu disse: 'Não, senhor, eu não quero correr o 15º RI. O senhor sabe o que fez com o meu pai'. E fui para casa e voltei muitas vezes. Ele sabia que tinham morto o meu pai. Ele sabia tudo o que tinham feito, mas eles ainda torturavam a gente psicologicamente, porque eles mandavam gente na minha porta, procurar saber o que minha mãe pensava, vestidos de mendigos. Quantas vezes chegaram. Até que uma vez, uma senhora, por nome de Tamar, vizinha nossa, quando saiu uma dessas pessoas da minha casa, perguntou, assim, a minha mãe: 'Dona Maria, o que foi que a senhora disse aquele homem?' Minha mãe disse: 'Nada, por quê?' Ela disse: 'Porque aquele homem é do 15º RI'. Então, ele tinha ido à minha casa perguntar qual o pensamento da minha mãe? Qual a orientação que minha mãe estava dando aos filhos? Para ver o que a gente pensava e minha mãe sabiamente disse a ele que nós não tínhamos pensamento de vingança, que o que eles tinham feito se não houvesse justiça da terra, mas havia a justiça de Deus. Esse homem foi embora."

"Recebíamos cartas de Recife, chamando o meu pai para se apresentar. Ora, se eles tinham matado o meu pai, como é que o meu pai ia se apresentar? E quem ia era a minha mãe. Ela ia com uma prima nossa e para nós era um dia de tortura porque minha mãe sempre foi uma mulher do lar. O companheiro Assis Lemos e Elizabeth conheceram a minha mãe e sabem que ela era uma mulher do lar, mas ela teve que ir para Recife, penar por lá, descobrir aquele quartel, de onde partia aquela carta. E quando chamavam o nome do meu pai, ela dizia: 'Esse homem não chegou em casa. Esse homem desapareceu. Eu sou a esposa dele'. E eles diziam: 'A senhora não pode responder por ele'. E minha mãe voltava cansada."

"Às vésperas de minha mãe viajar para qualquer canto, fosse de onde chegasse o chamado, fosse de onde viesse, fosse da 7ª Região do IV Exército,

fosse de qualquer lugar que viesse, ela ia e se apresentava. Isso para a gente era tortura porque a gente sabia que ela não sabia se defender dentro daquela cidade, que ela não sabia como chegar, mas Deus fazia ela chegar. Certo?"

"Então, foram muitas torturas. Fome, passamos muita fome, muita fome mesmo. Eu e meus irmãos já comemos breudo que porco come. Certo? No Dias das Mães, o meu irmão, Valter, nós íamos para a igreja, de manhã, e uma vez, quando nós chegamos, ele foi nos encontrar no caminho da casa da gente e disse: 'Mãe, hoje nós temos breudo'. Parecia que a gente tinha a melhor comida do mundo. Não era breudo desse que aparece na Semana Santa, não; era um breudo, mesmo, que o porco come. Minha mãe testava matos. Ela comia primeiro, depois dava pra gente. Se não ofendesse a ela, não ofendia a gente. Fomos morar nessa casa que tinha muitos pés de coco, então nós comíamos coco com farinha, se tivesse a farinha. Então, foi um período muito difícil, de muita perseguição, mas nós vencemos. Graças a Deus, graças a minha mãe, graças aos companheiros, nós vencemos."

"Eu quero dizer que estou muito contente por estar aqui. De início eu não estava. Sou muito sincera a vocês, eu não vou mentir, porque eu não pensei que fosse falar para vocês assim, como eu estou falando. Ontem, para mim foi um dia de agonia, mas eu estou aqui falando. Eu não sabia como começar, eu não sabia como enfrentar o público, eu tenho dificuldades para isso, mas eu estou aqui, falando (aplausos). Então, eu quero dizer aos companheiros que é bom estar aqui, com todos vocês. É bom rever aqueles, da época de meu pai. É bom conhecer os que agora estão continuando o movimento, e que vocês continuem a luta. Só assim, eu vejo que o sacrifício do meu pai não foi em vão. Certo? Que a luta continue."

"Deus abençoe vocês, dê a vitória a vocês e nos dê a vitória. E nos mande dirigentes, que olhem mais para a gente. Que dê mais valor ao homem do campo. Que essa reforma agrária saia porque, com certeza, se essa reforma agrária sair, haverá mais paz, haverá mais alimentos na mesa do trabalhador e o homem do campo vai deixar de sair da sua terra para vir à cidade, morar em favela, ver sua família ser humilhada, seus filhos serem discriminados, marginalizados porque é

isso que acontece.”

“Então, eu agradeço a todos, e vamos à luta! Eu quero dizer a vocês que a forma como mataram o meu pai foi muito covarde. Muito covarde, mesmo, porque quem pegar o jornal do dia 10 de setembro, a foto colorida, não tem coragem para ver, só nós mesmos. Só eu e minha mãe descobrimos que aquele homem era o meu pai.”

“Uma vez eu cheguei do colégio, quando minha mãe estava chorando e eu disse: ‘Mãe, por que a senhora está chorando?’ A casa estava alagada de água, ela estava botando a água para fora e ela estava chorando, e eu perguntei: ‘A senhora está chorando porque a casa está alagada?’ E ela foi lá, pegou aquele jornal e disse: ‘Se esse homem não for o seu pai, se ele não achou quem chorasse por ele, ele achou a mim’. E quando eu vi o jornal, eu não tive a menor dúvida. Eu sabia que aquele homem era o meu pai, pela composição física dele, pela composição física de João Alfredo, porque eu também conhecia João Alfredo. Eu não tive a menor dúvida. E nos pulsos de meu pai tinha arame farpado, amarrado. Quem pegar a foto e olhar detalhadamente, como eu que sou filha e olhei, vai ver isso.”

“Veio a anistia, só que eu não acredito nessa anistia porque anistia é uma coisa aberta, uma coisa, assim, para você saber tudo e até hoje eu não sei. Eu sei por detalhes, assim, por comentário, que vazaram os olhos de meu pai com agave, que fizeram atrocidades, mas eu não sei pelas autoridades o que realmente aconteceu com o meu pai. Sei que fizeram ele passar por ladrão porque o jornal dizia assim: ‘Esquadrão da morte executa mais dois’. Eles não queriam que eu reconhecesse o meu pai e botaram: ‘O esquadrão da morte executa mais dois’. Então, o fizeram passar por ladrão, denegriram a imagem dele, mas eles denegriram a eles mesmos, por serem tão covardes.”

“Então, eu quero agradecer a todos vocês. Quero me parabenizar com vocês e me solidarizar com vocês, e com cada um dos companheiros aqui, presentes. Que Deus abençoe a todos e que dê força a todos para seguirem em frente. Obrigada. (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: “Bom, gente, terminada a fase de exposição, temos até o meio-dia para fazer os debates. Quem quiser fazer inscrição levante a mão que iremos anotando. Cada pessoa terá três minutos para sua intervenção.”

2.5 Debate

Marival Acioly de Souza: “Senhores e senhoras presentes, Dona Elizabeth Teixeira. Eu sou filho natural de Sapé. O que a senhora disse aqui, com relação ao que fazia, eu ainda guardo na memória muitas dessas histórias. Recorda das chacotas que faziam com a família Fuba. Eu saí de Sapé, com oito anos de idade, fui para Rio Tinto. Saímos do inferno que era Sapé, na época, para quem era ligado às Ligas Camponesas, e fomos exatamente para o inferno mais profundo, que era justamente Rio Tinto. Dessas questões que o Sr. Assis Lemos falou, dos galpões, dos silos que a companhia de Rio Tinto tinha lá, das famílias que eram obrigadas a trabalhar e nunca ver dinheiro, eu sou testemunha. Agora, o que eu queria dizer era o seguinte: saímos dessa parte que eu vi, quando era garoto, das chacotas que eram feitas às famílias dos mártires da revolução que estava em caminho, mas não chorem porque se ela não foi feita até hoje, não chorem porque amanhã ela vai ser feita.”

“Agora eu quero pedir à Dona Elizabeth Teixeira que não deixe que certos oportunistas de plantão usem o sofrimento de vocês, que representam os verdadeiros mártires do golpe militar, que foi dado de fora para dentro, covardemente, com o apoio da elite udenista e desses bandidos que até hoje assaltam o poder, certo? Não deixe que eles usem a luta de vocês para se elegerem. Não deixem. Se cerquem de homens como o Professor Lemos e outros, que são a verdadeira história, para que esses canalhas não usem e abusem desse direito de usar a luta de vocês, o sangue que vocês representam, a verdadeira luta da reforma da Liga Camponesa, e que é luta de todos, é a luta de todos os irmãos que estão passando fome, que estão encalhados nas cidades, hoje, nas favelas sofrendo exatamente as dores que seu pai, seu marido e seu irmão sofreram.”

“Porém, eu quero terminar dizendo o seguinte: esta lembrança não é uma

lembrança dolorosa, isto é uma lembrança de um dia triste, que aconteceu na vida dessa família que hoje é representada por todas as famílias brasileiras, mas é também a semente que nasceu para a reforma ser feita, amanhã. Eu não sei se amanhã vai demorar 30 anos, se vai demorar 50 anos e que Deus nos ajude nessa luta.”

A professora Marilda Menezes, substituindo o Jornalista Waldir Porfírio na presidência da mesa: “Nós temos inscrito aqui, Noaldo, e queria saber se mais alguém gostaria de fazer algum comentário, de fazer uma pergunta. Alguém mais gostaria de fazer uma pergunta sobre um fato? Teu nome? Expedita. Quem mais? Calistrato. Diga o seu nome. Marilene. Alguém mais? Nós pediríamos que quem quiser fazer algum comentário, alguma pergunta, se inscreva agora porque já estamos com pouco tempo para se aproximar à hora do almoço. Alguém mais? Emilia. A gente pede para cada um respeitar os dois minutos, só para um pequeno comentário ou uma pergunta, porque nós queremos dar oportunidade para os integrantes da mesa falarem e comentarem as questões que forem feitas.”

Advogado Noaldo Meireles: “Sou Noaldo Meireles, advogado da Comissão Pastoral da Terra, da Diocese de João Pessoa, e atualmente estou como presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos do Estado da Paraíba.”

“Nós vamos passar, daqui a pouco, para vocês, um abaixo-assinado, relativo a um projeto para fazer a desapropriação da casa onde morou Elizabeth e João Pedro Teixeira. Nessa casa, Dona Elizabeth, até 2002, na casa onde vocês moraram, morava um pistoleiro de aluguel, dos proprietários de Sapé. Então, a CPT, a paróquia, o sindicato de Sapé e de Sobrado estão nesse movimento, a gente tem uma reunião hoje, à noite, no salão paroquial de Sapé, para que seja desapropriada a casa onde vocês moraram para que seja construído o Museu Histórico da Lutas Camponesas no Nordeste. Então, essa é a primeira coisa.”

“A segunda, gente, é que, Marina e Neide, como vocês passaram essa dor do desaparecimento aqui, na Paraíba, isso continua acontecendo. Em 29 de junho de 2002, no dia em que o Brasil foi campeão mundial da última copa, um trabalhador rural de Itabaiana, chamado Almir Muniz da Silva, desapareceu e até hoje

a polícia do Estado da Paraíba, sequer, concluiu o inquérito policial. Dia 29 de junho completam quatro anos. Almir Muniz, Professor Fernando Garcia, vinha sendo ameaçado por um policial civil chamado Sérgio Azevedo, como o senhor foi vítima dele. Está aqui o Professor Fernando Garcia, tem registro na delegacia de Polícia de Itabaiana e a polícia da Paraíba, sequer, concluiu o inquérito policial, em quase quatro anos.”

“Concluindo, gente, como advogado da Comissão Pastoral da Terra, eu acompanho os processos do Estado da Paraíba e nós damos uma atenção especial aos processos de homicídio, de trabalhadores que são mortos pelos pistoleiros, no Estado da Paraíba. Nós estamos organizando uma exposição fotográfica, que vai estar, do dia 15 ao dia 18 de maio, na Faculdade de Direito – tem uma matéria aqui que eu vou deixar para alguns de vocês –, sobre os casos de homicídio no Estado da Paraíba. A Paraíba é o estado que mais conseguiu levar casos de homicídio de trabalhador rural a julgamento, mas, por incrível que pareça, os casos que nós conseguimos levar a júri, e que essas pessoas foram condenadas, a polícia não cumpre o mandado de prisão.”

“O pistoleiro, que morava na casa onde morou Elizabeth Teixeira e João Pedro Teixeira, Rubens Rodrigues da Silva, que foi processado, condenado, a sentença transitou em julgado, está com o mandado de prisão decretado, e a polícia não cumpre. Vive tranquilamente na região de Itabaiana. Maradona, um outro pistoleiro que matou Paulo Gomes, no município de Capim – hoje, município de Capim – vive na região de Lucena e a polícia não vai lá, cumprir o mandato de prisão. A gente montou essa exposição fotográfica para fazer a denúncia da impunidade, nesses casos de homicídios de trabalhadores rurais.”

“Concluindo, todos vocês que estão envolvidos nesse projeto, nessa atividade de hoje, aqui, estão de parabéns porque nós precisamos resgatar essa história das lutas camponesas para que a gente possa ter clareza, também, já que essa Casa teve um papel muito importante para encobrir o fato que aconteceu, na questão de impunidade. A gente não pode esquecer que aqui, dentro da Assembleia Legislativa, foi iniciado um movimento de renúncia de deputados

e suplentes para que os assassinos de João Pedro Teixeira ficassem impunes, e a gente vê hoje, em dia, na televisão, essas pessoas pousando de paladino da democracia, disso e daquilo. A gente não pode esquecer. A gente não pode esquecer que um dos mandantes de Margarida Maria Alves e da morte de João Pedro Teixeira tem neto aqui dentro, fazendo pose de paladino.”

“Esse evento é muito importante para a gente saber isso. Quem realmente tem compromisso com a democracia, com a liberdade, com a reforma agrária e quem está envolvido nesse processo de impunidade, na derrubada da porta da Faculdade de Direito, na invasão da Faculdade de Direito (fato que ocorreu em 1964) e quem comandou todo o processo de renúncia e hoje posa nos jornais, na televisão de presidente de Academia Paraibana de Letras, de paladino da democracia, da liberdade, na verdade, é paladino da falácia e de encobertar os assassinatos e a violência que aconteceu nesse período. Muito obrigado. Parabéns. (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: “Companheiros, temos três inscritos, mas antes o nosso querido Assis Lemos pediu para usar a palavra porque lembrou de um detalhe. A Marina está presenteando o seminário, porque isso vai ser filmado, com várias fotos de Nego Fuba na China, em Moscou. São dez fotos que ninguém tem, inéditas e que a gente vai filmar para dispor para todo mundo. E dentre elas tem uma importante, que é a visita de Juscelino Kubitschek, no final de 63, ao município de Sapé. Nela está o Assis Lemos, que ele não sabia dessa foto, está falando, ao lado de Rui Carneiro, Juscelino. Também aparece na foto Geraldo Camilo, médico, prefeito cassado de Mulungu e fundador das Ligas daquele município. Está também na foto o Ivan Figueiredo, que foi candidato a prefeito, em 63, em Sapé, e que lhe roubaram as eleições – ele ganhou as eleições e não pôde nem entrar no Fórum para contar os seus votos. Então, isso é importante. Eu estou mostrando essa foto porque tem um detalhe da Liga, e é importante que se registre, era a forma de mobilização dos camponeses. Pois bem, Juscelino chegou em João Pessoa e queria visitar Sapé – Sapé era o centro das atenções, a maior das Ligas do Nordeste. Rui Carneiro procurou Assis, ‘a gente precisa ir lá

com Juscelino'. Aí Assis disse: 'Me dê uma hora e daqui a pouco vocês vão lá'. Aí Assis acionou, que era um mecanismo de mobilização que existia na Liga, que era o quê? Na sede da Liga, em Sapé, alguém soltava foguetões, aviso para os camponeses se juntarem em Sapé. A esse sinal, a partir da sede, os delegados da Liga, que ficavam em cada sítio, também soltavam os foguetões. Soltava um, primeiro, o outro sabia que era da Liga, soltava o outro, daqui a pouco todos os trabalhadores rurais que estavam na enxada, estavam fazendo alguma coisa, largavam tudo e vinham para a cidade para saber o que aconteceu ou para defender algum companheiro camponês que estava sendo agredido ou preso e, assim, sucessivamente. Então é importante registrar a foto porque aconteceu isso e, de repente, quando Juscelino chegou lá, pensava que não ia ter ninguém, estava, desde a entrada do sítio Anta, lotado de gente, inclusive chegou um momento tal que desligaram o carro e os camponeses empurraram o carro até chegar à cidade de Sapé. Então, é um fato importante, histórico, e relembro isso aqui. A sombrinha era dela (de Marina), que estava por detrás, segurando para Juscelino não levar chuva ou sol."

Assis Lemos: "Esse fato, que o Waldir acabou de falar, mostrava que, a qualquer hora do dia ou da noite que a Liga precisasse convocar os camponeses, era só soltar os três foguetões, e os outros iam soltando e o camponês parava o que estivesse fazendo e se dirigia para a sede da Liga."

"Quando Juscelino esteve aqui, ele queria visitar Sapé e o partido dele, o PSD, não recomendava porque seria uma decepção muito grande, a imprensa ia noticiar que Juscelino iria a Sapé e não tinha ninguém para recebê-lo porque não tinha sido avisado. Então, foi exatamente isso que o Waldir falou. Eu pedi um tempo, avisei para a Liga de Sapé, o pessoal soltou os foguetões, foram soltando, o pessoal foi parando e caminharam para Sapé. Quando Juscelino chegou lá era uma multidão e terminou Juscelino dizendo: 'Eu fui candidato a prefeito de Belo Horizonte; fui candidato a governador de Minas Gerais; fui candidato a presidente da República, nunca, em nenhuma ocasião, vi algo semelhante'. Alguém fazer uma manifestação daquela, com tão pouco tempo. Então Juscelino ficou

de boca aberta, pensando como era que a coisa sucedia, e eu expliquei como era.”

“Agora, como o presidente da Contag e os companheiros falaram, em 1963, era ministro do Trabalho Almino Afonso, que decretou o direito do trabalhador rural, do camponês se sindicalizar. Até aquela época, o camponês não podia organizar sindicato, não existia sindicato rural. E aqui, na Paraíba, como tinha havido eleições, era proibido, no interior da Liga Camponesa, nas suas reuniões, alguém falar em política partidária e religião e qualquer coisa. Só se falava no interesse do camponês, o resto ficava de lado. Cada um podia ser comunista, ser católico ou protestante, o que fosse. Na Liga e nas reuniões da Liga não se discutia o problema nem religioso nem político, só se discutia o interesse dos camponeses, A luta contra o ‘cambão’ e pela reforma agrária. Nas Ligas, qualquer pessoa podia participar. Eu era agrônomo e professor, terminei presidente da Federação das Ligas Camponesas.”

“Tantas outras pessoas, que não eram camponeses, passaram a ser dirigentes das Ligas. Então, muita gente, aproveitando que os camponeses estavam se alfabetizando e o número de eleitores cada vez crescendo mais, muita gente queria se aproveitar da luta das Ligas para tirar proveito pessoal nas eleições, se candidatando, entrando numa Liga, se candidatando para pegar o voto dos camponeses e dos simpatizantes da luta pela reforma agrária. Então, a forma que nós encontramos foi sindicalizar, transformar as Ligas Camponesas em Sindicatos dos Trabalhadores Rurais porque, aí, qualquer um de nós podia, eu, a Ofélia Amorim, a Isa Guerra, todos nós podíamos continuar batalhando em favor da reforma agrária, em favor da luta dos camponeses, mas não podíamos ser mais dirigentes. Só quem poderia ser dirigente seria um trabalhador rural e por isso nós transformamos as Ligas Camponesas em Sindicatos de Trabalhadores Rurais, que ingressaram exatamente na Contag, em 1963.”

“É por isso que eu quero comunicar aos diretores da Contag que as Ligas Camponesas da Paraíba, de Alhandra, de Sapé e de todos os outros municípios, se transformaram em Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em virtude, exatamente, como um passo a mais, como uma segurança de que aqueles

órgãos iriam realmente defender os camponeses. E todos nós, que não éramos camponeses, podíamos continuar na luta, batalhando pela reforma agrária e a luta dos camponeses."

"Um outro fato importante, aqui foi citado, por ocasião da morte de João Pedro. Foram condenadas, para que alguém se lembre, as seguintes pessoas: o Sargento Francisco Pedro da Silva; o Cabo Antônio Alexandre da Silva; o vaqueiro Arnaud Bezerra; o usineiro e empresário Aguinaldo Veloso Borges; Pedro Ramos Coutinho de Ribeiro, dono da fazenda Miriri; e Antônio José Tavares, que era um político em Sapé. Todos foram condenados pelo juiz Walter Rabelo, da cidade de Sapé. No mesmo dia, a condenação foi às 10 horas, 10 ou 11 horas, pois bem, no mesmo dia, uma hora ou duas depois, Aguinaldo Veloso Borges, que era o sexto suplente de deputado, veio para João Pessoa e cinco deputados que estavam, na ocasião, exercendo o mandato, renunciaram, pediram licença para Aguinaldo assumir, e foi o que aconteceu. Duas horas depois da condenação, ele era deputado, aqui na Assembleia, naquela antiga Assembleia e, portanto, não podia ser preso."

"Veio o golpe de 64 e nenhuns desses condenados foram presos, até hoje. Já prescreveu o crime e ninguém conseguiu prender eles. Foram condenados, mas não foram presos. Isso é o que eu precisava informar para os companheiros, para que todos ficassem sabendo desses fatos e desses acontecimentos aqui, na Paraíba." (Aplausos)

Jornalista Waldir Porfírio: "Gostaria de chamar a Sra. Expedita."

Senhora Expedita: "Bom-dia. Meu nome é Expedita. Sou filha de Elias Quirino e Nilza Cardoso Pereira. Eu quero, em primeiro lugar, parabenizar toda a Mesa e todos os componentes; todos os que se encontram presentes por estarem fazendo esse resgate da história do Brasil porque, na verdade, tem se perdido ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, quero lamentar que o nosso processo de educação tem muito contribuído para essa lentidão, para esse silêncio. Na verdade, a gente não tem visto outro movimento, no nosso Brasil, a não ser o movimento dos Sem-Terra. Ninguém mais saí às ruas para reivindicar,

para protestar. Isso é lamentável porque, na verdade, isso é consequência de toda uma educação nossa, que está muito falha, que deixa muito a desejar com relação a essa consciência coletiva. Nós estamos com a consciência individual, muito rarefeita e a consciência coletiva ainda está mais precária, ainda. Então, isso, eu lamento porque, como professora, eu fico muito triste com essa realidade. A semente foi plantada, com a luta do meu pai, do Dr. Assis Lemos, de outros companheiros aqui presentes. Eu era muito pequena, mas também sofremos as consequências, sobretudo nos estudos. Alguns de nós que éramos crianças naquele tempo, tivemos os estudos interrompidos por conta da repressão nas nossas famílias. Muitos de nós só conseguimos resgatar o nosso estudo, de forma mais tardia. Poderíamos estar com um avanço bem melhor e contribuindo, bem mais.”

“Hoje, como educadora do estado, sempre tenho procurado participar dos movimentos, das lutas, mas está cada vez mais difícil. A luta de classe, como nós sabemos, ela é muito difícil e às vezes ela se perde no longo do tempo, por quê? Por questões partidárias e por questões de falta de consciência, mesmo, do nosso povo e da nossa classe.”

“Agora, eu aproveito o momento e peço aos dirigentes aqui, que também procurem ver algo de concreto, com relação a esses que já deram a sua luta, que, já, muitos derramaram o seu sangue, mas, que aqueles que ainda se encontram, que eu gostaria que dessem uma resposta também para aqueles que aqui se encontram, na faixa dos 80. Como é que anda, realmente, concretamente, com relação ao processo de indenização dos que sofreram com a perseguição do golpe militar? Há muita polêmica, muita propaganda, mas, de prático, nós, quase não sentimos nada. Só alguns que se destacaram mais tiveram sucesso. Esse ou aquele foi beneficiado. São essas as minhas palavras e muito obrigada a todos vocês. (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: “Chamo a Senhora Marilene.”

Senhora Marilene: “Meu nome é Marilene, tenho 46 anos. Eu sou filha de agricultor do Brejo e me lembro dessa época que as companheiras falaram aí.

Então, o que eu queria registrar e dizer para as companheiras, era que vocês não estão sós. Nós, do MST, continuamos essa luta. Estamos lutando por reforma agrária, mas eu gostaria, também, de dizer o seguinte. Hoje, ainda continua do mesmo jeito, em relação à polícia que devia defender nós. Os companheiros, trabalhadores aqui, sabem muito bem do que eu estou falando.”

“Eu queria dizer para Marina que nós temos um acampamento do MST no engenho Triunfo, que nós ocupamos. E esse acampamento, o nome dele é Nego Fuba. Nós conhecemos de cor e salteado, essa história.”

“Eu também queria dizer que, no dia 05 de agosto de 2003, a polícia, a rádio patrulha, não foi outra não, foi a rádio patrulha, invadiu – ocupar, somos nós que ocupamos, nós recuperamos aquilo, de volta, que nos tomaram há 500 anos – esse acampamento do Nego Fuba, de madrugada, com 80 policiais da rádio patrulha, e queimaram as coisas do povo e bateram no povo. Nesse dia, morreu um trabalhador de lá. Mas o que também mais indigna a gente é que hoje ainda continua acontecendo essas atrocidades. Os parlamentares dessa Casa sabem disso e nada fazem. A polícia é quem é a maior repressora, até hoje, no nosso estado. Infelizmente isso acontece, mas nós estamos aí, companheiros, e vamos dar as mãos.”

“A companheira que falava da questão da educação, eu me senti contemplada na fala dela. Para não tomar muito tempo, só gostaria de chamar o meio urbano para ter inveja dessa época das Ligas, porque eu fiquei, ali, com inveja, como as Ligas vinham na cidade e o povo se comprometia. Hoje em dia é diferente. Hoje, os trabalhadores são aquele pouquinho que luta e a cidade está cheia de favelados, cheia de pessoas passando fome e ninguém faz nada. O que é que nós temos? Política de assistencialismo e a gente bate palmas para isso. Minha gente, a luta é a reforma agrária, é que vai tirar esse povo, é que vai dar comer a esse povo não só do campo, mas da cidade. Então, era para isso que eu queria chamar a atenção, para a gente ter inveja desse tempo das Ligas. Era um tempo mais de repressão, mas o povo era mais organizado. Aí, o que é que acontece, hoje, com os trabalhadores que lutam por isso? Nós somos marginalizados,

nós ainda somos chamados de crime hediondo. Foi o que aconteceu, aí, com a CPI da Terra. Hediondo é o latifúndio, minha gente. Nesse estado, em todo o Estado da Paraíba, hediondo é o latifúndio que criminaliza os trabalhadores que lutam pelos seus direitos para trazer comida não só para a mesa dos seus familiares, mas da cidade. Porque se a reforma agrária não for feita, pior vai acontecer nesse mundo. Mas a gente da cidade não quer nem saber de nós que estamos acampados. Estamos a quase três semanas acampados na Lagoa e qual foi o movimento do meio urbano que se preocupou de saber por que o movimento dos Sem-Terra está aqui, na Lagoa? Denunciar a impunidade do massacre de Eldorado dos Carajás e cobrar a reforma agrária, cobrar o índice de produtividade que foi acertado, e ainda estamos trabalhando com o índice de 75. Então, a gente tem que, hoje em dia, minha gente, dar as mãos, como a professora falou. Cadê a educação? Uma educação que deixa a gente abestalhado. É essa a educação que a gente quer para os nossos filhos? Então, o meio urbano tem que se preocupar com o que está acontecendo. Por que os trabalhadores estão reclamando? Então, era isso que eu queria dizer para a companheira Marina que o acampamento Nego Fuba é uma homenagem ao seu irmão, sim. E nós estamos na luta. Reforma Agrária! Reforma Agrária! Reforma Agrária! (Aplausos).”

Jornalista Waldir Porfírio: “Bom, gente, agora vamos chamar Calistrato. Peço para sintetizar o máximo, porque tem uma mesa às 14 horas e já são 12h15min. Então nós vamos tentar utilizar os três minutos.”

Senhor Calistrato: “Em primeiro lugar, eu queria fazer uma saudação a esse resgate da história. É uma das histórias, na realidade, escondida, esquecida, mas é de uma importância muito grande um seminário dessa natureza. Eu sou um ex-presos político da ilha de Itamaracá onde fiquei dez anos preso. Depois de ser torturado, massacrado em Recife, Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, era jogado numa prisão e éramos todos nós condenados à prisão perpétua. Eu entrei no Partido Comunista Brasileiro em 1963. Com o golpe militar de 64, ocorreu esse massacre que o companheiro Assis Lemos e as companheiras disseram. O massacre ao povo brasileiro, em 67, foi ainda pior. Sob a liderança do companheiro

Carlos Marighela, nós saímos do partido para resistir à ditadura, sob a luta armada, sob forma de guerra, de guerrilha, porque não acreditávamos nas posições do Partido Comunista Brasileiro, por isso nós saímos dele. Saímos porque não acreditávamos, na possibilidade de uma coexistência pacífica, da conciliação de classe. Carlos Marighela, ex-deputado constituinte, do Comitê Central do Partido, foi expulso e nós o acompanhamos no chamado Agrupamento Comunista de São Paulo. Resistimos à ditadura. Muitos companheiros foram mortos sob tortura. Marighela morreu no dia 04 de novembro de 1969, mas nós continuamos a luta. Depois morreu Joaquim Câmara Ferreira, depois morreu Carlos Lamarca e nós na resistência. Eu, em 1971, fui preso, depois de um tiroteio na cidade de Olinda. Um companheiro morreu, quero denunciar aqui o envolvimento de Araújo, foi assassinado; eu e duas companheiras fomos presos e levados para o DOI-COD, que ficava no centro de Recife, e nós éramos torturados no Hospital Geral do Recife, na rua Gervásio Pires. Mas, digo que a minha posição, a partir de 1992, quando Roberto Freire quis acabar, quis liquidar o Partido Comunista Brasileiro, nós, de novo, o reorganizamos, porque sabemos que o PCB é um partido que se funde com a luta do povo e com a história do povo brasileiro. Hoje, estou aqui organizando o famoso partidão, sou presidente da Comissão Executiva Estadual e estamos aí para somar, dizendo, como o companheiro Zé Francisco, que a unidade é importante. Os nossos inimigos são tão fortes que nós não temos o direito de estar separados. Portanto, companheiros, é isso aí. É seminário como esse, é a luta do povo, é o Sem-Terra, são os partidos comunistas, são os movimentos sociais que devem se unir, pois a reforma agrária, ela é do tamanho da organização do povo. Nós sabemos que a burguesia, a classe dominante não tem interesse em patrocinar uma reforma agrária, isso ela não faz porque perde uma parte da propriedade privada. Portanto, meus amigos, toda solidariedade do Partido Comunista a reuniões, a seminários dessa natureza. Meu abraço e minhas saudações.” (Aplausos)

Jornalista Waldir Porfírio: “Vamos encerrar, passando a palavra para os companheiros palestrantes, para fazerem suas considerações finais.”

Senhor Assis Lemos: “Bom, meus amigos, todos estão sentindo que há uma necessidade muito grande de se realizar, de se repetir encontros como esse, em que as pessoas tomam conhecimento da história das lutas sociais no Nordeste e no Brasil. Eu quero parabenizar os organizadores desse evento porque é uma oportunidade muito grande, para reviver os fatos passados, as lutas dos paraibanos e dos nordestinos para que o Brasil possa realmente se libertar do sistema atrasado do campo e possa evoluir e crescer, como os outros países cresceram. Nós sabemos, é unânime o pensamento de que sem a reforma agrária nenhum país consegue crescer.” (Aplausos)

Senhora Marina: “Eu quero agradecer por estar aqui e fico muito feliz de estar aqui. E a luta continua, companheiros e companheiras. (Aplausos).”

Senhora Neide Araújo: “Bom, gente, movimentos como esse, e outros que virão, fazem parte da nossa história, a luta pela reforma agrária faz parte da nossa história. Nós precisamos dela porque com a reforma agrária nós teremos uma vida melhor, o nosso social será melhor. Eu quero dizer aos presentes que na universidade, na UEPB foi defendida uma Monografia: ‘Pedro fazendeiro e as Ligas Camponesas’. Eu tenho cópia dessa Monografia e vou tentar levar a uma editora para se transformar em um livro. Então, vocês vão conhecer melhor a história de meu pai. Fora os atentados que eu falei para vocês, houve muitos outros. Houve o atentado em Sapé, em que ele ficou com a perna mais curta, como a Marina disse, porque ele tem uma platina no fêmur e uma platina na omoplata, em consequência de um atentado. Houve o atentado de Itabaiana, que o companheiro Assis Lemos também sofreu, no mesmo dia, os dois estavam juntos. Então, o meu pai era aquela formiguinha que saía trabalhando, de casa em casa, para que o movimento andasse. Então, vocês vão conhecer melhor a história dele. Obrigada a todos e boa-tarde.” (Aplausos)

Senhora Elizabeth Teixeira: “Quero agradecer a todos, aqui, por estarem firme na luta por uma reforma agrária. Todos têm conhecimento da luta de João Pedro Teixeira, que foi quem iniciou essa luta no Estado da Paraíba, no município de Sapé. Eu agradeço pela firmeza, na luta por uma reforma agrária justa

em nosso país. Agradeço a todos os companheiros e companheiras que lutam, porque é com uma reforma agrária que pode melhorar as condições de todos os trabalhadores rurais do campo. Vamos firmes, continuar na luta. Muito obrigada a todos.” (Aplausos)

Jornalista Waldir Porfírio: “Bom, companheiros, nós vamos encerrar aqui. Eu gostaria somente de dizer que estou muito feliz. Eu comentava, ontem, com os companheiros da coordenação, a gente se reuniu até as 20 horas, que tinha esse sonho de juntar os camponeses desde 1995, quando trabalhei com o Deputado Zenóbio Toscano, durante dez anos, para organizar os processos de indenização dos mortos, dos desaparecidos políticos. Ele abriu o gabinete dele para receber os familiares dos mortos e desaparecidos políticos. A gente viajou, andou, foi quando eu conheci Neide, foi quando eu conheci Elizabeth, a gente fez o processo de João Pedro. Infelizmente, não ganhamos esse processo em Brasília porque não foi a mão do estado que o assassinou. Essa foi a alegação. Aí conheci essa figura querida que é Marina. A partir daí comecei a ajudar o deputado nesse processo de indenização e foi aí que eu conheci boa parte do pessoal das Ligas, o pessoal que participou da luta contra a ditadura. Para mim é um sonho estar aqui, ao lado, diante de muitos líderes daquela época, que para mim eram ídolos de papel e que depois passaram a ser líderes de carne e osso. Eu comecei a conviver, receber material dos seus processos e hoje nós temos um arquivo volumoso. Talvez o maior arquivo, na Paraíba, sobre a ditadura militar é o que está no gabinete do Deputado Zenóbio Toscano, graças a todos os processos que a gente organizou para enviar para Brasília. Bom, gente, damos por encerrada essa mesa. A parte da tarde começa às 14 horas, como o debate: ‘A Atuação dos Advogados, Intelectuais, Estudantes e Imprensa’. Obrigado a todos os participantes da mesa e aos integrantes da plateia.”

MESA III – A ATUAÇÃO DOS ADVOGADOS, INTELLECTUAIS, ESTUDANTES E IMPRENSA

Socorro Rangel, coordenadora da mesa: “Boa-tarde. É com muita alegria e com muita emoção que a gente começa essa segunda sessão, desse encontro tão bonito. Para a mesa a gente convida: a Dra. Ofélia Amorim, advogada das Ligas Camponesas, na Paraíba (aplausos); a Dra. Iza Guerra, coordenadora da Campanha da Educação Popular, no período das Ligas (aplausos); Adalberto Barreto, presidente da Associação Paraibana de Imprensa (aplausos); Gonzaga Rodrigues, jornalista que cobria os episódios e acontecimentos das Ligas (aplausos); Antônio Augusto Arroxelas, presidente da União Nacional dos Estudantes e membro do Bloco Estudantil Operário Camponês, na época das Ligas (aplausos). Bom, sem mais delongas, vamos começar com a fala da Dra. Ofélia.”

3.1 Depoimento da Dra. Ofélia Amorim

“Boa-tarde a todos os presentes. A minha emoção de estar aqui não é menor do que a dos companheiros que hoje, pela manhã, nos brindaram com suas palavras. Voltar à Paraíba, após 40 anos de ausência, exatamente nesse cenário da praça João Pessoa, da Faculdade de Direito, onde estudei, me deixa profundamente emocionada e com saudades de mim mesma, como diz o verso do nosso poeta maior. Saudades de mim mesma porque, talvez, eu tenha perdido, nos percalços dessa vida, um pouco ou talvez muito dos meus sonhos, do meu idealismo e hoje, aqui, com vocês eu estou recuperando isso, recuperando as minhas crenças num país melhor, numa sociedade mais justa e mais humana, pela qual eu lutei, juntamente com companheiros que estão aqui, na minha juventude tão longínqua.”

“Ao abordar a participação dos advogados nas Ligas Camponesas, eu gostaria inicialmente de prestar uma homenagem a dois advogados: o primeiro é Francisco Julião, o grande advogado que iniciou o trabalho comprometido da advocacia com a luta no campo. Embora, no Estado de Pernambuco, o trabalho de Julião se espalhou por todo o Brasil e trouxe uma nova consciência aos advogados, de então, que poderiam usar as leis existentes, embora retrógradas, embora protegendo os proprietários de terra, que elas poderiam ser usadas em defesa dos camponeses. E o outro advogado que eu gostaria de lembrar e rememorar aqui, é o Doutor João Santa Cruz. Esse, um paraibano que chegou a compor o Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, pelo 5º Constitucional, ou seja, indicado como o representante da advocacia, dentro do Tribunal de Justiça. Essa pessoa, essa figura humana, de uma grandeza, que todos nós que tivemos o privilégio de conviver com ela, éramos tocados por ela, essa pessoa também marcou para nós, advogados, e deu uma nova forma de advogar, uma nova forma de ver o problema jurídico.”

“Pois bem, foi dentro desse contexto, de uma nova advocacia, de uma advocacia comprometida com as lutas populares, que eu, uma estudante de Direito, em João Pessoa, nos anos de 57 a 61, me inseri. Em primeiro lugar, devo dizer, levada pela Juventude Universitária Católica (JUC) que se abria para um trabalho dos estudantes, uma luta dos estudantes comprometida com a realidade histórica, ou seja, com os problemas vivenciados pela sociedade, naquele momento em que nós estávamos estudando e vivendo. Em seguida, pelo Partido Comunista Brasileiro, na pessoa – eu acabo de perguntar a Assis Lemos o que é feito dela – do dentista Leonardo Leal. Então, eu gostaria, neste momento, ao rememorar nossa passagem pelas Ligas Camponesas, de lembrar também dessa figura humana, que não era advogado, era dentista, mas que dedicava o seu tempo quase que integral, até em detrimento de ganhar dinheiro para o sustento de sua família, para o trabalho nas Ligas Camponesas. Foi ele que me pediu para fazer um primeiro trabalho para as Ligas. Eu ainda era estudante de Direito e ele me pediu para fazer, ou seja me deu um livro de ouro, naquele

tempo existia isso, uma caderneta para que eu saísse pedindo dinheiro para as Ligas Camponesas. Era um choque, na João Pessoa daquela época, fechada, sem nenhuma abertura para os problemas sociais e até, digamos assim, morria de medo das Ligas Camponesas. Então, o nosso primeiro trabalho foi exatamente arrecadar dinheiro para as Ligas. Nessa época já havia o grande movimento de Sapé, que Assis, hoje, com muita propriedade, colocou e lembrou para vocês e que eu não vou fazer.”

“Mas, nós, então, começamos a ver que precisávamos trabalhar, quer dizer, advogar para aqueles camponeses. Como se daria essa situação, num processo de luta? Quer dizer, como seria o trabalho de um advogado num processo de luta tipicamente dentro da contradição capital e trabalho, com o Código Civil que protegia a propriedade como direito absoluto? Como nós faríamos isso? E como trabalharíamos também, diante das agressões que os camponeses e aqueles que se dedicavam ao trabalho, junto a eles, sofriam diariamente? Exemplo dessas agressões é o relato do nosso companheiro Assis Lemos, vítima dessa violência brutal ao ser espancado, digamos assim. Então, nós começamos a discutir e a pensar como fazer esse trabalho. Dizem que a lei sempre tem brechas, quer dizer, o problema é você ser um bom advogado para descobrir aonde existem essas brechas que você pode usar para defender aqueles que aparentemente a lei não está protegendo. E uma dessas brechas era exatamente a questão da posse, que no nosso Direito, como era no Código Civil anterior, de 1916, e é no atual, a posse é mais importante até do que a propriedade e ela independe de documentos. Então, o nosso trabalho começou a defender essa posse que os camponeses tinham; tinham até em razão de contratos tipo ‘cambão’, tipo a meia, tipo a terça etc. Eles detinham a posse. Como o Código diz, é uma situação de fato: eu tenho, eu seguro a terra que está na minha mão; eu posso, inclusive, advogar até em situações que implicassem em agressões físicas contra esse direito.”

“Então, os nossos primeiros trabalhos nas Ligas, como Julião fizera, em Pernambuco, ao defender os camponeses contra a retirada forçada do engenho do Cabo, começaram, exatamente, pela defesa da posse da terra em regiões

onde nunca tinha aparecido uma Liga, a região do Brejo Paraibano. Eu recebi a incumbência, juntamente com o companheiro Dantas, que amanhã deverá falar para nós, de trabalhar na região do Brejo da Paraíba, ou seja, Areia, Alagoa Grande, Lagoa Seca e Campina Grande. Quer dizer, nosso trabalho começou a se efetivar nessa região, onde a exploração era brutal nos engenhos de cana-de-açúcar, onde era comum o camponês ter a terra, plantar e quando tudo estava pronto para a colheita, ele ser despejado. Então, eu lembro bem que o meu primeiro processo foi exatamente assegurar o direito de um camponês que havia sido despejado. As Ligas trouxeram um fenômeno interessante. Embora detentores do poder absoluto, inclusive contando com o apoio da justiça e da polícia, os proprietários de terra, diante das reações das Ligas, começaram a ter um certo medo, um certo receio de, por exemplo, espancar os camponeses para que eles abandonassem a lavoura que haviam preparado, plantado. Então, começaram a fazer processos judiciais, notificavam para desocupar e se o camponês evidentemente não tivesse advogado, decorria o prazo que lhe tinha sido dado e ele seria despejado. Então, nós começamos a fazer esse trabalho de defender a posse. Quer dizer, quando eles entravam com a ação de reintegração de posse, nós contestávamos e íamos discutir na Justiça. Aparentemente parecia fácil, mas havia toda uma violência ao redor disso. Violência, ameaça, espancamentos, até, dos líderes e isso, como uma forma de, mesmo havendo processo judicial, obrigar os camponeses a desistirem e entregarem a terra, como era realmente o objetivo dos proprietários. Além dessa atuação, nós começamos a também defender os direitos trabalhistas. Até então, como Assis falou, hoje (vou sempre me referir porque a exposição dele foi bem completa, da situação existente, na época), os camponeses não tinham o menor direito, mesmo quando ele era empregado, quer dizer, não posseiro, nem meeiro, mas, quando ele era empregado. Ou seja, ele não tinha jornada de trabalho definida, ele não tinha férias, não tinha aviso prévio, naquela época ainda não tinha sido votado o 13º que foi uma grande conquista do trabalhador brasileiro, mas durante o governo de João Goulart.”

“Então, nós também começamos a atuar na Justiça do Trabalho. Por coincidência, havia sido criada a primeira Junta de Conciliação e Julgamento na cidade de Campina Grande, com jurisdição sobre exatamente as cidades do Brejo Paraibano, Alagoa Grande, Areia, Lagoa Seca e nós começamos a trabalhar lá. Por felicidade também, o primeiro juiz que foi nomeado presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, em Campina Grande, era uma pessoa socialista. Então, quando entrou a primeira reclamação contra um senhor de engenho, de Areia, ele – é lógico que a gente tendo a proteção do juiz, as coisas vão bem mais fáceis – deu a decisão favorável ao camponês. Quer dizer, pela primeira vez havia sido questionada a relação de trabalho sem os direitos assegurados ao trabalhador, seja do campo, seja da cidade.”

“Agora, além desse trabalho, também na área trabalhista, havia a parte criminal. É lógico que nós estávamos, ali, na defesa dos que fossem agredidos, dos que fossem espancados e a questão era um pouco mais complicada porque essa primeira fase do processo criminal se dá nas delegacias de Polícia. Naquele tempo, na Paraíba, só havia delegacia de Polícia nas grandes cidades. Na maioria das cidades o que havia era comissariado de Polícia. Esses comissariados estavam nas mãos de cabo da Polícia, no máximo de sargento, quer dizer, de pessoas que achavam que tinham o poder de vida e de morte sobre os camponeses e que viam as Ligas Camponesas como a representação do que tinha havido em Cuba. Então, era uma coisa até paranoica, um medo, e eles enfrentavam esse medo com violência contra o advogado e contra o seu cliente. Então, prendia um camponês, a gente ia lá para tentar ver se resolvia a coisa, ele não concordava, expulsava a gente do comissariado e nós tínhamos, então, que recorrer ao juiz de direito. O juiz também era, normalmente, contra as Ligas. Tinha a visão estereotipada que as Ligas ‘pegavam criancinhas, jogavam para cima e aparavam com a espada’, como diziam que os comunistas fizeram na revolução russa. Então, eles também negavam e a gente tinha que recorrer ao Tribunal, contra a ordem do juiz. Então, era uma luta muito desigual porque, mesmo na área judicial, os advogados desses proprietários contavam com o

apoio do juiz. Devo dizer, com toda honestidade, que no Tribunal de Justiça da Paraíba havia muitos desembargadores que eram pessoas com ideias socialistas, com ideias, pelo menos, humanistas, um deles era o Doutor João Santa Cruz, que era desembargador. Então, a gente atuava como advogado se valendo não só dessas brechas da lei, como também desse apoio, que tinha que ser velado, mas que se manifestava através de decisões. Então, começou e acho que nós demos uma contribuição nesse sentido, até porque eu era uma mulher, bem jovem. Hoje, eu estava lembrando, durante a fala de Assis, que quando eu me formei, no dia 09 de dezembro de 1961, as Ligas Camponesas me prestaram uma homenagem no teatro Santa Rosa. Quando eu acabei de colar grau, o presidente da Liga de Alhandra, que hoje, de manhã, estava aqui, subiu no palco com um buquê de flores e me entregou. Toda aquela cerimônia do Teatro Santa Rosa, fez muita gente chorar de emoção. E, no dia seguinte, eu fui com Assis para Sapé, para ser apresentada aos camponeses como a sua nova advogada e, eu lembro que muitos disseram assim: ‘Nossa, mas essa menina vai lá saber defender os direitos da gente’. Quer dizer, havia uma descrença no trabalho da mulher na nossa cultura, da época, e existia também, evidentemente, no meio camponês.”

“Então, a atuação dos advogados das Ligas se deu exatamente nessas três frentes, chamemos assim:”

“No Direito Civil, defendendo a posse dos camponeses contra as arbitrariedades;”

“No Direito do Trabalho, nas relações do trabalho, tentando impor o cumprimento da Legislação Trabalhista, que a nossa, a consolidação nossa é de 1943 e é, do ponto de vista Jurídico, uma Legislação muito avançada e protetora dos direitos do empregado. Só que ela não era nem conhecida, muito menos cumprida nos meios camponeses;”

“Na área criminal, tentando evitar, nós não podíamos porque a violência a gente não evita, a gente pode até fugir dela em determinados momentos, mas na maioria das vezes não se evita violência. A partir do momento em que você começa a contestar, a discutir e a tentar quebrar o poder, a violência surge como

consequência da luta. Então, a gente, na área criminal, tentava tornar o menos grave possível as punições que vinham sendo impostas, há muitos séculos, aos nossos camponeses.”

“Então, nós estávamos nesse trabalho, já estávamos até iniciando a formação de Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Gostaria de dar aqui um depoimento, eu acho que os sacerdotes que estão aqui presentes precisam saber disso, ouviu, Padre Cristiano? Gostaria de dizer que a Igreja, para combater as Ligas Camponesas que tinham uma orientação do Partido Comunista, começou a criar os sindicatos para se contrapor às Ligas. Então, o que era que existia em determinadas cidades? E até se chamava Sindicato Cristão. As Ligas não eram um movimento institucionalizado, era um movimento amplo, aberto. Tinha seu registro como Associação de Trabalhadores Rurais, como entidade civil, mas ela não tinha uma feição institucional como tem o sindicato. Então, o que fazia a Igreja? Nas regiões em que as Ligas estavam crescendo muito e derrubando um pouco o poder dos latifundiários, a Igreja criava o Sindicato Cristão e até muitos padres, nos sermões da Igreja, ameaçavam os camponeses, que se filiassem às Ligas, de excomunhão porque a Liga era comunista. Então, quem se filiasse seria expulso, não poderia nem casar, nem batizar os filhos. Então, o sindicato, inicialmente, começou com esse antagonismo e até, digamos assim, enquanto a Liga enfrentava o poder do latifúndio, os sindicatos tentavam dar ao camponês uma visão bem religiosa e isso dificultou muito o trabalho das Ligas, até o golpe de 64. Quando começou essa criação, os padres corriam antes que se fundassem o sindicato, oriundo das Ligas Camponesas, Os Padres criavam os Sindicatos Cristãos para não dar tempo de criar o sindicato das Ligas que iria contestar aquela orientação religiosa. Religiosa não do ponto de vista de luta, mas religiosa do ponto de vista bem institucional de Igreja.”

“Bom, então nós estávamos nessa disputa e eu vivi bastante isso. Quando veio o golpe de 64 (e aí eu acho que mesmo aqueles que não tinham nem nascido, na época, conhecem bem o que houve), a devastação que ocorreu aqui, no nosso estado. Digamos assim, foi o fim de muitas lutas que estavam no auge

da sua organização, que era a coisa mais importante, quer dizer, os movimentos sociais brasileiros estavam sendo organizados dentro de uma proposta de uma luta global pelo socialismo.”

“Então, tudo isso aconteceu, estamos aqui, hoje, vendo com satisfação que as sementes plantadas, germinaram, as árvores podem não ser as mesmas, mas continuam vivas e estamos muitos felizes de poder participar e ver isso, e rever as pessoas que fizeram parte dessa época tão rica e importante para a história do Brasil. Muito obrigada.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “A gente fica com vontade de ouvir muito mais, mas vamos ouvir, agora, um pouquinho da Iza Guerra, guerreira, contando também a sua experiência.”

3.2 Depoimento de Iza Guerra

“A primeira coisa que eu quero dizer é que estou muito feliz com essa sala cheia de mulheres porque quando nós trabalhávamos na Liga Camponesa, eram tão poucas que nós chamávamos a atenção. Não só as que trabalhavam como apoio, que é o caso da Ofélia e eu, mas, sobretudo das próprias camponesas que não tinham condições de se manifestar. Então, eu estou muito feliz de ver tanta mulher aqui, de chapeuzinho, batalhando, gritando: ‘vamos pela reforma agrária’. Só aí já está ótimo.”

“A outra coisa, eu quero agradecer o convite para vir para cá. Eu arrumei a mala correndo para vir encontrar vocês. Eu precisava disso porque quando um país passa grandes crises, como nós estamos passando, crises econômicas, sociais, éticas, é necessário recuperar a sua memória, a memória das suas lutas para que a gente não se sinta derrotado, para que a gente não pense que todo sacrifício foi em vão. Então, é fundamental que se faça isso que vocês estão fazendo, para que nós possamos pensar juntos, refletir e ver que nós não somos os vencidos. Nós somos aqueles que conseguimos construir aquilo que vocês estão fazendo, dando um passo de qualidade à frente do trabalho que nós fizemos.”

“Nós, hoje, estamos vendo aqui que Assis contou a grande luta, as misérias em que viviam os camponeses naquela época. E apesar de nós estarmos tão

longe da reforma agrária, nós temos conquistas e uma conquista que ninguém pode tirar, que é a construção da consciência coletiva, da capacidade de luta, da falta de medo. Então, nós estamos aqui porque nós não temos medo deles, nós conseguimos passar uma ditadura e sobrevivemos e vocês recuperaram, juntos, a história das Ligas e estão construindo um movimento forte, combativo, consciente, que está sabendo muito claramente o que quer. Então, agradeço a todo mundo, estou feliz mesmo, embora tenha chorado uma barbaridade, pela manhã.”

“O que vocês querem saber é: o que era a CEPLAR? O que era que vocês faziam? Era a Campanha de Educação Popular que começou nos anos 60, na universidade, com um grupo pequeno de estudantes e depois foi se desenvolvendo e terminou somente em 64 com o golpe militar. Essa campanha tinha por objetivo a alfabetização de adultos. Ela tomou um impulso muito grande a partir de 62 quando nós encontramos Paulo Freire que nos ensinou um método mais fácil de trabalhar, mais rápido de alfabetizar. A grande pergunta é: por que vocês, estudantes que moravam na capital, tiveram interesse pelos subúrbios, tiveram interesse pelos pobres da periferia? Por que foram bater em Sapé, onde estavam construindo as Ligas Camponesas?”

“Algumas coisas são muito interessantes da gente ver. A primeira é que essa geração era a geração que vinha da Ação Católica, da JUC. A Igreja estava extremamente dividida nessa época. De um lado nós tínhamos as propostas da *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, para construir uma outra via de desenvolvimento que não fosse nem o comunismo, nem o capitalismo, e então a Igreja investiu muito forte na formação de militantes. Mas, acontece que os militantes, isso acontece com todo mundo, quando você encontra uma luta popular forte, você começa a desmoronar o seu quadro teórico bem organizado. Então, a realidade era bem diferente do que a gente estava propondo; a realidade mostrava que nessa luta entre rico e pobre, nós tínhamos que fazer a escolha, nós não podíamos ficar no meio do caminho, e a escolha gradativamente foi indo para o lado dos pobres. Isso se deu e tem marcos muito profundos. Um desses marcos foi quando o movimento da JUC se aproximou das Ligas Camponesas, em 61/62, e nós nos

vimos diante de uma realidade que nem a Igreja, nem a ideologia proposta, nem a terceira via nos respondia. Nós tínhamos que estar do lado dos camponeses lutando pela posse da terra e pelo seu direito, ou então nós não podíamos fazer nada. Foi muito interessante porque houve uma reunião, no Rio, com os bispos e eles nos botaram uma faca no peito: 'Ou vocês deixam de trabalhar com as Ligas Camponesas ou vocês serão expulsos da hierarquia da Igreja'. Olha, vocês não podem imaginar como nós adoramos isso. Nós saímos da JUC, nós criamos a Ação Popular (AP) e a partir daí nós podemos entrar numa visão mais pluralista da história. E aí nós começamos a namorar o Partido Comunista – não foram as pessoas, foram os dois grupos, embora tenha havido namoros também –, nós começamos então a estudar marxismo. Imaginem aonde? Na Associação Paraibana de Imprensa, nas segundas-feiras, escondidos. Eu estudava numa faculdade de freiras e não podia estudar Marx. Então, nós dizíamos que ia estudar não sei o que e íamos lá e encontrávamos Assis, Leonardo, Adalberto, a turma da pesada, e nós começamos a ver que era possível ser cristão, ter uma ética forte, ter um compromisso social e ao mesmo tempo aprender Marx. Então, isso foi muito importante para nós porque nós começamos a entender a questão da formação da consciência, da luta de classe. Por que os proprietários não gostavam dos camponeses? Mas, é evidente, os camponeses queriam a terra que era a posse deles, então não podiam ser amigos.”

“Então, enquanto nós fazíamos esses estudos, nós fazíamos alfabetização nos bairros da periferia de João Pessoa. Entramos em contato com Paulo Freire que tinha desenvolvido o método de alfabetização e aí a CEPLAR avançou a campanha de educação popular. Ela queria trabalhar com as lideranças e as lideranças estavam se formando em Sapé, nas Ligas Camponesas. Hoje, escutando a Elizabeth falar, a Marina, todos que falaram hoje, lembrei-me do meu primeiro encontro com Pedro Teixeira, quando ele me levou para Sapé – naquele tempo eu era bem novinha – e diante daquela quantidade de homens eu tinha que falar com eles sobre os direitos deles e que era importante que eles soubessem ler e escrever para que eles pudessem trabalhar e entender

as leis contra as quais eles estavam lutando. Então, essa reviravolta dentro da CEPLAR foi muito importante porque até então ela estava abrindo espaços, mas nós tivemos que trazer uma pessoa, nosso guru, que era o Paulo Pontes. Ele era um comunista conhecido. Um rebelde e um rebelde com causa, que começou a trabalhar a questão da cultura popular e a cultura popular a partir daquilo que o povo sabia.”

“Como é que nós poderíamos trabalhar e fazer com que se desenvolvesse a consciência, a politização, a capacidade de organização que os camponeses já tinham, mas que eles precisavam dar uma orientação melhor? Para isso era necessário ter um instrumento na mão que era a alfabetização. Então, nós começamos a fazer alfabetização em Sapé. Nós íamos no final de semana. Em Rio Tinto, foi muito interessante porque era muito organizado, e disseram: ‘Olha, Isa, você faz assim: vocês preparam as nossas filhas e elas alfabetizam a gente, vá para outro lugar aonde não tem gente alfabetizada’, e nós íamos. E Paulo ia à frente com seu teatro, abrindo espaço para discussão. Então, foi uma experiência extremamente forte não só do ponto de vista emotivo, pois ela nos fez amadurecer (nós todos jovens, na faixa de 18, 19 a 21 anos), nos fez amadurecer para entender que o Brasil não poderia ser diferente, sair daquele marasmo se não fossem juntos camponeses, operários, intelectuais, estudantes, profissionais que tinham que juntos fazer o esforço coletivo de superação da miséria. E isso, acho que no pouco tempo, dos anos 61 a 64, aconteceu na Paraíba de uma maneira bastante forte. O que nos faz pensar por que é que na Paraíba isso foi possível acontecer? Por que é que foi possível ter essa ligação com todas as diversas dimensões da população, naquelas formas de luta. Eu tento encontrar uma resposta e eu acho que uma delas, importante, era que na população da Paraíba, em 1960, 69% de pessoas de 14 anos para cima eram analfabetas. Então, isso é uma tragédia em qualquer lugar e, ao ter consciência dessa tragédia, cada um de nós, na sua posição, na igreja, no partido, nós dissemos: ‘Nós não vamos poder aceitar isso’. Também existia no mundo um movimento que facilitava a nossa própria conscientização, que era a Revolução Cubana, que eram

os grandes movimentos sociais na Europa que nos davam esperança, que dava vontade de entrar nessa onda da história para construir alguma coisa de útil.”

“Agora, eu vou parar porque os outros vão falar, depois vocês perguntem o que quiserem. Agora, eu quero dizer para vocês que essa esperança continua. Eu sou utópica inveterada, doente. Estou sempre acreditando, tanto que eu estou terminando um projeto, no Amapá, de alfabetização. Fiz alfabetização com os camponeses do Chile. Aqui, eu fui presa e fui exilada. Fiz também em Costa Rica. Nunca estive longe da terra, nunca estive longe dos camponeses porque eu acho que daí é aonde está realmente o problema central que é quebrar o direito da propriedade dos senhores. Depois a gente fala mais.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “Eu queria pedir licença para a coordenação do encontro, para fazer uma coisa que não estava programada. Queria pedir licença para o Senhor Elias, de Alhandra, para repetir, agora, neste momento, o seu gesto de levar flores para Ofélia, no dia em que ela se formou. Vamos dar flores para elas, para as duas (Ofélia e Marilene, representante do MST), para essas meninas lindas que fizeram e fazem a história das Ligas. (Aplausos). Bom, agora os meninos podem falar. Adalberto Barreto.”

3.3 Depoimento de Adalberto Barreto

“Companheiros, a Associação Paraibana de Imprensa teve ligações, muito profundas, com o movimento camponês, que hoje relembramos, e não somente com o movimento camponês. A API se fez o ponto de encontro e o palco para os movimentos sociais que eclodiram naquela época, em nosso estado.”

“Minha eleição à presidência já fora lance do movimento de rebelião. A vanguarda de esquerda na imprensa, liderada por Gonzaga Rodrigues, e com apoio da maioria, ativa ou passiva, empreendera com sucesso a tomada da API. O velho e querido José Leal nem por isso deixou de ser aliado de seu nicho histórico para dar curso livre à torrente revolucionária que nos arrastava. Era torrente revolucionária, mesmo. Nossa ambição política não se satisfazia com as reformas do figurino, ainda burguês, de Darcy Ribeiro. Queríamos todo o

poder que se irradiava da Revolução Cubana e do vôo orbital de Gagarin. Não tínhamos armas nem organização de luta, mas sobrava a força da convicção e do entusiasmo intensos que repercutiam fácil sobre a atmosfera de revolução que envolvia toda a América Latina. Nosso arrojo, ainda que só retórico, vencia os indecisos, atraía os oportunistas, ocupava espaços de poder no governo estadual, ainda inseguro quanto ao desenrolar dos acontecimentos. Os golpistas estavam certos. Com o apoio decisivo dos militares, agiram a tempo. Para o bem ou para o mal, teríamos feito a revolução socialista naquele momento.”

“A partir de minha eleição na API, ela se transforma em espaço aberto à agitação de ideias libertárias que empolgava o país e o nosso estado (aplausos). A API estava sempre aberta, do dia à noite, para a troca de novidades políticas, para as palestras, para as conferências, para os debates, para as entrevistas engajadas. Tornou-se a antessala da imprensa paraibana e o grande palanque para todos os discursos da revolução em vias de acontecer.”

“Se Pedro Fazendeiro tinha alguma truculência no campo a denunciar, era na API que se fazia ouvir. Se era Brizola a visitar a Paraíba, era na API que primeiro desembarcava o seu discurso flamejante. Todas as mentes de esquerda afluíam aos seus salões para discutir a leitura do último livro, para comentar o último progresso da luta operária, para aplaudir a última conquista dos países socialistas. A API se convertera, de fato, na grande caixa de ressonância de nosso fervor revolucionário. Plenário permanente dos movimentos de esquerda na Paraíba, entre eles tinham acústica especial os atos de insubmissão que explodiam no campo. O movimento camponês foi certamente o levante mais organizado, consciente e arrojado de quantos existiram naquele período.”

“O General Costa e Silva, então comandante do IV Exército, sediado em Recife, convoca o Diário de Pernambuco para uma entrevista – foi no setembro anterior ao golpe, se não me engano. Assunto: denunciar a API como o grande foco da subversão na Paraíba. Arrependo-me de não ter emoldurado a entrevista para exibi-la entre os troféus de suas glórias, embora fosse pequena a chance de sobreviver ao furor crematório daqueles que nos substituíram, de

carona, no golpe.”

“A projeção que a API ganhou, naquele momento, como porta-voz de camponeses, de estudantes, de trabalhadores urbanos e intelectuais, teve naturalmente suas causas para ser o que foi. A mais simples, a geofísica: a centralidade da sua sede numa João Pessoa ainda unicêntrica, que só mais tarde se dispersaria no policentrismo de agora. E estava sempre de portas abertas, oferecia o cafezinho bem-feito de Dona Marieta. A causa mais importante: seus dirigentes e aliados exerciam grande influência no aparelho de comunicação do governo Pedro Gondim. Presidente da API, eu era diretor da rádio Tabajara e desconfio, por isso mesmo, escolhido presidente. Gonzaga Rodrigues, Severino Ramos, Jório Machado, Firmo Justino e muitos outros dispunham de espaço livre no jornal ‘A União’, dirigido no primeiro Governo Gondim, por Otacílio Queiroz, e no segundo, por Hélio Zenaide. Os outros jornais acompanhavam a maré montante da revolução, mesmo à revelia dos seus dirigentes. A revolução estava no ar e dissolvia as resistências menos firmes.”

“Mais do que da índole liberal reconhecida de Pedro Gondim, o movimento aproveitou a hesitação, ante o desfecho que poderia tomar o teatro político nacional, que por algum momento pendeu a favor do projeto Goulart, das reformas de base. Seu liberalismo não resistiu e se acomodou à ditadura do golpe. Ainda assim, foi o melhor governante daquela fase de transição, em nosso estado.”

“Televisão, ainda no futuro, rádio e jornal dominavam a comunicação de forma absoluta. O jornal A União e a rádio Tabajara eram então os veículos de informação mais influentes do estado. Lembro o confronto de Miriri: camponeses armados com ferramentas de trabalho impuseram algumas baixas a sicários alugados ao latifúndio. O evento foi reportagem exclusiva de A União, com veículo de transporte e cobertura da rádio Tabajara, e os vilões da reportagem gêmea não eram os camponeses, eram os latifundiários mandantes.”

“Caberia indagar. Movimentos regionais, como as Ligas Camponesas, poderiam prosperar agora, sob as luzes bem vigilantes e seletivas da televisão central,

se o seu sucesso dependesse de simpatia da mídia? Acho que não. Sob o império da televisão, rádios e jornais locais perderam força de informação e opinião e as próprias afiliadas são brechas locais muito estreitas que pouco veem a realidade à sua volta. O regional e o local caíram na obscuridade em nosso país. Antes dela, rádios e jornais regionais dispersavam o poder político e cultural; agora vivemos sob a ditadura da televisão centralizada, que o fragmentarismo caótico da internet não consegue atenuar.”

“Enquanto diretor da rádio Tabajara, tive plena liberdade de programar, de informar e de opinar. O Salão de Debates, entregue a Severino Ramos, entrevistava Pedro Teixeira, José Joffily, Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes. Os atos da luta camponesa e dos trabalhadores urbanos recebiam cobertura pronta do Repórter Tabajara, apresentado, de hora em hora, por Paulo Rosendo. Os grandes concertos populares musicavam nossas mensagens de revolução. O jornal A União não fazia por menos. A API era o vértice e a fonte de alimentação desse triângulo bem articulado de comunicação politizada. Foi por isso que Assis Lemos teve a ideia, logo aceita pelos líderes dos movimentos de esquerda, de me fazer presidente da Frente de Mobilização Popular da Paraíba. O aparato de guerra que o Major Cordeiro montou para nos prender, em sua sede, era a evidência do quanto a API parecia temível. Suspeitavam que o andar térreo estivesse erigido das armas vindas de Cuba. Esquecíamos, em nosso entusiasmo quase infantil, que os limites existiam. Por algumas horas ousei que a rádio Tabajara aderisse à cadeia radiofônica liderada pela emissora Farroupilha, por onde Brizola lutava bravamente pela posse de Goulart. Alguns meses depois de minha prisão no 15º Regimento de Infantaria, foi a primeira, era demitido por Pedro Gondim, mas não me deixava sem emprego.”

“O movimento camponês era certamente a grande força revolucionária da região e quem sabe do país. Assumia características tão poderosas de unidade, de mobilização e ousadia que terminou por infundir verdadeiro pânico no seio das forças reacionárias já acuadas, principalmente entre os latifundiários. Consta que piquetes de camponeses, em trecho da BR-230, próximo a Café

do Vento, paravam todos os veículos que passavam. O pedágio a pagar era os passantes gritarem lemas à revolução. Entre eles aconteceu de estar Renato Ribeiro Coutinho, usineiro e símbolo da reação em nosso estado. Dizem que não teve alternativa senão gritar vivas a Fidel Castro. Creio que o medo gerado pela força já acumulada, e também pelo potencial do movimento camponês, particularmente na Paraíba, foi uma das causas detonantes do golpe militar.”

“Já li que as forças sociais do campo não mais teriam papel relevante a desempenhar na revolução brasileira, ainda por fazer, revolução aqui entendida em seu sentido menos cruento. A industrialização urbanizou o país. A população rural ficou reduzida a pequena fração da população total. As grandes lavouras de exportação se robotizaram para fugir ao emprego. O algodão que o Nordeste podia produzir, empregando milhões, é produzido nos cerrados por algumas máquinas de funções integradas. Acontece que a globalização é, sobretudo, a corrida mundial, para o menor salário onde ele estiver. O capital está agora liberto das suas prisões geográficas pelas comunicações, em tempo real. A Ásia mais a África, na fila, represam o imenso reservatório de braços ansiosos por exploração; exército quase infinito de mão-de-obra de reserva que se oferece ao capital, a preço miserável. As indústrias brasileiras já se transferem para a Ásia ou deixam de produzir no país componentes ou produtos que podem importar, mais baratos. Nossas exportações de soja já revertem aos grãos e o couro vai substituindo as exportações de calçados. Os juros astronômicos e o Real valorizado colaboram para isso. A urbanização vai se degradando em vasto, caótico e conflituoso amontoado de desemprego.”

“O trabalho perdeu mesmo o poder de barganha contra a globalização volátil e fugidia. As conquistas sociais da Europa ainda se mantêm ao preço da estagnação e do atraso relativo. Logo cairão. Se a ONU tivesse a vontade e poder para tanto, resolveria os problemas do mundo com decreto extremo: instituiria um salário mínimo justo, jornada de trabalho de três horas, com semana de apenas quatro dias, e férias longas – isso, obrigatório para todos os países. O desemprego seria abolido e a prosperidade viria geral. A competição se deslocaria do

menor salário para a inovação tecnológica e para a eficiência, isso porque o grande desafio de nossa época resulta da perda do poder de pressão do trabalho, ante a mobilidade geográfica, sem mais barreiras que o capital conquistou, agora livre para apropriar-se de posição cada vez maior, da mais valia criada. Como a ONU não tem a vontade e poder, ainda menos o Brasil, já de salários mais altos do que a China ou a Índia, depara-se com o desafio de encontrar abrigo para o desemprego em massa e crescente. Desemprego a derivar para a economia clandestina do crime como forma de arrancar umas migalhas da renda concentrada nas elites.”

“No meu artigo, de hoje, no Jornal da Paraíba refiro estudo do IBGE, segundo o qual os bolsões mais cruéis de miséria do país se localizam na região de mata úmida do Nordeste, Paraíba incluída. Há aqui dois paradoxos: os bolsões de miséria acontecem onde as lutas camponesas foram mais intensas e não acontecem no espaço semiárido das secas repetidas e, sim, na mata úmida. Seríamos tentados a concluir que aquelas lutas foram em vão. E referia os dois mecanismos de evasão ao problema da terra nunca resolvido: a repecuarização que desemprega para fugir às leis de proteção ao trabalho e o êxodo em massa, quase todo de origem rural. A Paraíba exhibe o maior coeficiente nacional de emigração: 40% dos nascidos em nosso estado desertaram a sua terra a procura de melhor destino.”

“Vejo o MST como a possibilidade, a um tempo, de freio na origem e de retorno ao campo da corrida urbana que se frustrou. O Brasil dispõe de terras aráveis em abundância e de vasta mão-de-obra ociosa no campo e principalmente nas grandes cidades. Talvez possamos fazer a inversão do modelo clássico de desenvolvimento para construirmos nova civilização de base agrária, que se combinaria à indústria rural de mão-de-obra intensa e produções de consumo universal. Seria repetir o modelo chinês com um pouco do australiano, com a enorme vantagem de possuímos terras férteis, ainda livres, em escala tão grande que nenhum país se compara ao nosso. Utopia, talvez, de um camponês não convertido aos encantos da civilização urbana.”

“Além das pessoas que já mencionei, faço mais alguns registros da amizade e do reconhecimento: João Santa Cruz, Iza Guerra, Maria Amélia, Ofélia Gondim, João Manoel de Carvalho, Paulo Pontes, Iveline, Malaquias Batista, Linduarte Noronha, Pedro Santos, Batistão, Maia, Leonardo, Dorinha, Zito, José Sabino, José Gomes, Janiro Pontes, Figueiredo Agra. Eles e muitos outros contribuíram, com igual fervor, para a fantasia revolucionária, que por pouco não se realiza, e foi muito bela enquanto durou. E com vocês, agora, eu descobro que essa fantasia ainda dura. Muito obrigado.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “Agora, passo a palavra para o jornalista Gonzaga Rodrigues.”

3.4 Depoimento de Gonzaga Rodrigues

“Boa tarde, meus amigos. Eu tenho muito pouco a acrescentar ao testemunho de Adalberto Barreto e não podia ser diferente porque, ambos, somos do mesmo setor, do mesmo eito, trabalhamos juntos e continuamos juntos. Apenas, eu queria detalhar um aspecto. Por que a imprensa daquela época era mais atuante, digo melhor, mais militante, mais participativa? Por que isso? Eu não sei responder como teórico, muito menos como estudioso, mas como homem prático, e tiro por mim. Por que eu, que fui educado para ir para o seminário, que tinha uma mãe devota, anticomunista, aderi à causa do socialismo, das Ligas Camponesas e mais que viessem? Por quê? Ora, como vimos do depoimento de Iza Guerra, como vimos do depoimento de Ofélia, como vimos desse testemunho de Adalberto, existia um clima, existia um ambiente e existia um modelo. Um modelo que hasteava as nossas esperanças. Um modelo que crescia, que educava, que nos dava uma ideia prática não de igualdade, mas de uma vida menos difícil e menos desigual. Então, tinha, acima de tudo, esse modelo. Tinha, no âmbito do Brasil, uma imprensa participante, ligada, que aderiu ao problema. Uma imprensa não apenas local, mas uma imprensa nacional.”

“Existia, através do partido ou de outras instituições, uma cruzada de conscientização. Não sei se vocês estão lembrados dos cadernos do povo, dos

semanários, sem falar nos órgãos do Partido Comunista que tinham uma circulação restrita, mas órgãos de opinião, e sem falar nas pessoas que trabalhavam na imprensa burguesa, mas tinham as suas ideias. Então, tivemos, aqui, o caso de João Pessoa, como Adalberto muito bem frisou. Quais foram os órgãos que mais foram à frente do movimento? Quais foram os órgãos que mais colaboraram com o movimento? Quais foram os órgãos para os quais o camponês tinha um caminho certo e recorria, aonde João Pedro entrava certo, aonde Assis entrava certo? Os órgãos oficiais, os órgãos do governo, os órgãos que a gente podia pensar que era da repressão. Isso foi possível por que o governo autorizou? Não, porque existia uma consciência nas redações, fermentada pela onda geral, fermentada pelos modelos. Existia uma consciência que permitia isso e nós íamos ao limite.”

“Em 62, quando o governo do estado destronou Adalberto da rádio Tabajara e Hélio Zenaide de A União, nós saímos de A União, a redação inteira saiu de A União. Firmo Justino de Oliveira, Jório Machado e outras pessoas que não tinham nem vinculação com o movimento nem com o partido, mas nós saímos solidários e fomos trabalhar em outro jornal ou não trabalhar em jornal nenhum.”

“Então, isso o que Iza falou, e que eu achei tão bonito, essa formação da consciência, essa construção da consciência, isso foi a diferença. Fez a diferença, no meu entender. Fez tanta diferença, que eu me lembro, eu me recordo, que em um dos comícios de Sapé, eu estou no meio da multidão, e João Pedro a um canto. João Pedro, se eu não me engano, era o único líder que não falava, era o único líder que não parecia líder, se confundia com o povo, com a sua gente, ele era o homem da ação, a retórica era com os outros. Assis falava, Joffily falava, Osmar falava, todos falavam, João Pedro agia, quase que escondido, discretamente a um canto. Então, me lembro, naquele arrocho, naquela multidão de Sapé, de um domingo, em Sapé, corta a multidão um dos proprietários rurais de lá, da região, e quando ele vai cortando, um dos camponeses, que estava ao nosso lado, olha assim e diz: ‘E o que é que esse latifúndio está fazendo aqui?’

Quer dizer, o latifúndio, que é substantivo, virou adjetivo na boca do camponês. Então, houve uma construção de consciência.”

“Eu me recordo que quando agrediram Assis Lemos, e ele ficou no pronto-socorro, num dia de segunda-feira ou terça-feira, num dia comum, numa manhã comum, chega Osmar de Aquino, no Ponto de Cem Réis. Estávamos tomando café com três amigos apenas e ele disse: ‘Vamos protestar, temos que protestar. Vamos fazer um ato público para a gente protestar’. Então, um dos que estava conosco disse: ‘Olha, o melhor lugar para a gente protestar, agora, é Sapé. Vamos para Sapé’. E fomos, numa segunda-feira ou terça-feira, não me lembro bem, para Sapé. Em Sapé, também não era fácil e fomos a Ivan Figueiredo, o vereador de Sapé, nosso aliado. E disse Osmar: ‘Ivan, aonde é que a gente pode protestar? Temos que fazer um comício, não é possível’. Pegamos um caminhão e fomos para Miriri, e lá do alto de Miriri, que era uma fazenda, era um engenho tomado pelas Ligas, os proprietários desapareceram, lá tocaram búzio e à medida que o búzio foi tocando, o povo foi descendo, ninguém viu, não sei de onde vinha aquele povo, em instantes, não é ficção, em poucos minutos nós tínhamos gente para mais do que um comício. Isso foi tão importante na minha vida, que anos depois, muitos anos depois, eu, em um terraço de João Pessoa, em um dos terraços dos mais importantes de João Pessoa, estava lá o general, comandante da Guarnição Federal, conversando com o Ministro José Américo, e eu estava com o Ministro José Américo e não adivinhava que fosse chegar o general por lá. Então, eu fui apresentado ao general, aí o general olhou para mim e disse: ‘Gonzaga Rodrigues?’ Eu disse: ‘Sim, senhor. Tem alguma coisa contra mim, general?’. Ele disse: ‘Não, mas já vi o seu nome’. Eu disse: ‘Em quê, general?’. Ele disse: ‘Numa fitinha que gravaram em um comício que você fez, em um lugar do interior’. Ora, a única palavra que eu dei foi nesse comício de Miriri. Quer dizer, existia uma consciência, existia um movimento, existia uma revolução, como Adalberto disse, existia uma revolução e tanto existia que houve esse golpe terrível que nós sofremos, que não foi arquitetado aqui, foi arquitetado fora, como todos vocês sabem. Aqui nós fomos apenas manietados para

dar execução ao golpe. Ela era importante e esse nascedouro foi aqui. E de onde veio? Das pessoas mais insuspeitáveis, uma revolução que não veio de nenhum intelectual, pode ter vindo, mas que chegou nas mãos dos camponeses, dos operários. É aí aonde está a minha esperança e é esse o meu depoimento. Muito obrigado.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “Muito obrigada. Agora a gente vai ouvir Antônio Augusto Arroxelas, presidente da União Estadual dos Estudantes e do Bloco Estudantil Operário Camponês.”

3.5 Depoimento de Augusto Arroxelas

“Senhora presidente da Mesa, é um prazer redobrado de rever, de ouvir Iza Guerra, a nossa querida lutadora Ofélia Amorim, a emoção das palavras que emocionou a todos nós, do nosso Adalberto Barreto, fazendo lembrar a grande casa da democracia na Paraíba, que foi a API e Gonzaga Rodrigues.”

“Eu tenho como um dos símbolos da minha vida a tartaruga, porque ela representa a persistência, procura sempre um mesmo destino. E o que é que nós verificamos aqui, neste momento? Estamos aqui, depois de 40 anos, mas acreditando que a luta pelo socialismo continuará até chegarmos àquele objetivo, pelo menos é assim que eu penso e é assim que eu luto.”

“Quero aproveitar e entre três saudações especiais: uma, a Francisco de Assis Lemos que foi o nosso grande líder, durante aquele período que antecedeu o golpe de estado de 64; a outra, a um jovem jornalista que não está fazendo o que a grande maioria dos historiadores da Paraíba faz, contar a história oficial do governo de plantão, se chama Waldir Porfírio, que vem fazendo, vem conduzindo a história da maneira como o povo deseja que ela seja escrita; e não poderia deixar de saudar, daí mais uma vez voltar ao símbolo da tartaruga e da persistência, o movimento Sem-Terra, o grande filho das Ligas Camponesas no Brasil.”

“Fui presidente da União Estadual dos Estudantes da Paraíba. Tive a sorte e a felicidade de suceder a dois grandes colegas: Lindemberg Farias, o pai; e Hamilton Gomes, pela ordem. A União Estadual dos Estudantes da Paraíba era

afiliada à União Nacional dos Estudantes. Cada estado do Brasil tinha a sua União Estadual, todas filiadas à União Nacional dos Estudantes. A União Nacional dos Estudantes, por sua vez, era filiada à União Internacional dos Estudantes, com sede em Praga, na Tchecoslováquia Antiga, no Leste Europeu, na parte comunista da Europa, à época.”

“Eu assumi a União Estadual dos Estudantes como um candidato de consenso, em decorrência dos fatos históricos que antecederam às eleições. Tinha havido a luta pela legalidade, pela posse do Presidente João Goulart, que era o vice-presidente da República, e que, com o afastamento do Presidente Jânio Quadros, que renunciou, não queriam os militares, em um ensaio do golpe militar, que eles terminaram dando em 64, não queriam dar posse ao vice-presidente da República. Houve uma luta na Paraíba, em que participaram os estudantes, jornalistas, estando à frente a API, e daquela luta surgiu uma candidatura de consenso para a União dos Estudantes da Paraíba. Meu nome foi indicado para presidente, por unanimidade, e a minha ligação, à época, era com a Juventude Universitária Católica (JUC) e, praticamente, a União dos Estudantes tinha duas grandes correntes: a JUC e o PCB. Mas todos se uniram e houve uma composição, repetindo o que tinha ocorrido na União Nacional dos Estudantes, com a eleição do Aldo Arantes, que era da UNE, para presidente, e o vice, Roberto – estou esquecido, agora, do sobrenome, era um gaúcho –, que era do Partido Comunista Brasileiro. E a nossa diretoria tinha como 1º vice-presidente de assuntos nacionais, Raif Fernandes, que foi desembargador e aposentou-se há poucos meses; 2º vice de assuntos estaduais, José Coriolano, da Politécnica, na época; 3º vice de assistência universitária, Jackson Maia, de Farmácia; 4º vice de assuntos educacionais, digam quem? Iza Guerra – na época chamava-se Faculdade de Serviço Social; secretário-geral, Carlos Pereira de Carvalho, depois substituído por Aramis Alves Ayres; 1ª secretária, Valdete Macedo; tesoureiro, Samuel Pederneiras; diretor de patrimônio, o saudoso José Gonçalo, de Direito, também. A Paraíba Universitária, que funcionava nas páginas de A União, teve três diretores: José Juvêncio, de Medicina; Expedito Pereira, de Medicina; e

Carlos Augusto Carvalho, o Carlito, de Direito; secretário da presidência, Marcos Jácome, de Direito; diretor de propaganda, Artur Cantalice, de Engenharia; diretores do Restaurante Universitário, que funcionava no Cassino da Lagoa, José Paulo, de Odontologia e José Marinete, de Medicina; diretor do Conjunto Universitário e do Clube Estudante Universitário, saudoso Luís Ramalho, autor de 'Foi Deus Quem Fez Você'; diretor da Policlínica Universitária, Valdecir Paiva, de Medicina; do departamento feminino, Luzieta Pinto.”

“Bem, para lembrar os componentes da diretoria é interessante dizer que a União Estadual dos Estudantes enfrentou três grandes lutas: federalização da Universidade Federal da Paraíba; a segunda, a participação dos estudantes em um terço dos órgãos colegiados da universidade, a partir do Conselho Universitário – um terço era formado por estudantes, foi uma luta da UNE e o primeiro estado que conseguiu fazer com que existisse um terço de participação foi a Paraíba; e a terceira grande luta, era o pacto operário camponês, estudantil, quando nós tivemos um excelente relacionamento com as Ligas Camponesas.”

“É interessante dizer que o relacionamento com os sindicatos não era dos melhores. Nós, os estudantes, os chamávamos de pelegos porque o sindicato ainda assimilava muito da sua origem corporativa do governo ditatorial de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Existiam alguns sindicatos, realmente, que mantínhamos bons relacionamentos, como o dos bancários, que tinha à frente Luiz Hugo Guimarães, e da fábrica de tecidos Rio Tinto, de Antônio Fernandes, o Bolinha. Eu vou aproveitar até para contar um fato curioso que ocorreu com Bolinha, preso em 64 – foi até no S2, Serviço Secreto do 15º RI, onde estávamos presos. Fui obrigado a tocar piano, deixar as impressões digitais, em seguida fui ouvido pelo Major Cordeiro. Primeira pergunta do Major Cordeiro: ‘O senhor é comunista, desde quando?’ ‘Desde há poucos instantes, major, quando eu fui fichado’. O ótimo relacionamento com as Ligas Camponesas partia até do fato de ter, como presidente da Federação das Ligas Camponesas, o nosso grande e fraterno amigo Francisco de Assis Lemos, e as Ligas eram revolucionárias; as Ligas abraçavam aquela mesma ideia que nós, estudantes, a partir da Revolução

Cubana, quando Cuba deu uma demonstração ao mundo que poderia naturalmente se chegar ao poder.”

“A sindicalização do movimento camponês, nós assistíamos aquilo com temor, porque achávamos que era uma tentativa reformista, quando as ligas eram revolucionárias. Os problemas do Nordeste eram o quê? Latifúndio improdutivo, monocultura da cana, exploração dos camponeses. E nesse pacto operário camponês, estudantil, o nosso pacto foi muito maior com os camponeses devido à afinidade, devido aos aspectos de pensamento revolucionário dos estudantes, das lideranças estudantis e das Ligas Camponesas.”

“E vou enfatizar, nesse meu pronunciamento, a morte do líder João Pedro Teixeira e suas consequências. Ocorreu no dia 02 de abril de 1962. Amanhã nós vamos ter aqui, entre as várias mesas-redondas, uma que eu não deverei perder, com a presença de Francisco Maria, que era o chefe de Polícia, na época da morte, do assassinato cruel de João Pedro Teixeira, e do ex-juiz da cidade de Rio Tinto, Juiz Ximenes, que foi afastado pelo golpe de estado de 64 porque ele tinha um comportamento democrático na sua ação como juiz daquela cidade. O chefe de polícia, Francisco Maria, chegou aos autores materiais do crime: o Soldado Antônio Alexandre, o Cabo Chiquinho e o Vaqueiro Arnaud Claudino que indicou os mandantes: Pedro Ramos e Aguinaldo Veloso Borges, latifundiários. Disse-me Chico Maria que lamentavelmente tem coisas na Paraíba que não têm explicação. Todo documento, todo processo relativo a estes acontecimentos desapareceram dos arquivos do Tribunal de Justiça da Paraíba. Não podem ter criado asas, alguém tirou. A Paraíba, aqui mesmo, na Assembleia Legislativa, disse-me o atual secretário de Comunicação do governo, que quando fui fazer um trabalho sobre a Constituição, a Constituinte Estadual – que tive o prazer de fazer parte, como deputado estadual constituinte – a dificuldade que tive de aqui, na Assembleia Legislativa, encontrar os arquivos. Tudo em destroços, entregue às traças, aos mofos, ao fungo. Nós perguntamos: ‘Por que não há interesses com os nossos arquivos?’ qual a razão?’ Qual o motivo?”

“No comício de Sapé, logo após a morte de João Pedro Teixeira, José Joffily, que era deputado federal, que foi inclusive, para a honra e prazer meu, quem me fez politicamente na vida da Paraíba, no dia 18 de abril de 62, fez um discurso denunciando quem matou João Pedro Teixeira e de quem partiu a ordem, que era Aguinaldo Veloso Borges. Veio a resposta no Norte, dada no dia 18/04/62, pelo Senhor Aguinaldo Veloso Borges: ‘Faço assegurar ao Deputado José Joffily, esta alma infecunda e estéril, que se tivesse, um dia, Deus me livre, de manchar as mãos com sangue humano, não seria nunca com o de um pobre homem como o falecido João Pedro Teixeira’. Era uma ameaça à vida de José Joffily Bezerra.”

“No Correio da Paraíba, do dia 19, um dia depois, José Joffily respondia com o título: ‘A Fera Acuada’. ‘Agredido, defendo-me, mas não vou aceitar provocações para manter polêmica com sub-homens. A diferença – reparem que comparação interessante – entre o facínora Arnaud Claudino e o seu patrão é que um se esconde no mato e o outro na Assembleia Legislativa’. Aguinaldo Veloso Borges era o 5º suplente da coligação UDN/PL – havia uma vaga porque o Deputado Estadual Américo Maia tinha falecido; o 1º suplente, Wilson Braga, não assumiu – aliás, Wilson Braga seria titular com a morte de Américo Maia; o 2º suplente, Antônio Nominando Diniz, era secretário de Educação, não assumiu; o 3º Suplente, Flaviano Ribeiro Coutinho, tirou licença para tratamento de saúde; o 4º suplente, Carlos Pessoa, era secretário de estado, não assumiu; o 5º suplente, Clóvis Bezerra, tirou licença para tratamento de saúde, epidemia generalizada; o 6º suplente assumiu, Aguinaldo Veloso Borges. Nesse momento, a imprensa já relatara o que ocorreu.”

“Pressionado pelos partidos mais retrógrados, o Governador Pedro Gondim retirou Hélio Zenaide da direção de A União e assumiu Antônio Brayner, que era ligado aos latifundiários. A rádio Tabajara teve o afastamento de Adalberto Barreto para a entrada de Paulo Maroja, de tradicional família da Várzea. Foram afastados, aliás, disse aqui o Gonzaga Rodrigues, saíram de A União, em protesto, Jório Machado, Gonzaga Rodrigues, Malaquias Batista, Firmo Justino e Eurípides Gadelha.”

“Houve um grande comício aqui no centro da cidade. O comício do dia 1º de maio de 62, um grande comício, com cerca de 20.000 camponeses, na Lagoa. Vários oradores falaram, como o vice-presidente da UNE, Roberto Átila Vieira, Pedro Gondim—custou caro ao Governador Pedro Gondim ter falado neste comício porque sem a farda, estava misturado com o povo o comandante do 3º Exército, que era o depois presidente da República, Costa e Silva, e em 68, um dos motivos da cassação de Pedro Gondim foi ter participado desse comício. Falaram, ainda, os Deputados José Joffily, Celso Brant, Francisco Julião, Assis Lemos, o líder sindical Roberto Morena e eu, na condição de presidente da União dos Estudantes da Paraíba.”

“Eu tenho aqui, foi taquigrafado na ocasião, o pronunciamento meu, jovem de 23 anos, e quando eu reli, sinceramente, me encantei com o pronunciamento. Dizia: ‘Camponeses, fizestes, hoje, o caminho da migração que muitos companheiros do campo já trilharam, desolados. Na estrada, as pegadas dos companheiros que começaram um caminho sem volta. Tem sido este o caminho dos camponeses, deixando a terra que trabalharam, com os frutos na terra, sementes do suor empenhado. Foi este o caminho de João Pedro Teixeira, nas intermináveis vindas e voltas, até que numa noite a volta se transformou em espectro para aterrorizar até seus assassinos frios. Esse caminho da migração só terá fim com a reforma agrária, para fixar o homem na terra que alimenta. No imenso Nordeste, a monocultura da cana explora o homem, nas formas antigas de trabalho servil, até as cidades das várzeas ficam feias, atestando a exploração de cidades e de homens. Sobram, bem cuidados, com muros pintados de branco, os cemitérios. Pobres camponeses, só lhes restam pensar na morte. Foi assim que surgiu a primeira Liga Camponesa, no engenho Galileia, em Pernambuco, uma associação para que os camponeses enterrassem seus mortos. Mas as Ligas Camponesas ditaram novos rumos, ensinando o direito de viver e principalmente o direito de viver como homem. Qual foi o crime de João Pedro? Foi de liderar seu povo oprimido? Foi organizar a Liga Camponesa? Foi defender a reforma agrária? Eles não mataram João Pedro, multiplicaram-no. (Está aí o exemplo com a presença

de quem? Do movimento Sem-Terra, em pleno Século XXI). Os assassinos são conhecidos; a polícia mostrou capangas e mandantes. Desejava que aqui estivesse o Presidente Goulart para denunciar. A Assembleia Legislativa da Paraíba tem alma e corpo, mas não pode usar o corpo como imunidade até para matar. Polícia e Justiça cumpriram o seu papel e o Legislativo da Paraíba negou toda sua bravura registrada na história. Viva as Ligas Camponesas e a reforma agrária”

“Eu morava com uns tios, no começo da rua Duque de Caxias. No dia 2 de maio de 62, saí do Restaurante Universitário e, quando cheguei em casa, tive a notícia de que tinha um senhor que queria conversar comigo. Esse senhor era latifundiário, era o Senhor Rubens Regis. Disse-me que o Senhor Aguinaldo Veloso Borges desejava conversar comigo. Eu disse: ‘Eu não desejo conversar com ele; não tenho interesse nenhum em conversar com ele’. Meu pai, que tinha vindo de Campina Grande, onde morava, em face dos acontecimentos, entrou na conversa e disse: ‘Gostaria de conversar também’. Eu disse: ‘Mas eu não tenho interesse de conversar’. Por pressão do meu pai ficou acertada a conversa para o dia seguinte, na casa dos meus tios. Entretanto, procurei o Reitor Mário Moacir Porto. A reitoria era na esquina da rua onde eu morava. Doutor Mário Moacir Porto, aquela figura extraordinária, que era muito ligado ao movimento estudantil, ficou preocupado com os acontecimentos e mandou chamar o seu irmão, Sílvio Porto, que era o secretário de Interior e Segurança. Doutor Sílvio chegou e disse: ‘Olha, não faça nada, tenha calma’. Eu disse: ‘Mas eu tenho que me defender’. Ele disse: ‘Nós vamos colocar à sua disposição alguns policiais’. Eu disse: ‘Mas eu tenho medo da polícia’. Doutor Mário disse: ‘Não, mas são policiais realmente, fique tranquilo’. Colocaram dois ou três policiais, mas na mesma hora nós reunimos o Conselho da União Estadual dos Estudantes, formado por todos os diretores de escolas superiores da Paraíba e ficou acertado um grande comício no dia seguinte. Nós fizemos o comício no Ponto Cem Reis. Naquela ocasião eu disse: ‘Eu acho que é uma ameaça para me amedrontar, mas eu não me amedronto’. Realmente eu acho que eles não queriam me matar, duas mortes seguidas, em cima, seriam realmente complicadas. O resultado é que eu disse

aos estudantes: ‘Se me matarem, vinguem-se. Podem tomar a iniciativa porque nós sabemos, naturalmente, quem deve ter sido o mandante’. Doutor Mário ficou muito preocupado, disse que eu deveria ter tido mais calma, mas, afinal de contas, deu certo porque eu estou vivo contando a história.”

“Então, a luta da União dos Estudantes, em parceria com os nossos amigos, camponeses, eram as melhores possíveis. No golpe de 64, num determinado momento, eu estive em uma das três celas no 15º RI, na outra João Alfredo Dias e na outra Pedro Fazendeiro. A cela parecia ser a preparação para a morte. Eu não morri porque era de classe média, os dois eram camponeses, mataram. Ocorria o seguinte: todas as vezes que nós éramos liberados, que os presos eram liberados, íamos para o S2 tocar piano e ali estava o documento que a gente tinha sido liberado. O Exército não era mais responsável. No meu caso, a minha família me pegou, do lado de fora, ficava naquela ansiedade dos dias, ficava por ali, aguardando, e me levaram, mas não teve quem levasse João Alfredo e Pedro Fazendeiro. Anos depois, eu dava uma entrevista na televisão, em Campina Grande, no programa de Chico Maria, e dizia que eles tinham sido mortos pelos latifundiários. Houve uma ameaça de me pegarem do lado de fora, pessoal com pouca inteligência. Agredir uma pessoa, diante de uma estação de televisão? Estupidez tremenda. Também não se concretizou porque eu tive muita sorte.”

“Agora, a verdade é que no dia 07 de setembro os dois assinaram um documento que estavam livres do serviço S2, do Exército. Três dias depois apareceram dois corpos em Alcantil, no município de Boqueirão, em que o fotógrafo, professor da universidade, Machado Bitencourt, foi até o local e fotografou. Eles estavam muito machucados. A cabeça mutilada. Tinham sido enforcados. Não houve nenhum exame para verificação se eram os cadáveres deles, mas houve algo. O Coronel Farias, que teve a oportunidade de verificar os cadáveres, disse: ‘É, isso é natural. Foram mortos pelo esquadrão da morte’.”

“Gostaria também de lembrar que a União Estadual dos Estudantes, nesse pacto que nós tínhamos com os camponeses, fundou a Policlínica Universitária, situada na rua Barão do Abiaí, que esteve aberta aos camponeses quando

estivessem em João Pessoa. Os camponeses podiam contar com ela, além dos hospitais que Assis Lemos teve a oportunidade, com a sua força política, de criar, no interior do estado. Igualmente estava à disposição dos camponeses o Restaurante Universitário, que funcionava no Cassino da Lagoa. Inclusive Abraão, filho de João Pedro Teixeira, morava na União Estadual dos Estudantes, na rua Rodrigues de Aquino, estudava porque nós conseguimos matriculá-lo no Colégio Getúlio Vargas, gratuitamente, e assegurar as suas refeições no Restaurante Universitário.”

“Pessoal, em linhas gerais, são essas as colocações que eu quero fazer, nessa tarde. Já soube, eu não pude ficar a manhã inteira, que tem sido um dia de emoções, mas tem também sido um dia, tenho certeza, em que nós vamos encontrar forças para continuar nossa luta. Eu lamento muito, hoje, que grande parte das entidades estudantis só se preocupe com as carteiras de estudantes e nada mais.”

3.6 Debates

Professora Socorro Rangel: “O debate está aberto. Temos uns 20 minutos, mais ou menos, de debate. Alguém quer se inscrever? A gente queria registrar a presença do jornalista Oduvaldo Batista que também fez parte desse movimento.” (Aplausos)

Jornalista Waldir Porfírio da Silva: “Eu gostaria de lembrar um fato importante que considero na luta dos camponeses, aqui na Paraíba. Pesquisando os arquivos do DOPS, há três anos, encontrei um documento que considero rico porque esse documento repudiava a atitude dos latifundiários da Paraíba, de disfarçar a realidade do que ocorreu no dia 15 de janeiro de 1964, no município de Mari, onde caíram, morreram onze pessoas: sete do lado dos latifundiários e quatro dos camponeses. Dentre eles dois policiais, três vigias, um economista e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, daquela localidade, o Antônio Galdino. Interessante registrar isso porque foi um momento de muito conflito, quando já se estava à véspera do golpe. A Frente de Mobilização Popular, presidida

por Adalberto Barreto, e outras entidades da Paraíba lançaram um manifesto. Está aqui a cópia dele: 'Ao Povo da Paraíba, Manifesto da Frente de Mobilização Popular'. Este manifesto desmascara os latifundiários que começaram a jogar a culpa do conflito nos camponeses. Inclusive, fizeram, no outro dia desse fato, um ato aqui, em frente ao Palácio do Governo, colocando a culpa e tentando desestabilizar o governo estadual, ameaçando fazer oposição ao Governo de Pedro Gondim. Então, as entidades daqui, do centro urbano, se mobilizaram para desmentir esses fatos e contaram verdadeiramente o que ocorreu. O que tinha ocorrido era o inverso, ou seja, o Senhor Nezinho de Paula, dono da propriedade em Mari concedeu aos sindicatos o direito deles plantarem, o direito dos trabalhadores e dos camponeses rurais plantarem, e tinha desaparecido, salvo engano, uma arma. Assis Lemos conta isso, com detalhes, no livro dele. Essa arma era uma arma do Exército. A única forma do movimento camponês denunciar que os latifundiários da Paraíba estavam recebendo armas privadas do Exército era mostrar aquela arma que eles tinham pegado. Pois bem, na hora da briga o economista Fernando Gouveia, na briga, um dos sargentos que estava com uma metralhadora ficou aperreado, disparou a metralhadora e morreu um camponês, salvo engano, o próprio presidente do Sindicato, Antônio Galdino. E aí companheiros, nesse momento, eles estavam cercados de camponeses, todos de armas brancas, ou seja, todos com enxadas e facas nas mãos, não tiveram conversa. Partiram para cima dos caras e cortaram todos eles. Então, esse foi o fato verdadeiro que eles tentaram deturpar e colocar os camponeses como agressores, como fazem, hoje, em dia, com o movimento Sem-Terra em vários lugares, chamando-os de criminosos, de bando e por aí vai. O mesmo argumento! Passam-se os tempos, mas os argumentos são iguais, tudo para garantir a propriedade de terra."

"Mas, só para concluir, eu gostaria de ler quem assinou o manifesto. Peço permissão à Mesa:"

- Adalberto Barreto, presidente da Frente de Mobilização Popular e da Associação Paraibana de Imprensa;

- João Ribeiro Filho, presidente da Federação dos Trabalhadores da Indústria;
- Assis Lemos, presidente da Federação das Ligas Camponesas;
- Rivaldo Cipriano, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação;
- Luiz Bernardo, infelizmente não está aqui, tentei trazê-lo, conversei com a filha dele, que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, ex-vereador, na época;
- Luiz Hugo Guimarães, que vai estar aqui amanhã, presidente do Comando Geral dos Trabalhadores;
- Figueiredo Agra, que era presidente da Frente Parlamentar da Assembleia Legislativa, que reunia quase 11 deputados, salvo engano, 12 deputados, e de todos eles só dois não foram cassados até 69. Um desses que não foi cassado eu questionei: 'Por que tu não foste cassado? Todo mundo foi cassado menos tu?' Ele disse: 'Ah, eu me escondi.' E foi José Lacerda, o deputado que assinou e não foi cassado, um deles;
- Raimundo Nonato Batista, infelizmente foi embora, o ano passado, presidente da União dos Portuários do Brasil;
- José Rodrigues Lopes, presidente da União Estadual dos Estudantes, nessa época, janeiro de 64;
- Linduarte Noronha, do Comando dos Trabalhadores Intelectuais;
- Tarcísio Fernandes, pela Ação Popular;
- Abdias Vilar, que era presidente da Associação dos Estudantes Secundários da Paraíba;
- Humberto Vicente de Araújo, presidente da UPES.

“Bom, era isso que eu gostaria de rememorar, diante da Mesa que aqui está. Existia um casamento perfeito entre uma parte da classe média intelectualizada e o movimento camponês. O que vocês colocaram mostra essa aliança que havia. Eu gostaria também de lembrar outras pessoas da classe média que também foram combatentes nessa luta. O Leonardo Leal tem que ser lembrado. José

Moscou tem que ser lembrado também e tantos outros companheiros que estão naquele triste inquérito policial militar rural criado pela ditadura.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “A Mesa quer comentar? Mais alguma pergunta? O senhor, por favor.”

José Rodrigues Sobrinho: “Olha, esse dia, a gente já teve a oportunidade de fazer alguns comentários na parte da manhã. Mas a gente não se contém, depois de assistir a uma Mesa como essa. Não há como a gente ficar calado quando a gente pode, de forma bem resumida, fazer alguns comentários. Primeiro, a contribuição que essa Mesa está dando, como a da manhã, para todos nós e para a continuação dessa luta. Esses documentos, essas conclusões, serão dignos de reflexões por parte dos movimentos sociais, do movimento sindical, do movimento Sem-Terra, da classe média, da universidade, da própria imprensa, que hoje está na contramão da história. Apenas alguns registros. Eu sei que o tom de hoje é a Paraíba, é resgatar a Memória Camponesa na Paraíba e está sendo de uma riqueza muito grande. Mas, por questões, também, que nos tocam, a questão levantada pela amiga, como é que a Igreja também se posicionou, se dividiu? Gostaria de dizer que um determinado braço da Igreja abraçou com muito afinco essa contribuição para preparação da Luta Camponesa. Me chamou muita atenção a questão da educação de base, do método Paulo Freire. Em Pernambuco, era o MEB (Movimento de Educação de Base) e eu também fiz parte desse movimento, fui monitor, fiz parte da coordenação. Me lembro bem daquela carteirinha: ‘A Vida é Luta e Viver é Lutar’. Isso é de uma contribuição muito grande.”

“A exposição feita aqui tem uma ligação muito forte com os fatos que também ocorrem em outros estados e também com o movimento sindical, com o movimento popular, em nível nacional. A questão sindical, por exemplo, foi levantada aqui pelo nosso amigo que falou por último, sobre a questão, os cuidados, a preocupação que se tinha com o movimento das Ligas Camponesas, era revolucionário e o outro, o movimento sindical, poderia se tornar um elemento reformista conservador. Mas, na prática, à medida que a política é muito dinâmica, vai

se empurrando todo mundo para praticamente o mesmo conteúdo e isso aconteceu, haja vista que quando vem a revolução em 64 não escapa ninguém. Tanto vão para a cadeia as pessoas das Ligas Camponesas, como também as pessoas do movimento de Cultura Popular, ligado à Igreja, como vai para a cadeia o pessoal do Partido Comunista e outros que assumiam a luta e não estavam, sequer, filiados a um partido, mas, no entanto, foi catado pela luta que eles vinham implementando.”

“A primeira direção da Contag se deu exatamente sobre a unidade do Partido Comunista com o movimento popular da Igreja. A primeira diretoria da Contag era liderada por Lindolfo Silva, do Partido Comunista Brasileiro; José Rodrigues, que deve estar aqui, presente, era dessa linha de ação popular; e Manoel Gonçalves que também era ligado à igreja progressista de Pernambuco. Esses elementos foram os primeiros que fizeram a composição da primeira diretoria da Contag e todos foram para a cadeia, em 64. Manoel da Conceição, todos foram para a cadeia, em 64. Para vocês verem como a coisa é bem mais ampla do que um determinado aspecto, sem tirar o mérito dessa bonita interpretação que é verdadeira, que está aí colocada para todos nós. Agora, o problema era mais amplo do que a questão da terra.”

“O golpe de 64 se deu porque eles não aceitavam a reforma de base, dentre elas a reforma agrária. Quebraram a universidade, quebraram os órgãos de imprensa, quebraram os partidos políticos e travaram tudo. Os 20 anos de ditadura levaram a gente a essa penúria que estamos vivendo hoje. Estamos resgatando aos poucos a nossa perspectiva histórica de ter uma sociedade socialista, humana, justa, solidária e com a participação dos diversos segmentos, que, de fato, queiram essa sociedade. Para finalizar, para não tomar muito tempo, dizer o seguinte: é sempre bom colocar na nossa visão que nesse Brasil continua tendo duas classes: a classe que esmaga, que engole e a classe que é engolida.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “Bom, mais alguma inscrição? Inscreveram-se Assis Lemos e Nilton César. Por favor, Assis Lemos.”

Senhor Assis Lemos: “Eu queria apenas acrescentar alguma coisa ao que o

Waldir Porfírio falou, sobre a chacina de Mari. Naquele ano, começou a chover mais cedo e os camponeses, então, partiam em grupos para solicitar aos proprietários a área para poder começar a plantar mais cedo para poder aproveitar a chuva. Ao lado de Mari havia uma fazenda do Senhor Nezinho de Paula, que consentiu que os camponeses plantassem. Então mais de 300 camponeses entraram na terra e começaram a plantar.”

“Outro grupo de camponeses saiu procurando terra para trabalhar e entraram na fazenda da esposa do usineiro Renato Ribeiro Coutinho. Quando iam entrar, o administrador da fazenda está com uma arma na mão para não deixar os camponeses entrarem; os camponeses cercaram o administrador, tomaram a arma e trouxeram a arma. Podia não ser nada se a arma não fosse um revólver Colt 45, privativo das Forças Armadas. Naquela época, quem fosse pego com uma arma das Forças Armadas era condenado a dois anos de prisão sem direito de defesa. Depois era uma forma de mostrar que os latifundiários paraibanos tinham armas privativas das Forças Armadas. Então, imediatamente a usina se mobilizou. Levou o destacamento da Polícia de Santa Rita, de Espírito Santo e foi procurar aonde é que estava a arma. Foi informado que a arma estava na fazenda do Senhor Nezinho de Paula, nas mãos do presidente do sindicato de Mari. Quando chegou a polícia, com metralhadora, aquela coisa toda, disseram que estavam à procura da arma e o presidente, que não tinha ideia da responsabilidade, da existência daquela arma na mão de um administrador de fazenda, devolveu a arma, entregou. Na hora em que ele entrega, um policial que estava no grupo atirou nele e matou. Os camponeses, com seus instrumentos de trabalho, entraram em luta e, ao final, resultado daquela batalha foi 11 mortos. Os camponeses se apropriaram da arma, trouxeram para mim, à noite. Me entregaram. Eu anunciei que ia entregar ao ministro, na época não era o Ministro do Exército, era o Ministro da Guerra, para denunciar os usineiros e os latifundiários que tinham armas privativas das Forças Armadas. Era o maior escândalo possível, por isso que eles fizeram toda aquela aventura para recuperar a arma. Então, companheiros, o Exército, na Paraíba, sobretudo o 15º Regimento de Infantaria,

o Grupamento de Engenharia não, era totalmente ligado aos usineiros. O Senhor Renato Ribeiro tinha um estande de tiros dentro do quartel do 15º Regimento de Infantaria. No dia em que ele aniversariou, toda a oficialidade do 15º Regimento de Infantaria, às 05 horas, em frente à sua residência, estava lá cantando os parabéns para o usineiro. Isso é um fato que pouca gente na Paraíba se lembra.”

“Então, companheiros, a chacina de Mari se deu diferente da chacina de Eldorado dos Carajás. A chacina de Mari foi em virtude de uma arma privativa das Forças Armadas na mão de um administrador de fazenda. Era o maior escândalo que poderia acontecer, naquela época, no país e foi exatamente o que resultou na morte daquelas pessoas, não só 11 mortos, mas dezenas de feridos que saíram daquele debate. Então, era isso, que eu queria complementar ao que o Waldir Porfírio informou para todos os senhores.” (Aplausos)

Professora Socorro Rangel: “Nilton, por favor.”

Senhor Nilton César: “Meu nome é Nilton César. Eu sou estudante de Comunicação Social da UEPB, em Campina Grande. Vou fazer uma colocação e depois uma pergunta aos jornalistas. Hoje, em dia, acho que deveria ser diferente, o nosso curso forma técnicos em comunicação, ele ensina a escrever bonitinho o texto: o quê, quando, onde, como e por que; ensina quem tem dom, habilidade para falar bonitinho na TV e quem tem uma voz bonita, para ser radialista. A gente tem, no primeiro ano do curso, uma cadeira de Sociologia da Comunicação, é a única disciplina de tom político, social que você vê no curso. Acho que se nós quiséssemos ter uma imprensa mais comprometida com as causas sociais, teria que ser um pouco diferente. Aí eu queria fazer a pergunta: Se na época de vocês, tanto na universidade como no exercício profissional, também, esse envolvimento do qual vocês tanto falaram era bem maior do que hoje? Peço que vocês façam uma comparação entre ontem e hoje. Obrigado.”

Jornalista Gonzaga Rodrigues: “Companheiro, no nosso tempo não existia o curso de Jornalismo. O curso de Jornalismo foi criado muito depois. No nosso tempo, no meu e no dele, não havia escola de jornalismo, pelo menos aqui, e que eu saiba apenas no Rio de Janeiro e São Paulo elas começavam a se organizar e

Luiz Beltrão fazia um ensaio de escola, em Recife. Então, nós não tínhamos essa formação técnica. Nós trabalhávamos de oitiva, quer dizer, nós aprendíamos a escrever, lendo. É como quem anda de bicicleta, aprender a escrever, escrevendo. Então, o que eu acho que marca a diferença é o seguinte: é que a maioria das pessoas que ia para o jornal, que abraçava a carreira, ia por vocação, ia por alguma tendência literária, tanto assim que grande parte do pessoal daquele tempo sempre terminava sendo escritor. Havia, sei lá, um entrelaçamento. Então, a gente ia para o jornal e sempre quem ia para o jornal era sempre um poeta ou era um camarada com essa tendência. Ele sempre tinha a tendência de ler. A formação desse pessoal foi feita todinha através de leitura e de autodidatismo, todos nós éramos autodidatas. Poucos de nós terminamos ou fizemos qualquer curso regular, esse que Iza fez, esse que as meninas fizeram. Adalberto Barreto não é formado, eu não sou formado, a maioria não é formada. Severino Ramos veio tirar um curso depois.”

“Agora, quando veio o golpe de 64, o sistema entendeu que havia de limitar legalmente o exercício dessa profissão. Além da censura direta, aberta, da Polícia Federal e do Exército nas redações, diariamente vendo a pauta das redações, além disso, na origem de tudo, o sistema, a pretexto de regulamentar a profissão, editou uma lei estabelecendo que só podia ser jornalista quem tivesse curso de Jornalismo. Então, estados mais pobres, mais desfalcados, como a Paraíba, como o Rio Grande do Norte, como o Ceará, nós ficamos desempregados. A empresa, o jornal, para admitir um jornalista, o homem que escrevia o editorial, o homem que fazia a notícia, o homem que fazia o comentário, ela passou a contratar esse cidadão como um escriturário, com uma nomenclatura burocrática porque como jornalista ele não podia entrar porque a lei proibiu. Então, a lei forçou a que se instalassem, se implantassem as escolas de jornalismo, menos para formar do que para regularizar essa situação. Nós não podíamos trabalhar. Depois veio uma lei permitindo que os que tivessem mais de cinco anos de exercício profissional, de militância, fossem provisionados como jornalistas, então nós fomos provisionados. Houve essa série de limitações. Agora, na verdade, quem formou

o jornalista daquele tempo, aqui, no Rio de Janeiro, em São Paulo, foi a sua vocação literária, foi a sua vocação de leitor permanente, de curioso e de pessoa que tinha interesse em participar da vida nacional. Isso é o que eu posso te dizer.”

Iza Guerra: “Eu queria completar uma coisa. Eu ainda sou professora da universidade, ensino na UFRJ, no Rio de Janeiro. A grande diferença é que para você ser um bom jornalista, você tem que estar dentro do leito que possibilite a sua criticidade. Você tem que ser um cara crítico e, hoje, a universidade não está preocupada com isso. A universidade está preparando pessoas para os concursos, para o mercado de trabalho porque há como uma necessidade na sociedade para ela se manter, de não ter pessoas conscientes e pessoas críticas do que está se passando do nível das grandes decisões, dos interesses do capital e das elites. Então, há como uma lavagem dos estudantes para que eles sejam técnicos, eficientes, competentes, segundo as normas que venham da matriz. O parâmetro de preparação é do centro de decisões, que pode ser um país governado por um imbecil, mas que o Brasil acha que é bom. Então, nós estamos formando jornalistas, ou melhor comunicadores de multimídia para que eles passem mensagens sem que você discuta, reflita e interrogue. Essa é que é a tragédia dos cursos de comunicação e da universidade nos dias atuais.”

Professora Socorro Rangel: “Já estamos bem atrasados para a próxima Mesa, por isso nós vamos encerrar os trabalhos dessa mesa, agradecendo a todos os palestrantes, sabendo que é impossível terminar o debate, na verdade”
(Aplausos)

MESA IV – AS LIGAS CAMPONESAS DE GUARABIRA E MAMANGUAPE

Professor Belarmino Mariano Neto: “Boa tarde! Gostaríamos de convidar para compor essa Mesa algumas pessoas que participaram das Ligas Camponesas de Guarabira e Mamanguape. Vamos começar pelas mulheres. Convido Dona Maria do Carmo de Aquino, que teve uma participação importante na Liga Camponesa de Guarabira, juntamente com o seu irmão Osmar de Aquino. Estou sendo informado que Dona Maria do Carmo esteve hoje, durante toda manhã, participando deste evento, mas ela teve problemas de saúde e avisou que ia para casa e não conseguiu voltar, até agora. Se ela voltar ela integrará esta mesa. Dando continuidade, chamo para a mesa Dona Glória Celestina da Silva, que participou das Ligas em Mamanguape (aplausos); o Senhor José Arnóbio, que participou das Ligas de Mamanguape (aplausos); o Senhor Antônio Francisco de Carvalho, que atuou nas Ligas de Guarabira (aplausos); o Senhor Manoel Marinho, que atuava nas Ligas de Guarabira, especificamente no Carrasco (aplausos). Composta a Mesa, eu passo a palavra ao Senhor José Arnóbio.”

4.1 Depoimento do Sr. José Arnóbio

Senhor José Arnóbio: “Queria dizer boa-tarde para os senhores e senhoras. É um prazer grande para um agricultor estar aqui, no meio desse seminário.”

“Sou um sofredor da Liga Camponesa. Naquele tempo eu tinha 14 anos de idade. Comecei a trabalhar com 10 anos. Não era porque eu quisesse trabalhar, era porque eu era obrigado a trabalhar pela fazenda. A hora de pegar era o dia amanhecer e anoiteceu era a hora de largar. Um sofrimento! O tempo de estudar a gente não tinha porque era obrigado, eu, meu pai e meus irmãos, todos tinham que trabalhar. Minhas irmãs também trabalhavam na fazenda. Chegando

aos 8, 10 anos de idade, tinha que trabalhar na fazenda porque era obrigado. Além disso, ainda tinha uma diária que a gente pagava. Tinha a história de um ‘cambão’ que por esse dia de trabalho ninguém recebia dinheiro. O dinheiro que a gente recebia dos dias que trabalhava era muito pouco para a gente comprar o sustento e ainda tinha mais o barracão para a gente comprar.”

“A gente não tinha direito de plantar um pé de fruta, não tinha direito de plantar uma cana, nada disso a gente tinha direito. Agora, a fazenda tinha cana, tinha fruta, mas a gente não tinha direito, se pegasse numa fruta era expulso da casa e, além disso, o pai era chamado a atenção e o pai da gente perdia a morada.”

“Um bicho que quisesse criar, tinha que pagar, ainda, para a fazenda. Meu pai tinha um roçado de macaxeira, trabalhava ali, nas horas do dia de domingo, nas noites de lua. Nas noites de lua ele trabalhava para plantar uma macaxeira, uma ruma de batata e vinha o vigia, sempre andavam dois vigias juntos, com ordem da fazenda para arrancar aquela batata, novinha: plantou, ele arrancava. A gente não tinha direito de plantar nada. A gente tinha vontade de comer uma fruta, uma banana, uma laranja e a gente não tinha esse direito, embora na fazenda tivesse disso tudo, mas a gente não tinha direito. A gente trabalhava em um tempo que era a mesma coisa de ser escravo. O engenho fabricava mel e cachaça, ninguém tinha direito de comer o mel nem açúcar, tinha o vigia para impedir.”

“Eu fiquei sob esse regime até os meus 14 anos. Graças a Deus quem trouxe tudo que a gente tem hoje foi a Liga Camponesa. A companhia Lundgren tinha 20 mil hectares de terra, tudo criando gado, tinha a produção de cana-de-açúcar, de fruta, de arroz, de mandioca, de algodão e de amendoim. A gente era obrigado a trabalhar! Tinha muitos homens morando nas terras dos Lundgrens, não eram poucos. Eu sei, meus amigos, que a gente sofreu muito, que nós passamos muitas necessidades. Além disso, a casa que a gente morava era uma casinha de palha, de um lado se avistava o outro. Não sei se alguém aqui conhece a porta de vara? A porta da casa da gente era feita de vara. A casa era coberta de palha. O gado da fazenda, de noite, no tempo da crise, comia a palha da casa da

gente e deixava a gente desabrigado. Amanheceu o dia, a gente era obrigado a ir para a fazenda trabalhar, chovendo ou fazendo sol. Tinha dia de eu sair de casa chovendo e chegar chovendo, se chegasse e tivesse um bom cobertor, estaria tudo de bom, mas nada disso a gente tinha.”

“Eu com 13 anos de idade não comprava um par de sapatos porque não podia. De onde eu moro para a cidade são quatro quilômetros, eu ia e vinha com os pés no chão porque não tinha condições de comprar um chinelo. Hoje, graças a Deus tudo eu tenho, foi a Liga Camponesa que trouxe.”

“Veio a revolução de 64. A gente sofreu muito. Dormimos no mato, eu não dormi porque era de menor, mas meu pai, meus vizinhos anoiteciam em casa, tomavam café e iam dormir no mato por causa da polícia, porque a polícia andou de casa em casa, até faca a polícia tomou. Tomou e bateu em gente, bateu nos meus vizinhos. Além de tomar as facas, uma espingarda, a polícia tomava e massacrava mesmo, e a gente com aquele sofrimento. Noite de chuva, meu pai e meus vizinhos, obrigados a dormirem no mato, ameaçados de perder a vida pelo administrador, pelos capangas da companhia Lundgren. E a gente ficava nessa situação muito difícil, dormindo só, em casa, mais mãe, meus irmãos, esperando uma hora para dizerem que matou Fulano, matou o pai da gente. A gente não esperava nada de bom. E a polícia era todo dia, no tempo da revolução. O que eu tenho para dizer é que a gente sofreu muito. O sofrimento foi grande.”

“Passou-se a revolução, perdi um irmão com, mais ou menos, oito meses. A minha irmã nunca tinha visto um soldado de polícia e chegou aquela danação de polícia lá em casa, tudo a cavalo, parecia a guerra do Capitão Antônio Silvino. Eu tinha duas irmãs, uma com oito anos e outra com sete, em casa, tiraram o menino que estava na rede, botaram ele no braço, desceram uma ladeira, deve ter uma média assim de uns 80 metros de altura, desceram com ele na carreira e embaixo, caiu com o menino, levantou o menino, atravessou o rio e entrou dentro dos matos, na beira de rio. Entrou lá e deu trabalho para ela sair de lá. Levou mais de três horas para sair de lá. Só saiu de lá depois que mãe chegou, com muito trabalho foi que ela voltou. Resultado, o meu irmão morreu, nessa

carreira. E daí foi passando a revolução e a gente. Hoje, tudo que a gente tem dou graças a Deus, primeiramente a Jesus, segundo à Liga Camponesa.”

“O INCRA desapropriou a área de Rio Tinto, 20 mil hectares. Tinha uma área de mata que até hoje pertence ao IBAMA, e o restante foi dividido em lotes de 20 a 25, 28 hectares que foram dados aos colonos que insistiram e ficaram lá. Quem não tinha para onde ir ficou lá e ganhou um pedacinho de terra dado pelo INCRA. Não foi dado, pois a gente tinha que pagar, quatro anos de carência e 14 anos para pagar o terreno. Mas a maior parte do povo foi embora, disse que ia ser cativo novamente. Nesse tempo o INCRA instalou uma cooperativa que é a coisa melhor que a gente tem na agricultura, mas só que a cooperativa chegou lá, instalada pelo INCRA, sem o agricultor conhecer de nada No tempo da gente, como disse no começo, não tinha educação, era trabalhar para a fazenda e a gente não tinha nenhuma educação. A leitura da gente é pouca e a cooperativa foi só para sangrar a gente, mais uma vez. A gente produzia cana-de-açúcar, arroz e inhame, mas ninguém tirava as contas com a cooperativa porque o gerente sempre dava um fora com o lucro da gente e terminou falindo a cooperativa. A gente ficou andando somente com os pés da gente.”

“Dos colonos que tiveram direitos a esses terrenos, 98% desses colonos venderam as terras para ir morar na rua, na cidade porque disseram que vida boa é na cidade. Hoje estão trabalhando na usina, cortando cana, limpando mato e eu ainda me encontro no mesmo lugarzinho que nasci em Itapeçerica. Hoje estou cultivando, plantando abacaxi, o mínimo, porque a gente não tem condições de plantar mais, endividado com o banco, os juros são altos e ninguém pode trabalhar; hoje estou trabalhando com o mínimo, um pedacinho de abacaxi e hortaliça. É o que eu tenho a dizer. Tudo quanto a gente adquiriu foi a reforma agrária, foi a Liga Camponesa que trouxe, se não fosse a Liga Camponesa eu acredito que a gente morreria cativo. É o que eu tenho a dizer a todos.” (Aplausos)

Professor Belarmino Mariano Neto: “Muito obrigado, Seu Arnóbio. Convidamos agora a Dona Glória para falar um pouco, também, sobre a história das Ligas, em Mamanguape.”

4.2 Depoimento da Sra. Maria da Glória Celestino da Silva

Senhora Maria da Glória Celestina da Silva: “Eu sou Maria da Glória, de Itapecerica, município de Mamanguape. Sou filha de camponês e também sou camponesa. Sou casada com Seu Arnóbio.”

“Vivemos hoje em melhores condições, devido à Liga Camponesa porque trouxe essa vantagem para nós. Não fosse a Liga, estava assim, como o povo do MST, sem terra para trabalhar. Mas, graças a Deus eu tenho a minha terrinha, são 20 hectares e cultivamos muitas coisas para comer e vender alguma coisa na feira de Mamanguape.”

“É isso que eu tenho a dizer.”

Professor Belarmino Mariano Neto: “E lembra de alguma coisa do tempo das Ligas, Dona Glória?”

Senhora Maria da Glória Celestina da Silva: “Estou nervosa porque chorei muito, de manhã, com a história de Dona Elizabeth, mas, assim mesmo, estou falando um pouco. No tempo das Ligas eu tinha 18 anos e lembro bastante. Os agricultores foram muitos perseguidos. Os camponeses apanharam bastante, hoje eu me recordo do nome de alguns. Há dois anos morreu um vizinho meu, ainda doente do ouvido porque levou uma pesada no ouvido, de um soldado e ficou doente o tempo todo. Morreu há dois anos, era vizinho meu. E mais outros lá que apanharam bastante. Meu pai era calmo, ele nunca saiu de casa, passava sempre a noite em casa com a gente porque ele não foi muito perseguido, mas sempre preparado para qualquer coisa sair e dormir no mato, como os outros.”
(Aplausos)

Professor Belarmino Mariano Neto: “Muito obrigado! Agora, nós chamamos o Senhor Antônio Francisco de Carvalho, que atuava na Liga de Guarabira.”

4.3 Depoimento do Sr. Antônio Francisco de Carvalho

Senhor Antônio Francisco de Carvalho: “Sou José Antônio Francisco de Carvalho, agricultor. Morava, no tempo das Ligas, vizinho ao terreno do lugar

chamado Carrasco, no município de Guarabira. Eu estava trabalhando lá, eu e um bocado de amigos. A área era pouca, dois hectares para cada camponês porque os camponeses eram muitos e precisavam trabalhar e a gente dividiu direitinho. Dona Maria do Carmo mandou que se dividisse a área do começo ao fim, para todos. Quem dividiu foi eu. Ficamos trabalhando e o tempo se passando. Aí veio a revolução de 64. Eu estava na feira de Guarabira e quando eu cheguei em casa já tinha um amigo meu me esperando para a gente sair fora porque se fosse preso e passasse em Sapé, não saia vivo porque lá em Sapé a situação era difícil. Aí, eu fui escapar no município de Alagoa Grande. Eu tinha um tio lá, conversei com uma tia, que era bem de vida, e aí eu e um amigo fomos para lá, tinha uma loca de pedra e ficamos lá, dois meses. Nem acender uma lâmpada, uma vela, uma luz, uma coisa, ninguém não podia, era muito escuro, de dentro a fora. Agora só resistimos porque meu tio era bem de vida. Se não fosse, não tinha dado de comer a gente durante dois meses sem a gente fazer nada.”

“Aí veio a ordem do Grupamento de Engenharia e do Quartel do 15, dizendo que quem desse um depoimento e não fosse comprovado, quem denunciasse é quem ia responder. Aí eu vim para João Pessoa, me apresentei e me mandaram para casa, eu e o meu amigo. Disseram: ‘Vocês vão e se apresentem em Guarabira’. A gente se apresentou em Guarabira, deu no mesmo: ‘Não, vocês podem ir para casa porque aqui não tem nada; se chegar, nós vamos até lá’. Mas graças a Deus não chegou e aí eu fiquei em casa, não fui preso, mas não fui preso e não morri porque não passei em Sapé. Uns amigos que passaram em Sapé, esses já se foram, todos eles, porque lá era serviço. Mas, perdi o roçado. Quando eu cheguei no roçado, não tinha mais lavoura, não tinha nada e aí eu fiquei trabalhando para o outro ano, até que deu certo.”

“Nesse momento, eu recebi uma carta do juiz, era o Doutor Anísio Neto, para eu arrumar um advogado. Eu procurei um amigo que era juiz, pois os advogados não queriam ser advogados do povo das Ligas Camponesas. Aí, eu vim para João Pessoa. Aqui eu consegui um advogado e fomos levando. Há audiência, não há e foi se passando o tempo. Quando foi para preparar a reunião para ver

o advogado, eu nem sabia que o Doutor Osmar estava na fazenda. Aí chega o Doutor Osmar lá em casa: 'Como é que está?' 'Está tudo bem, doutor'. 'Vá no cartório e passe uma procuração para mim'. Eu fui no cartório, passei a procuração para o Doutor Osmar e houve a audiência. O juiz não deu a sentença logo, mas depois deu favorável ao povo do Carrasco e, graças a Deus, hoje o pessoal do Carrasco está lá. Eu não estou porque o meu terreno era muito pequenininho."

"A gente trabalhou 12 anos. Cansou a terra. Nem mato nascia. Aí veio a operação do governo para financiar terra. Eu tinha uns amigos no banco e disseram: 'Botija, pode procurar uma propriedade e traga logo os documentos, tudo em ordem. Peça ao dono da propriedade, traga porque você é trabalhador e o banco vai financiar, o governo vai financiar a propriedade'. Eu disse: 'Está certo. Vai dando certo com o meu desejo porque o que eu desejo é uma terra grande para trabalhar'. Morei 20 anos num pedacinho de terra, uma coisinha de nada. Do Carrasco eu tirei um pedacinho, também era pouquinho porque não podia tirar uma área grande porque eram muitos camponeses. Hoje estão lá os camponeses, tudo. É o que eu sei dizer."

"Nesse tempo eu era pobre, só tinha a noite e o dia. Até uma vaquinha que eu tinha eu vendi no fim do ano para pagar o banco porque não tinha onde arranjar dinheiro. No ano que comprei a terra, quando eu cheguei, perdi o roçado todinho porque choveu muito nesse ano. O que eu tinha era uma vaquinha e vendi para pagar o banco. Mas, no ano seguinte, eu comprei outra pelo banco novamente e Deus me ajudou que eu comprei a terra pelo banco, 141 hectares e graças a Deus eu paguei. Não tem quem pague. Eu disse: 'Se tiver um que pague, comigo faz dois porque eu vou trabalhar para pagar'. Quando foi com uns seis anos eu botei o dinheiro em um saco de farinha e levei para pagar. Não tem quem pague o banco, eu vou pagar a minha terra. Quando cheguei lá, o gerente não quis receber, não. Disse: 'Olha, o senhor pode pagar essa terra hoje e daqui a 10 anos, como está programado. Deixe para pagar direito. Leve esse dinheiro, faça o que o senhor quiser, é seu, vá pagando assim como está feito'. Eu disse: 'Está certo. Porque disseram que não tem quem pague, eu vim pagar

para depois não dizer que nenhum pagou'. Era dinheiro de farinha, porque na propriedade teve gente que plantou cana, plantou, não sei o quê, e eu disse: 'Eu vou plantar maniva e enchi tudo. Tinha duas partes de terra, tinha muita gente, eu arrendei e trabalhava direto. Era uma casa de farinha moderna, dois fornos modernos, energia, logo arrumei dinheiro que dava para pagar tranquilo. Foram três tratores porque a terra que eu comprei era toda coberta de mato; eu descobri o mato porque era trabalhador mesmo e meus irmãos também eram. Comprei um trator pelo banco, mais na frente eu paguei, financiei o outro e o outro eu comprei com o dinheiro do trabalho na terra, fez três e eu me levantei em nome de Jesus.' (Aplausos)

Professor Belarmino Mariano Neto: "Muito obrigado, Seu Antônio. A gente vai convidar agora o Senhor Manoel Marinho para falar um pouco sobre o Carrasco."

4.4 Depoimento do Sr. Antônio Manoel Marinho

Senhor Manoel Marinho: "Boa tarde autoridades, senhoras e senhores aqui presentes."

"Não foi diferente a situação do Carrasco das demais. Eu vou começando aqui, mostrando a vocês os limites, na época. Limitava-se o Carrasco, em 1960, ao nascente com o Senhor Zuca Cacheado, Doutor Ábdon Miranda, João Mestre, Pedro Nobre, Antônio Belo; ao poente com o Senhor Assis Mendes; ao norte com João Tomaz, Assis Mendes, Amália Pinheiro, Severino Rufino, João Régis e Yoyo Félix; e ao sul com Ábdon Miranda. Então, gente, isso era uma reserva de terra, uma sobra que ficou e ninguém trabalhava com agricultura, apenas era coberta de mato, as árvores existentes era juazeiro, barriguda, campineiro, espinheiro preto, espinho rei, marmeleiro fino, amorosa, cipó ninho de lagartixa, cipó japecanga, cipó cururu. Parte dessa terra era arenosa e outra parte com muita pedra, pedras miúdas. Daí em diante houve a necessidade daquele povo que não tinha onde trabalhar, não tinha onde produzir para manter as suas famílias. Vieram as Ligas Camponesas, através do Doutor Osmar de Aquino,

de Dona Maria do Carmo e mais outros. Me falha a memória, no momento, pois eu só tinha 14 anos de idade e acompanhava o meu pai. E assistia aquelas reuniões, vi a derrubada do mato, a queima e até as discussões dos advogados, que era Doutor Osmar de Aquino a favor dos camponeses e o Doutor Vicente Claudino de Ponte pelos fazendeiros. E numa dessas reuniões, lembro muito bem que foi numa quinta-feira, quase meio-dia, dentro do próprio Carrasco, o Doutor Osmar oferecia aos proprietários que debatiam sobre aquela parte de terra, e ele ofereceu a metade da terra, onde existiam duas lagoas: uma por nome lagoa do Patacho e a outra, lagoa da Campina. E o Doutor Vicente olhou para o Senhor Assis Mendes e disse: 'Assis, que diz você?' Ele disse: 'Vicente, ou tudo ou nada'. Então, Doutor Osmar levantou-se e disse: 'Pois, é nada, Assis. Você perde porque eu quero fazer um acordo e você não quer, então você perde por completo'. E assim foi."

"Os trabalhos continuaram. A produção de mandioca era imensa. O Carrasco foi o celeiro do comércio de Guarabira. Mas, aí veio a revolução de 1964, como já foi dito aqui, 31 de março de 1964, se não me falha a memória, foi em uma sexta-feira. Sei bem dizer que no domingo próximo então a polícia já bateu na casa do meu pai, Belarmino Marinho de Lima, porque era um dos líderes, na casa de Antônio Francisco de Carvalho, popular Antônio Botija, Adonias Maria de Lima que era o meu irmão, Manoel Luís Alves, conhecido por Manezinho de Lulu. O Adonias já tinha fugido, junto com o Seu Antônio, se refugiando, como ele falou, no sítio Quitéria, município de Alagoa Grande, passando dois meses lá, dormindo em uma loca de pedra. Ele contava que tinha muitos mocós, naquelas pedras, quando o dia amanhecia. O meu pai escondido, eu levava o alimento dele uma vez por dia para que ninguém desconfiasse, eu ia por um caminho e voltava por outro totalmente diferente. A polícia, quando chegou, botou a porta da casa do meu irmão no chão, procurando armas e procurando ele, mas o que encontrou foi uma enxada e uma foice; virou o colchão de cama, existiam aquelas malas antigas, teve uma que ela emborcou e nada encontrou, foi embora. Mas o meu irmão, ele gostava muito de ler, ele tinha muitos jornais

e nesta mesma noite eu peguei os jornais, todos, as revistas que tinha, botei dentro de um saco e fui esconder em uma casa de um parente. Mas lá, ao chegar, eu ouvia vozes de pessoas diferentes e eu, com medo, subi em um pé de manga. Para subir foi muito bom, para descer eu tenho uma impressão que eu cai de uns quatro metros de altura pensando que estava próximo ao chão e ainda hoje o que eu sinto na minha coluna eu deduzo ter sido dessa queda.”

“E meu pai passou esses dias escondidos, dormindo no mato, apresentou-se em Guarabira na delegacia. Lá, o delegado mandou que ele viesse a João Pessoa. Ele veio para o quartel e aqui disseram: ‘Nada tem contra você’. Ele voltou. O meu irmão foi preso duas vezes. Ele foi preso a primeira vez no mês de junho. Essa vez ele passou por Sapé e lá ele recebeu muitas torturas. Ele contava e não gostava de relembrar isso. Na segunda, ele foi preso pela Polícia Militar, mais uma vez, no dia 07 de julho de 1964 e trazido diretamente para o Quartel do 15, em João Pessoa. Ao chegar aqui, ele passou dez dias preso, incomunicável. Nós não sabíamos onde ele estava, se estava vivo, se estava morto. Com dez dias ele foi ouvido pelo oficial do dia, apenas o oficial pegou uma carta, aí disse: ‘Senhor Adonias, foi o senhor quem escreveu esta carta?’ aí ele disse: ‘Foi sim, senhor’. Jogou no balde de lixo. Essa carta, simplesmente, amados amigos, era ele procurando saber o que era o Comando de 11, que ele não sabia, e foi encontrada essa carta no correio, nessa época, e por isto ele foi preso, dessa vez. Então, ainda hoje a família, ele é falecido, desde 20 de junho de 74, de um tumor no cérebro, e a família não descarta que tenha sido das represálias recebidas em Sapé, no comando do Coronel Luiz de Barros.”

“Fiz um requerimento, quando houve aquele falatório de que esse povo iria receber uma recompensa, a família e tal, eu fiz um requerimento, enviei à Assembleia Legislativa, até hoje não tivemos resposta, mas eu tenho aqui, guardado, porque eu gosto sempre de quando envio qualquer coisa eu fico com uma cópia para segurança minha.”

“Gente, era o que eu tinha a explicar para vocês e o meu muito obrigado e que Deus continue nos abençoando.” (Aplausos)

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Fizemos tentativas para encontrarmos mais pessoas de Guarabira que participaram das Ligas, mas foi muito difícil. A maioria já está falecida. Ainda existem alguns que não se propuseram a vir até aqui por causa da idade, muitos com 80, 85, 86 anos de idade. Mas, eles nos relataram um pouco de suas histórias, mas todos diziam que estavam muito velhos e que não queriam vir. A gente gostaria de agradecer a esses senhores e a essa senhora que tiveram a coragem de vir aqui contar para a gente um pouco dessa história. A gente abre agora para um debate ou para quem quiser fazer uso da palavra. Três minutos para cada pessoa porque o tempo já se foi. O Seu Manoel ainda quer falar mais um pouco.”

4.5 Debates

Senhor Manoel Marinho: “Olha, gente, o Arimatéia é testemunha disso. Quando se procura as pessoas daquela época, dificilmente elas querem dar ouvidos e dizem: ‘Não, não, não, pare por aí. Eu não quero saber disso, não. Isso já passou e a gente pode receber alguma represália’. No caso, a minha cunhada tem 78 anos, quando eu disse a ela que vinha para esse encontro, ela disse: ‘Homem, não vá lá, não, você está se arriscando’. Eu vim porque toda a vida eu tive o interesse de lutar pelo menor.” (Aplausos)

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Mais alguém quer fazer uso da palavra? Seu Arnóbio.”

Senhor José Arnóbio: “No regime do ‘cambão’ o trabalhador tinha a obrigação de dar uma diária por semana. Era o pagamento pela casa, pelo direito de morar na casa, uma diária por semana. Depois da diária veio o ‘cambão’, era mais outro direito que o proprietário explorava o morador; ficava segunda e terça; segunda a diária e terça-feira o ‘cambão’ e ficava o resto da semana, da quarta até o sábado, para trabalhar para arrumar a boia para se manter. O ‘cambão’ não ganhava nada e quem acabou com o ‘cambão’ foi a Liga Camponesa, acabou com o ‘cambão’ e a diária.”

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Pois não, Paulo.”

Senhor Paulo Benício: “Boa tarde! Sou Paulo Benício, moro em Mamanguape e participo do movimento da Consulta Popular. Concluí o curso de geografia em Guarabira e meu trabalho de conclusão de curso foi sobre as Ligas de Mamanguape. Como o Seu Arnóbio falou, em Mamanguape, as Ligas Camponesas também foram muito marcantes. Como Sapé, existia toda aquela forma de convocar o povo para rua através dos foguetões e havia, na época, manifestações em Mamanguape que reunia quatro mil pessoas na rua, simplesmente com essa forma de convocar o povo. Isso mostrava o grau de conscientização que o camponês tinha e a vontade de lutar e mudar a realidade.”

“Uma coisa interessante que ele coloca é a propriedade da terra. No vale do Mamanguape, a propriedade da terra concentrava-se apenas em dois grupos. O grupo Lundgren, que era proprietário de toda terra de Rio Tinto, Marcação, Bahia da Traição, parte de Jacaraú, parte de Itapororoca e parte de Mamanguape. E a outra parte pertencia ao grupo Fernandes de Lima, que foi proprietário, por muito tempo, da usina Monte Alegre. A companhia de Tecido Rio Tinto não fazia uso da terra, não tinha nenhuma atividade agrícola que pudesse fazer uso de 20 mil hectares de terra. Toda essa terra era ocupada por moradores e que foi aí que começou essa conscientização dos trabalhadores para lutar pela posse da terra, e foi uma conquista muito importante. Itapecerica, era um engenho e era um núcleo populacional grande. Seu Arnóbio inclusive mora lá, e foi através das lutas das Ligas Camponesas que os trabalhadores conseguiram a desapropriação de cerca de 18 mil hectares pertencentes à família Lundgren. É bem verdade que essa desapropriação ocorreu depois do golpe de 64, mas foi uma consequência das Ligas, pois foi uma tentativa do governo militar atenuar as tensões e ao mesmo tempo atender os interesses dos Lundgrens que estavam precisando de capital para a modernização da fábrica de tecidos. Então Itapecerica foi desapropriada e se transformou em um celeiro com produção de alimentos muito grande. Inclusive, segundo Seu Arnóbio, em outros depoimentos, afirmou que era uma produção muito grande, que era transportada para Recife, João Pessoa e Natal. Esses grandes centros urbanos eram abastecidos pelos produtos que

esses pequenos produtores produziam nessa localidade, mudando a realidade. O que aconteceu em Itapecerica é um pequeno exemplo da importância que teve a Liga Camponesa na vida do povo.”

“Agora, infelizmente, como Seu Arnóbio citou, muita gente vendeu a sua terra. É uma minoria que mora lá hoje. A pequena minoria, mesmo, que participou do movimento resiste e que está morando na terra. A maior parte dos lotes estão sendo vendidos e a terra está voltando a ser latifúndio de novo. Então, precisa ver o que aconteceu, para tentar reverter, talvez, esse quadro. Eu acho que esse é um momento de reflexão muito rico. Eu acho que esse encontro vai dar uma contribuição muito grande para os movimentos sociais para que possa refletir o que foi que aconteceu e poder estar orientando novas lutas para que a terra não volte a ser, principalmente nas áreas onde aconteceu desapropriação, não volte a se tornar latifúndio novamente.” (Aplausos)

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Mais alguém? Gostaria de pedir às pessoas que no momento da intervenção dissessem o seu nome, de onde veio, porque se fazer o registro.”

Senhor José Ferreira de Lima: “Eu sou do Rio Grande do Norte. Sou vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, meu nome é José Ferreira de Lima.”

“É muito importante esse resgate da Memória Camponesa para que a juventude de hoje saiba que essa luta não começou agora, essa luta vem de muito antes e cada estado montou sua estratégia de acordo com a conjuntura local. Aqui, na Paraíba, a influência das Ligas Camponesas foi muito importante. Já no Rio Grande do Norte foi a Igreja e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura. Tinha também uma forte influência das Ligas Camponesas, nos municípios da fronteira com a Paraíba, na região de Baía Formosa, Nova Cruz, etc. Mas a influência mais forte foi da Federação dos Trabalhadores na Agricultura e da Igreja Católica, na organização de greve, de ocupação, de massacre, de luta pela terra, de confronto, de enfrentamento com a polícia. Então, cada estado reagiu da forma da sua conjuntura. Quero dizer também que lá no Estado do Rio Grande do Norte, as lutas não

foram diferentes. O presidente e fundador da Federação dos Agricultores do Rio Grande do Norte, José Rodrigues, foi preso, exilado e passou 22 anos com o nome de Ricardo Silva, e como operador de máquina porque não podia dizer que era trabalhador rural, senão era preso. Então, independente de partido político ou de religião foi todo mundo para o xadrez; defendeu o trabalhador, defendeu a reforma agrária, era comunista, tinha que ser preso.”

“Mas, quero dizer o seguinte. Escutei, de manhã, atentamente, a companheira Elizabeth Teixeira, que passou muitos anos no Rio Grande do Norte, em São Rafael. No Sindicato dos Trabalhadores, em São Rafael, foi aonde ela trabalhou muito tempo, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Não tive tempo de falar com ela, mas o companheiro Neném faleceu, mas o filho dele está no sindicato e disse que se avistasse ela desse um abraço e mandasse lembranças para ela. Inclusive, hoje, os filhos dos agricultores que ela alfabetizou devem muitas homenagens a Marta – para o Rio Grande do Norte é Marta, aqui é Elizabeth Teixeira.”

“Então, para os companheiros que foram torturados, que foram presos, para os filhos e filhas, as viúvas que perderam os seus maridos fiquem tranquilos. Os grandes líderes, quando morrem, quando matam, não se enterram, se plantam, por isso nasceram tantos frutos.” (Aplausos)

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Queríamos registrar a presença do fotógrafo de Guarabira, Wanderley, conhecido por Leledo. Ele tem um rico acervo fotográfico de alguns líderes das Ligas, e fará uma exposição na entrada do auditório durante o encontro. A palavra continua facultada.”

Professora Ghislaine Duqué: “Meu nome é Ghislaine Duqué e sou professora da UFCG. Gostaria de saber dos membros da Mesa como era a situação, antes das Ligas. Como vocês conheceram as Ligas e a diferença que fez, na vida de vocês, depois de ter lutado com as Ligas.”

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Quem começa? Ela perguntou como era antes das Ligas e o que é que vocês conheceram e o que é que modificou na vida de vocês com a participação nas Ligas.”

Senhor José Arnóbio: “Antes da Liga, a gente trabalhava no regime de escravo, a gente não tinha direito, a gente só tinha direito a trabalhar e a sobrevivência era muito pouca, era o tipo mesmo de escravo. Depois da Liga, foi que trouxe toda liberdade para a gente. Antes da Liga a gente morava em casa de palha, fraca e hoje, graças a Deus, foi a Liga Camponesa que trouxe a casa de tijolo onde a gente mora, com energia, com televisão. Tudo a gente tem, com água encanada, açude, fruta, verdura, graças a Deus de tudo a gente tem hoje, tem o leite, tem tudo, graças primeiramente a Jesus e segundo à Liga Camponesa, pois foi quem trouxe toda a liberdade para o homem do campo. É o que eu tenho a dizer.”

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Professora Ghi, essa informação dele é interessante. O sítio Carrasco onde ele mora foi desapropriado naquela época. Eles conseguiram resistir e ficaram na terra e permaneceram, mesmo depois de toda a repressão. Construíram casas, quando na terra dos patrões eles não podiam.”

Senhor Manoel Marinho: “Começou através das reuniões. Era sempre aos domingos, à tarde, quando o povo se reunia e aquele pessoal que ia dar as reuniões, eles começavam a conscientizar aquele povo que realmente nada tinha, aquele povo que era sofrido. Por justa razão, lá no Carrasco, houve famílias que vieram até de outras cidades, por exemplo, de Araçagi.”

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Seu Antônio Francisco.”

Senhor Antônio Francisco de Carvalho: “Meu nome é Antônio Francisco de Carvalho, morava bem vizinho ao Carrasco, nas terras do Manoel Félix da Silva. Morei 20 anos. Depois de 20 anos, ele ficou velhinho, me chamava de Francisco, e disse: ‘Francisco, eu vou lhe vender o seu arrendamento para quando eu morrer a minha família não procurar briga com você. Eu tenho você como um filho’. Eu pagava a ele todos os anos, certinho, quando dava janeiro ele dizia: ‘Francisco, não é hora de você pagar, ainda não’. ‘Mas eu só tenho dinheiro agora e eu não vou deixar para pagar depois porque pode ser que eu não tenha o dinheiro para pagar e aí fica difícil, Seu Yoyo. Então, eu lhe pago logo porque eu fico livre’. ‘É,

você quer pagar, pague, porque eu sei que você já pagou, mas você tem até janeiro pago'. E eu pagava novamente. Eu tinha um terreno arrendado, tinha onde eu morar e tinha outras terras aí, um cercado que eu tinha uns bichinhos e aí eu tinha um terreno arrendado, tinha cana plantada, tinha vazante de capim. Então, ele faleceu e os filhos dele vieram falar comigo: 'Seu Botija, o senhor o que é que diz? E aquela cana, aquele capim, aqueles cercados?' Eu disse: 'Ali é da terra porque a terra não é minha, eu sou arrendado. O meu patrão faleceu, Seu Yoyo, aí vocês não querem tomar conta da terra de vocês. A terra é de vocês'. 'E aquela cana?'. Eu disse: 'Aquele cana é da terra porque eu não posso arrancar e levar para a minha terra. Então, vocês ficam com a cana e a vazante de capim é a mesma coisa. Agora, eu só quero que vocês não tirem as minhas estacas e os arames que eu tenho, cercado, que eu tenho uns bichos, e o resto vocês podem tomar conta que a terra é de vocês, não é minha'. Eu era amigo e era arrendado; eu fazia e desfazia; eu pagava o arrendamento, tudo certinho e o velho era bacana demais. Aí eu fiz casa, até botei morador para me ajudar."

Senhor Presidente Belarmino Mariano Neto: "E o seu pedaço, no Carrasco? Que o senhor inclusive ajudou a dividir com os outros, lá."

Senhor Antônio Francisco De Carvalho: "O Carrasco foi o seguinte. Não era muita terra e aí Dona Maria do Carmo mandou que eu dividisse duas cinquenta para cada um. Teve gente que ficou até com mais de duas cinquenta e teve gente que ficou até com menos de duas cinquenta porque era dentro dos matos que a gente ia medindo. Se fosse abrir picada, para medir tudo certinho, aí ia demorar muito, por isso a gente abria à vontade. Todos combinaram para ficar assim. Aí Dona Maria me entregou: 'Seu Botija, o senhor vai dividir essa terra para esse povo porque eu não vou estar aqui, direto, vai ocupar muitos dias e eu não posso ficar aqui'. Ela ia só naqueles dias em que ela tinha vontade de ver os camponeses trabalhando. Aí eu dividi a terra todinha. Eu media 50 braças e eram 2,50 para cada, e tinha gente que ficava com mais de 2,50, mas tinha gente que ficava com menos porque era medindo dentro do mato trancado. Não era brincadeira, não, mas dividi para tudinho e deu certo."

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Obrigado. Dona Glória quer dizer mais alguma coisa sobre a pergunta da professora?”

Senhora Maria da Glória Celestina da Silva: “A senhora ali perguntou quem trouxe a Liga Camponesa para a Paraíba. Eu acho que foi Assis Lemos porque eu via meu pai falar muito, dizia que Assis Lemos, Francisco Julião, foi esse povo que fundou a Liga Camponesa aqui na Paraíba.”

“Na minha vida mudou um bocado de coisa porque naquele tempo todo mundo sabia como é que era o massacre e hoje, graças a Deus, a gente está sossegado.”

“Isso aí meu pai não participava, não porque ele era um camponês calmo, mas tinha muitos camponeses, os que apanharam, eles iam na fazenda de qualquer pessoa e derrubava mato e botava roçado. Era verdade isso, em Mamanguape. Mas, depois, pagaram caro porque tinha o Coronel Luiz de Barros que levava a turma dele, pegava o povo que estava lá, botando os matos para fazer roçado, botava no caminhão e os soldados vinham montados em cima de cada um, vários soldados montados em cima de quem estava lá, chutando, fazendo de tudo.”

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Com a palavra o Sr. Arimatéia.”

Senhor José de Arimatéia: “Boa-noite a todos. Eu sou José de Arimatéia, sou estudante da UEPB, Guarabira, Campus III, do curso de História. Estou no final do meu curso e estou fazendo a minha monografia. Para minha felicidade, estou aqui com o Professor Belarmino, que me convidou para participar desse encontro. Nas minhas leituras sobre as Ligas Camponesas, vi que já tinha alguma coisa escrita sobre as Ligas de Sapé, de Mari, de Mamanguape, mas faltava ainda recuperar a história das Ligas de Guarabira. Foi quando comecei a entrevistar os participantes do movimento, inclusive pessoas que não puderam estar aqui hoje por conta da idade e de doenças. Tentando responder à pergunta da Professora Ghislaine posso acrescentar o seguinte: o Carrasco era uma área reservada, era uma sobra de terra, que segundo o Dr. Osmar de Aquino media uns 400 hectares de terra. Desses 400 hectares de terra, restavam apenas 96 hectares. A outra parte, os fazendeiros, proprietários, já haviam invadido. Da parte que restou, os

moradores do Maciel queriam a terra para trabalhar. Então começou um atrito com o Senhor Assis Mendes. Foi aí que entrou a pessoa do advogado Osmar de Aquino na história. Ele soube que essa terra era uma reserva do governo e que media 400 hectares e não apenas 96. E começou a conscientização de que essa terra tinha que ser distribuída com o povo. Então, foi a partir desse momento que começou a haver as reuniões.”

“Outro fato também interessante é que no Maciel, que era um povoado, só existiam três rádios. Na quinta-feira, havia um programa na rádio Maquiavel, apresentado pelo Senhor Leonel Brizola. Os moradores se reuniam para ouvir o programa na residência do Tenente Almir, que havia servido durante a Segunda Guerra Mundial e que estava aposentado e já estava afastado. Os outros dois donos de rádio, João Narciso e o Senhor Carneiro, eles não ligavam o rádio porque diziam: ‘É um programa de comunistas, se nós ligarmos o rádio a polícia vai vir, é capaz de tomar o rádio e de nos prender’. E o Senhor Tenente Almir disse: ‘Quem quiser, venha para a minha casa que eu não tenho medo de polícia, não tenho medo de Exército, enfrentei batalhões na Segunda Guerra e estou disposto a enfrentar novamente’. Isso acontecia nas quintas-feiras, na casa do Tenente Almir. Foi através desse programa que o povo do Maciel tomou conhecimento dos movimentos de organização dos trabalhadores rurais. Todos esses dados eu estou colhendo através de entrevistas e de conversas com algumas pessoas. Uma pessoa diz uma parte, outra acrescenta mais alguma coisa e, desse modo, eu espero montar a história das Ligas em Guarabira.”

“Muito obrigado.” (Aplausos)

Presidente Belarmino Mariano Neto: “Bom, pessoal, encerrando os trabalhos do dia de hoje, gostaria de agradecer a todos e dizer que amanhã, a partir das 8 horas, a gente vai dar continuidade ao seminário aqui, no auditório da Assembleia Legislativa. Uma boa noite a todos.”

MESA V – MÉDICOS, POLÍTICOS, SINDICATOS E AS LIGAS CAMPONESAS

Presidente Marilda Menezes: “Bom-dia a todos. Agradeço a presença de todos aqui, hoje. Vamos dar continuidade ao dia de ontem, que foi um dia tão forte de emoções, de histórias e memórias. Eu acho que o tempo que nós tivemos para partilhar, em termos de lembranças do que representou o movimento das Ligas para a história da Paraíba e para a história do Brasil, ainda foi muito pouco para expressar todas as emoções e os sentimentos que se apoderaram de nós no dia de ontem. Acho que cada um de nós, provavelmente, passou a noite com muitos sonhos e levantou-se hoje ainda inebriado com aquela emoção muito forte. Pelo menos foi isso que aconteceu comigo. Acho que a noite toda eu sonhei com os depoimentos, com as recordações plenas de emoções que nós vivemos ontem. É muito difícil expressar em palavras tudo que nos embalou no dia de ontem, pois que vai muito além, muito além do que nós podemos registrar no texto escrito, na imagem. É difícil exprimirmos todos os sentimentos que nos envolvem, toda a emoção que estamos vivendo, deste ontem.”

“Então, nós agradecemos a presença desse público tão envolvente que está aqui, hoje, também, e vamos dar continuidade a esse trabalho de recuperação e de registro do significado e da experiência das Ligas Camponesas na Paraíba.”

“Para hoje, nós temos programadas quatro Mesas. Talvez a programação seja reformulada porque nós estamos lidando com pessoas de 70 a 90 anos, que, pelo próprio ciclo da vida, estão um dia bem de saúde, outro dia não tão bem. Algumas pessoas, muitas vezes, no dia da sua fala não estão em condições de saúde de se manifestar, então a gente vai fazer algumas pequenas modificações

na programação. A primeira Mesa nós intitulamos: ‘Médicos, políticos, sindicatos e as Ligas Camponesas’.”

“Ontem, na abertura, o Dr. Assis Lemos falou da importância das Ligas na conquista dos postos de saúde e na autonomia que as Ligas tinham para indicar os médicos e os enfermeiros. Foi um grande avanço, naquele momento político, porque se tratava de um espaço de autonomia das elites locais, das oligarquias locais. Então, nós tivemos a felicidade de encontrar, de contatar dois médicos que vivenciaram essa experiência. Chamamos para compor a Mesa o Dr. Malaquias Filho, que foi médico do SAMDU e foi demitido pela ditadura militar. Nós havíamos, também, conversado com o Dr. Geraldo Camilo, que além de médico foi também prefeito de Mulungu. Parece que ele ainda não está presente. Assim que ele chegar nós o convidaremos para a Mesa. Nós chamamos, agora, o Prof. Luiz Hugo Guimarães, presidente do CGT. Para compor essa Mesa, também estava convidado o Dr. Agassiz Almeida. Parece que ele não está presente. Ontem, à noite, reafirmamos o convite. Ele disse que faria o possível para chegar a tempo, para estar aqui, de manhã. Mas ele está muito envolvido com a visita de Cristóvão Buarque e talvez não tenha havido possibilidade dele se reorganizar para vir. Mas se ele ainda chegar, nós o chamaremos para a Mesa.”

“Vamos iniciar, dando a palavra ao Dr. Malaquias e depois ao Senhor Luís Hugo Guimarães.”

5.1 Depoimento do Sr. Malaquias Batista Filho

Dr. Malaquias Batista Filho: “Bom-dia a todos. Antes de tudo, meus agradecimentos pelo honroso convite desse grupo que está resgatando as memórias das lutas populares que foram patrocinadas ou promovidas ou, pelo menos, parceirizadas pelas Ligas Camponesas do Estado da Paraíba.”

“Este encontro é uma oportunidade muito boa! Vejo aqui muitos companheiros de lutas daquela época, o meu líder, um dos líderes, Assis Lemos, porque do outro lado estava o grupo de Dona Elizabeth e naquele tempo havia muitas lutas internas entre as esquerdas. O que acontece, inclusive, hoje. Eu decidi

simplesmente conviver com os dois grupos. Então, em relação a isso, eu fiquei em cima do muro, mas era um muro que separava de outros muros que a história naquele momento colocava a nossa frente. Tem aqui o Luís Hugo Guimarães, líder daquele tempo dos bancários e o presidente do Comando-Geral dos Trabalhadores, o Dantas, que segurava aqui como representante do grupo de Julião e Dona Elizabeth Teixeira, em que eu votei, por sinal, na eleição para deputado. Elias Quirino, lá de Alhandra e tantos outros oitentões ou noventões que, inclusive, têm que ser poupados para que não sejam esgotados pelo tempo de uma apresentação. Eu estou, também, nessa faixa etária, estou com uma cirurgia realizada a cerca de 15 dias, mas mesmo assim eu espero permanecer os meus vinte minutos.”

“Bem, antes de qualquer coisa, eu gostaria de dar um depoimento, de caráter pessoal, por que entrei nesse movimento. Eu estava fazendo o curso de medicina quando li um livro que mudou a minha vida. Foi, ‘A geografia da fome’, de Josué de Castro. E, então, abandonei o projeto de ser um médico convencional, como a clínica ou como a cirurgia, praticando a medicina liberal, ganhando dinheiro, talvez com a possibilidade política de ser prefeito do meu município, porque essa era a imagem que papai fazia, em relação a mim – esse deveria ser o meu itinerário. E quando eu li Josué de Castro, eu vi que existia um mundo diferente, e que nós convivíamos com a grande mentira de um quadro de desigualdade chocante de que a fome era um problema historicamente importante. Há muito tempo Josué de Castro teve o mérito exatamente de resgatar isso e que praticamente toda a cultura, toda a civilização atual, que nós vivíamos, era uma forma de conviver com esse tipo de desigualdade, e que só existia uma saída: era exatamente romper com esse tipo de estrutura e desenvolver um trabalho de redenção política, social e ética dos oprimidos. Essa foi a mensagem que me fez mudar de vida. Foi uma volta de 180° graus na minha vida. Bem, ao lado disso, o fato de ter despertado intelectualmente e espiritualmente, no sentido figurado, e politicamente para essa realidade, eu vivia um momento em que nós tínhamos uma situação excepcional para exercitar essas ideias, dentro de um

campo de luta muito oportuno: o movimento camponês que estava surgindo naquela época. E, como o homem do campo – aliás, eu estou trazendo aqui essa roupa (calça e camisa de mescla) que foi dada de presente, quando eu completei 70 anos, e que é exatamente a roupa que um camponês, o meu avô, usava. Eu tive que dar uma série de instruções para o alfaiate. O corte é exatamente esse. Bem, mas, como gente do campo, com olhos diferentes, eu comecei a perceber uma série de situações que me davam pretexto e motivação para participar dessa luta. Era fato que nós tínhamos uma mortalidade infantil de 160 por mil, o que levou um dono de propriedade a dizer que se a mortalidade entre bezerros e entre porcos fosse tão grande, ele deixava de criar bezerros e porcos. Essa mortalidade acontecia com pessoas humanas. Esse era o quadro. Essa era a realidade epidemiológica que, necessariamente, teria que ser politizada. E as Ligas Camponesas eram um caminho para uma politização consequente com relação a esses problemas.”

“Então, ainda como estudante de medicina, terminando o curso, eu me tornei um militante. Entre os meus colegas, entre alguns professores, eu consegui a adesão de alguns professores que, por dedicação se dispunham a abrir os seus consultórios para atender casos que, como clínico geral ou como acadêmico que ainda estava terminando o curso, eu não tinha condições de resolver. Eu me lembro muito bem do Dr. Lúcio Batista e mais ou menos 14 ou 15 outros médicos que, voluntariamente, se dispuseram a abrir os seus consultórios e abrir um pouco de suas consciências para essa luta que estava se iniciando. Então, nos sábados e domingos eu ia para Oitizeiro. Dantas, morava por ali por perto. Eu atendia os camponeses levados pelo grupo de João. Não era João Pedro, não. Era o líder das Ligas Camponesas de lá Oitizeiro. Eu atendia a demanda das pessoas que vinham participar da feira e vinham com algum tipo de doença.”

“Quando houve a morte de João Pedro, praticamente se instalou uma comoção nacional. Lembro-me de um comício que fizemos aqui, no antigo Ponto de Cem Réis. Nesse tempo, não estava vedado para o público. Tinha um espaço do outro lado onde ficava uma rádio, a Correio da Paraíba. Ali tinha um espaço

que era muito bom para ficarem os oradores. Foi feito um comício ali. Iniciou-se uma mobilização que terminou com a vinda do presidente da República para um grande comício que aconteceu na Lagoa. O Assis Lemos, que tinha um trânsito direto com o João Goulart, tornou-se encarregado de saber o que poderia ser feito imediatamente para melhorar as condições de vida dos trabalhadores. E o que poderia ser feito imediatamente, já vejo que Assis prestou esse depoimento ontem, era organizar uma rede de serviços médicos que atendesse aos camponeses, de maneira que a gente saísse daquela fase de simples voluntariado, de boa vontade e pudesse prestar a assistência médica de forma institucional, de uma forma organizada, com os serviços formais de saúde. Então, instalou-se o serviço médico das Ligas. Acho que Assis registrou isso com muita propriedade. Foi uma ação política importante porque, pela primeira vez, nós tínhamos um movimento indicando quem deveria fazer parte da equipe da prestação de serviço. Foi uma forma de popularizar os serviços médicos no Brasil.”

“Eu creio que até nas próprias memórias da evolução de serviços de saúde, pela sua singularidade, pelas particularidades que isso significa, esse fato deveria ser registrado como um momento, conceitualmente, politicamente, doutrinariamente muito importante, disso que hoje se prega que é a democratização dos serviços de saúde.”

“Bem, nessa época, eu creio que, mais ou menos por aí, houve um conflito marcante que foi a luta de Miriri em que morreram 12 pessoas no conflito. Foi, de fato, uma cena chocante e eu me lembro que alguns dos ‘apressados’, que nós chamávamos de trotskistas, concluíram ter se deflagrado a luta armada no país: ‘Olha, começou a luta. Doze pessoas morrem tão como ocorre atualmente no Vietnã’. O fato de terem morrido doze pessoas (parecia uma posição um tanto ingênua) significava que estava aberta a luta pela mudança do regime político no Brasil. Vamos em frente. Era uma turma jovem de 20 anos, 20 e poucos anos de idade, que achava que de fato aquilo seria um ponto de partida da nossa ‘Sierra Maestro’. Eu acho que esse depoimento é muito interessante para ver o tipo de conflito, de discussão, de corrente, de debate, que se travava dentro do movimento, naquela época.”

“Eu creio que nós poderíamos abordar agora um outro eixo. Eu acho que talvez tenha sido tratado antes. Eu lamento não ter participado das discussões de ontem, eu tinha um compromisso no Recife, e também por questões de saúde não pude comparecer, mas eu creio que uma pergunta que fica no ar é a seguinte: Será que valeu a pena? Será que não foi um grande exercício de utopia? Será que o que aconteceu aqui no Brasil e desencadeou uma série de movimento na América Latina, no Uruguai, na Argentina, no Chile, derrubando os governos constituídos e instalando à imagem e semelhança do que aconteceu no Brasil, um bloco de contra-revolução, um bloco de consolidação de uma situação internacional, sob a liderança dos Estados Unidos? Então, muito provavelmente, o que estava acontecendo aqui na Paraíba, exerceu um papel importante, em relação a isso. Será que nós fomos culpados por algumas antecipações, por algumas ousadias, por tudo isso que aconteceu? Ou isso fatalmente aconteceria? Eu creio que fatalmente isso teria acontecido. Na verdade, era um confronto de natureza internacional, aqui era um palco importante, era um palco particularmente iluminado para esse tipo de acontecimento, simbolicamente isso está na história das lutas, mas, mesmo com o que aconteceu, com a implantação da ditadura, na verdade é que muitas conquistas terminaram sendo respeitadas.”

“Acabou-se o ‘cambão’; acabou-se a terça; acabou-se um regime de trabalho semiescravo, que ainda hoje acontece, mas, diferentemente de então, quando acontece e alguém denuncia, provoca uma comoção. Os meios de divulgação, o movimento dos direitos humanos entram em cena. Eu acredito que tudo isso representa conquistas do movimento que, aparentemente, teria se encerrado em 1964. A verdade é que, de lá para cá, no mundo inteiro passou a existir um caudal, uma consciência crescente, uma corrente de ideias de movimento em torno dos direitos fundamentais do homem. Eu creio que isso é exatamente resultado das lutas populares e dos episódios que, localmente, aconteceram aqui na Paraíba, sem querer dar uma dimensão internacional a isso, mas, ao mesmo tempo, dando também essa dimensão, como parte de um movimento

que ainda hoje continua. Então, nós vemos a luta contra a globalização, contra o capitalismo selvagem, contra a necessidade de um mercado que, existindo, tenha um controle social e que exista princípios éticos para o desenvolvimento humano, eu percebo nisso, de certa maneira, a semente, as ideias, vou usar uma expressão, uma tanto técnica: o genoma político do que aconteceu numa fase muito intensa das lutas populares aqui no Brasil, especificamente aqui no Estado da Paraíba. Eu creio que nós poderemos muito bem manter esses sonhos. Eu, hoje, tive muita vontade de vir com a camisa vermelha, mas ela estava muito machucada e a menina ainda não tinha se acordado, e não vim por isso daí. Mas, eu creio que nós teremos possibilidades de enquadrar uma visão marxista no mundo, dentro de uma nova engenharia política. Nós temos que reconhecer que cometemos uma série de erros aqui, fora e em vários outros países, mas isso faz parte da história. Talvez, como diz um poeta mexicano, é o Rubens Paz: 'A gente tinha que juntar Marx, uma poesia e um pouco talvez até de anarquia'. Anarquia não no sentido pejorativo do termo, mas desse anseio de liberdade individual e com esses três elementos construir, talvez, uma nova via para que no mundo desapareça essa desigualdade chocante; desapareça o fato de que uns são latifundiários e outros não têm terra, nem têm teto, e que uns são mais do que incluídos porque excluem os outros, de que existam hegemonias e um poder político possa dizer: 'Esse é o partido do bem', como diz Bush, 'e esse é o partido do mal'. Então, eu creio que nós poderemos trabalhar, ainda, como operários e como formuladores dessas ideias novas que a partir de tudo isso que nós fizemos, que nós lutamos, que nós sofremos e que milhões de outros sofreram, possam representar um investimento para a construção de um mundo melhor, sem as desigualdades e dentre outras coisas se manifestam dentro do processo saúde e doença."

"Eu tenho, ultimamente, feitos alguns trabalhos, mais na área técnica, mas o meu grande projeto de vida é escrever um livro sobre a geopolítica das desigualdades. E como eu devo passar dois meses em São Paulo, em tratamento, vou aproveitar essas férias obrigatórias, dentro do tratamento, para avançar nesse

livro que seria um resgate das nossas experiências, das nossas ideias e das perspectivas de construção de um mundo diferente que tem que passar, necessariamente, pelos sonhos e pelas utopias dos que estão aqui e até daqueles que já não estão aqui.”

“Muito obrigado.”

Presidente Marilda Menezes: “Muito obrigada, Dr. Malaquias. Nós passamos, então, a palavra para o Senhor Luiz Hugo Guimarães que foi, na época, presidente do Comando-Geral dos Trabalhadores.”

5.2 Depoimento do Sr. Luiz Hugo Guimarães

Senhor Luiz Hugo Guimarães: “Meus companheiros, ilustre presidente da Mesa! É com muita satisfação que eu pude atender ao convite formulado pelo companheiro Porfírio, para participar dessa reunião, a fim de reacender as atividades em favor dos mais necessitados.”

“O CGT, conhecido como Comando Geral dos Trabalhadores, foi uma organização sindical necessária para podermos coordenar as atividades das diversas entidades sindicais, da época. Surgiu primeiro em Pernambuco como Conselho Sindical dos Trabalhadores. Nós, aqui, próximos de Pernambuco, e como eu era o vice-presidente da Federação dos Bancários, cuja sede estava em Recife, trouxe para cá e fundei também o Conselho Sindical que, posteriormente, nós transformamos em Comando Geral dos Trabalhadores. Essa transformação em CGT foi uma consequência de uma reunião nacional, no Rio de Janeiro, quando tivemos a necessidade de incluir na pauta do movimento sindical a participação política dos sindicatos. Como vocês sabem, foi Lenine que disse que uma das funções mais importantes do sindicato era ele se tornar um instrumento político, para a conquista do poder. E alguns companheiros do Partido Comunista, do Rio de Janeiro, aqueles mais bem aquinhoados com a inteligência, levaram para essa reunião nacional a proposta da formação do CGT, com esse espírito de fazer com que os sindicatos participassem politicamente do movimento nacional. Surgiu, então, o CGT em âmbito nacional e cada estado, então, fundou o seu CGT. Como

eu estava presente na reunião, fui eleito presidente do CGT nacional. Dante Pelacano, que era um militante paulista da área metalúrgica, deu a sugestão de que eu devia ser o presidente do CGT, já que era presidente do CONSINTRA. Vim para cá, reuni o pessoal e o pessoal me elegeu. Não sei se foi bom ou se foi ruim porque a gente sofre as consequências das atividades, em determinado momento. Bem, a iniciativa, realmente, foi muito importante para João Pessoa porque a atividade dos sindicatos era completamente dispersa. Então, se havia algum movimento por parte de um sindicato, como, por exemplo dos trabalhadores da indústria do cal e do gesso, eles ficavam isolados, não havia o apoio dos demais sindicatos. Se havia uma greve em Rio Tinto, os trabalhadores têxteis ficavam lá, isolados. Então, a partir da criação do Comando, ninguém fazia uma greve sem conversar com o CGT, que era para a gente mobilizar todas as outras instituições, todas outras classes em torno daquela reivindicação momentânea. Foi isso que levou o CGT a participar do movimento camponês, nos dias 29 e 30 de abril. Estamos, exatamente, completando ano desse fato. Foi feita, então, a comissão organizadora que se reuniu na sede da Federação dos Trabalhadores da Indústria da Paraíba, que ficava em frente do prédio onde hoje abriga o Comando da Polícia Militar. O organizador era João Ribeiro – não sei por que ele não está por aqui, sempre foi ligado a essa movimentação – e ficou constituída a seguinte comissão: eu como presidente, representando o Sindicato dos Bancários, do qual era presidente; o 1º vice-presidente era Aluísio Cabral, não sei se vocês se lembram que era o representante da rede ferroviária, era um dinâmico companheiro, muito atuante; o 2º vice-presidente era José Pereira dos Santos – vocês conheceram Peba, acaba de lançar um livro agora. Até pensei que ele estivesse aqui. Peba foi o 2º vice-presidente desse encontro. Como secretário-geral, nós tínhamos Júlio Bernardo, que era do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica; José Gomes da Silva, que era o advogado dos sindicatos, foi o 1º secretário; José Soares dos Santos, que era o presidente do Sindicato de Cal e Gesso, foi o tesoureiro; e Antônio Fernandes de Andrade, que era o presidente do sindicato de Rio Tinto. Dessa reunião ficou

acertada a realização de um comício em Rio Tinto em comemoração ao dia do trabalhador. A ênfase principal desse encontro era exatamente levar o movimento sindical urbano para apoiar as Ligas Camponesas. Esse foi o espírito da realização do primeiro encontro dos trabalhadores, em Rio Tinto, e surtiu grande efeito. Foi Antônio Fernandes de Andrade, o Bolinha, quem comandou propriamente a concentração realizada em Rio Tinto. Ele fez a saudação aos delegados e um fato interessante é que Pedro Gondim, governador da Paraíba na época, mandou, como seu representante, o Deputado Silvio Porto. Ele fez um discurso, não digo violento, mas entusiasmado, sobre a necessidade desse apoio do movimento sindical, de modo geral, ao movimento camponês que estava surgindo.”

“Todos nós sabíamos das posições de Pedro Gondim. Dizia ele que era uma tentativa de equilíbrio e aí nem estava de um lado e nem estava do outro. Isso criava uma situação meio difícil do convívio, embora ele, de certo modo, desse alguma atenção ao movimento sindical. Sempre que havia uma greve, ele se interessava em solucionar o problema da greve, mas se interessava em solucionar porque não era bom para o estado. Era aí que eu, como presidente do CGT, era convocado. Várias vezes me chamaram em Palácio, às vezes, até de noite. ‘Olhe, essa greve, vamos resolver, encontre uma solução.’ E, às vezes, eu saía para o porto de Cabedelo, quando estava em greve, para encontrar a saída. Realmente encontrava a melhor solução. Na fábrica de cimento, houve uma greve seríssima. Prenderam os diretores dentro da fábrica: ‘Não sai ninguém’. Ameaçaram de parar o alto-forno, seria um grande prejuízo. Então, era necessária, portanto, a fundação do CGT na Paraíba e teve realmente uma repercussão que pouca gente sabe. Agora, nós estamos conversando aqui, tranquilos, entre amigos, fazendo aqui um depoimento do que ocorria nos bastidores. Mas na época não foi fácil.”

“Voltando à concentração de Rio Tinto, a sua realização decorreu da necessidade do apoio do movimento sindical, de modo geral, ao movimento camponês que estava surgindo. Isso em 1962. A Liga de Sapé foi fundada em 1958. Depois vieram uma, duas, três e aí o movimento camponês estava tendo repercussão, se

bem que a repercussão fosse consequência dos atritos violentos que a imprensa registrava. Mas, de qualquer forma, houve uma necessidade e o movimento sindical urbano resolveu que era necessário dar esse apoio. Também, nesse encontro, foi lida a mensagem do Deputado José Joffily, que vocês conhecem, era uma figura espetacular, um progressista; o Professor Cláudio Santa Cruz, como presidente do Partido Socialista Brasileiro, também se manifestou e o Senador Aluizio Campos, que também era do Partido Socialista, mandou uma mensagem importante.”

“A presença de Sílvio Porto não foi boa para ele. Quando estourou o golpe, ele foi cassado exatamente porque pegaram esse material que os jornais publicaram e como ele tinha representado o governo e tinha tomado uma posição, não houve dúvidas, entrou na degola. Foi cassado também. Grande parte daqueles que tomaram parte nessa reunião foram presos. Bolinha, que era o presidente do Sindicato de Tecelagem e que depois se transformou em prefeito de Rio Tinto, foi quem organizou toda a manifestação, foi quem garantiu o sucesso, o êxito desse encontro. Esse foi preso e foi meu companheiro de cárcere durante 20 dias, aqui no 15º RI. Ele e mais outros, inclusive, todo o pessoal que era do SAMDU de Mamanguape. O SAMDU tinha um prestígio muito grande. Como vocês sabem, o SAMDU foi criado na Paraíba pela grande influência que o nosso companheiro Assis Lemos tinha junto a João Goulart. Eu sou testemunha desse apelo que ele fez a João Goulart, até porque eu fiz parte da assessoria sindical de João Goulart, durante essa época, o que não teve boa repercussão na minha vida! Eu fui cassado, logo na primeira leva, naquele primeiro listão.”

“João Goulart veio à Paraíba a convite e por sugestão de Assis Lemos. Com o apoio do movimento sindical, nós reunimos 15 mil pessoas, aqui, no Parque Sólon de Lucena. Eu me lembro que a minha função era conseguir que a rede ferroviária liberasse os trens para trazer o pessoal de Sapé. Sei que juntou muita gente. Tem fotografia disso aí. Então, essa participação do movimento sindical urbano em favor das Ligas Camponesas foi um fato realmente positivo.”

“Nessa assembleia, que nós fizemos aqui, nessa comemoração, dessas 15

mil pessoas que estavam aí, a maioria era exatamente o pessoal que pertencia às cidades de Santa Rita, Mamanguape e Sapé. Esse pessoal veio todo. As faixas eram aquelas: 'Reforma agrária na marra!' Não tinha outro tipo de faixa. Essa concentração, na Paraíba, contribuiu para dar maior vitalidade a essa campanha. Daí porque a vinda de João Goulart a João Pessoa teve o objetivo de tentar amaciar isso. Porém, não chegou a amaciar. A dificuldade do presidente da República em se posicionar nas horas de mudança é muito grande. Não só do presidente da República. Qualquer um que esteja no comando de alguma entidade sabe que não é fácil quando está tudo dividido e se tem que caminhar com equilíbrio. João Goulart veio e não agradou porque o pessoal que estava lá queria um pronunciamento firme, uma tomada de posição favorável à reforma agrária. Não é fácil, como não é fácil Lula, hoje, tomar uma posição favorável ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e dizer: 'Eu estou com vocês'. Não dá para dizer isso. Não é fácil!"

"Quando Jango veio à Paraíba, fez o discurso – eu não assisti todo o discurso dele, porque quando ele começou a falar, eu tive que ir para Campina Grande preparar a sua viagem. Ele saía daqui e ia para Campina Grande. Eu tive que sair com o Deputado Arnaldo Lafaiete para ver como estava a organização de Campina Grande, ver quem ia falar. Então, a gente tinha que diligenciar para não apertar muito o presidente, para ele não ficar obrigado a tomar uma posição. Lembro-me que quando cheguei em Campina Grande, encontrei com Peba e Ofélia. Eu disse: 'Ofélia, quem é que vai falar para saudar o presidente?' 'É Peba'. Eu disse: 'Virgem Maria! Peba vai pegar no arranco, vai pegar Jango para dizer: 'Vamos fazer a reforma na marra'. Aí chamei Peba: 'Rapaz, cadê o teu discurso?' Ele disse: 'Eu vou falar de improviso'. Eu disse: 'Pronto, lascou foi tudo'."

"Pois, esses são fatos interessantes que aconteceram na nossa vida, na nossa participação no movimento sindical. Mas, o que é importante é que o movimento sindical urbano se associou ao movimento das Ligas Camponesas e nós dávamos certa cobertura, quando tinha um fato grave, como foi o episódio da chacina de Mari."

“Uma vez quiseram dar uma surra em Assis Lemos, lá para as bandas de Itabaiana. Lá vai a gente atrás. Assis era um sujeito que tinha um prestígio danado. Foi por conta desse incidente que ele ficou mais complicado ainda. No Rio de Janeiro, a gente se encontrou com o Almirante Aragão, que era paraibano e era comandante Naval. Nessa conversa, sabendo dessa tentativa contra Assis Lemos, ele disse: ‘Rapaz, você não anda armado, não tem proteção? Eu vou lhe arranjar uma arma’. Arranjou um revólver 45, da Marinha, e deu a ele. Muito bem. Quando veio o golpe de 64, pegaram Assis: ‘Cadê a arma que o almirante lhe deu?’ Eles queriam implicar o almirante, que findou sendo cassado, também. E começou a procura por essa arma. Assis, muito sabido, num inquérito lá com Ibiapina, foi e disse: ‘Quando eu passei na ponte, em Recife, eu joguei o revólver no rio’. Ibiapina era tão ruim, com licença da palavra, que chamou a Marinha para mandar dragar o rio e procurar pela arma. Vejam como era um negócio importante.”

“E uma coisa que foi gozada também, ainda relacionada com a história da arma. Na ‘área de proteção’ em que eu passei no 15º RI quando estava preso, levaram também o chofer do jipe de Assis Lemos. O coitado não tinha nada o que ver com isso, mas queriam que ele dissesse onde estava esse revólver que deram a Assis Lemos. Esse rapaz teve uma disenteria, quase se apaga lá no quartel. O sistema nervoso é um negócio! Vocês não sabem o que é ser preso! Agora, é bom que cada um seja para aprender como é essa experiência. Esse é que um desejo! Mas, no mínimo, vocês têm o que contar. Tenho um neto, já de oito anos, que diz: ‘Mas vovô é arretado.’”

“ Bom, meus amigos, a minha função aqui é realmente situar o que aconteceu, como foi e se houve a participação do movimento sindical urbano. A gente dava sempre apoio, o pessoal vinha para cá e a gente fazia movimento, campanha. A gente participava de todas as reuniões. Na API, então, tinha várias reuniões. Adalberto Barreto que era uma das figuras importantes do movimento nacionalista abria a API para a gente se reunir. Eu também, nesse tempo, era da API. Em 64, me botaram para fora porque eu era subversivo. Só voltei agora.

Pois bem, considero que a posição nossa no apoio às Ligas foi positiva.”

“No dia 30 de abril, quando se encerrava a reunião de Rio Tinto, todas as lideranças, num ônibus especial, vieram para João Pessoa e nós fomos recebidos no Palácio do Governo, num apoio do governo a esse movimento que nós fizemos. Nesse encontro, estavam presente o Governador Pedro Gondim, o senador Argemiro de Figueiredo, o prefeito da cidade, que era o médico Miranda Freire. Eu tenho fotografia dessa recepção onde estava toda a liderança sindical. Lembro-me bem de Cabral Batista, que nesse tempo ainda era do Partido Comunista e depois abandonou o partido. Então, as lideranças foram recebidas no Palácio, com coquetel, um negócio organizado. Era o governo reconhecendo a importância do movimento sindical que cada vez mais se aglutinava e tinha um comando. Tinha um comando! Se bem, que o meu comando não fosse ditatorial. A gente sempre se reunia para decidir o que fazer, inclusive se devia haver greve ou não. Eu me lembro que sob a orientação do comando houve um fato interessante. Nós nos reunimos para decidir fazer uma concentração na frente do Palácio. Pela primeira vez se pensou isso na Paraíba. Foi quando houve aquele crime com o pessoal de Ribeiro Coutinho, que resultou na morte de 12 pessoas. Decidimos fazer uma concentração de protesto. Fomos todos para lá. Pedro Gondim mandou um representante, para ver se evitava, se encontrava uma solução. Seria a primeira vez que os trabalhadores iam se reunir em frente ao palácio do governo. Hoje não, todo dia tem uma concentração aqui, na frente do Palácio. Toda sorte de coisas: barraca, o diabo... O representante que Pedro Gondim mandou foi o Deputado Langstein Almeida. Ele foi para lá para ver se a gente não fazia a concentração na praça. A tendência dele era evitar que acontecesse isso. A resistência maior para não desistir da concentração do pessoal estudantil, com Arroxelas – Antônio Augusto Arroxelas que foi vereador e era o presidente da União Estadual do Estudante. A tendência era querer fazer. Houve uma reunião das lideranças que terminou por concordar que não havia as condições para fazer a manifestação em frente do palácio. Tinha que levar banheiro, fogão, não sei o que mais ... Era complicado. Hoje

está fácil, todo mundo apoia. Se disser: ‘Vamos fazer’, tem uma firma aí que dá isso, outra dá aquilo, etc. Naquela época era muito difícil... A população ainda era resistente aos movimentos desse tipo de reivindicações, pois pensava que o camarada começa a reivindicar de alguém, depois termina chegando na casa dele também. Então, não foi possível, foi cancelado. A maioria da liderança não achou conveniente, naquele momento, realizar a concentração.”

“Esses são fatos que ocorreram, sob a supervisão do Comando-Geral dos Trabalhadores. Eu me sentia muito responsabilizado por essas posições porque, às vezes, tive que divergir de algumas lideranças, mas sempre pensando que fosse a posição mais correta, que não criasse mais obstáculos ao sucesso e ao êxito do movimento sindical.”

“Era o que eu tinha a declarar aos meus prezados companheiros. Agradeço a atenção que tiveram. Muito obrigado.”

Presidente Marilda Menezes: “Nós queríamos, antes de iniciar os debates, registrar a presença da Vereadora Paula Frassinetti, do PSB, assim como do ex-deputado estadual Simão Almeida. O Professor Belarmino avisa que está circulando um abaixo-assinado, solicitando que a casa onde João Pedro Teixeira morou seja desapropriada para abrigar o Museu das Ligas. Ele pede o apoio dos presentes a essa iniciativa.”

5.3 Debates

“Agora, nós abriríamos para o debate, para as perguntas. Se alguém quiser fazer alguma pergunta aos expositores, ou para prestar alguma contribuição ao assunto que eles trataram, enfim, ou alguma lembrança que vem agora, também pode se pronunciar.”

Senhor Genaro Ieno: “Doutor Malaquias, queria, em primeiro lugar dizer para o senhor que 10 anos depois do final da repressão às Ligas, em 64, uma estudante de Medicina começou a fazer uma trajetória muito parecida com a sua e eu tenho a felicidade de ser o marido dela, a Gláucia de Luna Ieno. Portanto, a história, por caminhos que, às vezes, a gente não conhece direito, continua a mesma. Mas, eu queria lhe fazer duas perguntas: uma, era se o senhor poderia

detalhar um pouco mais a experiência do SAMDU. Como é que era? E a outra pergunta era se o senhor poderia explicar qual era a principal divergência entre os dois grupos que o senhor se referiu no interior das Ligas. Gostaria que o senhor pudesse explicar um pouco para a gente essa situação.”

Senhor Malaquias Batista Filho: “Bem, a experiência do SAMDU foi muito interessante. Uma particularidade já foi descrita por Assis Lemos: o fato de ser um serviço organizado a partir de um movimento popular, e o próprio movimento popular tendo o papel de decidir quem deveria ser os participantes, o quadro, a equipe desse serviço. A outra particularidade é que, em definição, SAMDU era o Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência. Em princípio, por conseguinte, apenas os casos de urgências deviam ser atendidos, mas, na verdade, os postos do SAMDU se tornaram unidades abertas. Todos os casos eram atendidos, fossem de urgência ou não. Bem, isso se fazia não somente em relação aos camponeses, mas em relação também ao pessoal que morava na própria cidade. Eu creio que esses serviços foram, de certa forma, um protótipo de alguma coisa que se faz, hoje, em grande parte do mundo, que é uma tentativa de democratizar a saúde. Isso acontece muito bem em Cuba. Cuba tem um médico para cada 100 habitantes. Um médico que more dentro de um edifício de apartamentos, ele cuida da saúde das pessoas dali. Ele sabe tudo sobre as pessoas dali, ele tem um cadastro dessa situação, e isso acontecia lá. Nós, de certa maneira, tínhamos um cadastro, uma situação sobre a saúde familiar e individual de cada uma dessas pessoas. Isso cresceu, também, não só em Cuba. Hoje o Canadá é o segundo país do mundo em equipes de serviços de saúde da família. O Brasil tem cerca de 40 milhões de pessoas, atualmente, sendo atendidas pelas equipes do Programa de Saúde da Família; o PSF está praticamente difundido em grande parte dos municípios do país e, sobretudo, cobrindo a população de mais baixa renda. Então, eu faço um ponto de ligação entre o que aconteceu naquele momento, sem um desenho, sem uma concepção teórica sobre isso, e toda essa proposta atual de democratização de saúde que existe no mundo e no Brasil. Por exemplo, a Espanha é um país que desenvolveu muito

o chamado trabalho de saúde da família, essa saúde mais *tête-à-tête*, pessoas à pessoa, mais íntima, no que diz respeito a uma realidade que é a própria família.”

“Bem, lá dentro nós tínhamos, efetivamente, muitos problemas porque, também, apesar de toda essa seleção que se fez, tinha muita gente que era de grupos contrários, contrários inclusive ao próprio movimento de esquerda. Isso eu sentia onde eu trabalhava, em Santa Rita. Nós sentíamos isso. Por sinal, a pior denúncia que eu tive, quando eu tive que responder a inquéritos policiais militares, foi de um médico que eu indiquei para o próprio serviço. Vou dizer o nome: Ismael Jorge. Ele disse: ‘o cara que eu conheço, deliberadamente subversivo, lá, é Malaquias Batista’. E apontou mais três ou quatro. Então, nós tínhamos experiência desse tipo.”

“Bem, agora as divergências. Efetivamente tinha uma questão de grupos, existia o grupo chamado ‘foguista’ que era muito baseado na experiência cubana. Na verdade, o movimento de ‘Sierra Maestro’ começou com um grupo pequeno, que se instalou em uma serra e existiam condições objetivas para que esse grupo se mantivesse e vencesse. Foi o grupo de Fidel Castro. Morreu grande parte dos líderes, mas, na verdade, aquele movimento foi a origem da revolução cubana. O grupo ‘foguista’ defendia a ideia de que isso pudesse ser replicado em várias outras áreas. Era o que acontecia também aqui. Acho que a própria experiência de Mari, que eu citei antes, seria um exemplo nessa direção, enquanto que outros achavam que deveria ser seguido o caminho mais lento de incorporação sucessiva de movimentos populares, de aglutinação de forças. Isso é um depoimento importante. Teve uma época, e nisso eu faço um pouco de autocrítica, até de autocrítica ao movimento, de que nós fazíamos questão de fazer exibição de forças que muitas vezes não tínhamos. Nós púnhamos gente na cidade, em determinado momento, para assombrar os outros: ‘Olha, nós somos fortes’. Era um pouco aquela ideia do filme do Exército de Branca Leone. Então, existia, em torno disso aí, uma divergência muito grande: um grupo dizia-‘Podemos começar imediatamente um movimento, tal como em Cuba’; para o outro grupo -‘Podemos esperar mais algum tempo’, que era a posição adotada pelo ‘Partidão’,

naquela época.”

“Eu me lembro de uma vez que nós ficamos cercados aqui, na Faculdade de Direito, era um dia em que Lacerda deveria vir e nós decidimos que Lacerda não viria à Paraíba e nem falaria em frente ao Palácio. Foi tomada a Faculdade de Direito. Tinha uma turma que levou uns coquetéis molotovs para atirar na rua, o que terminou dando uma complicação danada ... E lá dentro tinha discussões desse tipo: ‘Olha, a revolução não vai começar aqui, na Praça de João Pessoa, como não vai começar em Mari, é alguma coisa mais lenta, de acumulação de forças’. Eu creio que isso era o ponto central de divergência entre os diferentes grupos. Aqueles que eram mais apressados, os mais imediatistas achavam que tudo poderia começar já, e partir para uma luta armada. Inclusive, os conservadores se aproveitavam dessa divisão. Assis Lemos estava me dando um depoimento, contando-me que Julião foi induzido a comprar uma fazenda, no interior de Goiás, por conta de um grupo que não tinha nada a ver com as esquerdas. Que era um pessoal infiltrado no movimento de esquerda e que avançava o sinal, exatamente para, a partir dessas provocações, endurecer o jogo ou ter condições para intervenção, como a que houve em 1964. Essa é uma interpretação um tanto rápida, mas vale como depoimento personalizado sobre essa fase da história.”

Presidente Marilda Menezes: “Outros gostariam de fazer comentários ou questões? Mais alguma questão? Passo a palavra a Marina Dias.”

Senhora Marina Dias Virgínio: “Gostaria de saber se vai sair no jornal alguma notícia sobre esse encontro. Hoje mesmo eu liguei para a Fátima Barbosa, que é jornalista no Rio de Janeiro, para ela e pediu para eu levar alguma notícia sobre o encontro. Eu falei: ‘Olha, até aqui eu não sei de nada’. Acho que era importante ter essa cobertura da imprensa. Que um caso desses, depois de 42 anos, a gente ter a coragem de se liberar para falar de tudo, tinha que ter um jornal para divulgar. Como eu moro no Rio de Janeiro, gostaria de levar um jornal e mostrar para todo mundo o que foi que nós sofremos. Só isso e obrigada.”

Senhora Presidente Marilda Menezes: “Marina, tem alguns jornalistas

fazendo a cobertura do evento. Nos jornais de ontem já foi publicada uma notícia sobre o encontro. Mais alguma questão? O companheiro aqui. Por favor, nós pedimos que diga o seu nome e de onde é. Depois, o Waldir. Mais alguém, gostaria de se pronunciar, porque precisamos encerrar os trabalhos dessa mesa.”

Senhor José Rodrigues Sobrinho: “Eu sou José Rodrigues, do Rio Grande do Norte, e pude participar ativamente dessas ações, no Rio Grande do Norte, como presidente da Federação dos Trabalhadores, naquela época.”

“Quero dizer que o Doutor Malaquias é um testemunho do que era o movimento estudantil em 1963. Havia a participação ativa dos estudantes nos movimentos sociais, principalmente no mundo rural.”

“Mas, eu quero aproveitar, para fazer um convite. Já fazem 43 anos que eu estou na luta. Hoje, eu sou membro da ASA, que é Articulação do Semiárido. Faço parte da ASA Potiguar, que tomou uma decisão na sua última assembleia para que a gente convocasse todas as pessoas que ainda estão envolvidas no processo de reforma agrária para continuar lutando, até porque nós não acreditamos que existe a reforma agrária neste país. Nós temos, possivelmente, talvez, o melhor programa de desapropriação, mas não temos um programa de reforma agrária. A reforma agrária aplicada neste país é só para uma pessoa da família, o assentado. O resto da família fica fora de qualquer processo de reforma agrária. Então, você não tem uma reforma agrária que faça viver a família. A família está fora do processo. É uma reforma agrária para uma só geração. Eu, com 22 anos de idade, lutei pela reforma agrária na marra, tinha que ocupar as terras. É por isso que é bom a gente envelhecer! E nós, no semiárido, verificamos o seguinte: somos 912 km², 46% da população do Nordeste, 13% da população brasileira, somos 22 milhões de habitantes no semiárido e não existe uma única política para o semiárido. Então, a ASA está convocando uma reunião, entre 12 e 16 de setembro, para que a gente crie um Fórum Social da Reforma Agrária, aonde a gente discuta políticas para o semiárido. Que política nós queremos para o semiárido? Nós não podemos estar discutindo uma só política agrária para todo o país, a mesma política que se discute no Paraná e no Amazonas. Então, a ASA

está convocando esse Fórum para discutir uma política agrária para o semiárido. Ainda estamos discutindo o tamanho dessa reunião, se vai ser só o Nordeste, só o semiárido, se vai ser nacional, mas a gente quer contar com a participação de todos vocês. Que a gente discuta o que é o semiárido, que tipo de reforma agrária nós queremos. Muito obrigado e até setembro.”

Presidente Marilda Menezes: “Obrigada. Temos o Waldir inscrito e mais um companheiro, ali. Mais alguém gostaria de fazer alguma questão ou algum comentário? Que aí nós já encerraríamos e passaríamos para a Mesa fazer as considerações finais, pois nós temos mais uma Mesa, pela manhã.”

Senhor Waldir Porfírio da Silva: “Bom, eu vou tentar ser bem rápido. A TV Assembleia está transmitindo esse debate, ao vivo, desde ontem. Hoje já me ligaram, o Deputado Zenóbio Toscano já me ligou dizendo: ‘Olhe, estou assistindo’. Também a Neide Araújo, que ontem participou da discussão: ‘Estou aqui assistindo’. Quem não pôde vir aqui ficou em casa assistindo esse debate.”

“Mas eu queria fazer uma pergunta para o Doutor Malaquias Batista. Como a relação entre o camponês e o proprietário era uma relação de trabalho semi-feudal, digamos assim. Com o fim da escravatura, os proprietários deixaram que os ex-escravos continuassem nas terras, mas se manteve, assim, uma relação um pouco semiescrava, ou seja, era como se o proprietário dissesse ao morador: tu estás na minha terra, tu trabalhas não sei quantos dias para mim, de graça, eu mando em ti, tu votas comigo – Assis Lemos disse ontem como era a forma de votação -, tu compras no meu barracão pelo preço que eu determinar. Esse tipo de relação na época era considerada normalíssima. Eu queria falar um pouco sobre a questão que não foi abordada ainda, do abuso sexual, do abuso sexual exercido sobre as filhas dos camponeses. Maria Aquino, Maria Cuba, um dia a gente conversando, tomando uma cervejinha – ela adora tomar cerveja, com 84 anos não pode ver uma cervejinha -, ela dizia que tem um determinado proprietário de terra na região do Brejo que se gabava em dizer: ‘Olha, eu já tenho 98 *cabaços*’. ‘Cabaço’ se referia a manter relação sexual com uma virgem. Naquele tempo se falava em tirar o ‘cabaço’ da menina virgem. Outro depoimento dado

por Maria Aquino é que os filhos dos proprietários, às vezes, juntavam um grupo de amigos aqui, na capital, e iam para a casa grande da propriedade e mandavam chamar as filhas dos camponeses para participar da orgia. E os camponeses, infelizmente, não podiam falar nada, ficavam calados, devido a essa relação psicológica de dominação. Sofriam calados, vendo as suas filhas participarem dessas orgias. Então, eu gostaria que o Professor Malaquias falasse um pouco sobre isso porque ele deve ter tido algum conhecimento desses abusos sexuais, pelos filhos ou pelos próprios proprietários.”

Senhor Malaquias Batista Filho: “Olha, eu não teria, assim, dados documentados, ou seja, registros estatísticos sobre isso, mas inquestionavelmente isso existia e é possível que, em pequena, escala ainda exista, a disponibilidade plena da família para todos os fins, inclusive para a questão dos abusos sexuais. Ainda um tempo desses, no Recife, nós tínhamos uma empregada que tinha tido um filho de um proprietário de terra e disse: ‘O filho é dele, mas eu não posso denunciar porque se denunciar provavelmente eu vou sofrer consequências muito sérias. Então, é bem mais cômodo para mim que a situação fique aí e eu seja simplesmente mãe solteira, que não conhece o pai dos filhos’. Naquela época isso provavelmente acontecia a três por quatro, hoje, provavelmente existe a um por quatro, mas ainda deve existir. E sem dúvida é uma das faces da dominação do mando unilateral, do poder discricionário dos proprietários sobre as pessoas, sobre as suas vidas, sobre o seu comportamento e até sobre a sua moral.”

Senhora Presidente Marilda Menezes: “Passo a palavra para o último companheiro que pediu a palavra. Depois passaríamos para a Mesa seguinte.”

Senhor Agnaldo Lemos: “Bom-dia, companheiros e companheiras. Meu nome é Agnaldo e eu sou da Comissão Pastoral da Terra.”

“É uma pergunta ao Senhor Guimarães, uma curiosidade. Ele falou em 29 e 30 de abril de 1962. No dia 2 de abril de 1962, tinha acontecido o trágico assassinato de João Pedro. Gostaria de saber se naquela época o CGT, na concentração realizada em Rio Tinto, discutiu ou teve uma articulação, dentro do CGT,

de tentar mobilizar, também, a cidade para pressionar o governo, naquela época tão difícil, para executar a prisão e a apuração do inquérito dos assassinos de João Pedro Teixeira. E se houve, quais foram as dificuldades enfrentadas? Ainda hoje a gente sente dificuldades de se articular para colocar os assassinos dos trabalhadores na cadeia, como o de Sandoval, que está aí, ainda, atuando livremente, o Sérgio de Souza Azevedo, assim como outros ligados, ainda, ao grupo que assassinou João Pedro Teixeira. E a gente também sabe a luta, companheiro Noaldo, que é advogado da CPT, como foi difícil colocar o Zito Buarque, aqui, o dia todo no Tribunal de Justiça, na cadeira dos réus. Como foi difícil fazer isto hoje. Naquela época também havia essa dificuldade? Obrigado.”

Senhor Luiz Hugo Guimarães: “Olha, Aginaldo, havia a dificuldade que sempre existe, mas eu quero dizer o seguinte: que esse encontro sindical dos trabalhadores em Rio Tinto, era um encontro sindical normal. Exatamente por conta do crime ocorrido é que nós resolvemos que o movimento urbano sindical deveria dar apoio integral ao Movimento Camponês. Foi uma consequência da mudança, do espírito do encontro sindical, que se realizou em Rio Tinto, e sobre isso nós conversamos pessoalmente com o Governador Pedro Gondim, como sendo uma resolução tirada, lá, nesse encontro, para que fosse apurado imediatamente os responsáveis pelo crime, embora já se soubesse, de modo geral, mas tinha que ser feita uma apuração. Ficou feito esse pedido de apuração imediata. A apuração foi feita, mas a prisão não. Houve aquela movimentação toda na Assembleia para que o Aginaldo Veloso pudesse assumir uma de deputado e, assim, evitar a sua prisão. Isso tem sido uma forma geral de procedimento.”

“Para vocês sentirem como ocorrem essas coisas, vou relembrar o desaparecimento de Pedro Fazendeiro. Nós estivemos presos juntos: Fuba e Pedro Fazendeiro faziam parte do meu ‘apartamento’, um ‘apartamento especial’ que tinha no 15º RI. Quando eles foram liberados pelo Major Cordeiro, que era o Chefe do IPM, não é provável que tenham avisado a alguém. Eles, muito tranquilos, saíram do quartel sem ninguém para acompanhar. Não convidaram familiares, ninguém. Saíram do quartel e não chegaram em casa. Pedro Fazendeiro

desapareceu. Uma filha dele fez uma carta lancinante para o Deputado Joacil Pereira, que era uma figura ligada exatamente ao movimento de extrema direita. O Deputado Joacil é um homem emotivo, às vezes pega no arranco, e ficou sensibilizado com aquela carta. Foi para a Assembleia e insistiu que o Governador Pedro Gondim apurasse o desaparecimento de Pedro Fazendeiro. Essa posição de Joacil criou um problema para o grupo a que ele era ligado e ele passou, então, a perder o apoio do movimento de 64. A partir daí, ele começou também a atacar a política do governo.”

“Não foi até hoje apurado o que foi que aconteceu com Pedro Fazendeiro e o Nego Fuba. Não é fácil você conseguir a disposição do governo para que solucione problemas dessa natureza. Foi o que aconteceu com o problema quando 5 deputados pediram licença para poder o suplente assumir e não sofrer as consequências de ser investigado, como aconteceu. Era essa informação que eu queria dar ao companheiro.” (Aplausos)

Senhora Presidente Marilda Menezes: “Bom, então nós agradecemos, mais uma vez, a presença do Doutor Malaquias e do Senhor Luiz Hugo Guimarães. Encerramos essa Mesa. Vamos fazer uma pequena pausa e nesse intervalo nós chamamos um cantador de coco, o Dante Alighieri. No intervalo de uma Mesa e outra ele vai fazer uma apresentação para nós.”

(Apresentação do cantador de coco)

MESA VI – AS LIGAS CAMPONESAS EM SANTA RITA, ESPÍRITO SANTO E ALHANDRA

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Bom pessoal, vamos dar início à segunda Mesa do dia. É claro que cada uma das pessoas que tem vindo falar aqui, teria muito mais coisa para contar do que consegue falar em mais ou menos 20 minutos. Mas, essa é a possibilidade que a gente tem. Fazer uma divisão do tempo que muitas vezes faz com que nem tudo o que cada um poderia contar, tenha tempo suficiente para fazê-lo. Mas, quem sabe, essa é, como eu estava dizendo, a possibilidade da gente reacender a chama. Está sendo solicitado que Dona Maria Aquino, que ela estava prevista para falar ontem, participe dessa mesa. Ontem à tarde ela não pode vir, e como ela está presente aqui, agora, pela manhã, então a gente gostaria também de ouvi-la. Então, quando chegar a hora da senhora falar, se a senhora pudesse sentar aqui na frente, a gente passa o microfone para a senhora. Gostaria de chamar para participar da mesa o Senhor Manoel Dantas de Espírito Santo; o Senhor Elias Quirino da Liga de Alhandra e sua esposa, D. Neuza Cardoso; o Sr. José Cardoso de Farias de Mucatu; o Senhor Antônio Dantas da Liga de Santa Rita.”

“Bem, vamos começar. Eu pediria, primeiro, para começar com o Senhor Manoel Dantas. O senhor poderia contar um pouco da sua experiência com a Liga de Espírito Santo. Como eu estava dizendo, a gente tem um tempo pequeno para cada um, então o senhor pode contar um pouquinho, talvez sem contar tudo, mas contar aquilo que o senhor achou mais importante da sua experiência com as Ligas, na região de Cruz do Espírito Santo.”

6.1 Depoimento do Sr. Manoel Dantas

Senhor Manoel Dantas: “Eu vou contar o passado. Eu morava em Melancia, aí venderam a propriedade a Pedro Ramos. Quando chegou lá, ele chegou com muitos capangas, mataram até gente. Aí todo mundo ficou assombrado. Papai se mudou para Sapucaia. Era um tal de Antônio Camilo, o proprietário. Aí eu fui trabalhar, carregando terra em um carro para o açude, para fazer um balde no açude. Quando chegou no fim da semana, ele perguntou: ‘Quantos dias vadiou?’ Eu disse: ‘Eu trabalhei cinco dias’. Aí ele pagou 500 réis. Aí passou um mês, com um mês papai faltou na segunda-feira e ele botou para fora. Aí a gente saiu para Massangana, quando chega em Massangana, o administrador era o tio de João Pedro, de nome Luiz Pedro. Ele saiu da administração e chegou José de Alheda, que era muito rigoroso. Ele só falava em botar para fora o morador e dar surra. Aí ficou, ficou. Ele pagava 2 mil réis o dia que o camarada trabalhava e o sujeito comprava no barracão deles, e assim ia. Ele muito rigoroso, botou um morador para fora. João Pedro foi lá para fazer um acordo. Quando chegou lá falou com ele e a Dona Maria Augusta. Quando chegou lá, eles não quiseram fazer o acordo para dar um dinheiro a ele para ele comprar uma casa, um sossego em outro canto. Aí, fizeram o acordo para ele ficar. Quando assassinaram João Pedro, a dona se trepou na ponta dos pés e disse: ‘Vem, João Pedro, em Massangana. Vem, João Pedro, em Massangana, agora’. Aí ficou. Com o tempo ela entendeu de vender a propriedade para o Dr. Ramiro. Mediram a propriedade, os moradores para ficar sem direito a nada e eles vendendo os pedaços de terra. Um companheiro foi em Sapé, falou com o Dr. Assis Lemos, que disse: ‘Vamos marcar um dia para ir lá, em João Raimundo’. Quando chega em João Raimundo, Dr. Ramiro chegou. Tinha um companheiro chamado Antônio Augusto, é quem dirigia a gente, quando chegou na hora Dr. Ramiro disse: ‘Vamos fazer um acordo’. Dr. Assis Lemos disse: ‘Não diga que compra a terra, terra é para trabalhar’. Todo mundo gritou: ‘Terra é para trabalhar!’ Dr. Ramiro disse: ‘Vamos fazer um acordo’. Aí eu ouvi o Dr. Assis Lemos dizer: ‘Não faço nem com o meu pai’. O pessoal pegou o arrochar, invadir tudo. Aí

avisaram a ele: 'Doutor, é melhor que o senhor vá embora, que o pessoal aqui está tudo com raiva do senhor'. Saiu para Massangana e o pessoal falou de quebrar o aparelho do engenheiro e meter o pau neles. Ele chegou, correu para Massangana e avisou a dona. A gente foi pegar o engenheiro, o pessoal que estava medindo e ele desapareceu. Ela bateu, bateu, não teve jeito de vender e vendeu a Abílio. Abílio chegou acabando com tudo. Um foro que era de 500 mil réis, botou para 10 contos. Botando morador para fora. Destelhando casas e tudo. Ele pegou a questão dele com um morador, Paulo Higino, e quis tomar uma lavoura que ele plantou. Paulo Higino foi ser o administrador dele; Paulo Higino, não deu certo as ideias dele com ele, entregou a administração. Quando ele entregou a administração, ele tinha uma plantação de jerimum na vazante do rio e Paulo Higino disse: 'Vamos fazer um acordo, Seu Abílio?' 'Para o senhor passar 30 dias para eu tirar uma carrada de jerimum'. Ele disse: 'Está certo, Paulo'. Paulo foi embora. Quando chegou numa ladeira que olhou para trás, ele botou o gado, todinho dentro da vazante. Paulo chegou, voltou para trás e esculhambou Abílio no meio dos capangas, não disse a ele, na hora, disse no meio dos capangas, esculhambou e um capanga correu e foi dizer a ele. Ele mandou chamar Paulo. Paulo chegou e disse que tinha os capangas, todos rodeados na janela, um sargento aposentado, encostado, um soldado encostado, e disse: 'Entra, Paulo'. Paulo entrou. Ele pegou uma cadeira e botou para Paulo sentar, no meio da sala. Disse: 'Senta aqui, Paulo'. Tudo rodeado. Ele pegou outra cadeira e botou na porta, de costa, e Paulo no meio. Ele disse: 'Diga o que você disse, Paulo'. Ele disse: 'Eu disse isso, isso e isso'. Disse tudo o que disse dele. Ele disse: 'Paulo, você é ladrão'. Paulo disse: 'Não sou ladrão, não, nem na minha família tem ladrão'. Ele se levantou para pegar Paulo e puxou um revólver. Paulo pegou ele também; Paulo era um homenzarrão, pegou ele assim, pelo braço, pegou na munheca dele, subiu assim, o revólver caiu. Paulo tinha um 38, grande, e só fez botar a mão no cabo do revólver. Eles, todinhos, assim, e disse: 'O que partir de lá para cá, não come mais farinha'. Ele foi embora. Ele tinha um filho de criação, Luiz Antônio, que disse: 'O que é isso, Paulo? Vamos aqui'. Abriu a porta e tirou Paulo do meio e Paulo foi embora. Quando foi no outro dia ele foi embora para Campina

e no outro dia veio a intimação para Paulo ir para Espírito Santo e Paulo não foi. Foi para Dr. Arquimedes. Dr. Arquimedes disse: 'Está certo. Eu vou levar você para lá'. Ele estava enrascado com o Dr. Arquimedes; ele já tinha arrancado a cana de Dr. Arquimedes, de um terreno, duas vezes. Dr. Arquimedes botou ele no carro e trouxe para Espírito Santo, quando chegaram lá, tinha um mapa para ele ser preso, quatro anos e não sei quantos dias, um bocado de dias. O Dr. Arquimedes disse que deixou ele na Igreja de Espírito Santo, mandou ele ir na frente. Quando chegou disse: 'Cadê o revólver?' Os homens, lá. Ele disse: 'O revólver não está aqui, não, está na mão do advogado'. Ele disse: 'Você tem que dar conta'. E o Dr. Arquimedes chega e diz: 'O revólver dele está aqui'. Ele pegou aquele papel que entregaram, o negócio que eles fizeram, ele pegou e rasgou e botou Paulo no carro e veio embora. E botou ele como presidente do Sindicato Rural de Espírito Santo. Ele ficou enrascado lá, lá vai, lá vai e Paulo dizendo que ele pagava a ele, e outra que ele comeu também uma parte do abacaxi de Paulo e Paulo ficou mais envenenado com isso. Aí ficou, Paulo dizendo que pagava a ele e lá vai. Quando foi em 68, 16 de novembro, eles se descobriram para lá e acabou-se."

"Aí a viúva vendeu a Massangana para a usina, em 75. Quando a usina chegou, pegou a apertar os moradores. Pegou a apertar, não botou para fora, não, mas, pegou a apertar, plantava nos sítios. O camarada tinha uns bichos, o jeito que teve foi vender, e ficou a usina Santana. Ele pegou, vendeu os bichinhos e depois... Até eu mesmo passei fome. Passei cinco anos, com cinco anos eu vi que não dava certo, eu desertei para o Rio de Janeiro, passei 14 anos lá e terminei vindo embora. Eu já fui para Lagoa Preta, com o Dr. Assis Lemos, a turma lá todinha, e dessa vez, João Raimundo. Foram as duas vezes e depois, terminou."

"Eu vou dizer a derradeira palavra, agora. O povo diz que João Pedro morreu, não foi? Eles dizem. João Pedro, Pedro Fazendeiro e João Alfredo. Mas eles não morreram, não. Eles estão aqui, no coração da gente. Muito obrigado." (Aplausos)

Senhor Presidente Genaro Ieno: "Dona Maria do Carmo, a Senhora gostaria de falar agora? De contar a sua participação na Liga de Guarabira?"

6.2 Depoimento da Sra. Maria Aquino

Senhora Maria Aquino: “Companheiros e companheiras; meus queridos companheiros de 1958 a 1964, quando lutávamos nas Ligas Camponesas. Inicialmente quero render homenagem aos nossos queridos companheiros que foram vítimas de assassinatos, a mando de usineiros: João Pedro Teixeira, Pedro Fazendeiro, João Alfredo Dias, Alfredo Nascimento, os irmãos Ludgério, Margarida Alves. Quero render a minha homenagem a suas memórias.” (Aplausos).

“Antes do surgimento das Ligas Camponesas, os camponeses não tinham nenhuma consciência dos seus direitos e se submetiam a todas as formas de exploração do latifúndio, o ‘cambão’, a sujeição, o furto da vara, o vale do barracão e, ainda mais, a honra das suas jovens filhas.”

“Conheci um fazendeiro que aos sábados organizava um baile no armazém, obrigava todas as filhas dos fazendeiros a participarem e tinha um dos membros da família que dizia o seguinte: ‘Eu tenho 107 casos de honra’. Somente com o surgimento das Ligas é que os camponeses se conscientizaram e foram à luta.”

“Aqui, eu quero também dizer que, residindo fora da Paraíba, desde 1964, tenho contato com os jovens, a quem oriento no sentido de lutar pela reforma agrária e contra o imperialismo americano que não permite que o seu quintal, que é a América do Sul, tenha progresso. Eu estou profundamente emocionada, inclusive de rever amigos e companheiros que eu não via há mais de 40 anos. Portanto, eu quero encerrar mandando o meu abraço para todos os companheiros.” (Aplausos)

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Eu queria passar a palavra, agora, para o Senhor Elias Quirino, de Alhandra. Seu Elias e Dona Neuza porque, os dois, o casal tem uma história em comum, não só como casal, mas como lutadores também.”

6.3 Depoimento do Sr. Elias Quirino

Senhor Elias Quirino: “Senhor presidentes da Mesa e todos os companheiros e companheiras que estão presentes. Eu devo falar pouco porque as minhas condições são péssimas. Eu quero falar uma coisa, mas não me chega

a memória e isso me atrapalha muito. Mas quero iniciar agradecendo a oportunidade que tive e tivemos de ontem e hoje estarmos contemplando um ao outro. Foi uma beleza. É uma data maravilhosa. Companheiros que há quarenta e poucos anos que a gente não se via. Tudo isso em consequência da luta que foi muito extensa e dos caminhos tortuosos que segui.”

“Fui preso muitas vezes, sempre acusado de ser receptor de armas, quando isso nunca aconteceu, mas eram as investidas dos proprietários de lá, do município onde moro, Alhandra. Eu fui presidente das Ligas Camponesas e muita gente ainda hoje pergunta por que eu me meti na luta camponesa. Porque eu vivi sempre do comércio, mas eu fui também agricultor, lutei vários anos com agricultura e lucrei muito porque conheci o sofrimento dos que lutavam.”

“Eu possuí roçado, como sempre se usava naquele tempo. Fui plantador de agave, cheguei a plantar 200 mil pés de agave no município de Guarabira. Tinha por nome Serra de Roça, perto de Tamanduba, e tudo isso me deu grandes prejuízos, de um lado, mas, por outro lado, eu lucrei porque colhi algo de uma nova iniciativa, sempre me aproximando mais do lado do camponês porque estava sabendo do sofrimento deles, de todos. Então, eu tive oportunidade de conhecer o João Pedro Teixeira, o Pedro Fazendeiro, o João Alfredo e outros. E dos companheiros, como se diz, do segundo quadro: Assis Lemos, José Gomes que era conhecido por José Moscou – José Gomes da Silva, morreu moço, conterrâneo, ele era filho da minha terra, fomos colegas de escola, ele chegou a concluir a universidade, eu não consegui. Lutei muito, com muita dificuldade. Meus filhos perderam até o gosto de estudar. Porém, depois de 64 eu tive que conseguir esforço e convencê-los de voltar para a escola, até que um dia eles reconheceram que eu estava no caminho certo. Foi para eles uma felicidade, para mim também e sua mãe, pois, se eles não tivessem frequentado a escola, não tivessem continuado, eu não sei, hoje, o que seria deles.”

“Eu fui muito perseguido pela Polícia e pelo Exército. Minha casa foi frequentada muitas vezes; muitas vezes varejada. Minha senhora estava de resguardo quando uma vez um capitão da Polícia chegou com diversos soldados

e invadiram a minha casa e eu vi a hora perder a minha esposa, mas falei para o delegado que se minha esposa morresse, eu o responsabilizaria. Ele retirou-se, felizmente. Ela estava com 24 horas de resguardo. Então, eu quero me lembrar de muita coisa para relatar aqui, como já tive a oportunidade e disse, mas hoje não tenho mais condições, por questões de nervos, por questões de tanta coisa, me deixa sem condições.”

“Mas, quero agradecer a visita, essa grande visita que tivemos hoje e espero ainda conseguir mais outras para nosso encontro, e isso é maravilhoso. Isso, faz de conta que é um remédio que estou tomando.”

“Agora, o que eu quero dizer é que realmente a juventude de hoje não é como aquela juventude daquela época. A coisa está muito diferente, os segmentos são outros. Para a gente é muito difícil chegar a convencer um jovem a seguir o caminho que estou seguindo hoje. Eles olham mais para o lado do mal. Até os avós são perseguidos quando recebem aquela mixaria. Eles recebem, a avó recebe, aí junta aqueles dois salários e vão fazer uma boia, fazer uma feira, e muitos dos netos se aproveitam da fraqueza deles e deixam eles piores, em piores situações. É o que se vê com abundância. São essas coisas, o mal, feito, e o poder político de hoje abraça, fica inepto sobre o assunto, como se nada estivesse acontecendo, porque ele não quer desagradar nem um lado nem o outro, porque agradando a um e desagradando o outro ele perde um e assim ele não perde nada e continua com seu rebanho para futuras eleições. E assim é o que vejo, mas espero que, com essa eleição que vem aí, o povo aprenda e saiba escolher o melhor para vocês porque o capitalista só resolve o problema dele e de mais ninguém. É o que tenho a dizer. Agradeço a todos. (Aplausos).”

“A Liga Camponesa de Alhandra começou da seguinte maneira: eu já vinha, há anos, mantendo contato, sempre, com João Pedro Teixeira, com João Alfredo, Dantas e depois chegou Assis Lemos e outros e outros, e fomos nos conhecendo, até que eles foram a minha casa, em Alhandra, e tratamos de um assunto, também de fundar uma Liga Camponesa em Alhandra. Eu já tinha conseguido alguma coisa de fundamento da história e achei por bem de acompanhar no que

ele propunha, e fizemos a primeira reunião, a segunda e a terceira, até que ela foi para frente. Em 1960, 59, foi fundada a Liga de Alhandra e fomos até o término, quando não tínhamos mais condições de ir para frente. Aí paramos, mas não paramos de meditar, de examinar as coisas que acontecem sempre. E tudo isso, e mais um encontro belo como este, faz a gente adiar mais um dia para a vida, por ser contemplado, sempre, com essas novidades. Muito obrigado.” (Aplausos)

6.4 Depoimento da Sra. Neuza Cardoso

Senhora Neuza Cardoso: “Eu, como esposa e companheira dele, não deixava de estar ao lado dele. Então, junto também com Dantas, que visitava muito a minha casa, todos os finais de semana, ele e a esposa dele, Tereza, foi uma companheira que muito ajudou e fez muitas coisas pelas Ligas Camponesas, ajudou muito. Então, ela me dava muita força e eu consegui me aproximar mais, ter mais conhecimento e ajudar, como, de fato, eu ajudei muito. A minha casa sempre era invadida pelos policiais e eu sabia receber e sabia responder como precisava. Como teve uma das vezes que um pobre camponês vinha da feira, ele até era deficiente, e a Polícia toda atrás dele, aí eu me fiz na frente e mandei ele entrar e disse: ‘Na minha casa o senhor não entra’. Porque ele estava com uma estrovenga e uma faquinha, uma peixeirinha pequena. Aí eu tomei, estava, como se chamava antigamente cama de vento, que era de lona, aí eu abri assim e joguei as facas dentro, me encostei e disse para o policial: ‘Aqui o senhor não entra’. Ele disse: ‘Não, mas ele estava armado na feira e não pode’. Eu disse: ‘Pois é, mas ele não está armado. Veja a arma que ele tem’. Aí ele não quis mais conversa e voltou.”

“E quando também chegava caminhões de soldados e invadiam a minha casa. Teve uma das vezes que foi comunicado lá que tinha chegado caminhões de armas de Cuba para minha casa e era onde era guardado. Então, aí, foi uma violência muito grande e eu mandei rever a casa. Nesse tempo eu tinha um rapaz que estava doente, já um estudante, de 22 anos, mas ele tinha um problema de rins, inflamações nos rins, e até o quarto do menino eles verificaram, mas não

encontraram nada. Vieram a segunda vez, aí começaram a conversar com Elias e eu fiquei, tinha um negócio, era negociante, tinha uma farmácia, aí um dos soldados começou a afastar as prateleiras como quem iria colocar uma arma e eu bem atenta a ele, que quando ele ia colocando, eu disse: ‘Olhe, espere aí, o que é isso que senhor está colocando?’ Ele disse: ‘Não, eu estou vendo este vidro de remédio, vendo aqui como é o modo de tomar’. Eu disse: ‘Não, mas o vidro do remédio o senhor pegou aqui, o senhor afastou e jogou’. Tinha gente, também, na farmácia comigo, aí ele ficou todo assim, destreinado, entrou e disse: ‘Desculpe, eu não tive má intenção, apenas joguei a arma aqui para olhar o remédio’. Mas, como ele já vinha nesse intuito... Então, foi muito sofrimento, mas eu acompanhei, depois que veio a revolução de 64 ainda foi mais um sofrimento porque eu tive que botar Elias para fora quando eu soube de um vizinho que me avisou. Não tinha rádio, não tinha essas coisas, justamente, e ele disse: ‘Dona Neuza, tenha cuidado, a revolução estourou no Recife e vem tudo para aqui. Tenha cuidado, mande o Seu Elias sair’. A gente tinha uns amigos no Recife, aí Elias levantou-se, de madrugada, às 04 horas, e eu disse: ‘Vá pegar um transporte, vá direto para o Recife’. Ele foi. Foi tão ousado, alguma coisa assim, que quando ele saltou do ônibus de Alhandra que foi apanhar o ônibus do Recife, aí um dos tal que perseguia ele, estava de lado, também, mas ele falou com ele, com a família e ele não reconheceu o Elias. Ele seguiu viagem, aí ficou uma base de 25 dias no Recife. E, justamente os movimentos, os camponeses sofrendo muito, apanhando muito e o povo, a família vinha se culpar na minha casa: ‘Está vendo, por causa do seu marido o meu pai, meu irmão, a minha família está aí sofrendo, espancada’. E depois que acalmou, ele voltou e foi se apresentar. Lá passou mais 30 dias, ou mais, preso e eu fui quem fiquei aguentando, justamente resolvendo todos os problemas em casa, e do povo que vinha me procurar, todos aperreados e com raiva, porque foi muito sofrimento. Tinha noite que um caminhão trazia aquela turma de um sítio para ser espancada e na outra noite era outra turma e, assim, todo mundo sofreu muito.”

“No meu caso, muita gente chegava e dizia: ‘A senhora pode desesperançar

que Elias não vem mais. Elias, de lá mesmo, vão dar fim a ele'. Eu disse: 'Mas o Deus, todo poderoso, é maior e eu confio'. Eu sei que justamente se visitava. Eu, realmente, nunca fui visitar, mas meus filhos visitavam, a família. E o tempo se passou, ficamos em casa, agora com a família em casa, mas sem condições de estudo. Eu estava fraca demais, tinha gasto muito e não tinha nada. Ficaram oito filhos, ficou em casa sem estudar, os meninos revoltados. Quando foi no decorrer de uns cinco ou seis anos ele disse: 'Agora vai tudo estudar'. Teve um dos filhos, Wellington, hoje é formado em Economia, ele disse: 'Nem adianta mais a gente estudar, para quê? Seis anos perdidos'. Eu disse: 'Meu filho, nunca é tarde para estudar. Vamos lutar e vocês vão vencer'. Graças a Deus, formei todos. Tenho oito filhos, todos formados, graças a Deus. É só isso o que eu tenho a agradecer. Muito obrigada." (Aplausos)

Senhor Presidente Genaro Ieno: "Agora nós vamos ouvir o José Cardoso. Ele vai contar uma das lutas das Ligas Camponesas de Alhandra, que aconteceu na fazenda Mucatú daquele município."

6.5 Depoimento do Sr. José Cardoso de Farias

Senhor José Cardoso de Farias: "Prezados companheiros, meu nome é José Cardoso de Farias, sou de Mucatú. Mucatú, terra que foi desapropriada, há 12 anos, depois da queda das Ligas Camponesas. Não vou falar muito sobre as Ligas Camponesas porque desde ontem a gente está ouvindo os heróis das nossas lutas, das Ligas Camponesas falando. E eu, no meu tempo da fundação das Ligas Camponesas, era muito jovem. Não sei contar muito das Ligas Camponesas, mas vou contar a história de Mucatú que foi terra essa desapropriada, há 12 anos, depois da queda das Ligas Camponesas."

"Eu estou feliz, graças a Deus, porque tenho minha terra, mas sinto uma tristeza tremenda em ver as terras de Mucatú, 70% delas de novo na mão dos ricos e dos usineiros. Então, isso entristece muito. Pessoas que orientavam a gente diziam que ia acontecer isso, mas ninguém se preveniu, então, eu acho que o INCRA é um dos culpados disso, porque só entra diretor no INCRA para

defender latifundiário e usineiro. Os diretores, toda vida, desde a luta de Mucatú, que eu peguei a conhecer o INCRA, não existia INCRA aqui, na Paraíba, era no Recife, e desde esse tempo que já existia ‘trapulinagem’ dentro do INCRA. Então, nós tivemos a luta de Mucatú, começou em 74, e nós tivemos um ano ou dois anos de luta, foi a desapropriação mais rápida e mais bonita que eu já vi. Não, eu não tenho a certeza que não aconteceu outra, no país, como a de Mucatú. Tenho os meus companheiros de luta, do meu tempo, a gente era um grupo de jovens, era eu, meu irmão e mais dois, esses dois e meus irmãos foram um dos primeiros a vender as terras, foram embora, se dividiram. A gente não tem um diálogo e seria muito importante, que esses quatro estivessem juntos, estivessem com suas terras para hoje estarem aqui, presentes, contando uma história bonita. Tem outras pessoas, os adultos, tinha Antônio Amanso, Pedro Vieira, Seu Arnor, Maria Rumã, Seu Manoel Frade, Antônio Rodrigues – Antônio Rodrigues e Antônio Amanso estão paráliticos – e Pedro Vieira.”

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Seu José, desculpe, o senhor poderia falar um pouquinho do José Antônio Amâncio? Quem foi o José Antônio Amâncio?”

Senhor José Cardoso: “Pois, não, vou chegar lá.”

“Então, eles estão paráliticos. Antônio Amâncio, na época da nossa luta, no início da nossa luta, ele era fiscal do sindicato e depois foi presidente. Então, Antônio Amâncio foi lutador, desde as Ligas Camponesas; desde as Ligas Camponesas que Antônio Amâncio era um lutador; acompanhou a gente, desde as Ligas Camponesas até o presente momento, e a gente sente muito ele, hoje, estar parálitico.”

“Então, é esta a razão de eu estar aqui, só. E eu falo uma coisa para vocês: o pessoal que é de Mucatú, que foi beneficiado com as terras, está muito diferente. Da minha comunidade tem seis companheiros que foram da luta de Mucatú. Pois bem vizinho da minha terra tem um conflito. O pessoal está lutando por uma terra, por uma fazenda que chama-se engenho Palmeira, e eles estão acampados dentro da minha terra. E esses meus vizinhos, ao invés de dar apoio a mim e ao povo, não, são contra o povo. Foram Sem-Terra e são contra os Sem-Terra.

Para você ver como é difícil a gente enfrentar uma luta de terra.”

“Eu fui ameaçado pelo proprietário dessa fazenda, pois os trabalhadores estão lutando e estão acampados dentro das minhas terras, são 20 famílias. Mas não tem nenhum apoio de nenhum vizinho. Quem sabe, o proprietário, que ele não é proprietário coisíssima nenhuma, ele é o chefe dos pistoleiros, ele não é proprietário de nada, ele se faz que comprou e inventa mentira. Então, se o pessoal tivesse o apoio de todos os vizinhos, a coisa era diferente e eles já tinham ganhado essa terra. Então, o indivíduo, que se diz proprietário, quem sabe não tem até uma revolta contra mim, porque ele pode dizer assim: ‘Puxa, como é a vizinhança todinha não apoia ele, só ele fica do lado dos invasores’. Inclusive já falaram até isso: ‘Só ele é quem dá apoio aos Sem-Terra e só vive lá. Não entendo como é isso’. E ficam dizendo um montão de coisas e até ameaçando. Meu filho é ameaçado por eles, pelos pistoleiros deles, mas, seja o que Deus quiser. Eu continuo, até hoje, eu continuo sentindo o que é a luta da terra e estou feliz porque tenho a minha terra.”

“Eu era solteiro, casei em 77, foi no tempo que houve a demarcação da terra. Hoje, tenho cinco filhos, já têm dois casados, e todos moram na minha terra.”

“Quantos minutos eu tenho ainda? Tenho cinco minutos.”

“Então, eu tenho meus filhos morando comigo, na minha terra, e daqui a mais 20 anos? Eles ainda têm aonde viver? Hoje, o INCRA distribui quatro hectares de terra, cinco hectares de terra, mas, o que um pai de família pode fazer com cinco hectares de terra? Não pode. Você pega cinco hectares de terra, com cinco anos você vai trabalhar aonde? Você vai crescer a família, a família vai crescendo, seu filho, seu genro, e vão morar aonde? Você vai tornar a ter um conflito de terra novamente. ‘Não, vamos atrás de uma terra para viver’ E naquele tempo a gente era tão desinformado que a menor parcela, pela lei do Incra, era de 20 hectares, a menor. A minha tem 34 hectares, fiquei espantado; ‘o que eu vou fazer com tanta terra?’ Ora, a gente era a mesma coisa que Sem-Terra, a gente morava na fazenda do proprietário e era como Sem-Terra, em barraco. Era como Sem-Terra ou pior porque, pelo menos, os Sem-Terra têm segurança, têm uma ajuda e etc.,

e a gente não tinha segurança de nada, naquele tempo, era na dureza mesmo. Então, voltando sobre o INCRA, ontem teve um cidadão que falou sobre a Igreja, que a Igreja era contra, era a favor do latifundiário, etc. e tal. Realmente era mesmo. Antes, mais ou menos dos anos 70 para a frente, foi que a coisa mudou dentro da Igreja porque triste de nós se não fosse a equipe do CPT nos ajudando, que nós não sabíamos de nada, não, nós não sabíamos onde era o INCRA. Onde desapropriar a terra. O INCRA passou um ano nas terras sem fazer divisão e a gente foi no INCRA, do Recife, levado por pessoas do CPT, da Igreja e triste de nós se não fosse o pessoal do CPT e da Igreja.”

“Então, era só isso que eu tinha a dizer. Se eu for contar a história, vai muito longe; a história de Macatú é um livro. Quero dizer a vocês que eu continuo ao lado do povo, continuo ao lado dos Sem-Terra. Assisti o despejo no dia em que a Polícia chegou lá para despejar os Sem-Terra e naquele momento eu me senti Sem-Terra. Fiquei muito triste em ver a desgraça. Então, eu não posso nunca esquecer dos Sem-Terra; não posso nunca esquecer da luta de terra. Quem não tem terra, não tem vida. Muito obrigado. Era só isso que eu tinha a dizer.”
(Aplausos)

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Agora a palavra está com o Senhor Antônio Dantas, fundador da Liga Camponesa de Santa Rita. O Senhor fala meia hora, depois a gente consulta o pessoal para ver se dá para continuar, mais um pouquinho.”

6.6 Depoimento do Sr. Antônio Dantas

Senhor Antônio Dantas: “Primeiro do que tudo, eu quero agradecer aos organizadores desse evento porque tem muita importância, é muito significativo para reaver as memórias das Ligas Camponesas.”

“Eu vou fazer um resumo aqui, sobre os problemas das Ligas, porque eu estou sendo boicotado. Era para eu ter começado esse negócio às 10 horas, com o direito de falar, como está aqui, nesse programa, e não foi permitido. Me deixaram para falar por último justamente porque eu tenho muito assunto para falar sobre as Ligas Camponesas.”

“Então, eu vou resumir a minha vida política. Eu morei em Recife cinco anos, quando era solteiro, com 18 anos, e então, depois voltei para aqui e entrei na luta. Quando eu cheguei de Recife já estava casado e entrei na campanha. Eu tenho família da minha falecida esposa, era tudo de Macaparana e tinha uma verdadeira colônia em Casa Amarela. Um dia eu fui convidado por pessoas amigas da família para participar da fundação do Centro de Defesa de Petróleo, em Recife. Então, eu fui a essa fundação, que era no Beco do Quiabo, na rua, e foi uma verdadeira festa. Depois, quando eu saí do Centro, fui assediado por muitos companheiros, que eu não sabia que eram do Partido Comunista, esses rapazes ficaram me assediando e eu terminei sendo convidado, depois de uns dois meses, para entrar no Partido Comunista Brasileiro. Aí comecei a vida política lá e participei de várias organizações sindicais, dava assistência ao problema dos sindicatos dos têxteis, que eu também fui operário têxtil, e dos comerciários. Eu felizmente era membro do partido. Fui começando a ler a matéria do partido e terminei, para reduzir, sendo da liderança. Participei de altas direções de finanças, direção de tudo, militei no partido durante 60 anos.”

“Quando foi na década de 58, na fundação das Ligas Camponesas, comecei a vir para Santa Rita visitar os familiares. Eu já era do Partido Comunista. Então, comecei a juntar o pessoal do campo, a ajudar na organização do campo. Quando foi fundada essa Liga Camponesa em Santa Rita, eu tinha experiência adquirida em Recife. Nós fundamos a Liga Camponesa Urbana, lá nas imediações da avenida Caxangá, inclusive com a participação de Chico Julião; em seguida, foi fundada a Liga Camponesa de Vitória de Santo Antão – foi a primeira Liga Camponesa organizada do Brasil, em Vitória de Santo Antão, orientada por Chico Julião.”

“Agora, eu quero explicar que a minha ligação com Chico Julião justamente vem dos sindicatos. Eu conheci Chico Julião quando ele era jovem e dava assistência já ao pessoal do Sindicato dos Comerciários. Naturalmente, ele advogava para lá e eu comecei a amizade com ele e chegou ao ponto de ele ser uma liderança internacional. Então, depois daí, foi a militância do Partido Comunista. Eu organizei uma livraria, um centro de distribuição de livros e, daí, passei a receber

todo material das repúblicas populares, como da União Soviética, China, Polônia, Iugoslávia, Bulgária. De todas as repúblicas populares eu recebia livros e revistas nessa livraria. Funcionava no edifício que ficava na rua Floriano Peixoto, se eu não estou enganado, em Recife, perto da Central da Ferrovia.”

“Então, voltando a falar sobre as Ligas, eu vim para João Pessoa, inclusive para Santa Rita, onde eu já tinha amizade com a pessoal do campo, que eu vim da zona canavieira, mesmo. Eu me criei sem pai, sem orientação, de forma que eu me dediquei a esse problema de ajudar aos trabalhadores, quando me entendi de gente. Daí, para organizar essa Liga Camponesa em Santa Rita, foi necessário haver um processo urbano, fazer festinha e tal, até chegar a atrair a gente do campo. Então, essa Liga Camponesa foi feita pertinho da feira. Eu aluguei uma casa no centro do comércio de Santa Rita, na feira. Era até de frente aos Correios e Telégrafos, aonde os matutos vinham até com cavalo e tal, era um negócio de qualquer matuto. Para atrair os camponeses, eu passei uns seis meses nesse prédio, somente como se tivesse um negócio comercial; consegui roupa para vender a matuto, sandália japonesa, alpercata, etc. Comprava para vender, para poder atrair os camponeses. Aí, com essa atração dos camponeses, mesmo da cana, foi quando eu fundei a Liga Camponesa em Santa Rita. E outra coisa, tudo o que eu fundava, que ia dirigir, que ia participar, como foi a Liga, eu registrava em cartório. Então, essa Liga de Santa Rita foi registrada e o primeiro presidente chama-se Antônio Terto. Uma família que tinha quatro irmãos, parece que cinco companheiras, mulheres, todas elas participavam, frequentavam a Liga. Então, essa Liga cresceu de uma maneira espetacular e quando eu fundei a Liga, eu tive a experiência, a ideia, fundei e fiquei como secretário-geral e botei num item do estatuto que em caso de crise na Liga, eu, como secretário-geral da Liga, fundador do movimento, passaria a assumir o controle novamente da Liga. Justamente aconteceu. E nessa fase era perseguido não só pelos traidores do partido, que eu ainda era do partido, nesse tempo, como pela infiltração de elementos estranhos no movimento. Começou por aí. Então, houve a primeira crise. Tinha mais ou menos uns três mil filiados, coisa incrível que nenhuma Liga

“tinha gente assim, somou tanta gente assim.”

“Tem uma família chamada Madruga, que era dona de uma fazenda, que teve um filho que foi deputado, Egídio Madruga, que teve oito mandatos – foi o cara que mais teve mandatos. Esse cidadão, a família dele tinha uma propriedade que se chamava Corvoada e lá o proprietário da terra mandou que todos os moradores se filiassem às Ligas Camponesas. Eu fiquei até surpreso porque um latifundiário, rico, quis mandar o pessoal se filiar às Ligas, e ficou esse movimento, cresceu. Aí veio o primeiro embate, eu como era muito ocupado, saía para fundar outras Ligas, Mamanguape, por exemplo, fiz a fundação lá. Eu estou estranhando não ter sido convidado ninguém de lá, porque existe filho e filha de Mamanguape – Manoel de Deus, que foi um companheiro de luta, firme, era até um evangélico, mas não tinha esse problema, ele foi uma pessoa fiel.”

“Mas, voltando para Santa Rita, eu tive que me afastar e Assis Lemos botou um cidadão que era evangélico – o pai dele está vivo, em Santa Rita, ele é responsável pela Federação do Açúcar, esse cidadão. Então, assumiu com o apoio de Assis Lemos e quando esse cidadão passou uns seis meses, os camponeses abandonaram, todos. Não tinha ninguém mais. Aí, encontrei esse cidadão na porta do Cartório de Registro e ele disse o seguinte a mim: ‘Seu Dantas, eu quero lhe entregar porque eu não tenho condições de continuar, mais, nesse sindicato’. Eu disse: ‘O senhor quer me entregar? Certo’. Fui no Cartório e o Cartório fez um documento, ele assinou passando a Liga, de direito, para a minha direção, fiquei e reabilitei os problemas da Liga. Quando isso aconteceu, a Liga já estava forte. Por causa do desestímulo quase todo mundo abandonou, os camponeses não frequentaram porque o rapaz não tinha explicação nenhuma. Quem pagava as despesas era eu; eu pagava as despesas da sede. Os camponeses pagavam um cruzeiro, naquele tempo, que não dava nem para as coisas que o pessoal pedia; o pessoal do campo sempre foi um pessoal carente, um pessoal pobre e o resultado que eu tomei as rédeas da Liga, fiz uma assembleia, convoquei o pessoal, e passei a funcionar nessa data.”

“Daí começou a perseguição de certos companheiros do partido. Uma das

vezes, o Partido Comunista Brasileiro mobilizou pessoas de todas as áreas aonde tinha uma base do partido, por exemplo: Cabedelo, Pedras de Fogo. Onde o partido tinha base, ele mobilizou com o intuito de me botar para fora da Liga Camponesa de Santa Rita. Isso, por orientação do Dr. Assis Lemos, entendeu? Teve esse problema. Eu senti que a situação estava muito séria contra mim. E eu fui a Recife e fiz uma convocação com o pessoal, pois eu tinha uma ligação vasta com a juventude do Partido Comunista, universitária, secundarista. Fiz uma assembleia e disse que estava necessitando de um apoio do partido que apoiava a causa do camponês, então eu tive que falar com Chico Julião para ver se ele ajudava a financiar essa minha tarefa. Ele disse: 'Quantas pessoas você vai levar?'. Eu disse: 'Eu preciso de 12 pessoas'. Então, mandou que eu escolhesse alguns que eu conhecesse e ele indicou alguns. Por exemplo, nessa leva veio um rapaz trotskista, um cara altamente inteligente, Bartolomeu dos Santos Lima, sobrinho dos Santos Lima daqui, que eu não conhecia. Então, esse rapaz era um dos ativistas mais importantes. Eu peguei essas 12 pessoas, esses 12 companheiros, e espalhei em toda zona rural, nas usinas, porque além de ter esse problema contra mim, eu entrei já na década de 60 e comecei a fazer uma campanha na usina, que demorou uns seis meses, para reivindicar uma melhora de condições de salários nas usinas da lavoura de cana. Então, mobilizei, mandei confeccionar 20 mil panfletos e espalhei em toda essa zona canavieira. Pois bem, nessa reivindicação eu precisava de gente da cúpula para ajudar o movimento; gente intelectual para ajudar a organizar o movimento. Dr. Malaquias foi um homem que deu uma grande contribuição, sempre me ajudou, o que podia fazer, fazia; no SAMDU foi um homem de grande prestígio, se ele quisesse ter um cargo maior, ele podia assumir, mas ele gostava mesmo era de estar com os camponeses. Então, nessa questão da reivindicação era só o salário, para as usinas pagarem os salários iguais aos de Recife, porque no Recife pagava o salário alto. A cidade de Goiana era uma cidade que cresceu de uma maneira espetacular porque pagava um salário digno, movimentou o comércio, a indústria, de forma que a reivindicação era essa só. Então, chegou ao ponto de aguçar

e começou a perseguição pior, contra mim.”

“Então, teve uma vez que o Dr. Assis Lemos mobilizou o partido, ele não era do partido, mas o partido o usava para fazer esse trabalho contra mim. Por que fazia isso? Porque, justamente, eu fui o primeiro comunista, em Pernambuco, que começou a denunciar a traição dos elementos, a infiltração dentro do partido, dentro da organização. Comecei a denunciar e isso magoou porque mexeu com muita gente. Para os companheiros terem uma ideia, eu fiz uma denúncia, peguei um relatório contra o Cabral Batista, por exemplo. Cabral Batista comandava uma rede de prostituição, Cabral Batista. Então, eu fiz um relatório mostrando isso. Agora, veja só. Eu quando vinha do Recife, na fase da organização do partido, que eu dava assistência aqui, na Paraíba, Rio Grande do Norte, ia sempre em Campina Grande, o partido era sempre na clandestinidade, e eu, então dava assistência. Pois bem, dessa fase, para mobilizar o negócio do campo veio esse pessoal, que espalhei. Parece até que foi o Dr. Malaquias que fez a redação do boletim. Eu mandei fazer na livraria esse boletim, que foi importante demais, convocando o pessoal para uma assembleia, para uma concentração na praça de Santa Rita porque as usinas eram concentradas lá. E na palavra de ordem que eu comecei a espalhar, fazer a propaganda, era para os camponeses tal dia irem para a praça. Fiz essa propaganda durante 90 dias. Então, na preparação, uma das vezes, quando eu comecei a fazer a propaganda, num tempo assim, de safra de cana, a usina Santa Rita parou, a usina São João, todas as usinas pararam.”

“Então, eu precisava fazer a Liga andar. Os camponeses me convidaram para fazer uma concentração lá, que os camponeses esperavam e eu chamei, me lembro muito bem, João Manoel de Carvalho, chamei esse Bartolomeu, moral da história: não foi ninguém, eu fiquei sozinho. Tinha um rapaz que era motorista de táxi, que eu andava com ele, meu filho Vladimir Dantas, que tem 52 anos hoje, tinha 12 anos, foi a única pessoa que foi comigo para essa reunião, lá. Como não veio ninguém, eu senti que o negócio estava muito sério. Só tinha um camponês que veio me buscar para falar na concentração, o problema da greve

da usina de Santa Rita. Marquei a reunião, ninguém foi. Todo mundo falhou, até Bartolomeu deu uma desculpa. Marta Falcão, suponho que ela devia estar aqui, era a filha do prefeito e conhece essa história, todinha. Pois bem, eu fui sozinho, quando cheguei lá tinha uns vinte e poucos camponeses, todos assustados, assim. Eu disse comigo: 'O negócio é grosso'. Mas, eu levei o meu filho, nesse tempo com 12 anos, e fui na casa de meu sogro que morava lá, meu sogro era marchante. Fui lá e disse: 'Olhe, eu vou para um negócio aí, que eu não sei, mas eu queria que o senhor me emprestasse o seu revólver'. Ele disse: 'Que danado tu vai fazer com revólver?' Eu disse: 'Não se preocupe que eu não vou fazer besteira'. Ele me deu o revólver cheio de bala, 38, eu fui numa loja de um rapaz, que está vivo ainda, velhinho, uma loja que vendia munição para espingarda e comprei uma caixa de balas. Fui no carro. Quando cheguei lá, estavam essas 12 ou 14 pessoas, todas assustadas. Tinha uma casa com um cidadão, eu falei com ele para botar o carro lá, e esse cidadão pertencia à usina Santana. Era em outra divisão. Fui, assim mesmo. Comecei a falar, começou a juntar um pessoal meio assombrado, mas ainda veio um pouquinho, e mandei o meu filho deitar dentro do carro. Eu disse: 'Você se deita dentro do carro'. O motorista parece que também estava armado. Eu disse: 'Se houver agressão aqui, você mete bala para cima'. Eu sei que eu fiz a reunião com pouca gente, tranquilamente, não houve o menor problema para eles. Isso, convocando para essa assembleia que era, mais ou menos, uma preparação, faltava só uns 15 dias. Na data exata, no dia em que foi convocada, enquanto eu fazia essa assembleia, com toda a honestidade, para reivindicar os salários dos trabalhadores da cana, Dr. Assis Lemos mandou os agentes dele, todos, espalhados por todos os cantos, para espalhar que era mentira que eu não ia fazer assembleia, que o camponês não fosse. Só que ele não ia para os lados das canas, só ia para Alagoa Grande, Areia, que tinham pouca influência nesse problema. Então, na véspera, que foi um sábado, eu acredito que dormiram na cidade mais de 3 mil pessoas que vieram de outras áreas, vieram de Mamanguape, da zona rural de Mamanguape também, que eu atuava muito lá. Muito bem, quando foi na segunda-feira... E a

palavra de ordem era: 'Se os usineiros não cumprissem o que estava se pedindo, haveria uma greve geral'. Eles não acreditavam. Pois bem, quando foi na terça-feira, com essa palavra de ordem e esses 20 mil boletins espalhados, com 12 rapazes fazendo propaganda, então paralisou todas as usinas."

"Eu recebi um recado, veio um emissário de Mamanguape dizendo que a usina de lá não tinha parado, a Monte Alegre. Então, eu fui imediatamente, de manhã, de madrugada, na terça-feira, falar com Manoel de Deus, que era o líder de lá. Ele morava, por sinal, perto de uma Igreja Congregacional. Ele era crente. Morava perto de uma pracinha que foi onde eu fundei a Liga Camponesa de lá, juntamente com ele. Aí ele disse: 'Você pode ir tranquilo e quando for na quarta-feira você pode vir a uma hora da tarde, que eu estou com a massa aqui na rua'. Só foi no que deu. Quando eu cheguei lá, ele estava com a massa, Luiz de Barros estava com dois caminhões de Polícia na frente – Luiz Barros era o terror daquele tempo. Então, foi feita a assembleia e paralisou as usinas. Quando é no dia seguinte, eu não fui convidado para coisa nenhuma. Aí João Ribeiro, que devia estar aqui, que era o presidente da Federação dos Trabalhadores no Estado da Paraíba, João Ribeiro, companheiro, eu estive preso com ele também, então João Ribeiro me disse o seguinte: 'Olha, os companheiros fizeram um acordo'. Eu disse: 'Que acordo?'. 'Um acordo com as usinas, mas queria que você respeitasse esse acordo'. Eu disse: 'Como é que eu vou respeitar um acordo que eu não sei o que é que fizeram, o proposto. Eu não sei de nada'. E ele chega. Eu disse: 'Está certo. Você não sabe nem quanto é que foi?' 'Não'. 'Quem é que foi? Qual é a comissão? Você foi?' 'Não'. Eu disse: 'Está certo'. Era para eu ir falar com o delegado do Trabalho. Assim mesmo eu fui. Quando eu chego lá, na Delegacia do Trabalho, subi no 1º andar, a primeira cara que eu vi foi Batista Brandão, um assassino que era administrador, gerente da usina, assassino, bandido, que tinha assassinado um companheiro chamado Jeremias. Jeremias era um trotskista, segundo um delator, que eu não sabia que ele dava assistência naquela área de Juripiranga, aquela área todinha. Ele dava assistência a Pedras de Fogo, tudo ali, ele dava assistência. Então, Jeremias foi assassinado. Ele foi assassinado a

sangue frio, na frente do companheiro que dava o apoio. Foi Batista Brandão. Eu disse, assim, na cara do delegado: 'Eu não vou assinar um documento que eu não participei, onde tem bandido, assassino'. Assim, na cara dele, na Delegacia do Trabalho. Estava lá, está vivo, pode ser testemunha, se quiser, Dr. José Valdomiro, irmão de Marcos Odilon, estava lá."

"Então, ainda falando sobre usina ou falando sobre esse problema, fomos lá. Eu disse depois, vamos fazer o seguinte: 'Já que fizeram esse negócio, o partido, com Assis Lemos, fez esse acordo, está certo, então eu vou mobilizar o povo para criar, organizar, uma base de fiscalização desse acordo. Eu quero ver se eles não vão cumprir, porque esse pessoal acha ruim, prometeu e talvez não cumpra'. Então, eu mobilizei, fiz uma assembleia com mais de 300 pessoas da base, da zona rural de canavieira. Fiz uma assembleia no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil, pois eu também fui têxtil e fazia parte de lá. Quando foi no dia, várias reuniões, tirei os delegados, distribui nas bases todinhas do campo, por usina, para eles cumprirem o acordo que eles fizeram. Pois bem, nessa assembleia tinha um rapaz que era o prefeito, Eraldo Gadelha, do PSB. Nesse tempo, foi prefeito, foi deputado, rapaz muito interessante. Ele era da usina Santa Rita. O pai dele era balanceiro, ele, de mentira, fazia uma oposição à usina, mas chegou a ser prefeito. Nesse tempo, as usinas, o Partido Socialista até hoje é dominado na zona rural por essa gente de usina, esses latifundiários, menos o Renato Ribeiro que era de outra área, mas também apoiava. Renato Ribeiro era da usina que fizera o maior terror. Tinha rifle, controlava tudo. Assassinato, torturas, só era o que tinha lá, na usina Santa Rita. Então, eu fui perseguido, eu dou graças a Deus que tive alguma proteção porque eu fui levado para ser assassinado. Então, teve esse problema todinho."

"Teve essa assembleia que foi realizada. Fizeram essa assembleia e quando foi um dia, eu cheguei lá nessa assembleia para discutir com os camponeses. Eu tinha sido até convidado para ir para Vitória de Santo Antão, mas o prefeito dessa época, o prefeito dava apoio – Pedro Teixeira dava um apoio formidável nesse problema lá, também, e então ele ia para Recife comigo, nós tínhamos sido convidados."

“(Falas fora do microfone).”

“Está bom. Então, esse problema dessa assembleia, das bases camponesas, foi muita gente, mas ficou nessa base. Então, muita reunião, eu sofri e continuava a marcação. Duas importantes: uma assembleia, isso já das Ligas Camponesas, aqui, na cidade, promovida pela Federação, e nessa assembleia eu estava seriamente perseguido. Então, fiz esse trabalho. Quando eu cheguei para discutir com os camponeses, estava cheio de latifundiário, cheio de capangas dirigidos por Eraldo Gadelha. Quando eu cheguei, vi um clima meio difícil e quando eu pedi a palavra, disse: ‘Companheiros’. E os companheiros do lado de fora, todos sem poderem entrar porque estava lotado. Eu disse: ‘Eu quero que os senhores, que não são trabalhadores, que não trabalham na cana, por favor desocupem o prédio porque senão eu mando os camponeses botarem para fora’. Estava Eraldo Gadelha dentro. Eraldo Gadelha estava lá e eu disse: ‘O prefeito, esse cidadão que está aí, não é camponês, não é nada e é um inimigo dos trabalhadores porque mora na usina Santana e tem um proprietário que também é criminoso, assassino porque manda torturar, queimar gente na fomalha’. Então, saiu o pessoal para fora. Eu fiz a reunião com o povo e dividi os delegados, depois teve uma reunião final, que participou o pessoal do partido que foi lá e estava inclusive com um cidadão que é secretário da prefeitura, Antônio Augusto de Almeida, secretário, não sei de que diabo é. Ele participava desse grupo e nessas reuniões eu encerrei dizendo o seguinte: ‘Como está o problema evoluindo, o problema dos camponeses, eu faço uma proposta aqui, que os companheiros que estão aqui que trabalham na lavoura da cana, inclusive da indústria, para se organizar um sindicato exclusivamente dos trabalhadores da lavoura de cana’. Esse cidadão, que é Antônio Augusto de Almeida, levantou-se e disse: ‘Nós não aceitamos essa proposta de Seu Dantas’. Eu pedi a palavra: ‘Quer dizer que a gente, os trabalhadores, planta a cana, colhe a cana, faz o açúcar, bota na mesa dos senhores e não tem o direito de dirigir o seu sindicato?’ Era um negócio desse tipo. Perseguição de todo jeito.”

“Para encerrar, fui convidado pelo ministro da Reforma Agrária de Cuba para

participar do aniversário da revolução, em 1963. Preparei-me para ir para essa viagem e então precisava de um passaporte. Nesse tempo, aqui não fazia passaporte. Teve um cidadão que era jornalista, que apoiava, que ajudou a orientar o negócio do passaporte, para levar a vacina para a gente fazer em Recife. Então, eu fui à viagem, participei, trinta e poucos dias em Cuba. Conheci Che Guevara, assisti muitas reuniões com ele. Fui homenageado na Embaixada da China, convidado para passar 90 dias lá, três meses. Participei de todos os debates lá e passei até esses trinta e poucos dias. Se eu for relatar, é um problema muito grande. Fiz muita amizade, fui na fase da repressão. Se eu quisesse ter me refugiado, tinha ido viajar, podia me refugiar.”

“Outra coisa interessante que eu quero registrar aqui, foi que o partido fez tudo. O partido tinha uma empresa importante. Quando eu estava em Recife, eu cheguei... Por exemplo, a Tchecoslováquia lançou um carro Skoda, como eu tinha muita amizade com os empresários, me deram esse negócio para eu ir visitar os empresários. Tinha um homem chamado João Tude, que era dono da empresa Progresso, que ajudava a imprensa do partido, então, me ofereci, mas esse cidadão não quis fazer isso.”

“Mas, para reduzir, eu quero dizer o seguinte. Já que eu tenho somente cinco minutos, quero relatar esse problema. Quando eu voltei de Cuba, eu tive uma sorte muito grande, que eu voltei e trouxe... Cheguei no dia da confusão dos marinheiros, toda bagagem foi examinada na alfândega, eu fiquei por último e fiquei surpreso porque ninguém me incomodou. Trazia a mala cheia de livros, eu trouxe uma coleção de livros das mais importantes: ‘As citações de Mao Tse Tung. Esse livro eu fiz presente ao meu amigo, médico, Dr. Malaquias, a quem eu devo muita homenagem, esse livro entreguei a ele. Mas, quando eu volto, aonde venho para encerrar, eu quero que o senhor permita, perguntei ao Deputado Assis Lemos se ele tinha alguma convocação, alguma reunião, porque eu queria prestar contas da minha viagem, que eu fui convidado, em nome das Ligas Camponesas, a participar do aniversário e então quando eu cheguei, Assis Lemos disse: ‘Não, já foi convocada uma reunião para o sábado.’

Eu disse: 'Danou-se'. Era na quarta-feira. Aí eu cai em campo e mobilizei, trouxe uns três carros de gente, três ou quatro. Ela não está aqui, Ofélia Amorim era desse tempo, era uma pessoa que também sofreu as consequências terríveis, ela estava lá, eu convidei ela para ir a Cuba."

"Aí eu cheguei para essa reunião. Surpreendi, eu trouxe esse pessoal sem ele saber. Chegou lá estava o partido todinho e esses elementos, inclusive o Dr. João Santa Cruz estava lá, foi quando eu fiz também a proposta. Eu disse: 'Eu queria falar com os companheiros'. Lembro-me que foram essas palavras, a assembleia cheia de gente, subiu gente que ficou em pé, não cabia porque era muito pequeno o espaço ali, de frente da Assembleia, era um prédio de primeiro andar, que a gente fazia a reunião da Federação. Pois bem, quando eu comecei a falar, José Moscou estava, eu disse: 'Eu queria que os companheiros indicassem qual é o companheiro que vai fazer a Ata, que eu quero fazer algumas propostas aqui para se organizar, registrar essa Liga Camponesa'. João Santa Cruz disse o seguinte: 'Nós não aceitamos a proposta do Senhor Dantas – me chamou até de senhor – porque foi expulso do partido'. Eu nem sabia que tinha sido expulso do partido e respondi imediatamente: 'Eu tenho muita honra de ser expulso de um partido onde tem um cidadão que rasgou a sua página da história. João Santa Cruz foi eleito desembargador porque Flávio Ribeiro foi quem propôs que ele fosse desembargador, mas é um homem que traiu porque devia respeitar o passado. Ele é um dos que fundou o Partido Comunista aqui, na Paraíba'. Aí, acabou-se a reunião, não teve mais nada – Ofélia Amorim estava lá, se ela estivesse aqui, ela confirmava a história."

"Muito obrigado. Eu peço aos companheiros que me desculpem e quero agradecer, ainda, quem organizou esse evento, apesar de que eu fui discriminado até o fim, mas eu desabafei 10% do que tinha feito."

"Ainda teve mais o seguinte. Assis Lemos, preparou todas as Ligas Camponesas, inclusive o companheiro que está aí, todo o pessoal, Elizabeth Teixeira me levou para uma Liga Camponesa que não estava aqui. Mobilizou o pessoal todinho e levou para uma Liga que tinha aqui na praia, em Gurugí, uma

praia aqui que tinha um camarada muito ativo. Pegou esse pessoal e mandou um documento para Julião dizendo que eu deveria ser expulso do movimento porque a minha vida era conquistar as filhas dos camponeses, entendeu? Assis Lemos, mandou dizer isso, mobilizou esse povo todinho.”

“Eu quero agradecer ao povo e quem organizou esse convite e convidar para no mês de setembro, eu vou fazer um seminário aqui na Paraíba para mostrar a verdade, o que foi o que aconteceu no movimento camponês político, com esses traidores que eram ligados ao latifúndio.” (Aplausos)

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Bom, pessoal, as pessoas que estão aqui não estão contando histórias de vida, apenas, estão contando histórias onde vida e paixão são uma coisa só. Então, exatamente porque vida e paixão, nessa circunstância, são uma coisa só, a gente precisa ir um pouquinho devagar e com cuidado para a gente não deixar que as paixões tomem conta da possibilidade de um diálogo entre nós.”

“No meu relógio, que não é referência para ninguém, são 12h05min, Vamos ver se a gente consegue concluir os trabalhos até 12h30min. A gente abre um pouco para essa conversa, tendo o cuidado para que as paixões que alimentaram a luta não seja um elemento de discórdia entre nós, particularmente, entre companheiros cujas vidas são um exemplo maior de doação, de entrega pela causa do povo.”

6.7 Debates

Senhor Assis Lemos: “Senhor presidente e companheiros. Eu nunca esperava vir à Paraíba, numa reunião da história das Ligas Camponesas e alguém levantar dúvidas sobre a minha luta. A luta que eu travei aqui na Paraíba. Fui vítima de violências em Areia e em Itabaiana. Fui vítima da ditadura militar, sofrendo as maiores torturas, aplicadas, inclusive, pessoalmente, pelo Coronel Hélio Ibiapina Lima, que era chefe de todos os IPM's do Nordeste. Tirou a minha roupa, na saída de Recife, colocou-me num pau-de-arara, espancou-me de todas as formas, inclusive colocando um jornal no ânus e tocando fogo. Sofri

tudo isso e, para minha surpresa, eu chego aqui e um ex-companheiro de luta, Antônio Dantas, com quem nós iniciamos as lutas das Ligas Camponesas, vem fazer restrições a minha atuação com referência à Liga de Santa Rita.”

“Eu quero lembrar ao Dantas que as nossas intervenções, tentando reabilitar a Liga de Santa Rita, eram porque toda vez que havia uma eleição naquela Liga e a diretoria era escolhida, dez ou quinze dias depois se procurava os membros da diretoria e não tinha nenhum, tinham ido para o Sul do país, com recursos de Renato Ribeiro, e até hoje a gente não sabe quem era o intermediário, apenas que a esposa do nosso companheiro Dantas era muito ligada à família Ribeiro Coutinho. Então nós desconfiávamos.”

“O companheiro Julião, preso comigo na 2ª Companhia de Guarda, juntamente com Miguel Arraes, Gregório Bezerra e Paulo Cavalcanti, reconheceram a influência negativa que sofreu aqui na Paraíba. O outro companheiro que participava junto com Dantas dessas lutas, chamava-se Aduino Freire. Pois bem, companheiros, Aduino Freire, hoje todos sabem que era ligado à espionagem americana. A revista Veja e outros noticiários disseram que ele era um homem infiltrado aqui no movimento, ligado à espionagem americana para radicalizar a luta e assim justificar o golpe militar, que afinal veio no dia 31 de março de 64. Julião também me confessou, em Londrina, quando foi passar dois dias lá, dizendo exatamente, das suas desconfianças a respeito de Aduino Freire e de Joel Câmara – Joel era um dos grandes líderes dessa luta. Pois bem, Joel saiu da prisão e vai ser presidente da Associação Comercial de Pernambuco, inimigo radical de Miguel Arraes. Naquela oportunidade, Julião disse que esse pessoal tentou envolvê-lo para tomar posição através do movimento camponês contra o governo democrático de João Goulart que tinha como chefe dos Fuzileiros Navais, o paraibano Almirante Cândido Aragão.”

“Aqui foi citado que o Almirante Aragão me deu uma arma. Realmente, quando eu estava no hospital, vítima de um atentado em Itabaiana, passei 40 dias hospitalizado, o Almirante Aragão veio me visitar e perguntou: ‘Qual é a arma que você tem?’ Eu disse: ‘Não tenho nenhuma arma’. ‘E você vai para esses movimentos

camponeses, essas lutas todas sem nenhuma arma?'. 'Sim, senhor. Nunca coloquei uma arma para ir para uma reunião das Ligas ou andar nos canaviais'. Aí, o Aragão disse: 'Não, eu vou lhe dar uma arma. Vou lhe emprestar uma arma dos Fuzileiros Navais'. E mandou essa arma. Um revólver 45, e eu assinei o empréstimo. Foi emprestado, eu assinei, lá nos Fuzileiros Navais. E essa arma deu tanto problema, depois do golpe de 64, porque eu tive que dizer ao Coronel Ibiapina que joguei a arma no rio Capiberibe, em Recife, quando, na verdade, e aqui novamente eu repito, na noite de 31 de março, quando nós descobrimos que estava havendo um movimento contra o Governo João Goulart, eu, Antônio Augusto Arroxelas e o Professor Laurindo, sendo escolhidos naquela mesma noite de 31 de março, para irmos para Recife conversar com o Governador Miguel Arraes para saber o que íamos fazer no dia seguinte, e nós fomos, eu, Antônio Augusto e o Professor Laurindo. Mas, antes de viajar para o Recife, eu fui comunicar a um deputado, que era meu amigo, na Assembleia, era deputado comigo, José Maranhão. Fui na casa dele comunicar que ia para Recife conversar com Miguel Arraes e saber o que íamos fazer no dia seguinte e então José Maranhão disse: 'E você vai com essa arma? Se você for preso na estrada, pega dois anos de prisão sem direito de defesa porque está com uma arma privativa das Forças Armadas. Me dê essa arma e tome meu revólver'. Eu entreguei a arma a José Maranhão e fui com o revólver dele. Pois bem, eu tive que dizer a Ibiapina e a todos que eu tinha jogado a arma no rio, em Recife, para não denunciar porque se denunciasse que a arma estava em poder do José Maranhão ele seria preso, inegavelmente."

"Pois bem, companheiros, essa luta que nós travamos aqui, e no caso, apenas para lembrar ao Dantas, mais uma vez, no caso de Santa Rita, foi por isso, porque cada diretoria que se elegia, uma semana depois ia embora, embora para o Sul com o dinheiro do grupo das usinas. Nós descobrimos isso, então, por isso, nós tínhamos todo o cuidado de fazer essa vigilância em cima da Liga de Santa Rita. Em momento algum, nenhum companheiro daquela época poderia levantar qualquer dúvida sobre a minha conduta em relação à solidariedade total ao movimento camponês e à luta pela reforma agrária."

“Todos os sofrimentos eu passei aqui, na Paraíba, e tive inclusive de ter que ir embora da minha terra porque não tinha condições de sobrevivência aqui. Se eu tivesse ficado, teria sido morto e eu escapei da morte e do desaparecimento como aconteceu com os companheiros João Alfredo e Pedro Fazendeiro quando foram liberados do Quartel do 15º Regimento de Infantaria, onde estavam presos comigo. Éramos acusados da mesma coisa e eles dois foram mortos. O terceiro seria eu e, como eu relatei aqui, tive a felicidade de no dia em que estava recebendo a visita da minha mulher, a esposa de Pedro Fazendeiro vir entrando no Quartel e eu perguntei pelo Pedro e ela disse que ia visitá-lo, e Pedro já tinha sido solto na terça-feira, 07 de setembro, e ela, então, insistiu, dizendo que precisava entregar as roupas de João Alfredo que ela estava trazendo de Sapé. Aí eu disse: ‘Dona Maria, João Alfredo já faz mais de dez dias que foi solto’, porque João Alfredo foi solto no dia 29 de agosto de 1964. Então, foi aí que eu disse para a minha mulher que fosse com a minha mãe falar com o Major Cordeiro para dizer que se fosse me soltar, eu só sairia do Quartel com a família. Sozinho, se ele dissesse que eu tinha saído, de dia ou de noite, era mentira. E, de fato, companheiros, mesmo depois que eu fui transferido para Recife, para a prisão em Recife, fui solto no dia 14 de outubro de 1964. Saí da prisão no dia 16. Fiquei dois dias presos lá no Quartel, em Recife, por minha conta, com o apoio de Arraes, Gregório Bezerra e daqueles companheiros todos porque o dia da visita era na quarta-feira. Então, estávamos presos ainda, em Recife, eu e o juiz de Rio Tinto, Hermilo Ximenes. Então, fui solto no dia 14 e só saí no dia 16 com a companhia da minha família. Vim para a Paraíba e o companheiro Arnaldo Lafaiete, na época deputado da Paraíba, veio do Rio de Janeiro me buscar e me sustentou por dois anos, pagando a minha alimentação, minha dormida e alguns companheiros aqui na Paraíba ajudando a minha família.”

“Meu filho, que aqui está presente, na hora em que eu estava preso no Quartel do 15º Regimento de Infantaria, ele pequeno, foi me visitar, foi me ver, e eu estava atrás das grades e na hora em que eles iam sair, ele exigiu que eu fosse com eles e eu não pude ir. Ele perguntou: ‘O senhor está preso?’. Eu disse:

‘Não, não estou preso’. Mas quando ele insistiu e eu fiquei na grade aí ele caiu no choro dizendo que eu, de fato, estava preso e a partir daquele momento ficou gago, está aqui presente, e até hoje sofre com essa coisa.”

“Todas essas violências, Dantas, eu sofri. Eu seria incapaz de fazer qualquer coisa contra qualquer companheiro que não fosse do interesse da luta pela Reforma Agrária e pelas Ligas Camponesas da Paraíba. Muito obrigado.” (Aplausos)

Senhor Noaldo Meireles: “Bom-dia a todos e a todas. Meu nome é Noaldo Meireles, sou advogado da CPT e gostaria de fazer três pequenos registros. Primeiro é que eu sou nascido e criado em Mulungu – estou vendo Dr. Geraldo Camilo aqui, que deve falar, acho que hoje, à tarde –, e fazer um registro que em Mulungu teve uma Liga Camponesa também e foi através de um desses membros das Ligas Camponesas, no início dos anos 80, chamado Octávio Fernandes, que eu tive conhecimento da história das Ligas Camponesas nesse início dos anos 80. Ele tornou-se alcoólatra. Quando se embriagava ele subia nos palanques das praças de Mulungu e ficava relatando as reuniões, os fatos, chamando os membros da diretoria das Ligas Camponesas, convocando reuniões imaginárias. E no início dos anos 80, Octávio Fernandes ficava chamando por Senhorzinho, que morava em frente à casa da minha avó, por Zé Aquia, por Manoel Doutor, acho que um irmão de Dr. Geraldo que era da diretoria da Liga, e ficava chamando as pessoas para as reuniões das Ligas Camponesas. Então, eu tive conhecimento da história das Ligas Camponesas nesse início dos anos 80.”

“A outra, Seu Elias Quirino, sou advogado da CPT e tem uma frase, que aqui tem muita gente que pode confirmar se é verdade ou não, atribuída a Raimundo Asfora no dia do enterro de João Pedro Teixeira que dizia, segundo relatado, que não ia se enterrar um homem, ia se plantar. E em Alhandra, as ideias de vocês, elas nunca foram enterradas, elas foram plantadas; Alhandra é um dos municípios que mais tem desapropriação. É Gurugi, Gurugi I e II, Dona Antônia, Mata de Chica, Frei Anastácio, Barra de Gramame. Então, as ideias de vocês, elas foram plantadas e se multiplicaram no município.”

“E concluindo, Seu José Cardoso, que está aqui, que é de Mucatu e que já

teve sua propriedade invadida várias vezes por um grupo de pistoleiros, trazidos de Pernambuco por um proprietário chamado João Henrique Caminha, que quem é de Cruz do Espírito Santo, aqui, conhece a luta pela desapropriação das propriedades dele, e é uma pessoa ameaçada, solidária e a gente tem esses problemas. Então, é esse registro que eu trago aqui porque é uma pessoa que está na luta, ameaçada e hoje tem um acampamento dentro de sua parcela, do engenho Palmeira, que a gente está negociando com o governo do estado a compra da área.”

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Com a palavra o Sr. José Cardoso.”

Senhor José Cardoso: “Eu quero dizer para o pessoal que a minha terra não foi invadida, não. Me desculpe, só para esclarecer bem. A minha terra é vizinha à terra de conflito, que o povo está lutando, entendeu? Então, eles foram despejados e foram a mim, falar para ver se eu dava um apoio a eles ali, na divisa da terra. Não é a minha terra que é invadida, apenas eu dei o apoio aos Sem-Terra para que eles lutem pela terra vizinha.”

Senhor Presidente Genaro Ieno: “Pessoal, eu só gostaria de lembrar o seguinte: que a gente vai parar agora, vai continuar às 02 horas, mas eu gostaria de lembrar que as divergências do calor da luta, e de uma luta tão dura e difícil, não é demérito para ninguém, não é desqualificação para nenhum movimento. As divergências elas são explicitações de perspectivas, avaliações, propostas que ocorrem naturalmente, como consequências das diferenças entre nós, humanos.”

“Então, a explicitação das divergências que a memória da história traz novamente aqui, não significa, de maneira nenhuma, desrespeito e desconsiderações para ninguém. Muito pelo contrário, significa apenas que aquilo que foi vivido anteriormente é expressão efetiva da paixão, do calor e do compromisso das pessoas que pensavam que tinham propostas diferentes. Apenas isso. Por isso, se a gente tem que bater palmas, é bater palmas exatamente por tudo que essa luta representa e significou, inclusive pelas divergências que produziu entre os companheiros de uma causa comum.”

“Então, até à tarde.”

MESA VII – AS LIGAS DE MULUNGU E DE CAMPINA GRANDE

Senhor Presidente Ivan Targino: “Boa tarde a todos. Estavam previstas duas mesas para hoje à tarde. O Sr. Elias Quirino e o Sr. José Cardoso deveriam participar da primeira mesa, mas eles já participaram de uma mesa pela manhã de hoje. A comissão organizadora foi informada que o Sr. Chico Maria, delegado de Sapé na época da morte de João Pedro Teixeira e que presidiu o inquérito do seu assassinato, apurando as autorias materiais e intelectuais do crime não pode comparecer. Igualmente o Doutor Hermilo Ximenes, na época Juiz de Direito da Comarca de Rio Tinto cujo comportamento era favorável aos trabalhadores do município, não poderá comparecer. Desse modo, vamos compactar as duas mesas, convidando o Sr. José Hermínio Dionísio, membros das Ligas de Sapé, o Dr. Geraldo Camilo, presidente da Liga de Mulungu e prefeito da cidade quando do golpe de 64 e o Sr. Celestino Pereira da Silva, fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande. Convido os três para comporem a mesa.”

“Waldir Porfírio está sugerindo que a última mesa seja substituída por uma discussão de alguns pontos que não foram aprofundados nas mesas anteriores, tais como a existência de armas durante o período das Ligas Camponesas. Acho que a sugestão está acatada. Nós vamos começar essa mesa escutando a palavra do Senhor José Hermínio Dionísio.”

7.1 Depoimento do Sr. José Hermínio Dionísio

Senhor José Hermínio Dionísio: “Olhe, eu vou fazer aqui umas explicações de fatos que se passaram comigo e que foram de meu conhecimento, na época da Liga, sendo eu uma das vítimas. Eu, como vítima, passei por todo tipo de dificuldade empenhada pelo poder do Senhor Pedro Ramos. Passei por toda

qualidade de aperto, só não fiz ser torturado, mas a minha casa foi cercada à meia-noite, várias vezes. Mas nenhuma vez fui flagrado, sempre estava fora.”

“Então, a minha casa, na realidade, eu comprei o local e fiz uma reforma na casa. Mas, depois de eu fazer o Pedro Ramos achou que eu devia me retirar e abusou de mim, abusou de mim e eu não pude ter condições de me defender porque o pior inimigo que existiu para impedir a minha defesa foi o Tenente-Coronel Antônio Ferreira Vaz, foi ele realmente quem botou o dedo em cima. Eu tive a cobertura do Deputado Jacob Franz, que me entregou ao Doutor Zé... um advogado daqui. Mas, com tudo isso, não deu para aguentar as coações que me eram enfrentadas. Eu resolvi viajar para São Paulo, deixei a família na casa. Mas ele disse a mim: ‘Você não deixe, você retire porque se você deixar, eu pego a sua família, boto em um caminhão e vou deixar no Estado da Bahia’. Então, não é realmente porque eu fosse corajoso ou, como se diz, poder ir desarmado para enfrentá-lo. Mas ele chegou com seis capangas na minha casa. No dia anterior ele passou na minha porta mandando um pistoleiro dele na minha casa. Disse: ‘Eu quero que vá na casa de Hermínio’. Eu estava assim na beira do caminho e ouvi. Então, nessa hora em que ele estava junto com cinco capangas, eu me encostei a ele assim, peguei na rédea do cavalo dele, ele montado em um cavalo e cinco capangas armados, tudo a cavalo, em volta dele. Peguei na rédea do cavalo e disse: ‘Seu Pedro, não pense que eu estou lhe afrontando nem que eu tenho poderes para lhe afrontar, mas eu quero que o senhor explique agora qual foi realmente o sentido que o senhor deu ordem a seu pistoleiro, para ir à minha casa?’ ‘Eu não disse isso, não’. ‘O senhor disse porque eu ouvi o senhor dizer a ele, passar a ordem para ele’. Ele falou: ‘Agora, você está dizendo isso, mas não entendo, se você vai para São Paulo’ ‘Eu vou para São Paulo’. E repetiu: ‘Se você for, eu pego a família, boto no caminhão e vou deixar no Estado de Minas’. Eu repeti o assunto: ‘Seu Pedro, eu vou dizer uma coisa, não sei se o senhor vai gostar, se vai pensar que eu estou dizendo a verdade ou se estou com brincadeira. Eu não estou brincando porque eu não posso brincar com o senhor. Agora, só digo que o senhor é homem, como o senhor disse, se o senhor pegar um filho meu, que for até um cabelo, enquanto eu estiver fora’. Ele fungou e

foi embora. Eu fui para São Paulo e deixei a família. Eles fizeram toda sorte de coisa na casa, mas não buliram com a família.”

“Então, essas coisas me deixaram no fundo do poço. Acabei com tudo o que eu tinha, fiquei somente com a família passando fome, sacrificado. Fui a São Paulo, passei um ano e não arranjei nada. Quando cheguei, mandei tirar a família e vim para Gramame. Em Gramame, eu comprei uma situaçãozinha, para sanar a situação da família, em uma propriedade do Doutor Fernando Furtado, um dentista que tem aí. Aí, veio, tinha um empregado, Carneiro, e eu não me dou com cana, nem que eu use nem dos outros, e ele também achou que eu não podia estar lá. O que ele fez? Veio a mim e disse que eu me retirasse. Eu disse: ‘Não, eu não posso sair’. Ele jogou o capanga dentro da minha casa, com a minha família. Elias Pereira está aí ou foi embora? Está aí. Foi quem foi comigo ao secretário do Interior e Justiça e nós falamos com ele e ele mandou que o Coronel Renato Macário, que era o chefe de Segurança naquela época, resolvesse o caso. Então, o que dá é o seguinte: Nesse dia, o caso se tornou para mim muito absurdo porque eu terminei com a família na delegacia de Polícia de Gramame. Passei de oito a quinze dias dormindo na delegacia, depois fui para Alhandra, onde estava o Elias, mas lá não deu e eu tive que voltar.”

“Mas, aí eu quero dizer o seguinte: eu não me refiro só ao meu caso, eu quero falar no que mais ouvi, dentro da propriedade de Pedro Ramos. Um cidadão por nome de José Adelino, esse homem foi pressionado, perseguido. Pedro Ramos levou dois homens daqui de João Pessoa recomendado para matar a gente na propriedade. Um cara da Polícia, chamado Capa de Aço, e um ex-guarda noturno. O negócio lá, era matar a gente mesmo. Logo que chegaram, tinha um cidadão que na qualidade, como estava pressionado pelo proprietário, ele disse a mim, dentro da Secretaria do Interior e Justiça, ele disse a mim: ‘José Hermínio eu sei que os meus dias estão contados, eu sei que não vou passar mais uma semana vivo, eu tenho certeza disso, não sei mais quantas horas vou viver. Agora, eu queria ter o prazer de antes de morrer ver Pedro Ramos dentro dessa secretaria, dentro da Igreja, dentro do Tribunal de Justiça, mas eu queria ver Pedro Ramos

antes de morrer'. Mas no outro dia mataram ele. Esse que eu disse foi Alfredo. Pedro Ramos tentou botar José Adelino para fora, mandou fazer disparo no ombro. O homem correndo na frente e três homens armados atirando nele. Ele pulou a cerca da propriedade caiu na terra de Rio Seco e os caras atirando nele. Balearam em vários cantos, mas ele não tombou. Do jeito que ele ia, tocou na casa do Senhor Joaquim Tomaz, baleado, todo furado de bala, mas Joaquim Tomaz o socorreu em Sapé e ele escapou. Morreu agora. Eu fui até com a Irmã Toni na casa desse cidadão e não o encontrei mais vivo, na fazenda que foi da companhia Rio Tinto. Ele não existia mais.”

“Então, o caso desse homem era agir desse modo contra o povo, não era o homem que tivesse diálogo com ninguém. Ninguém ali morava no que era dele porque ali todo mundo tinha comprado a posse. Mas, disso aí, o que aconteceu? No começo das coações comigo, em 58, quando ele me proibiu de trabalhar sem eu dever a ele – eu tinha um gado e ele me proibiu até de tirar a forragem dentro do canavial, para o gado – eu fui, procurei o juiz, Doutor Ildefonso Lira, de Mamanguape. Nesse tempo eu morava em Mamanguape, e prestei a queixa a ele. Ele disse, faça assim: ‘Tire o gado e fique na terra’. Eu disse: ‘Não pode, doutor, não dá’. Ele disse: ‘Pois, então vá, volte ao promotor e diga a ele que é ordem minha. Que ele intime esse cidadão, que eu quero uma audiência com ele aqui’. Eu fui, transmiti o recado e o promotor, antes de eu sair, ele estava no Fórum, junto comigo, mas criticando de mim, da minha denúncia, do meu recado que eu levei, perante o juiz. Ele estava criticando, mas eu não sabia se a crítica era contra mim ou se ele estava achando graça de outra coisa, e eu notei que havia um assunto diferente e fiquei cismado. Passando uns dias, eu vou passando, às 05 horas da tarde, na frente do Fórum, a cavalo, estava o juiz e estava o promotor. Aí eu falei: ‘Excelências, por favor, me deem uma resposta’. O juiz ficou assim. Eu disse: ‘O meu interesse é ouvir de Vossa Excelência como vai ficar o meu caso’. E o promotor respondeu: ‘Retire-se, safado, senão meto na cadeia. Não vou intimidar um cidadão porque, assim, vou perturbá-lo’. Dizendo que o cidadão era cidadão mesmo, como ele disse que era da classe dele. Pois

bem, tudo isso foram coisas que atingiram a mim, mas não fica nisso, eu quero dizer que fora disso tem muita coisa a falar.”

“Bom, na propriedade dele aconteceu que esses capangas que ele levou para matar a gente, dois rapazes mataram os caras. Um já tinha sido morto no primeiro atrito e o segundo foi esse que foi morto por dois rapazes. Esses saíram, no momento, e o Senhor Abel Cunha, residente na fazenda Rio Seco, que ficava anexo, por sinal ele já foi prefeito duas vezes em Sapé, até já morreu, falou para um dos cidadãos, um deles parece que já estava agindo, e ele falou: ‘Vicente, era a pessoa, onde você está?’ ‘Eu estou fora e tal’. Ele disse: ‘não, volte para casa sem medo que na sua casa não vai ninguém atrás de você’. Passando-se uma noite, na outra, a casa dele foi cercada e foi preso a mando de Abel Cunha. O homem preso desapareceu, e a mulher dele, a esposa ficou inquieta a partir do segundo dia, sem ter notícia, e assim foi o segundo dia, o terceiro, o quarto, no quinto dia a mulher agonizou-se e foi terminar no Grupamento de Engenharia. Chegou lá e comunicou o fato. Feita a denúncia, o comandante do Grupamento mandou um ofício para o Coronel Renato Macário, que ainda era chefe da Polícia, na época, autorizando que ele entregasse o desaparecido, ainda nas horas daquele dia. Ela veio e entregou a carta, era o quinto dia, depois da prisão. Ele foi, mandou buscar o homem dentro de um camburão na Chefia de Polícia, a partir daquele dia nunca mais tinha comido. Cabeludo, barbado e se não tem socorrido ele nesse dia, no outro dia ele amanhecia morto.”

“Não é o que se vê de um homem de bem, um homem que pratica a violência. Eu sempre disse, até mesmo agora, palestrando com um cidadão que eu conheço ele, de longe, mas ele deu muita crença a pistoleiro, quer dizer, a mandante de capanga, ele não se declara, mas eu sei. Mas nós, conversando, tratando de um assunto, eu disse: ‘Fulano, eu condeno a ação do homem que tem em sua propriedade um morador e que quando tem um caso com ele não procura, mas manda, sim, atingi-lo com o poder de pistoleiro’. O cara olhou para mim, ele é um sujeito, meu amigo, mas olhou para mim, assim. Notei que ele olhou irado e eu repeti o assunto. Eu disse: ‘Olhe, não é cidadão de bem’. Esse camarada,

de lá para cá, nunca mais falou comigo, notei que ele incomodou-se. E para melhor dizer, do jeito que eu vejo, eu estou vendo uma barreira muito pesada para se chegar a essa realidade. Agora, a realidade não está fácil. Depende da consciência do povo, porque se essa juventude se organizar, ninguém aguenta porque é aonde está a salvação do povo. É isso aí.”

“Eu tenho a esperança que antes de morrer eu veja o que interessa. Para isso eu lhe digo, eu não vejo nenhuma dificuldade de eu, na idade em que estou, enfrentar qualquer coisa para defender o caminho da nossa salvação. Muito obrigado.” (Aplausos)

Senhor Presidente Ivan Targino: “Nós agradecemos a participação do Senhor José Hermínio Dionísio que, como ele disse, vinha falar para denunciar os mandantes da maldade. Passamos a palavra ao Doutor Geraldo Camilo, que foi médico do SAMDU e foi prefeito de Mulungu.”

7.2 Depoimento do Sr. Geraldo Camilo

Senhor Geraldo Camilo: “Boa tarde para todos. De início, quero agradecer ao meu amigo Waldir Porfírio por lembrar do meu nome, incluindo na relação dos que vieram depor, trazer a sua história e o seu depoimento sobre os movimentos camponeses, do início da década de 60.”

“Chegando um pouco atrasado hoje, pelas 11 horas, só ouvi depoimentos de pessoas que tiveram ações diretas e importantes no movimento de Ligas Camponesas. Eu me coloco em outra posição porque não tive uma ação direta, simplesmente fui mais um espectador da cena, acompanhando amigos meus que tiveram atuação das mais importantes na história desse movimento na Paraíba.”

“Eu cheguei ao Movimento Camponês pelas amizades que tive, e ainda hoje me orgulho delas: Osmar de Aquino e Assis Lemos. Em 1960, ainda muito jovem, estudante de Medicina, na capital, sonhei em ser prefeito da minha terra. Fiz, primeiro, política partidária e, por força das circunstâncias e das variações de partido, me aproximei de Osmar de Aquino e ao conhecer a sua personalidade fiquei encantado. Cultivei uma amizade até os últimos dias de sua existência e

foi pela amizade com Osmar, pelas conversas, por conhecer as suas ideias que eu comecei a participar do movimento das Ligas Camponesas, ao lado de sua irmã Maria Aquino. Nesse intervalo, conheci também o meu grande amigo, aqui, presente, o ex-deputado Assis Lemos, desde então, cultivamos uma amizade sincera, muito pura, da qual eu me orgulho profundamente. Assis, receba um abraço de um companheiro seu desde 1960.”

“Acompanhei Osmar e os seus seguidores em Guarabira. Éramos muito atuantes. Acompanhei Assis Lemos em suas andanças pela zona rural, no município de Sapé. Por dezenas de vezes, alta madrugada, voltávamos, pela estrada que liga Campina Grande a João Pessoa, receosos pelas histórias que ouvíamos, pelos fantasmas vivos que procuravam incutir medo, as caminhonetes que nos seguiam, os carros que ficavam parados na beira dos caminhos. Me lembro também de Bento da Gama, que não pode ser esquecido nessa reunião de hoje, advogado atuante, foi superintendente do INCRA aqui, na Paraíba. Assis pode confirmar, tirar as minhas dúvidas. Ele representava o SUPRA na Paraíba. Mas, eu não tive uma ação direta, ligada ao Movimento Camponês, dei a minha colaboração. Tive a oportunidade de ser o anfitrião dos meus amigos: Dantas, que está aqui presente, acompanhado de outras lideranças que me fogem à memória, mas me lembro muito bem de Elizabeth Teixeira na rua principal de minha cidade, na primeira oportunidade para fundar a Liga Camponesa de Mulungu. Fui um dos oradores daquela tarde, o meu irmão, Antônio, ficou participando da diretoria da Liga de Mulungu.”

“Andei com Assis por outros municípios: Santa Rita, Campina Grande. Fui a Recife, várias vezes, com ele para tratar de assuntos ligados ao movimento, e de tudo isso eu me orgulho. Eu tenho a certeza de que estava no caminho certo e, acima de tudo, eu agia com a honestidade de propósitos. Eu estava ao lado de homens bem intencionados, homens de alto valor moral, intelectual e de aspirações políticas, de amor à humanidade. Eram os princípios de solidariedade humana que incentivavam os passos dessas pessoas que eu acabo de citar.”

“Eu vim aqui também para reviver a história, sou um apaixonado pela história, e não podia perder a oportunidade de ouvir esses depoimentos, conhecer essas

peças, ou lembrar pessoas que eu havia esquecido. Eu tenho a certeza de que isso vai ficar registrado em algum arquivo, em alguma gaveta, em alguma estante, em alguma prateleira para que no futuro a Paraíba, que está começando como meu conterrâneo Noaldo, os jovens idealistas, não esqueça para sempre o que marcou o início da década de 60.”

“Nos quatro anos em que fui prefeito de Mulungu, eleito em outubro de 1960 até o dia 15 de abril, quando o Coronel Lima chegou num jipe do Grupamento de Engenharia, me procurou e disse que eu me afastasse da política porque era muito melhor para mim. Era um conselho e uma advertência, educado, cumprindo ordens. Eu juntei os meus objetos, os meus livros, os meus arquivos e me afastei da cidade. Ele reuniu a Câmara e cassou o meu mandato. Pelo tumulto da hora, eu não entendi que havia sido oficialmente cassado. Até o mês passado eu achava que tinha sido simplesmente expulso pela força do braço da ditadura, foi o Waldir Porfírio que me avisou que havia um documento na Câmara, uma Ata, relatando uma reunião de vereadores que havia cassado o meu mandato. Eu não sabia que estava cassado, com Assis Lemos e Osmar de Aquino. Obrigado, Waldir.”

“Eu me coloco ao lado deles, fico aqui lembrando com um pouco de alegria, nessa reunião. São palavras curtas, mas vocês recebam um abraço desse cidadão que está aqui e que teve uma pequena parcela de colaboração naqueles movimentos difíceis, perigosos e tormentosos do início da década de 60.”

“Muito obrigado.” (Aplausos)

Senhor Presidente Ivan Targino: “Nós agradecemos as palavras do Doutor Geraldo Camilo. Passamos ao depoimento do Senhor Celestino Pereira da Silva, que foi um dos fundadores do sindicato de Campina Grande.”

7.3 Depoimento do Sr. Celestino Pereira da Silva

Senhor Celestino Pereira da Silva: “Bem, em 1962, comecei a ingressar na vida do sindicato e fomos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande. É bem verdade que houve uma certa polêmica. Não pela

parte dos dirigentes das Ligas Camponesas, não, mas pela parte de pessoas, que eu memorizei dentro de mim que eles não eram capazes de dirigir o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande. Primeiro, por quê? Tomei conhecimento que um daqueles candidatos era realmente funcionário do Banco do Brasil, outro era da Caixa Econômica, todos altos funcionários. Enfim, eu imaginei, dentro de mim, como é que uns bancários têm o direito de assumir o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e eu, não? Então, me agreguei ao Senhor Bispo Diocesano, naquele tempo, Dom Manoel Pereira, e disse a ele: 'Vou me envolver na luta, mas, para isso é preciso ter um certo conhecimento e um certo advogado porque eu não vou gostar que outro homem, de outra classe, vá me monopolizar na agricultura, não'. A não ser que eles fossem realmente das Ligas Camponesas porque as Ligas, eu também já adorava. Então, realmente, o Senhor Bispo Dom Manoel Pereira nos deu um advogado chamado Aldo Correia Lima – eu acho que alguém aqui chegou até a conhecer ele – e Elisa Bezerra Mineiro, uma assistente social e professora. Com essas duas pessoas e outras, mais amigas, então eu me dispus a formar a organização de um grupo de trabalhadores rurais. Logo, em breve, com duas reuniões que eu fiz com os trabalhadores rurais, tive a notícia de que o sindicato ia ser fundado tal dia e tal hora, na rua Venâncio Neiva, e tal, dando tudo detalhadamente certo. E eu me dispus a ser candidato, mas não sabendo realmente a chapa como devia ser, consultei o advogado e o advogado, também não sabendo, fez a chapa errada e só botou presidente e vice-presidente. Quando nós chegamos lá e ia partir para o desafio, não tinha para onde porque o sindicato, de qualquer maneira, ia ser fundado naquele momento e naquela hora, então eu disse que não aceitava aquela chapa que estava ali porque eu notava que ali tinha pessoas que não eram trabalhadores rurais. E houve um grande tumulto e quiseram até nos expulsar na marra, mas o que acontece é que eu cheguei com 182 pessoas e lá, no salão, só tinha uns 60 ou 70. Então, marchamos para um acordo, fizemos a eleição. Eu aceitando três membros da diretoria deles, que era a chapa completa, ficando no nosso sindicato. Eu disse: 'Eu aceito, com todo prazer, não tem problema, contando que o

presidente seja eu e vice-presidente, os demais, não tenham dúvida'. Mas achei, mesmo assim, um empecilho na vida do sindicato porque, terminada a reunião, convidei eles para que, com cinco ou seis dias aptos, trouxessem os documentos para darmos encaminhamento ao processo de reconhecimento do sindicato. Infelizmente, quer dizer que eles não tinham nada com o trabalhador. O que aconteceu, meus amigos, é que dois chegaram bêbados, caindo, e nem documento e nem nada. A discussão foi pesada e eu disse que nem conhecia eles, ali, por nenhum trabalhador porque se eles fossem trabalhadores, respeitavam a causa porque eu era trabalhador de origem, não era de título e nem botado por ninguém ali, era por uma opção minha mesmo. Enfim, lembro-me ainda que a discussão foi pesada, o tumulto muito grande, mas felizmente, o doutor que até já morreu, o Doutor Figueiredo Agra disse para um deles: 'Calma, Fulano. Você está errado, você tem que aceitar, agora, a concordância de Celestino'. E eles se acalmaram, mas deram o nome, mas nunca foram lá para que nós encaminhássemos o processo para eles assinarem. Então, logo depois, com cinco ou seis meses, esperei demais, fui obrigado a convocar de novo a classe de trabalhadores rurais e fazer nova eleição. Daí, ficaram dois deles, eu digo até o nome, um era José Idalino e o outro, Francisco Venâncio. Esses ficaram, ainda, na chapa do sindicato, todos os dois das Ligas Camponesas."

"Mas, tudo bem. Não quero falar do meu trabalho, nem do meu sacrifício, da minha luta, disso e daquilo outro, porque acho que isso não vai interessar. Eu acho que é bom a gente resgatar, um tanto quanto, a história, como aconteceu."

"Então, continuando a história, quando foi em 64 houve um problema maior, que todos já sabem qual foi: a revolução. Aqueles assistentes que me ajudavam no sindicato, mesmo escolhidos pela própria Igreja, naquela hora, eu achei tão fraquinhos, porque toda vida eu fui calado e tímido, mas na hora de correr, eu só corro se apanhar. Não nasci para correr, não. Agora, eu também não sou de enfrentar muitas coisas, muitas besteiras, não, mas também só corro quando apanhar. Sou que nem jumento ruim. Então, eu achando que na realidade aquele pessoal não tinha coragem de enfrentar, quando eu recebi a intimação

do comandante do Exército, lá, estava numa reunião do sindicato, num dia de sábado, às 11 horas. Aí, chegou essa agente do Exército, eu não sei se ele era oficial e nem me interessei em saber quem ele era. Só fez perguntar: 'Quem é o presidente do sindicato, aqui?' Eu disse: 'Sou eu, com todo prazer. O que é que há?' Ele disse: 'Porque você está intimado para as 14 horas, em ponto, estar no Quartel'. Eu disse: 'Tudo bem. Diga que eu vou, com toda satisfação'. Ora, eu ainda fazendo das tripas coração, mas com medo, ainda não estava tanto, não, mas perguntei, vejam bem senhores, perguntei aqueles assessores que me ajudavam bastante: 'Quem é que quer ir comigo porque eu nunca fui no Quartel?' Mas, foi um silêncio, parece que nós estávamos abrindo um túmulo, ninguém falou. Eu fiquei assim, meio irritado e disse: 'Quem quer defesa?' Padre Cristiano, eu acho que ele esteve aqui, ontem, disse: 'Pode dizer que eu sou padre e dou assessoria a ele e tudo bem'. A Professora Elisa Bezerra Mineiro também se animou e disse: 'Diga que eu faço o protocolo do sindicato'. Eu disse: 'Tudo bem'. Eu disse: 'E o Doutor Aldo?' Ele disse: 'Não, diga que eu sou o advogado'. Eu disse: 'O senhor vai comigo?' Ele disse: 'Não, basta você mesmo'. Eu disse: 'Certo'. Mas, tudo bem, se o caso era para mim, que eles me perdoem porque eu estou falando assim, se o caso era para mim, eu tinha que ir mesmo. Então, lembro-me que fui. Quando eu cheguei lá, às 14 horas, em ponto, esse comandante, que eu não detalhei o nome dele, lá, não estava. O sargento do Corpo da Guarda disse: 'Ele está em casa, e a casa dele é logo aí, depois do Convento São Francisco'. Eu disse: 'Tudo bem, que era muito próximo, então eu vou lá que eu tenho muita pressa para resolver isso com ele' e saí. Quando eu chego próximo à casa dele, lá vinha aquele homem, todo entusiasmado, a cara toda invocada, dois revólveres, um de um lado, outro do outro, e eu disse: 'Virgem Maria, é aquele tal!'. E me dirigi a ele, de homem para homem, na calçada, e perguntei: 'É o senhor o Comandante Idemburgo, que é quem age esse negócio de sindicato, Ligas Camponesas?' Ele disse: 'Sou eu mesmo. O que é que há?' Ele quase deu um salto, parece que estava com mais medo do que eu. Aí, tudo bem. Ele disse: 'E você, quem é?'. Eu disse: 'Sou Celestino Pereira, que o senhor mandou

intimar'. Ele disse: 'Você? Não. Quem é o presidente do sindicato? É você ou é um baixinho, pequenininho, gordinho, que eu estive com ele conversando, em Bodocongó, na Igreja Nossa Senhora do Socorro?' Eu disse: 'Não, aquele ajuda no sindicato'. Ele disse: 'É, está certo, mas como é você, vamos para lá'. Aí, vem com uma conversa para mim. Eu tinha aprendido uma simples coisa com uma pessoa da Liga, e ela está aqui, também, Doutora Ofélia Amorim, embora que ela não me conheça mais, eu talvez nem conheça mais ela diretamente. Então, ela tinha me dito que a coisa que mais perturbava ela era quando uma pessoa ou um camponês qualquer mandava ela baixar o português e ela disse que ficava sem saber o que fazer para descer o linguajar dela para acompanhar o daquele camponês, e isso eu gravei na memória. Também tive esse raciocínio, naquele momento, que quando o comandante disse para mim: 'O sindicato de vocês já está legalmente constituído?' Eu disse: 'Baixe o português que eu sou matuto, não estou entendendo nada'. (Aplausos). Mas, meus amigos, ele se destreinou, de uma maneira tal, que ele foi e disse: 'O sindicato de vocês já recebeu uma carta do Ministério e vocês já botaram no quadro?' Eu disse: 'Comandante, se o senhor for falar assim comigo, nós vamos falar toda a vida, o senhor vai me entender e eu vou entender o senhor'. Ele disse: 'Já veio?' Eu disse: 'Não, senhor'. Ele disse: 'É, então vamos lá para o Quartel'. Então, quando chegamos no Corpo da Guarda saíram, logo, dois homens armados, um de um lado e outro de outro, o comandante na frente e eu atrás. Eu disse: 'O negócio aqui não é bom, não'. E esses dois homens, lá, permaneceram por duas horas e quarenta minutos, enquanto ele me interrogava. Duas horas e quarenta minutos não é brincadeira. Pergunta de todos os seiscentos diabos e tudo em cima de nossa advogada Ofélia Amorim, que tanto serviços nos fez. Era com quem mais ele se empolgava. Perguntou até mesmo por uma carta que eu tinha mandado para o Ney Câmara, o maior fazendeiro da região que tinha mandado o Coronal Farias da Polícia prender 27 homens das Ligas Camponesas, por causa da carteirinha."

"Então, um desses pobres, quando recebeu a intimação, que tinha a carteirinha e tinha o sindicato, foi bater na minha casa. De Lagoa Seca até lá eram seis

quilômetros e o pobrezinho, não sei por onde, foi bater lá. Chegando à minha casa, eu disse: 'Rapaz, o negócio é duro, não é brincadeira, não, mas se você for preso, eu vou também, pode ficar certo disso'. Ele disse: 'O senhor vai mesmo?'. Eu disse: 'Vou. Não é por nada, é porque pela parte das Ligas Camponesas eu sei que não vai ter jeito, não, que os homens, lá, são infernais. Eu já fui várias vezes, mas a própria Assistente Social Elisa Bezerra, nunca tive vez de soltar nenhum. Nós brigamos, nós discutimos, mas não tem jeito não. Mas, você, do sindicato? Está doido, vamos ver lá o que é que se faz'. Quando eu cheguei lá, na frente da matriz, da Catedral de Campina Grande era a Delegacia de Polícia, tinha um alpendre muito longo, de um lado e de outro. Quando eu cheguei lá estavam os rapazes, todos os 27, desconsolados da vida. 'Seu Celestino e a nossa situação?' Eu disse: 'Meninos, é o seguinte: vou falar por vocês. Fiquem certos que o meu linguajar não vai parar, não, porque vocês são a mesma língua minha, o mesmo trabalho, o sangue de vocês corre nas minhas veias. Eu não posso deixar de falar por vocês, não. Agora, não prometo nada, mas o que eu puder fazer, eu faço'. Tudo bem, depois veio o Coronel Farias e disse: 'Está na hora'. Deu as ordens dele: 'Põe esses comunistas, de foice nas costas, que são acostumados a matar patrões, tudo na fila para eu identificar tudo'. E eu, que estava de lado, vendo aqueles 27 homens nessa situação, fui e me coloquei na frente também. Ele, que já me conhecia, várias vezes, porque a minha luta era de lá, chegou e quando me viu, disse: 'Saia daí que aí não lhe cabe. A situação aí é dura'. Eu disse: 'Coronel, me desculpe, se aqui não me coubesse, aqui eu não estaria'. Ele olhou para mim, grelhou os olhos e disse: 'Fique certo você que aí não lhe cabe'. Eu disse: 'E eu respondo a Vossa Excelência, se aqui não me coubesse aqui eu não estaria'. Ele disse: 'Mas você não sabe que todos aí são homens que vivem com foices atrás das costas para matar o patrão?' Eu disse: 'Não, eu não estou sabendo de nada, estou sabendo agora porque o senhor disse. Estou sabendo, sim, que cada um tem uma carteirinha das Ligas Camponesas e uma carteira é um distintivo, Coronel. Pelo amor de Deus, Coronel, que crime tem um distintivo da carteirinha para que esse povo seja preso?' Ele disse: 'Mas você sabe

que a ordem é essa'. Eu disse: 'Tudo bem'. Tivemos ainda certa discussão, mas, fazer o quê? Não podia fazer mais nada, a força era dele mesmo. Então, ele disse: 'Pelos seus, que você é muito atrevido, é muito quente, mas, pelos seus, venha cá que eu vou lhe mostrar que eles são os comunistas, tudinho'. Chegou lá, abriu a gaveta, puxou e disse: 'Quais são os do sindicato, aqui?' Aí eu escolhi os três que eram do sindicato. 'E esses? Esses outros, são todos das Ligas?' Eu disse: 'São das Ligas, mas eu peço a Vossa Excelência para lhe afirmar novamente, que crime tem esse pessoal, só por causa desse distintivo de carteira? Crime maior tem o Senhor Ney Câmara, que todos eles são trabalhadores, moram nas terras do Senhor Ney Câmara, desde o pai dele, há 20, 30, 40, 50 anos, com sítios e de onde tiram a sobrevivência para viver. Para esses não tem lei, não? Eu concordo que se por causa dessa carteirinha alguns deles for preso, voltem para lá porque eu tenho o sindicato e eu estou disposto e de braços abertos para lutar por eles'. Ele disse: 'É, mas isso aí não é comigo. Vou soltar os seus, você leve para lá e esses outros vão ser presos mesmo, que é ordem'. 'Tudo bem'. Mas, aí chegou o final e foi o fim da minha carreira. O Ney Câmara, ele tinha um capitão do Exército, segundo me disseram que era filho dele, lá mesmo, no Quartel, e outros disseram que era sobrinho e eu nunca tirei essa dúvida. Aí, o bolo para crescer e eu não pude mais partir. Foi quando chegou essa intimação, quer dizer, a última intimação para cassar o mandato do sindicato. Quando eu fui interrogado, lá, por duas horas e meia, que ele disse: 'Ferreira Fontes está preso. Ferreira Fontes disse que era secretário do sindicato'. Eu disse: 'E era, por quê? Tem algum bicho nisso?' Ele disse: 'Não'. Ele disse: 'Francisco Venâncio e Antônio Adelino, esses correram, o Exército não pode pegar eles nem a Polícia'. Ele disse: 'Francisco Ribeiro também está aí, preso, e Ofélia Amorim está presa também. Você sabe disso? Langstein de Almeida foi preso também'. Eu disse: 'Tudo bem, mas só porque defendem a causa justa do trabalhador, Comandante?' Eu disse: 'Comandante, eu vou dizer a Vossa Excelência, agora, com todo o prazer e com toda a coragem, eu não vim aqui para defender não e nem defender ninguém, mas vim para lhe dizer a verdade, se Vossa Excelência quiser ouvir, ouça porque

vai ouvir muito, hoje, de mim, e se não quiser tudo bem, o senhor abra as portas da detenção para mim'. Ele tornou a repetir: 'Não, você é um homem quente'. Eu disse: 'Não tem quente e bom para os senhores, não. Todos eles são ruins'. Aí ele foi e disse: 'Você está cantando como um canário. Vou lhe mostrar agora que a sua situação é a mesma dos outros que estão presos'. Eu disse: 'Diga o que é, o que foi que eu fiz contra a lei, porque dentro da lei eu lhe provo que tem mais do que 50 questões, de grande e mais grande'. Aí ele disse: 'Venha cá, essa carta foi você quem mandou para Ney Câmara?' Era a intimação. 'Essa intimação aqui não foi escrita por Ofélia Amorim?' Eu dei uma risada e manguei na cara dele. Eu disse: 'Comandante, essa intimação não foi escrita por Ofélia Amorim. Eu por sinal... Agora, Deus é tão bom que ajuda a gente conforme a boa vontade da gente e o interesse também, que na hora em que eu fui intimado, eu disse: 'Vocês estão com medo, então me dê a segunda via dessa intimação que foi para Ney Câmara, que eu sei que o bolo vem todo de lá'. A professora imediatamente me deu e eu botei no bolso e levei. Que quando ele falou que aquela intimação era escrita por Doutora Ofélia Amorim eu disse: 'Comandante, eu sou homem para lhe repelir, dez vezes, como essa intimação não foi escrita por Doutora Ofélia Amorim'. Deu um murro tão grande, que eu não sei como ele não quebrou o braço, em cima da mesa e disse: 'Você quer dizer que é minha mentira?' Eu disse: 'Comandante, o senhor está ludibriado; eu já disse uma vez e digo dez; essa intimação foi feita pela Professora e Assistente Social Elisa Bezerra'. Ele disse: 'Como é que você prova isso?' Outro bofete. Quebre a mão, danado. Eu disse: 'Eu lhe provo com essa'. Aí tirei a cópia e mostrei para ele. Quando ele olhou, chega amarelou: 'Mas imita muito'. Eu disse: 'Comandante, imitar não é a realidade, não, e o senhor sabe disso. O senhor, como comandante, acha que uma imitação é realidade?' Ele disse: 'Sei não'. Eu disse: 'Tudo bem'. Aí, veio com várias perguntas, porque era pergunta que não era brincadeira não, porque passar duas horas e meia interrogando a gente, e principalmente um matuto que nem eu, não era brincadeira. Se eu me saí de lá, bem ou mal, foi com a ajuda divina, mas por sabedoria minha, não; porque não entrou nenhum sabido, lá, de

cultura permanente, para se sair bem, não. Isso, o Padre Nóbrega já tinha me dito, quando saí da sede para ir para lá. Ele chegou e disse: ‘Eu tenho penha de você porque eu fui interrogado lá por duas horas e meia e saí todo sujo, que nem pau de galinha’. Aí, eu já fui com medo, mas um medo e uma coragem porque eu não tinha o perder, já estou perdido e o que quiser fazer comigo, faça.”

“Então, meus amigos e minhas amigas, as coisas lá não eram boas, não. E eles castigavam muito aquele pessoal que eles sabiam que tinham uma certa cultura, do nível dele. Ele conhecendo qualquer coisa nesse termo, ele ia longe. Quando ele não pode, não achou meio, de maneira nenhuma, em cima de mim, aí ele disse: ‘Os seus assessores, eles botam muita coisa na sua cabeça, não é?’ Eu disse: ‘Eu não sou piolho para andar na cabeça de ninguém não, Comandante. Eu tenho minha ideia, minhas inspirações, eu quero que eles me ajudem porque a luta é pesada, mas não preciso que eles digam ‘faça isso e aquilo outro’ porque na vida de trabalhador, na vida de camponês eu já sei muito bem o que é que faço, principalmente reivindicar os direitos que o povo precisa, diante da justiça’. Ele disse: ‘Tudo bem, mas você é um homem quente e eu não suporto essa quentura sua’. Eu disse: ‘Mas não é de suportar mesmo não porque todo homem quente é ruim’. Tornei a repetir. Ele disse: ‘Mas vamos fazer uma coisa. Eu não tenho nada com você, só vejo que o seu sindicato, você já não tem mais condição de assumir ele, não’. Eu disse: ‘Por quê? Eu não sou trabalhador, não?’ ‘Você é trabalhador. Você pertence mesmo ao sindicato, agora só existe uma coisa, Lagoa Seca se emancipou e você agora deve fundar um sindicato lá’. Eu disse: ‘Opa! É melhor que é perto, perto de minha moradia, tudo bem’. Então, ele manda a intimação para todos os quatro componentes, aí disse: ‘Você não precisa vir, não’. Quando ele disse: ‘Você não precisa vir, não’. Eu disse: ‘É uma covardia, Comandante, é a maior covardia que eu faço. Todos os companheiros, colegas e amigos lutando por uma causa só, por um ideal só e agora só eles quatro serem intimados. Eu venho, sou o primeiro a chegar aqui’. Ele disse: ‘Quer vir, venha’. Disse aborrecido. De fato, quando foi na segunda-feira nós estávamos lá.”

“Mas, antes disso, o Cecílio Acioli, aquele baixinho que eu falei no começo

da conversa, ele era um homem muito inteligente, muito sabido, de uma palavra fácil. (Fala fora do microfone). Então, meus amigos, o Cecílio Acioli, quando eu dei a ele o meu companheiro, o meu lutador que tanto eu confiava nele, ele disse: 'Deixa que agora chega a minha vez de eu desabafar, naquele comandantezinho, quem somos nós'. Eu disse: 'A coisa lá não é boa não, Cecílio'. Ele disse: 'Então, você vai ver, padrinho, se é boa ou não, vai ver, segunda-feira'. Na segunda-feira, quando nós chegamos lá, ele já recebeu a gente que nem moleque, parecia que já estava sabendo. Tinha uma mesa alta, que era quase dois metros de altura, ele põe uma perna lá em cima e outra lá embaixo, ficou toda vida, com uma perna em cima e outra no chão. Aí olhou para o Cecílio e disse: 'Houve uma confusão lá em Bodocongó e vocês chegaram lá e me ludibriaram, me enganaram, você e o Padre Cristiano. Disseram que o Senhor Zé do Ó, que é o fazendeiro, mandou derrubar uma casa lá, que era posse dos trabalhadores, e eu disse que vocês aparecessem lá no Quartel para eu ir resolver, mas vocês, com essas ideias de comunistas, não foram nenhum'. Foi a primeira conversa dele. O pobre do Cecílio Acioli, que estava lendo um jornal, disse: 'Mas Comandante'. Ele disse: 'Cale-se, não abra a boca mais. Se você disser tanto assim, desde já você já sabe para onde vai'. O pobre, as lágrimas ficaram caindo dos olhos e não pode dizer mais nada e se dissesse... Bem, meus amigos, a Professora Elisa Bezerra também pediu a palavra e ele também não deu, só com aquele sermão infeliz em cima da gente. Padre Cristiano pediu a palavra e ele não deu e, eu com aquilo já agoniado, pedi a palavra uma vez, pedi duas, nas três eu tomei a palavra dele, se ele gritava, eu gritei mais alto do que ele. Aí disse a ele: 'Se nós estamos aqui, sendo interrogado dessa maneira, da forma que vocês querem, que nós sejamos comunistas, e os comunistas soltos. Eu vejo aí, nenhum foi preso ainda, que nem o Ney Câmara'. E disse aqueles que eu estava lutando, em questões. Eu disse: 'No entanto, Comandante, isso é bom para a gente aprender. Eu confiava muito no Exército. Para mim, eu tinha coragem de dar minha alma, meu sangue todo pelo Exército. Para mim era onde tinha justiça, mas, agora, estou meio desconfiado'. Ele disse: 'Mas, saiba que o Exército é quem faz justiça mesmo, não é?'

Eu disse: 'Mas eu não estou vendo tanta. Desculpe eu lhe dizer, pela maneira tal'. Eu disse a ele: 'Tiradentes. Quem foi que fez aquela extravagância toda com Tiradentes e hoje dá aniversário e bate palmas? E faz a gente guardar o dia dele?' Eu disse: 'Então, não é de eu cismar e nem de me admirar que o próprio Exército brasileiro não está resolvendo as coisas, como eu penso, não. Desculpe eu lhe dizer'. Ele disse: 'É, mas você sabe que é ordem' Eu disse: 'É, tudo bem. Se for ordem, para os senhores está tudo bem'."

"Então, meus amigos passei a maior vergonha da minha vida, naquele momento que nós saímos dali, que ele dispensou. Ele disse: 'Venham aqui, agora, tal dia'. Foram três vezes que nós fomos intimados, lá. A Elisa Bezerra Mineiros saiu na frente mais o advogado, o Cecílio Acioli mais atrás, mais Padre Cristiano e eu atrás de todos. E ele, que perguntou se a gente tinha ido de condução, ainda teve essa bondade, disse: 'Eu vou arrumar um carro ali'. Foi, disse para o motorista, para um soldado, lá, que ele pegasse um carro para levar a gente na praça. Ela foi e disse: 'Eu não sei o que é que tem o Senhor Celestino, que é um homem calado, trancado, não conversa quase, mas na hora H ele fala. Ou eles obedecem ou se dana tudo, senão vai prender tudo. Porque tem sido na Delegacia de Polícia, tem sido aqui no Quartel, quando ele fala, fala mesmo. Ou é atendido ou não'. Aí, aquilo me matou de vergonha porque ele chegou, ele comigo, acompanhando. Foi a maior vergonha que eu passei. Mas, mesmo assim, depois de tudo resolvido, ele disse: 'O sindicato, você não pode mais assumir, vocês procurem outro'. Eu, da própria diretoria, disse: 'Está certo'. E ele tinha me perguntado, no interrogatório, se o advogado do sindicato era bom. Eu disse: 'Não vale nada'. Então ele perguntou. 'Mas isso, olhe...' Agora, o que me dói na consciência, gente, é uma coisa. É porque isso eu dizia sem pensar, sem refletir. Com o interrogatório dele, pesado, eu dizia: 'Ele não vale nada'. Ele perguntou: 'Por quê?' Eu disse: 'Porque é preciso pegar as causas, ir adular ele no cartório dele, no escritório dele. Ele é aquele homem, 'manzenga', só vai quando quer'. Então, no final da última reunião foi que ele disse: 'Você vai ser o privilegiado, o sindicato não vai se acabar, não. Você vai ser o advogado do sindicato'. Ainda

hoje eu tenho na memória que aquilo que não valia nada era o melhor para ele. Entende? Agora, para nós, não. E disse: 'Para o padre, você, a Elisa Bezerra e os demais, não, mas para ele, pode assumir as suas funções'. Eu disse: 'Tudo bem'. Aí o tempo passou. Eu saí, fui no sindicato. Eu fui também e ainda fiquei na luta. Fundamos o sindicato de Lagoa Seca. Fundamos o sindicato de Lagoa Nova. Fundamos o sindicato de Remígio. Fundamos o sindicato de Fagundes, de Boqueirão, de Pocinhos. Aonde tinha gente, nós fomos. Lutava por ali fundando sindicato, assim mesmo."

"Agora, o que acontece é que logo depois recebi um convite, e um convite muito importante. Esse convite, eu não sei se alguém aqui conheceu, mas eu acho que tem pessoas aqui, muito íntimas, que conheceu. O Senhor Doutor Otávio Amorim. Eu acho que alguém aqui conheceu e conhece, por demais. Então ele me convidou. Ele quase sem me conhecer. Mas, por Zé Idalino, ele mandou que eu comparecesse na casa dele. Quando eu cheguei lá, ele foi e disse: 'Celestino, pelo amor de Deus'. Eu disse: 'O que é que está acontecendo, doutor?' Ele disse: 'Eu quero que você seja uma testemunha de Ofélia Amorim'. Eu disse: 'Aí, não'. Mas eu disse brincando. Eu disse: 'Eu não, doutor. Eu não tenho capacidade para isso, doutor'. Ele disse: 'Mas, Ofélia confia em você. Que você é testemunha'. Eu disse: 'Tudo bem'. Ele disse: 'Agora, não diga isso a ninguém. Que você vai ser convidado por mim, no dia, através de uma promissória'. Olha, reparem que a coisa não era boa. Para esse convite chegar na minha casa, para eu ir no dia da audiência, tinha que ser através de uma promissória, como se eu devesse, tivesse uma dívida, uma coisa. Então, realmente, eu recebi a promissória e já sabia de tudo, me aprontei, e fui, uma hora da tarde. Quando eu cheguei no Fórum, faltavam cinco minutos. Doutor Otávio já estava, coitado, muito perturbado porque não tinha visto minha presença ali. Então, eu cheguei, estava o advogado do sindicato, Aldo Correia Lima, e Doutor Francisco Maria. Então, ele disse: 'Essas são as testemunhas e você vai, em primeiro lugar'. Eu disse: 'É ruim a minha situação'. Mas, fizeram um acordo porque, tanto Doutor Chico Maria, como Doutor Aldo Correia

Lima moravam aqui, em João Pessoa. Ou estavam morando ou tinha, aqui uma audiência, uma coisa, em João Pessoa. Então, disseram: 'Vamos fazer um acordo aqui para nós irmos de primeira e o Celestino ser o final porque ele já mora aqui, próximo'. Eu disse: 'Certo. Tudo bem. Concordo'. Ora, eu achava que era melhor para mim porque já estava com medo. Então, tudo bem. Naquela audiência, eu fiquei um pouco perturbado porque eu lá, num quarto, quarto com quarto, frente com frente, eu lá, num quarto, ouvindo a voz do juiz e do promotor, não sei de quem era, tanto. Se aglomerava contra aquela testemunha que estava fazendo o depoimento e eu ali, já com medo. Tudo bem. Quando eles terminaram, chamaram a mim; que quando chamaram a mim, eu fui. 35 quesitos de perguntas. Quer dizer, 35 perguntas em cima de qualquer uma testemunha. Agora, ele me perguntou de tudo aquilo que eu sabia e daquilo que eu não sabia. E muitas coisas que eu sabia, eu conhecia que aquilo era uma infâmia, que ele queria prejudicar a doutora, que tanto tinha nos servido. Quando chegava naquela, eu dizia: 'Não tenho conhecimento disso'. Quando ele dizia: 'Doutora Ofélia Amorim vivia aqui atacando com um grupo de ação popular'. Eu dizia: 'Não tenho conhecimento disso'. E assim variou de muitas perguntas. Graças a Deus, quando terminou, ninguém, nenhum deles se esquentou comigo, então Doutor Otávio saiu, apertou a minha mão e me disse: 'Celestino, fique certo que Ofélia vai se soltar, e ela no dia 07 de Setembro... E eu quero você aqui'. Ora, eu como camponês, eu fraquinho, eu ia lá, para festa de ninguém. Descobrisse que eu não ia nunca, e não fui mesmo, não, mas a Doutora Ofélia veio. (Pergunta fora do microfone). Eu não sei se foram três meses, essa quantidade eu nunca perguntei não. Foram dois meses ou três."

"Então, minha gente são essas as causas, eu me expressei um pouco, se for me expressar, tem tanto ainda que vai tomar o tempo de vocês. Mas, o tempo é cansativo e o tempo é ouro."

"Muito obrigado e desculpem." (Aplausos)

Senhora Ofélia Amorim: "Apesar do coordenador da Mesa haver dito que não haveria debate, eu não poderia ficar calada, diante desse depoimento e

dessa história contada por Celestino. Ele disse que eu talvez não o conhecesse. Olha, Celestino, eu sou Ofélia Amorim e a memória da gente apaga muitas coisas. E eu desconhecia essa história, inclusive dessa audiência, em Campina Grande, e que meu pai, Otávio Amorim, foi meu advogado. Realmente, ele foi meu advogado em alguns dos processos a que eu respondi.”

“E o que eu queria dizer a Celestino é que, tomando conhecimento, e ouvindo-o, agora, eu só tenho a agradecer a ele essa solidariedade – solidariedade, a palavra correta – a uma pessoa que ele não tinha aproximação. Então, eu quero, agora, passados 42 anos dos fatos, dizer que acrescento, hoje, à lista imensa de pessoas que me apoiaram, me ajudaram, naquela época horrorosa, acrescento o nome dele. Vai ficar gravado na minha memória, para sempre.”

“Obrigada, Celestino.” (Aplausos).

Senhor Presidente Ivan Targino: “Ontem, foi dito aqui que um mártir que não se enterra, se planta. Senhor Manoel Cardoso disse hoje que ‘dizem que Pedro Teixeira morreu, mas para mim ele está vivo no meu coração’. Esses dois dias, eu acho que foi mais do que um registro de memória, foi um encontro que abalou as nossas emoções e acredito que ele sirva também para revigorar as nossas vontades. E, assim, ele possa ser um alimento para a nossa esperança e um revigoramento das nossas forças, na luta por um mundo mais igual e mais justo.”

“Então, com isso terminamos essa Mesa e peço a Waldir Porfirio para vir coordenar a próxima Mesa, que foi corretamente improvisada, sobre alguns pontos específicos das Lutas Camponesas.”

“Muito obrigado.” (Aplausos)

MESA VIII – OUTRAS QUESTÕES SOBRE AS LIGAS: AS ARMAS, ELEIÇÕES E O PAPEL DA MULHER

Presidente Waldir Porfírio: “Antes de começar os trabalhos desta última mesa, para aliviar um pouco as emoções o Dante quer tocar mais um pouco. Ele vai cantar ‘Menino cadê o boi’. Corre logo, Dante, corre para a gente iniciar os trabalhos da mesa.”

Senhor Dante: *(Execução da música ‘Menino Cadê o Boi’)*

Presidente Waldir Porfírio: “Gostaria de convidar para compor a Mesa o companheiro Assis Lemos, ex-deputado e presidente das Ligas Camponesas da Paraíba, e a Doutora Ofélia Amorim, advogada das Ligas. Essa mesa foi articulada de improviso para discutir algumas questões que ficaram de lado, durante esses dois dias do debate. Uma delas é: ‘As Ligas Camponesas tinham armas ou não?’ Por várias vezes o Exército fez incursões nas casas das lideranças camponesas a procura de armas. Eles acusavam os camponeses de receberem armas de Cuba. Isso ocorreu durante todo o tempo, antes e depois do golpe. Procuraram armas e ninguém encontrou nada. Hoje os Estados Unidos fazem isso com o Iraque. Utiliza o mesmo subterfúgio.”

“Antes de passar a palavra aos membros da mesa, gostaria de registrar que o Geraldo Camilo foi muito modesto aqui, quando disse que se elegeu prefeito, como médico. Eu gostaria de dizer que as Ligas Camponesas, em 63, apesar da grande repercussão que existia aqui, na Paraíba, só conseguiu eleger três prefeitos: um foi ele, eleito pelas Ligas Camponesas, o outro foi Antônio Bolinha, Rio Tinto, eleito pelas Ligas Camponesas e pelos operários, e o outro é Antônio Teixeira, aqui, em Santa Rita. Então, ele não foi meramente um auxiliar nessa história das Ligas. Além disso, as Ligas conseguiram eleger um vereador em Sapé,

Nego Fuba, dois vereadores em Mamanguape, um vereador em Guarabira, um vereador em Cruz do Espírito Santo, um vereador em Pedras de Fogo e, não sei se mais alguém. Eu estou pesquisando isso agora. Eu me lembro só desses, mas parece que tem mais alguns outros vereadores. Então, as Ligas, nesse aspecto aí, também conseguiram eleger figuras como Geraldo Camilo. Passo a palavra, agora, para a Doutora Ofélia.”

8.1 Depoimento da Sra. Ofélia Amorim

Senhora Ofélia Amorim: “Bom, a questão que o companheiro Waldir colocou é uma dúvida e uma, digamos assim, acusação que existia à época das atividades das Ligas Camponesas, que elas teriam armas e, mais precisamente, armas vindas de Cuba e, em alguns momentos, porque no início da fundação das Ligas ainda não tinha havido a Revolução Cubana, e Cuba ainda não aparecia como a estimuladora da Revolução Socialista, na América Latina, as armas vindas de Moscou. Essa era, realmente, a questão que se espalhava, que a direita e o latifúndio espalhavam, que as Ligas tinham, possuíam armas vindas de Moscou. Bom, essas armas nunca existiram. As Ligas nunca tiveram armas e a maior prova disso é que em todos os conflitos armados, que ocorreram entre os camponeses e as Ligas e os proprietários de terra, com os seus capangas, e a própria Polícia Militar do Estado da Paraíba, as armas que os camponeses usaram, na sua legítima defesa, foram os seus instrumentos de trabalho, ou seja, enxada e foice. Então, essa é a maior prova e eu acho que, como se diz, na Justiça, é uma prova insofismável, quer dizer, de que nunca houve arma. Nunca, ninguém, assim, fez um flagrante ou um registro de que existiam outros tipos de armas, nos momentos dos conflitos, que não aquelas que eram instrumentos de trabalho dos camponeses. Então, é um desmentido. É um desmentido que precisa ser feito e ser, assim, registrado. Nunca houve armas nas Ligas, nunca, e nem no poder dos seus próprios dirigentes. Tanto que todos eles que foram assassinados, eles nem tiveram, não só porque não houve a oportunidade de se defenderem, como nos seus cadáveres nunca foram encontradas armas. Então,

é uma mentira, é uma acusação falsa e que nós temos que deixar aqui, nesse seminário que registra a Memória das Ligas Camponesas, essa negativa, quer dizer, negativa comprovada. Então, eu acho que inicialmente era o que tínhamos a dizer.”

Presidente Waldir Porfírio: “Passo, agora, a palavra para Assis Lemos.”

8.2 Depoimento do Sr. Assis Lemos

Senhor Assis Lemos: “Meus companheiros, falava-se, agora, em eleição, do número de prefeitos que os camponeses conseguiram eleger na Paraíba. Um número mínimo de vereadores e outros candidatos. A razão era que, naquela época, a maioria da população paraibana estava no campo, era de camponeses. Mas, naquela época, só quem votava era o cidadão alfabetizado. Os camponeses eram analfabetos, então não tinham como votar. Além disso, companheiros, aqueles camponeses que por acaso soubessem assinar o nome e tirassem o título de eleitor, no dia da eleição, o chefe político, o usineiro, o dono de engenho, o que fosse, pegava os seus camponeses, aqueles eleitores, botava em cima de um caminhão, levava para a cidade e ficava perto da sessão eleitoral. Então, o primeiro eleitor entrava, recebia um envelope e uma cédula, um papel em branco, para botar o nome do candidato que ele ia votar. Então, o grupo dos usineiros mandava o primeiro camponês que entrava para votar, não botar a cédula dentro do envelope, botava o envelope em branco na urna e trazia a cédula em branco para entregar ao encarregado da tropa do caminhão que trouxe aqueles eleitores. Então, ele botava o nome do candidato na cédula e dava para o próximo camponês que fosse votar. Ele entrava, botava aquela cédula que o chefe lá tinha colocado o nome, botava na urna e trazia aquela outra cédula eleitoral em branco e entregava novamente ao chefe que botava o nome do candidato que ele queria e dava para o próximo eleitor. E assim, a fila dos eleitores que vinham do campo votava dessa forma, o primeiro votava em branco e os outros tinham que trazer a cédula em branco para ele botar o nome dos candidatos, botava na cédula e votava, e assim ganhavam as eleições. Tanto

que naquela época existia em Pernambuco o Coronel Chico Heráclito, famoso no país todo, pelas suas aventuras, pelas suas valentias, etc.”

“Pois bem, a eleição em Gravatá, em Pernambuco, quando terminava a votação o Coronel Chico Heráclito dizia qual era o resultado da eleição, dava os números, 1.238 votos. Quando abria as urnas, que contava, era aquilo que estava, que ele tinha dito, por quê? Porque eles faziam o voto dessa forma, controlavam o eleitor. Como é que um candidato camponês, apoiado pelos camponeses, podia ter votos dessa forma? Tanto que na eleição, em Sapé, para prefeito de Sapé, que o companheiro Ivan Figueiredo foi candidato e teria uma maioria extraordinária na eleição porque, aí, grande parte dos camponeses já tinha sido alfabetizada pela CEPLAR, da qual Iza Guerra foi uma das diretoras. A CEPLAR treinava as filhas dos camponeses como alfabetizadoras e elas alfabetizavam os camponeses. Então foi aumentando o número dos eleitores e esse eleitorado podia eleger Ivan Figueiredo. No entanto, aqueles que vinham das usinas e das fazendas vinham em cima dos caminhões, sob o maior rigor, e votavam dessa forma, recebiam a chapa, já com o voto pronto para botar na cédula. E, aí, por poucos votos, não me lembro quantos, Ivan perdeu a eleição em Sapé, mas Antônio Fernandes, Antônio Bolinha, se elegeu em Rio Tinto, Geraldo Camilo se elegeu em Mulungu, Antônio Teixeira se elegeu em Santa Rita. E tantos outros podiam ter sido eleitos naquela época, se não houvesse esse processo eleitoral viciado dessa forma violenta, que só protegia a quem tinha a força. Então, companheiros, foi muito interessante lembrar isso porque a grande maioria, aqui, não se lembra desses fatos que aconteceram na Paraíba, sobretudo nas eleições. Então, por isso é que na Assembleia, nas Prefeituras, nas Câmaras dos Vereadores só tinham representantes daqueles que dominavam economicamente a Paraíba e o povo. Os trabalhadores não tinham condições de ganhar as eleições porque a maioria sendo analfabeta, mesmo aqueles que conseguissem votar, eram pressionados violentamente para que no dia da eleição entrassem na fila sob o comando de um cabo eleitoral qualquer. Então, companheiros isso aconteceu e acontecia em todas as eleições, na Paraíba.”

“Eu quero, nesse momento, me congratular com aqueles que organizaram esse encontro. Um encontro muito importante, em que os velhos companheiros tiveram a oportunidade não só de expressar as suas opiniões, de contar as suas histórias, como de se debater o grande problema que aflige o Brasil há muito tempo, que é a reforma agrária. Mais uma vez eu repito a qualquer economista, a qualquer pessoa que entenda como um país pode progredir, a resposta única para que o país possa progredir é fazer a sua reforma agrária. Nenhum país no mundo, nenhum, conseguiu crescer, se desenvolver, sem ter feito, inicialmente, a sua reforma agrária. Então, o Brasil, por mais que as coisas aconteçam, por mais que o governo queira fazer o bem da nação, se não fizer a reforma agrária, não consegue fazer com que esse país possa prosperar.”

“As Ligas Camponesas, antes de 64, conseguiram, com a sua luta, que o Presidente da República, como eu já falei aqui, o Doutor João Goulart, decretasse, no dia 13 de março de 1964, a reforma agrária no Brasil. E essa reforma agrária, se tivesse acontecido naquela época, o Brasil seria outro. Hoje, vocês não iriam ouvir em rádio, nem em televisão, nem ler em jornal notícias de que existem bandos armados no Rio de Janeiro, São Paulo, nos morros, vivendo na pobreza e tentando encontrar uma forma de sobreviver. Uns são violentos, mas a grande maioria entra nessa, termina entrando no crime porque passa fome, vive na miséria, acorda e não sabe o que é que vai acontecer, nem naquele dia, nem nos dias seguintes. A pobreza que passa fome, que não tem como conseguir emprego porque é analfabeto ou por qualquer outro motivo. Vocês imaginem o que pode entrar na cabeça de uma pessoa que está com fome, que não tem onde dormir, que tem que se encostar a uma calçada para dormir, no meio da rua, não tem lar, não tem família, não tem nada. O que é que pode esperar uma pessoa dessa? E não é uma só. São milhares, são milhões de brasileiros que estão nessa situação. Então, somente a reforma agrária é capaz de produzir alimentos baratos, alimentos que a população precisa para acabar com a fome no Brasil. Por mais que os governos prometam que vão acabar com a fome, que faz isso e aquilo, não acaba com a fome se não fizer reforma agrária. Então, isso

é importante e as Ligas Camponesas, no Brasil, conseguiram, antes do golpe de 64, que no Brasil fosse decretada a reforma agrária. Infelizmente não aconteceu. Vocês imaginam o que seria aquela reforma agrária, que todos os camponeses brasileiros iam ter terra para plantar, e não só iam ter terra para plantar, terra próxima às estradas, onde os caminhões passariam e levariam a sua produção para a cidade e a população da cidade seria abastecida com uma quantidade enorme de alimentos. Então, o que é que teria acontecido? Não tínhamos favelas, não tínhamos a pobreza de hoje. O camponês estaria no campo produzindo e o Brasil prosperando, criando outras riquezas. O que se vê hoje é que sem reforma agrária os grandes fazendeiros vão plantar aquilo que não vai servir para ir para a mesa das pessoas. Não serve de alimento. Vai servir para exportar para outros países para que eles possam industrializar e assim os produtores daqui ganharem bastante dinheiro com a exportação desses produtos, mas a população brasileira, nenhum de nós vai comer. Quem é que vai comer agave? Quem é que vai comer tantas outras coisas? soja, etc.? Quem é que vai comer? Então, isso vai para exportação, para outros países.”

“Então, meus companheiros, a reforma agrária é um ponto importante e aqueles companheiros, hoje, que estão lutando para que essa reforma agrária se concretize, como eu já falei aqui, no campo, hoje, é a minoria da população, somente convencendo a população da cidade que vai ser a principal beneficiária da reforma agrária, que entre na luta, que participe das campanhas da reforma agrária, e que a cidade marche em peso em favor de uma reforma agrária urgente, em nosso país. (Aplausos).”

“Um outro assunto é aquela acusação, que era permanente, companheiros, de que os camponeses tinham armas. Nem eu tinha. Eu não tinha arma. Quem me deu uma arma foi o Almirante Aragão, já depois que eu fui violentamente espancado. Em Itabaiana sofri aquelas violências e ele, no hospital, disse que ia me emprestar uma arma, e de fato me emprestou, para que eu pudesse ter uma arma. Mas, os camponeses não tinham armas nenhuma e, além disso, companheiros, houve um fato muito importante aqui, na Paraíba. Com o crescimento

das Ligas Camponesas o governo do estado criou um Quartel de Polícia em Sapé. Para que um quartel de polícia em Sapé? Para, depois daquele acontecimento de Mari, daquelas coisas, todinhas, amedrontar os camponeses. Quem foi nomeado comandante desse quartel, em Sapé? Luiz de Barros, que era o inimigo número um, dentro da Polícia, da classe dos trabalhadores, dos camponeses paraibanos. Então, o que é que aconteceu? Um fato interessante que eu vou contar para vocês. Pouca gente sabe porque foi quase junto do golpe.”

“Uma manhã, eu estava em casa, aqui, em João Pessoa, e chega um grupo de camponeses de Sapé e diz: ‘Hoje, à noite, nós vamos tomar o quartel de Sapé. Viemos lhe convidar para participar dessa tomada’. Eu disse: ‘Perfeitamente. Eu vou, mas nós temos que pensar, primeiro, no seguinte: nós vamos e tomamos o quartel, mas a Polícia daqui, de João Pessoa, sai daqui com as suas tropas e vai para lá lutar com a gente. E vamos supor que a gente derrote a Polícia, aí o Exército vai’. Então, aquela tomada do quartel ia resultar, exatamente, num massacre imenso da massa camponesa. Então, eu pedi para eles o seguinte: ‘Vocês me dão uma semana; eu vou ao Rio de Janeiro para convocar as grandes lideranças políticas nacionais para vir à Paraíba denunciar a existência do quartel e fazer com que o governo volte atrás’. E foi exatamente isso o que fiz. Fui ao Rio e contatei grandes lideranças como Miguel Arraes, Leonel Brizola, Governador Seixas Dória, Dante Pellacani, que era líder sindical, outros líderes sindicais e muitas lideranças políticas nacionais, o presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, da Associação Brasileira de Imprensa, todos. Foi até o Ministro Abelardo Jurema quem deu as passagens para que essas pessoas viessem à Paraíba fazer o primeiro comício contra o quartel, no dia 05 de abril – estava marcado esse comício para o dia 05 de abril. Tudo certo, as pessoas estavam com as passagens, isso tudo pronto e aqui, em João Pessoa, na Paraíba, nós marcamos o primeiro comício, para preparar, o do dia 05, na noite de 31 de março. Vejam bem, na noite de 31 de março ia acontecer, em Cruz das Armas, o primeiro comício para convocar o povo para participar dos comícios que esse grupo nacional viria para aqui, para denunciar o quartel de Sapé.”

“Foi interessante porque, nessa noite, o então Deputado José Maranhão, e eu era deputado com ele, ele tinha sido candidato a presidente da Assembleia, eu tinha sido candidato a 1º secretário, numa chapa conjunta, me chamou para jantar em Tambaú. Então, o comício era às 08 horas da noite e nós saímos da Assembleia e fomos jantar em Tambaú. O então Deputado Maranhão, ele atrasava muito as coisas, e na hora do jantar, demorou o jantar e como ele passou das 08 horas, e eu dizendo, ‘Vamos Maranhão que o pessoal já está esperando’, e ele, ‘Não, aguarde um pouco, nós chegamos e coisa e tal’. Afinal, quando saímos de lá, já tinha uma meia hora de atraso. Fomos direto para Cruz das Armas. Quando nós chegamos lá, no local do comício, tudo iluminado, não tinha ninguém, então ia passando uma pessoa, ele chamou e disse: ‘Venha cá. Não ia haver um comício aqui?’ Ela disse: ‘Ia, sim, senhor’. Ele disse: ‘Cadê o povo?’ Chamavam, aqui, o Exército, na Paraíba, de o Quinze, que era o 15º Regimento de Infantaria. ‘O Quinze veio aqui e prendeu o pessoal’. Aí, nós saímos, fomos para a Faculdade de Ciências Econômicas, aqui, próximo, e reunimos os professores, Doutor Cláudio Santa Cruz, Juarez Macedo, Luiz Hugo Guimarães, que esteve hoje aqui, para formamos uma comissão e ir, naquela noite, ao Quartel do Quinze para soltar os prisioneiros, e foi na hora que se estava preparando essa comissão, quando Luiz Hugo lembrou. ‘Olhe, eu sou oficial da reserva. À noite só tem o oficial de dia no Quartel e ninguém solta ninguém. O oficial de dia não tem autoridade para fazer nada. Então, em vez de ir agora, à noite, vamos amanhã de manhã ao Quartel porque amanhã de manhã então, depois das 08 horas, vamos discutir e soltar os companheiros’. Isso, na noite do dia 31 de março, eram 09 horas ou mais, da noite. O golpe já estava rolando pelo Brasil. Foi quando nós nos reunimos, depois, e se decidiu que eu, Antônio Augusto Arroxelas e o Professor Laurindo iríamos a Recife encontrar o Governador Miguel Arraes para saber o que, no dia seguinte, nós íamos fazer. Tínhamos que mobilizar os camponeses da Paraíba, os operários, os estudantes, qual era a reação que nós íamos ter. Nós, aqui, não tínhamos como fazer. Então, fomos para Recife para receber a orientação do Governador Miguel Arraes. E vocês não queiram saber. O Governador Miguel

Arraes estava sozinho no Palácio, ele e a esposa, o Deputado Osmar de Aquino entrou, também, nesse grupo, e ficamos no Palácio. O Arraes disse: 'Olha, eu estou preocupado porque eu pedi ao Jango, que era o Presidente João Goulart, para substituir o General Justino no comando do 4º Exército e o Jango disse que o Justino estava solidário com ele'. Aí, Arraes disse: 'Mas eu não confio no Justino. Eu queria substituir o General Justino pelo comandante da 7ª Região Militar', que era o General Altair Franco Ferreira. Aí, eu disse: 'Arraes, vamos ligar para Abelardo Jurema', que era o ministro da Justiça. Aí, Arraes foi para o telefone e quando tentou ligar, a telefonista disse: 'Os telefonemas para o Sul do país estão cortados'. E não consegui mais falar com o Rio de Janeiro. Então, nós ficamos no Palácio. O Arraes pediu para gente ir ao Quartel, porque nós estávamos num carro da Paraíba, e passar na frente dos Quartéis para ver a movimentação das tropas. Nós fomos e não tinha movimento nenhum. Mas, o coronel comandante da Polícia Militar de Pernambuco, estava organizando a Polícia de Pernambuco, no Quartel do Derby, para resistir ao golpe, cavando trincheiras, fazendo uma movimentação muito grande. Aí, o General Justino mandou um coronel falar com Arraes, pedir para ele mandar suspender aquilo porque ele, Justino, estava com Jango, mas precisava controlar alguns coronéis. Então, como havia um Quartel do Exército, em frente ao Quartel da Polícia, do Derby, então ele pedia para que a Polícia parasse com aquela preparação para luta, porque era uma preparação para a luta. E, aí, o comandante da polícia teve que parar as suas atividades. Depois, foi marcada uma greve geral para o dia seguinte, para o dia 1º e Arraes convocou todas as lideranças de Pernambuco. E às 08 horas começou essa reunião. O Arraes começou a falar. Sim, porque antes nós vimos que tinha tropa no parque Treze de Maio. O Arraes ligou para o General Justino e o General Justino disse que Arraes não se preocupasse que ele estava apoiando Jango e que aquela movimentação de tropas era uma movimentação normal. Aí, Arraes começou a reunião às 08 horas. Esse é um fato histórico que pouca gente sabe. 08 horas começa a reunião, o Arraes, então, começou a explicar que o comandante do 4º Exército tinha pedido para que suspendesse

a greve em Pernambuco. Quando Arraes estava dizendo isso, o presidente do Sindicato dos Ferroviários pediu a palavra imediatamente e disse: ‘Governador, como é que eu posso acabar com a greve se o trem sai daqui, de Recife, vai para Paraíba ou para Alagoas, quando chegar na fronteira, lá está em greve. Eu tenho que voltar de ré?’ Quando ele estava dizendo isso, que não podia acabar com a greve, entra Celso Furtado, que foi diretor da SUDENE, e o Prefeito de Recife, Pelópidas Silveira, e informam para todos: ‘Governador, o Repórter Esso—na época tinha um Repórter Esso que dava as notícias—acaba de noticiar que o 4º Exército tomou posição contra o Presidente João Goulart’. Aí, acabou aquela reunião, nós não tínhamos o que fazer. Cada um procurou o seu destino. E logo em seguida entram três coronéis, Coronel Costa Cavalcante, Ivan Ruy, e eu não me lembro quem era o outro, entram e prendem Arraes. Quando eu, Osmar de Aquino, Antônio Augusto Arroxelas e o Professor Laurindo saímos do Palácio, Arraes ia saindo preso. As tropas do 4º Exército tinham cercado o Palácio. Nós passamos no meio das tropas. Antônio Augusto que estava aqui, ainda, agora, podia confirmar isso. Nós passamos no meio dos soldados. Gregório Bezerra sozinho, dirigindo um jipe, passou. Eles só foram prender Arraes.”

“E aí, companheiros, vocês sabem o que é que aconteceu, depois desse dia, como o golpe de 64. Acabou. E antes mesmo do golpe de 64, aqui, na Paraíba, o Exército tinha dado uma procurada enorme. Invadiu muitas propriedades rurais aqui, da Paraíba, procurando armas nas casas dos camponeses. Não encontraram uma arma sequer, porque não existia arma. Não existia arma. A luta dos camponeses não era para brigar, não, era para conquistar a reforma agrária. Era uma luta pacífica porque o presidente da República estava solidário com os camponeses. O ministro do Exército, também, o mesmo acontecendo com o Almirante Aragão que era paraibano e nosso amigo. Então, não havia um motivo para que os camponeses estivessem armados. E foi exatamente o que aconteceu, o Exército deu uma procura, procurou, prendeu várias lideranças, eu mesmo fui preso, e a própria juíza de Cabedelo também terminou sendo presa. Por que eles estavam atrás de armas? E onde é que estavam as armas? Existiam

armas e muitas armas aqui, na Paraíba, nas usinas, nas grandes fazendas. Tanto que um general, que agora não me lembro o nome, escreveu um livro, que se encontra, possivelmente, nas livrarias da Paraíba, dizendo que ele tirava armas do 2º Exército, em São Paulo, e mandava caminhões de armas para aqui, para Paraíba, e era entregue aos usineiros. É tanto que um administrador de uma fazenda, da usina, estava com uma arma privativa das Forças Armadas e que os camponeses tomaram e, vocês sabem, em virtude disso, houve a chacina de Mari. Por causa de uma arma que era privativa das Forças Armadas. Então, a coisa era exatamente o contrário do que eles diziam, eles é que tinham armas e diziam que os camponeses estavam armados.”

“Para vocês terem uma ideia, também, o grande usineiro paraibano, que era o Renato Ribeiro Coutinho, tinha dentro do Quartel do 15º Regimento de Infantaria um estande de tiro com o nome dele. Tinha uma sala, ele despachava dentro do Quartel. Como era possível uma coisa dessas? Pois bem, e também, já falei para vocês, quando ele aniversariou, às 05 horas estava a oficialidade do 15º Regimento de Infantaria em frente à casa dele cantando ‘Parabéns pra você’, ali, na avenida Epitácio Pessoa. Então, para vocês terem uma ideia de como era a luta travada pelas organizações camponesas paraibanas, que se tivesse continuado e havido a reforma agrária, a população estaria no campo produzindo, alimentando as cidades e todos se alfabetizando, possivelmente, pois o método da CEPLAR já estava sendo usado no Rio Grande do Norte e ia se estender para Pernambuco e para o país inteiro. Se isso tivesse acontecido não haveria mais analfabetos no país.”

“Então, as lutas, as mudanças dos caminhos políticos, no Brasil, seriam completamente diferentes do que aconteceu. Os eleitos seriam aqueles que estivessem comprometidos exatamente com os trabalhadores, com os camponeses, com os estudantes, com os interesses do nosso país. Foi essa a grande luta que nós tentamos travar aqui, na Paraíba, e que, infelizmente, a partir do golpe de 64, depois das prisões, inclusive em Fernando de Noronha, tive que me afastar da Paraíba. E também, inclusive, a perseguição contra mim era tão

grande que no dia 17 de março de 64, portanto, 14 dias antes do golpe, nasceu a minha última filha. Pois bem, companheiros, eu só fui ver minha filha mais de dois anos depois porque não tinha condições de vir aqui, à Paraíba, porque, se chegasse aqui, não voltava.”

“Então, foi para mim um momento muito feliz, esse, de poder relatar algumas coisas para vocês, de estar aqui, solidário com a luta que vocês estão travando hoje, e parabenizar os organizadores desta reunião pela oportunidade de se começar a mostrar à Paraíba aquilo que acontecia no nosso estado, antes de 64. Porque, depois de 64 a imprensa, as notícias, tudo foi proibido e a palavra ‘camponês’ riscada dos jornais, da imprensa, dos rádios, de tudo. A palavra ‘camponês’ não existia mais. As novas gerações não sabiam nem o que era camponês. É tanto que todos nós sabemos, hoje, que o próprio movimento, que teve condições de voltar à luta pela reforma agrária, não teve o nome de camponês, que é o Movimento Sem-Terra. Um movimento brilhante, que está fazendo uma luta muito importante, mas com o nome de Movimento Sem-Terra e se a gente aprofundar, sem-terra, é importante ter o nome Movimento Sem-Terra porque sem-terra somos todos nós. Nós que não temos propriedades, não temos terras, então, também, somos sem-terra.”

“Então, parabéns a Waldir, aos companheiros, a essa grande lutadora, que foi advogada das Ligas, que lutou bravamente aqui, na Paraíba, sobretudo nas Ligas próximas a Campina Grande, nos Sindicatos dos Trabalhadores, entre os estudantes, entre todos os profissionais, que foi a companheira Ofélia Amorim. Foi uma batalhadora, por isso sofreu bastante, também teve que sair da Paraíba e até hoje se encontra fora do nosso estado. (Aplausos). Parabéns Waldir, parabéns, Professora Marilda, Ivan, todos os companheiros que organizaram esse encontro. Certamente a Paraíba vai ter uma oportunidade de saber o que é que acontecia, o que houve na nossa terra, nas gerações anteriores. Isso pode despertar a juventude porque ninguém faz nenhum movimento, que seja vitorioso, se a juventude não estiver presente, se a juventude não estiver na frente da luta. Os jovens é que saem na frente, puxando, e nós vamos atrás.”

“Mas, então, isso aqui pode exatamente despertar nas novas gerações aquilo que é preciso ser feito no país, que só os jovens podem sair na frente, carregando. Nós, já com a idade avançada, ficamos apenas solidários. Então, muito obrigado a todos e parabéns aos companheiros.” (Aplausos)

8.3 Depoimento do Sr. Waldir Porfírio

Presidente Waldir Porfírio: “Bom, antes de passar para a Professora Ofélia Amorim, para falar sobre a questão da presença das mulheres nas Ligas Camponesas, conforme solicitado por Marilda, eu gostaria de abordar a questão das armas, lembrando alguns fatos e depoimentos. Nos três confrontos que existiram aqui, entre camponeses e latifundiários os camponeses estavam com armas brancas. Mesmo no caso de Mari, que foi o mais grave, onde morreram onze pessoas, quatro camponeses e sete pessoas do lado dos latifundiários, os camponeses só utilizaram arma branca. Não foram armas de tiro. Quem estava com as metralhadoras eram os patrões e seus capangas. No segundo conflito, quando ocorreu a morte de Rubens Régis, latifundiário que pertencia ao grupo da Várzea e era tesoureiro da LILA (Liga dos Latifundiários—após a fundação da Federação das Ligas Camponesas, eles fundaram a Lila), latifundiário mais corajoso que existia aqui, na época, tem-se a presença de arma de fogo nas mãos de um camponês. Numa noite, ele, Joacil de Brito e outros latifundiários foram para tirar um camponês das terras. Lá, na hora H, houve uma troca de tiros, e todo mundo ficou com medo. Só Rubens Régis, que era corajoso, inventou de se levantar e ir lá para tirar, à força, os camponeses. Houve troca de tiros e Rubens Régis morreu nessa troca de tiros. Ivan Figueiredo me disse, e também Assis Lemos que quem tirou, inclusive, esses camponeses da Paraíba foi o Pedro Fazendeiro num jipe de Assis Lemos. Nesse dia, Assis não estava aqui, estava no Rio de Janeiro. Pedro Fazendeiro foi quem retirou esses dois camponeses. Por último, houve um confronto, também, na inauguração da Liga de Campina Grande, quando morreram duas pessoas. Langstein relata isso, salvo engano, num livro dele. Ele me relatou, várias vezes, essa questão das trocas de tiro

lá, em Campina Grande, onde morreram dois. Ele, Langstein, estava armado, sempre andou armado, era corajoso, muito corajoso, enfrentou Luiz de Barros em pleno centro de Campina Grande, parecia aqueles duelos de faroeste. Era um homem muito corajoso.”

“Por fim, eu gostaria de repetir o que o Assis Lemos disse: quem tinha armas mesmo eram os latifundiários. Num debate, na TV Tambaú, nos 40 anos do golpe militar, estava eu, Assis Lemos, Gonzaga Rodrigues, Joacil de Brito, Ronald Queiroz, e o jornalista Nelson Coelho. Joacil caiu na besteira de dizer que um mês antes do golpe militar eles tinham comprado um caminhão de armas para cá, eles se preparavam para o golpe. É tanto que ele disse que em Santa Rita estava um bocado de gente armada, João Pessoa estava toda sitiada para o golpe militar. Foi aí que eu questionei: ‘Mas vocês diziam que quem tinham armas eram os camponeses e, no entanto, você está dizendo, publicamente, aqui, que quem tinha arma eram vocês. Então, era mentira o que vocês diziam’. E nisso houve um bate-boca, em plena TV, entre eu e ele. Ele se levantou, raivoso, com relação a isso.”

“Evoco, também, o testemunho de Egídio Madruga. Ele era deputado do grupo da várzea. Um dia, almoçando com ele no Paraíba Palace Hotel, uns dois anos antes dele se suicidar, ele me disse que o grupo da várzea não era uno. O grupo da várzea era um conluio de parlamentares eleitos com o dinheiro dos usineiros que controlavam a região da várzea do Paraíba. Então, era conhecido como o grupo da várzea. E ele dizia que o grupo da várzea era dividido em dois, não era uno, era dividido em dois. Existia o lado pacífico, segundo ele, liderado por Renato Ribeiro Coutinho, que era o grande chefe do grupo, e o outro que era o lado armado, que era dirigido por Aguinaldo Veloso Borges. Ele me disse isso e eu nem sabia que existia essa distinção dentro do grupo. E me disse que participou de várias reuniões, marcada por Aguinaldo Veloso Borges, na casa de alguns proprietários, para arrecadar dinheiro para comprar armas para armar os latifundiários e seus sicários. Trago esses depoimentos para desmistificar a afirmativa de que as Ligas Camponesas armavam os camponeses. Que é o que repete hoje, gente, com o Bush atrás de armas, invadindo os países, ferindo a

soberania dos países. É a mesma situação.”

“Eu gostaria de passar para Doutora Ofélia, para ela dar seu depoimento a respeito da participação das mulheres nas Ligas Camponesas da Paraíba.”

8.4 Depoimento da Sra. Ofélia Amorim

Senhora Ofélia Amorim: “Então, o que a Marilda propôs é que nós, encerrando os nossos debates, falássemos um pouco sobre a participação da mulher nas Ligas Camponesas.”

“O trabalho das Ligas Camponesas se desenvolveu numa época em que, a questão da condição feminina, ainda não tinha vindo a debate e muito menos era preocupação dos movimentos políticos, sociais, no Brasil. Então, as mulheres que participavam dos movimentos, quer das Ligas Camponesas, quer de outros, eram movidas mais por uma questão pessoal delas. Quer dizer, elas venciam a sua condição de mulher, cujo papel era ser mãe-de-família e ficar em casa, até quando era a companheira ou a esposa de um líder político, ficar em casa esperando por ele, preparando a casa para recebê-lo. Então, era vencer esse papel que a cultura destinava a ela para assumir um papel no movimento social. Mas era uma questão pessoal, não que houvesse uma preocupação dos movimentos, de trazer a mulher.”

“Nas Ligas Camponesas, acontecia uma coisa interessante. As mulheres dos camponeses compareciam às reuniões das Ligas. Aquele sentimento familiar, do camponês, de ir para as reuniões, principalmente nos domingos, de levar a sua esposa ou companheira para que ela fosse, estivesse presente, ouvisse os debates. Agora, poucas eram as que pediam a palavra para falar, para expor. Havia algumas, realmente, que pegavam o microfone e manifestavam a sua palavra, mas, de regra, elas ficavam sentadas, ouvindo e na hora das ações do movimento, elas não iam. Quer dizer, elas ficavam em casa, como, hoje, o nosso companheiro José Elias falou aqui, a esposa dele ficava, assim, quase que na retaguarda, para evitar, às vezes, até tragédias. Para evitar que o marido se envolvesse numa luta com a polícia, ou a polícia levá-lo. Quer dizer, ela tinha esse

papel mais de um apoio, uma retaguarda para o seu companheiro. Nas nossas Ligas aqui, na Paraíba, algumas mulheres venceram essa condição cultural. Hoje está presente, aqui, a Maria de Aquino, que venceu essa condição e tinha um papel de liderança nas Ligas de Guarabira, e a Elizabeth, que veio substituir o João Pedro, com a morte dele. Isso foi uma coisa surpreendente porque se tratava de uma mulher de formação doméstica, como era a das mulheres da sua época. Quer dizer, um papel bem definido: ter filhos, cuidar da casa e do marido. Ela rompeu com isso para assumir uma liderança que ela veio a exercer, como presidente das Ligas Camponesas de Sapé. Fazer discursos, enfrentar debates e isso nós poderíamos chamar, até, de um fenômeno porque não era uma coisa comum na nossa cultura de então. Mesmo no movimento estudantil, apesar de haver uma presença feminina que pode ser considerada expressiva para a época, as mulheres não ocupavam, por eleição e por decisão de seus colegas, alguma liderança. Eram poucas as que chegavam aos cargos de direção. Então, as Ligas repetiam essa situação da sociedade e das lutas políticas que se travavam.”

“Eu lembro bem que a Liana, que hoje é até professora, era professora da Unicamp, foi a primeira mulher a fazer parte do Comitê Regional do Partido Comunista de Recife. Filha do companheiro Aureliano, Liana foi a primeira a assumir uma posição de destaque. Ela era bastante destemida, e isso no início da década de 70. Mesmo nas Ligas Camponesas de Pernambuco eu lembro que não havia, assim, uma liderança de mulher camponesa. Na Paraíba teve Elizabeth. Lá, em Pernambuco, eu desconhecia que houvesse uma presidente de liga e tivesse assumido a liderança. Isso só veio ocorrer mais tarde. A Paraíba realmente teve a Margarida, mas isso foi no início de 70.”

“Então, nós, mulheres, estávamos mesmo naquela situação de apoiar o nosso companheiro que era, que deveria ser o líder e ela nem disputava esse papel com os homens. Isso aí veio mudar bastante com o movimento feminista no final da década de 70 e início dos anos 80. Aí é uma outra etapa da minha luta, em que eu participei ativamente para que a mulher rompesse esse papel que secularmente vinha sendo destinada a ela. Mas isso é uma outra história.”

“Bom, então eu encerro aqui, dizendo mais uma vez da minha satisfação, da minha emoção de ter estado aqui. Acho mesmo que esse encontro vai mudar a vida de muita gente, para fazer um retorno, não digo, porque, como mesmo disse Assis Lemos, nós estamos bastante alquebrados pela idade para participar de ações que exigem mais esforço físico, tipo uma passeata. Mas, existe sempre uma forma da gente estar presente nas coisas e participar do movimento, e essa, com certeza, vai ser decisão que será tomada por nós, outros, que participamos aqui.”

“Então, a todos os que organizaram esse encontro, muito obrigada por ter me dado essa feliz oportunidade.” (Aplausos)

8.5 Debates

Presidente Waldir Porfírio: “Gostaria de agradecer a Ofélia Amorim e a Assis Lemos, que de bom grado aceitaram em participar dessa mesa. Para concluir, a gente gostaria de chamar, Adriano Freire, representante do MST, que vai recitar um poema em homenagem aos companheiros das Ligas Camponesas aqui, presentes.”

Senhor Adriano de Freire: “Boa tarde a todos e a todas! Vou falar aqui, embora não tenha bem o costume de falar. Meu nome é Adriano, sou militante do MST, atuo na área da saúde. Quero deixar gravado aqui, que eu tenho 38 irmãos, filhos de uma mãe só. Foi a única que teve o recorde no país, até hoje, em 500 anos. Trinta e oito irmãos! Aí, meu pai achou pouco e teve mais dois com outra, 40. Aí, nós achamos pouco e criamos mais outra que estava abandona, somos 41 irmãos.”

“Nós vamos agradecer aqui, a comissão que organizou esse evento, que serviu como uma escola para nós, cantando a cultura do Nordeste (o embo-lador de coco, o cantador de viola, o sanfoneiro do pé de serra, etc.) e culti-vando essa cultura que ainda se encontra presente no meio do camponês. Eu sei que tem pessoas aqui, que ainda conservam essa cultura, assim como nós estamos conservando a cultura das Ligas Camponesas, pois ela não foi extinta e

se encontra presente em nosso meio.”

“Certo dia, um camponês, então desempregado, viajou para o Sul do país a fim de dias melhores. Chegando lá, não encontrou emprego e ficou escravizado pela burguesia do Sul e quando chegava a tarde ele sentava num batente de uma porta e cantava uma música, um verso e uma canção em homenagem ao nordestino. Ele cantava assim:”

*‘Se eu tivesse um emprego,
Como muita gente tem,
Não deixaria o Nordeste
Por São Paulo de ninguém,
Mas hoje sou obrigado deixar,
A quem tanto que eu quero bem.
Em São Paulo eu não esqueço
De todos os meus camaradas,
Dos invernos do Nordeste,
Das primeiras trovoadas,
Dos banhos e pescarias,
Das cantigas e vaquejadas.
Papai zele o meu cavalo,
A minha cela macia,
Mamãe zele minha rede
Em que eu dormia todo dia
Se eu não morrer por lá,
Voltarei aqui, um dia’.*

“Então, essa é a minha homenagem a todos que estão presentes. É um verso que faz parte da cultura do Nordeste brasileiro. Muito obrigado!”

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A mesa de encerramento foi presidida pela Professora Emília Moreira.

9.1 Homenagem às lideranças camponesas do passado

Professora Emília Moreira: “Nós gostaríamos de convidar os companheiros do MST e do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) que estão presentes, para virem aqui, na frente, por favor. Os companheiros do MST, em nome daqueles que fazem a história hoje, vão prestar uma homenagem àqueles que fizeram a história, ontem. A nossa homenagem está expressa na entrega de uma rosa. Nós vamos chamar os homenageados e os companheiros do MST e do MAB irão lhes entregar uma rosa.”

“Ao Doutor Geraldo Camilo!”

“Ao Senhor Antônio Dantas!”

“Ao Senhor Manoel Dantas!”

“Ao Senhor Elias Quirino!”

“Ao Senhor José Cardoso!”

“Ao Senhor Celestino Pereira!”

“À Senhora Marina Dias Virgínio!”

Senhora Marina Virgínio: “É uma honra muito grande receber esta rosa. Fico feliz pelo MST ter botado o nome do meu irmão em um Assentamento. Para mim é uma honra muito grande, mesmo! Eu agradeço por esses dois dias que eu estou aqui, gente. É de coração que eu agradeço a todos que homenagearam meu irmão, que fizeram essa homenagem a todos os desaparecidos. Muito obrigada mesmo, de coração.”

“À Doutora Ofélia Amorim!”

Senhora Ofélia Amorim: “Muito obrigada. Essa rosa, mesmo que perca o

cheiro e as flores murchem, ficará para sempre comigo. Obrigada.”

"À Iza Guerra!"

"À Dona Maria do Carmo de Aquino!"

"Ao Senhor Antônio Francisco de Carvalho!"

"Ao Senhor Manoel Marinho da Silva!"

"Ao Senhor José Arnóbio Santos!"

Senhor José Arnóbio Santos: "A lembrança do dia de hoje foi uma beleza. Muito obrigado!"

"À Dona Glória Celestina da Silva!"

"Ao Senhor José Hermínio!"

Senhor José Hermínio: "Estou atendendo o seu chamado sem saber o porquê, mas estou para agradecer o que vier a receber."

"À Dona Neuza Quirino, em nome das mulheres daqueles que lutaram nas Ligas Camponesas!"

"À filha de Dona Neuza, Expedita de Fátima, em nome dos filhos dos líderes das Ligas Camponesas da Paraíba."

"Ao Senhor Assis Lemos, pela coragem e pela capacidade de conduzir o movimento em um período de tantas injustiças!"

9.2 Homenagem às lideranças camponesas do presente

"Dando continuidade às homenagens, agora nós vamos homenagear de forma inversa. Agora, nós vamos pedir a Assis Lemos que homenageie a CPT, através da pessoa de Irmã Tânia, que inscreveu seu nome na história da participação da Igreja paraibana na luta pela terra. Depois das Ligas, a partir dos anos 70, a luta pelo direito à terra teve uma contribuição fundamental da CPT. As figuras de Frei Anastácio e de Frei Hermano estão inscritas nos anais dessa história."

"Queremos, também, aproveitar a oportunidade para fazer uma homenagem a uma das representantes do MST. Convidamos a Ofélia Amorim para homenagear o MST, através da pessoa de Marilene Dantas. São os velhos guerreiros homenageando os jovens. São os velhos lutadores da causa camponesa

homenageando os jovens lutadores da nova luta camponesa, da nova história que se faz na Paraíba.”

Senhora Marilene Dantas: “Mais uma vez eu quero pedir aqui, encarecidamente, ao meio urbano e a essas lideranças que aqui se encontram, para apoiar mais a luta camponesa. Nós estamos aqui, na Lagoa, acampados e vamos permanecer acampados até que se resolvam as questões que fazem parte da nossa pauta de reivindicações, que a gente veio reivindicar junto ao governo do Estado e ao INCRA. Então, enquanto não for resolvida a nossa pauta de reivindicação, nós iremos permanecer ali, na Lagoa, e nós gostaríamos do apoio da população, principalmente, como a companheira Expedita sempre clama, dos mais jovens. A gente sente falta dos jovens de hoje se envolvendo na luta. E lembrando que o nosso maior inimigo agora mudou de cara. O latifúndio agora é o agronegócio. É nessa linha que a gente vai persistir ali, na Lagoa, incomodando, um pouco, o povo da cidade.”

Presidente Emília Moreira: “Eu gostaria, também, de aproveitar a ocasião para oferecer à Ofélia e ao Doutor Assis Lemos um exemplar do livro denominado ‘Por um Pedacço de Chão’, onde a gente resgata a história da continuidade da luta de vocês, através de todos os conflitos de terras que eclodiram na Paraíba, desde 1970 até 1995. É a história de cerca de 250 conflitos de terra que são contados nesse livro. A gente gostaria de oferecer a vocês esse material, como uma lembrança desse evento.”

“Gostaria, ainda, de deixar um exemplar desse livro com um dos representantes de Alhandra, pois aqui também consta a história de Mucatu. Foi a primeira luta, depois das Ligas Camponesas na Paraíba. Então, em nome daqueles que continuaram a luta, nós passamos um exemplar do livro para um representante de Alhandra. Acho que o Senhor Elias poderia ficar com o livro, como lembrança desse seminário.”

“Passo a palavra para Socorro Rangel.”

Senhora Socorro Rangel: “Ontem eu disse para o Professor Moacir e para a Professora Marilda que eu queria, muito, agradecer essa oportunidade de estar

aqui, hoje, porque a gente está realizando um sonho, um sonho de muitos anos. E o tempo todo, ficou muito presente para mim, desculpem, eu acho que eu vou chorar, não vou conseguir falar direito, então vou terminar logo. Eu lembrei de uma mulher que sonhou muito com um encontro desse feito. Essa mulher foi Penha, que assumiu a liderança do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, após o assassinato de Margarida Maria Alves. Eu queria dar uma rosa a ela, como ela já não se encontra entre nós, eu entrego uma rosa à Professora Marilda, em nome dessa mulher, a Penha.”

Senhora Marilda Aparecida de Menezes: “Eu não consigo falar nada. Eu só chamaria todo mundo que participou da organização para se juntar a nós. Acho que foi muito forte, Socorro.”

“Não sei se vocês se lembram. Socorro estava, acho que foi muito forte, no mesmo carro quando do acidente que matou uma grande companheira nossa, Penha, que era do sindicato de Alagoa Grande. Nesse acidente, morreu também a Professora Elizabeth Lobo, esposa do Marco Aurélio Garcia, atualmente assessor de Assuntos Internacionais do Governo Lula. O acidente ocorreu entre João Pessoa e Campina Grande, quando iam participar de um encontro sobre a luta camponesa.”

“Relembrar a morte de Penha me traz muitas lembranças porque quando eu cheguei na Paraíba, em 80, um dos fatos que mais me ajudou a ficar, naquele momento, foi o Grupo de Pesquisa e Assessoria Sindical do qual participavam vários professores, como Regina Novaes, Roberto Novaes e Fernando Garcia. Nós, alunos e professores, tínhamos um trabalho de assessoria sindical no Brejo Paraibano, e o sindicato de Alagoa Grande era o mais combativo. Nós não tínhamos sábado e domingo. Nosso lazer, que era feito com muito prazer, era estar presente nesses sindicatos do Brejo. A perda da Margarida Maria Alves e depois de Penha, naquele acidente trágico, são fatos que são muito doloridos para nós lembrarmos.”

9.3 Agradecimentos finais

Presidente Professora Emília Moreira: “Antes da gente se despedir, da gente fechar esse evento, eu gostaria de dizer que território se constrói. Que território se constrói com esperança, com solidariedade, com crença. Construir territórios de esperança é uma utopia que pode ser concretizada. Por acreditarmos que um mundo melhor pode ser construído num território novo, de esperança, de paz, solidariedade e amor, é que nós estamos aqui envolvidos neste evento, que não é um evento acadêmico qualquer. Ele ultrapassa em muito os limites, muitas vezes, estreitos e mesquinhos do academicismo. Esse não é um evento qualquer. É um evento que foi arquitetado na garra, foi feito com muita vontade, sob alguns aspectos na improvisação, na vontade de fazer, a qualquer preço. Para isso, todos nós demos um pouco de nós mesmos. Gostaria de destacar a participação de alguns colegas pois tiveram um papel fundamental para que este evento acontecesse.”

“Em primeiro lugar o Moacir. É dele a ideia do resgate da memória das Ligas Camponesas. Foi ele quem nos reuniu, em 1º de dezembro, no INCRA, e fez a proposta da realização desse evento, logo aceita por nós todos, mesmo sem saber como por em prática e tocamos para frente. Então, em primeiro lugar, eu queria homenagear o Moacir.”

“Em seguida, eu queria homenagear uma amiga, uma colega que tem uma capacidade de articular muito grande, que foi fundamental para organização desse evento, porque foi ela que realmente iniciou a articulação. É a nossa amiga Marilda Aparecida de Menezes.”

“Eu queria homenagear uma pessoa que, também, sem ela a gente não teria conseguido realizar esse evento. Foi a pessoa que conseguiu articular, conseguiu identificar pessoas que participaram da luta das Ligas. É o meu amigo, que eu descobri, há pouco tempo, e que já se torna companheiro para o resto da vida, o Waldir Porfírio.”

“Outra pessoa que eu não poderia, absolutamente, deixar de falar é o Professor

Belarmino Mariano Neto. Foi outro batalhador incansável para a realização desse evento. Sem ele a gente não teria chegado aonde a gente chegou. Tirou leite de pedra. Foi nos carrascos de Guarabira, foi nos sítios de Mamanguape, foi conversar com o povo. Entre outras coisas ele foi o responsável pela montagem da mesa sobre a Liga Camponesa de Guarabira e de Mamanguape.”

“Gostaria, também, de reconhecer o esforço desenvolvido por Genaro Ieno e por Irmã Toni. Eles foram os responsáveis por trazer as lideranças de Sapé, de Cruz de Espírito Santo e de Alhandra para compor esse evento.”

“E, finalmente, eu gostaria de agradecer ao Ivan Targino, meu companheiro de 29 anos de afetos e de lutas. Sem o seu esforço não teríamos conseguido alojamento e alimentação para o pessoal de Mamanguape, de Guarabira, de Espírito Santo, de Sapé e de Alhandra.”

Irmã Tony: “Eu gostaria de dizer uma palavra. A gente viu muitas emoções aqui, nesses dois dias. Foram dois dias importantes. Alguém chamou esse encontro de ‘é um remédio para mim’. Foi o Senhor Elias. Eu digo, é um remédio para todos nós e são muitos, minha gente, que precisam desse remédio por neste mundo afora.”

“Eu estou no Brasil, desde 71, vindo da Holanda. Eu não sabia o que eram as Ligas Camponesas. Mas não demorou muito para eu começar a me confrontar com essa realidade. Sem saber direito de tantos perigos, eu entrei de cheio nessa realidade. Mucatu foi a minha primeira escola de realidade brasileira. Eu fui conhecendo as Ligas assim, nas áreas de conflito. Depois de mais de oito anos da repressão às Ligas eu vi as consequências dessa luta.”

“Eu fui morar em Sapé em 82, mas ainda tinha muito que descobrir sobre o significado e a história das Ligas. Mas, o conhecimento vinha assim, de pouquinho em pouquinho, aumentando ainda mais a minha sede para conhecer mais a fundo esse movimento. Estava cheia de ideias na minha cabeça. Mas, esses dois dias aconteceram e agiram como uma cura. E essa cura tem que ir para muita gente, como eu já disse antes. Eu fiquei me perguntando, nesses dois dias, o que pode ser feito por aqueles que ainda estão vivendo em situação

de pobreza, em tantos bairros, aqui mesmo, nesta João Pessoa, em Campina Grande, nesse Nordeste todo, ainda sofrendo aquela dor da miséria sem nunca a cura desse males aparecer para tanta gente.”

“Eu tenho feito mais de 50 entrevistas com pessoas que participaram das Ligas. Vivi sete anos em Sapé, depois 14 anos em Cruz do Espírito Santo. Aproveitei esse tempo para entrevistar muitas pessoas. Eram conversas que iam e vinham. A gente fez essas entrevistas, são entrevistas gravadas, com alguma intenção de guardar a história. Olha, cada entrevista é um pedacinho de uma história toda, e ainda não está completa. Nem com esses dois dias, mas esses dois dias foram uma ampliação enorme da minha visão. Então, não é agora, o momento, mas essa comissão está aqui, criada, eu dou os parabéns, mas tenho, logo, um pedido, não parem aí, não. Alguém precisa pensar em: ‘e agora, o que passo dar?’ Porém, eu deixo os parabéns a todos vocês, a todos nós que ouvimos esses dois dias.”

“Eu teria ainda algumas perguntas. Uma eu vou lançar. Qual foi a diferença entre as Ligas antes da morte de João Pedro e as Ligas depois a morte de João Pedro? Porque em quase todas as entrevistas em que eu tenho feito, em todas, antes da morte de João Pedro era uma coisa e depois era outra.”

“Outra pergunta que eu teria. Eu sei quem era João Pedro Teixeira para os camponeses. Isso eu aprendi pelas entrevistas que realizei em Sapé, em Cruz do Espírito Santo. Eu pergunto: Quem era João Pedro Teixeira para as lideranças de apoio, para todas essas turmas que apoiavam as ligas, graças a essas turmas as Ligas também conseguiam se concretizar. Sem esses apoios todos, não teriam se concretizado como foi. Mas então, qual o significado de João Pedro Teixeira para essa turma? Quem era João Pedro Teixeira para vocês?”

Presidente Emília Moreira: “Vou passar a palavra para o Professor Moacir.”

Professor Moacir Palmeira: “Bem, eu acho que, num certo sentido, tudo e muito mais já foi dito, nesse encontro. Acho que todos nós aprendemos aqui, como em poucas ocasiões em nossas vidas.”

“Eu queria, em primeiro lugar, manifestar uma imensa satisfação com o trabalho que foi feito pela comissão organizadora. Nós fizemos encontros

semelhantes a este no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco. Em todos eles as comissões organizadoras tiveram grande empenho, estiveram completamente envolvidas com o trabalho. E, evidentemente, é difícil você fazer comparações, mas aqui o pessoal foi fundo. Foi descobrir, foi buscar não se sabe aonde, o máximo de pessoas que participaram ou que tiveram alguma liderança, nessas lutas pré-64.”

“Eu fui acompanhando de longe esse trabalho que foi feito em tempo realmente curto e que resultou nessa reunião muito especial. O trabalho foi tão perfeito – fiquei sabendo que houve aqui o grande mérito do nosso Waldir Porfírio – que a intenção inicial era nós cobrirmos tanto o período pré-64 quanto o período de resistência à ditadura. Sobretudo até o final dos anos 70, quando já se tem o 3º Congresso dos Trabalhadores Rurais, organizado pela Contag, quando começam as grandes greves de canavieiros, essa história toda. A ideia inicial era cobrir todo esse período, e isso acabou não sendo possível porque havia tanto para se aprender e se encontraram tantos tesouros, nesse período pré-64, que eu tinha dito a Marilda que precisamos fazer outro encontro para cobrir o período seguinte que foi um período, também, de lutas intensíssimas. Muita gente acha que as lutas acabaram em 1964. Não. Se vocês pegarem esse período, o período mais duro da ditadura, vocês vão encontrar conflitos brabíssimos.”

“Falou-se, aqui, de Mucatu, Alagamar, Cachorrinho, Coqueirinho ... Enfim, a Paraíba era, talvez, um dos estados onde essa chama de luta estivesse mais acesa. No caso de Mucatu, houve companheiros de Pernambuco que vieram aprender com Mucatu. Em Mucatu, começou a se desenvolver um pouco essa estratégia, que depois o movimento dos Sem-Terra e outros movimentos adotaram, de que numa desapropriação feita, a luta não acaba. Num certo sentido, aí é que a luta continua. É preciso ir em frente, é preciso mostrar aos companheiros que moram ali perto, nos municípios vizinhos, que a luta pode chegar a um resultado positivo. Então, nessa época, companheiros da Fetag revelaram que estiveram aqui aprendendo com a experiência de Mucatu e, por sua vez, levando adiante essa experiência. Então, eu acho que temos que encontrar meios de fazer um

encontro que cubra essa segunda etapa.”

“Pessoalmente eu me emocionei muito com a referência à Penha, que foi uma amiga. Conheci Penha que, com aquele jeito tranquilo dela, estimulava os companheiros, ajeitando as coisas dentro do sindicato. Foi uma bela amizade. Estive com ela no Rio de Janeiro, quando ela ia para algumas reuniões do movimento feminista. Foi uma figura realmente marcante.”

“Elizabeth Lobo era uma amiga desde o tempo em que ela estava no exílio, em Paris, com Marco Aurélio. Então, realmente eu fiquei muito emocionado com a homenagem que Socorro prestou a elas. Eu acho que elas também são um dos marcos da resistência camponesa. Já tínhamos tido Margarida que também foi uma figura importante no movimento dos trabalhadores. A morte de Margarida já tinha sido uma barbaridade, e depois essa triste ocorrência que nos levou Penha e Elizabeth. Realmente foi uma coisa muito marcante para todos que conviviam com elas.”

“Eu tive a ocasião, na primeira greve dos canavieiros, de estar em Guarabira, cobrindo toda essa região do Brejo, em 84, e chegar ao sindicato de Alagoa Grande, pouco depois do companheiro, José Horácio, marido de Penha, que era o presidente do sindicato, ter sido espancado. José Horácio e outros companheiros que estavam com ele, tinham ido conclamar os trabalhadores, que iam para os canaviais, para aderirem à greve. Estavam dentro de um Fusca. Esse grupo de Aguinaldo Veloso Borges cercou o carro. Começou quebrando o carro com cassetetes. Pessoas começaram a ser feridas por estilhaços de vidros, da capangada da usina. Espancaram as pessoas fora do carro. O sindicato ficou dois, três dias cercado pelos capangas. Foi uma situação realmente de grande tensão.”

“Eu estava mencionando esses fatos porque eles ainda fazem parte desse período, desse segundo período de resistência, e que nós precisamos também recuperar a sua memória.”

“Então, era isso e, no mais, é só dizer da minha alegria e da grande honra de conhecer essas lideranças que estão na Mesa e as que estão aqui na plateia, que ofereceram os seus depoimentos, nesses dias. Muito obrigado.”

Presidente Emília Moreira: “Antes de encerrar, gostaria de fazer mais alguns agradecimentos. Em primeiro lugar, a todos os convidados que apesar da idade e dos afazeres, se dispuseram a passar esses dois dias comungando conosco as suas experiências e histórias de luta e de vida. Não temos palavras para agradecer a riqueza dos relatos e das emoções que vocês propiciaram. Em segundo lugar, à Assembleia Legislativa que disponibilizou o espaço e as condições para que o evento pudesse ser realizado, em particular ao pessoal de apoio, aos taquígrafos e aos cinegrafistas que propiciaram o registro dos depoimentos. Aos órgãos da UFPB (Departamento de Geociências, de Economia, Núcleo de Saúde Coletiva, Polo Multimídia e LOGEPA), da UFCG (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) e da UEPB que garantiram o suporte financeiro para as despesas do evento. Agradecemos, também, ao Professor Moacir Palmeira pela confiança em compartilhar conosco essa iniciativa.”

“A todos, portanto, os sinceros agradecimentos da Comissão Organizadora, na esperança que as lições e as emoções desses dias renovem as nossas esperanças e as nossas forças para a luta por uma sociedade justa e fraterna, onde o trabalho seja fonte de vida e não de exploração.”

APÊNDICES

APANHADO BIOGRÁFICO DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS DAS LIGAS CAMPONESAS NA PARAÍBA

JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Em 3 de março de 1918, no distrito de Pilõezinho do município de Guarabira, o casal João Pedro Teixeira e Maria Francisca da Conceição teve o seu primeiro filho que recebeu o mesmo nome do pai. O seu pai era um pequeno produtor rural. Envolvendo-se em uma disputa por terra, terminou por matar dois filhos do produtor que lhe queria tomar um pedaço de sua terra. Depois da briga ele desapareceu. A mãe entregou João Pedro aos cuidados do avó e mudou-se para Guarabira e depois para Sapé. Com a morte do avô, João Pedro Teixeira passou a morar com um tio no engenho Massagana, em Cruz do Espírito Santo. Trabalhou na agricultura até a maioridade, quando passou a trabalhar numa pedreira. Aos 24 anos casa-se com Elizabeth Teixeira, a contragosto do sogro, pois era pobre e preto. Depois de casado continuou a morar com o tio no engenho Massagana, até 1944, quando se desentendeu com o tio em virtude do tratamento que ele dava aos moradores do engenho do qual era responsável. Deixando a esposa e a primeira filha na casa da sua mãe, foi procurar trabalho em Jaboatão (PE), tendo encontrado emprego em uma pedreira. Em 1945, levou a família consigo. Passou a liderar a luta dos trabalhadores da pedreira. Fundou o Sindicato dos operários de Pedreiras e foi seu primeiro presidente. Em virtude da luta, João Pedro não conseguia mais emprego. Em 1954, a convite do irmão mais velho de Elizabeth, voltou com a família para Sapé, ficando tomando conta de um sítio do sogro em Antas do Sono. Durante a permanência em Jaboatão, João Pedro converteu-se ao protestantismo e manteve os primeiros contatos com o Partido Comunista. Diante da dura realidade dos trabalhadores

rurais, João Pedro começou o movimento de organização, tendo realizado uma primeira reunião em sua casa em 1955. O movimento organizativo continuou até ser fundada a Associação dos Lavradores Agrícolas de Sapé, em fevereiro de 1958.

Cuja diretoria ficou assim constituída:

Severino Alves Barbosa – Presidente;

João Pedro Teixeira – Primeiro vice-presidente;

Manoel Barbosa da Silva – Segundo vice-presidente;

Pedro Ignácio de Araújo – Primeiro Secretário;

Severino José da Silva – Segundo secretário;

Walter Acioly – Tesoureiro.

Logo depois, o presidente renuncia e João Pedro Teixeira assume a presidência da Associação, conhecida como Liga de Sapé. A luta da Liga foi inicialmente contra o cambão. A mobilização dos trabalhadores era feita através de comícios nas feiras, de promoção de ações (arrancar cercas, replantar as lavouras destruídas pelos patrões, reparar casas destruídas, defesa dos camponeses ameaçados), e as campanhas de massa. A reação dos patrões não se fez tardar: tiros na parede da casa, ameaças de morte. Além do trabalho da Liga em Sapé, João Pedro era também da organização em nível estadual, obrigando-o a viagens frequentes a João Pessoa. No dia 2 de abril de 1962, na volta de uma dessas viagens, após descer do ônibus, quando caminhava para casa, João Pedro é assassinado pelas costas. Os tiros foram dados por Francisco Pedro da Silva (Cabo Chiquinho), Antonio Alexandre (soldado da PM) e por Arnaud Claudino (e mais dois capangas, a mando de Agnaldo Veloso Borges. Um perfil de João Pedro é assim traçado por Mário Afonso Carneiro: “João Pedro era analfabeto, mas muito inteligente, fazia bons discursos. Quem assinava por ele era a mulher dele, Elizabeth Teixeira que sabia ler e escrever.”

Pela Lei 13.598 de 8 de janeiro de 2018, o nome de João Pedro Teixeira foi inscrito no livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

ELIZABETH ALTINO TEIXEIRA

Elizabeth Teixeira nasceu em 13 de fevereiro de 1925, no município de Sapé. Era filha de Manoel Justino da Costa e de Altina Maria da Costa. Seu pai era um pequeno proprietário. Desde cedo, ela ajudava nos trabalhos de casa e da criação miúda. Do roçado não se ocupava porque o pai não permitia. Aos 17 anos (26/07/1942), casou-se com João Pedro Teixeira, contra a vontade do pai. Teve dez filhos: Marluce (1943), Abrãao, Isaac, Marinês, Maria das Neves (1953), Maria José (1956), Paulo, Carlos (1958), José Eudes (Lenine – 1959) e João Pedro Teixeira Filho (1960). Depois do casamento foi morar no Engenho Massangana. Aí ficou até 1944, quando João Pedro após desentender-se com o tio foi procurar trabalho em Jaboatão (PE). Elizabeth com a filha mais velha (Marluce) ficou morando com a sogra em Sapé. No ano seguinte, foi morar em Jaboatão. Aí permaneceu até 1954, quando voltou a morar em Sapé, num sítio cedido pelo pai. Até a morte de João Pedro, Elizabeth ocupava-se do cuidado da casa e o acompanhava em algumas atividades: “eu dava assistência a ele na sede das Ligas Camponesas, nos atos públicos, para ler jornal. Nos dias de sábado ele tinha que ficar na feira, entrando em contato com os camponeses que vinham do campo pra feira e eu tinha que ficar na Liga, carimbando a carteira, assinando o nome dele na carteira.” (BANDEIRA, 1997, p.46). Após a morte de João Pedro Teixeira, ela cumpre o que tinha prometido ao marido: “Eu marcharei na tua luta”. Torna-se presidente da Liga Camponesa de Sapé de 1962 a 1964. Em 1962, a convite de Francisco Julião, candidatou-se a deputada estadual pelo PSB. Não conseguiu eleger-se. Sob sua presidência, a Liga de Sapé experimentou um grande crescimento, chegando a ter 16 mil sócios. Cumpriu o prometido. Em 1963, a convite de Fidel Castro, passou um mês em Cuba. Quando do golpe militar, encontrava-se no Engenho Galileia (origem das Ligas Camponesas) participando da filmagem de “Cabra marcado para morrer”. Refugiou-se durante um mês em Recife. Em virtude das notícias alarmantes do que acontecia em Sapé, sob o comando do coronel Luiz de Barros, preferiu entregar-se ao comandante do Grupamento de Engenharia. Ficou aí detida

por três meses e 24 dias. Liberada voltou a Sapé, recebendo ameaça de prisão do comandante do 15º Regimento de Infantaria. Conseguiu fugir para Recife e de lá foi para o município de São Rafael (RN) com o filho Carlos. Os outros filhos foram distribuídos entre seus familiares. Em São Rafael trabalhou na agricultura, como empregada doméstica, como lavadeira e como professora com o nome de Marta Maria da Costa. Levou uma vida humilde. Morava em “uma casinha humilde, que não tinha sequer cama para dormir, que só tinha duas redes, que não tinha nem cadeira, que meus alunos levaram uma cadeira para se sentar.” Só em 1981, voltou à Paraíba, para morar com o filho Abraão em Patos. Hoje, aos 99 anos mora em João Pessoa, vivendo de uma aposentadoria, sendo constantemente convidada para participar de eventos, onde presta depoimentos sobre sua participação na luta camponesa.

JOÃO ALFREDO DIAS

Nasceu em 1938. Filho de Alfredo Ulisses Gonçalves Dias. Era também conhecido por João Fuba e por Nego Fuba. Era sapateiro e solteiro. Participou do movimento desde o início, frequentando as reuniões na casa de João Pedro Teixeira, mesmo antes da fundação da Liga de Sapé. Por ocasião da Fundação da Liga de Sapé, foi eleito para integrar o conselho fiscal. Era membro do PCB. Segundo depoimento de Assis Lemos, era um bom orador. Foi eleito vereador de Sapé em 1963. Com a fundação do hospital do SAMDU, foi nomeado motorista. Foi preso diversas vezes. Integrou uma comitiva que visitou a China. Teve a casa várias vezes revistada pela polícia e pelo exército que dizia procurar pelas armas que ele teria trazido da China. Depois do golpe militar, ele foi preso, mas logo solto. Depois de solto, voltou para Sapé. Foi preso novamente pela polícia em frente ao Hotel Central, tendo sido muito espancado. Em seguida, foi levado para o 15º Regimento de Infantaria de João Pessoa. Foi oficialmente solto no dia 7 de setembro de 1964. Depois de “solto” não foi mais encontrado. Dois dias depois, os jornais publicam uma foto de dois corpos semi-mutilados, abandonados na margem da estrada que liga Campina Grande a Caruaru (BR-104),

com sinais evidentes de tortura. A família reconheceu os corpos como sendo do Negro Fuba e Pedro Fazendeiro.

PEDRO INÁCIO ARAÚJO

Nasceu no município de Itabaiana, no dia 8 de junho de 1909. Seus pais eram Pedro Antônio Felix e Ana Maria da Conceição. Serviu no corpo de bombeiros da capital. Ao terminar o serviço militar, casou-se com Maria Júlia de Araújo em 12 de setembro de 1942, com quem teve cinco filhos, passando a residir na Fazenda Miriri, onde era arrendatário e mantinha um sítio com muitas fruteiras. Também se dedicou ao comércio, passando a vender tecido (na época também chamado de fazenda) pelos sítios, daí o apelido de Pedro Fazendeiro, como uma estratégia de aproximar-se dos camponeses. Aprendeu a ler e a escrever por conta própria, pois os pais consideravam uma perda de tempo colocar os filhos na escola. Apesar disso, sabia se comunicar e debater os assuntos da sua época, pois lia muito e não se afastava dos noticiários. Era um pai alegre e dedicado, a ponto de brincar de se esconder com os filhos. Não pode estudar, mas agiu de forma diferente com os filhos. Colocou-os todos na escola. Para que os filhos pudessem continuar os estudos, alugou uma casa João Pessoa. Participou das Ligas Camponesas desde o início. Por ocasião da fundação ocupou o cargo de primeiro secretário. No contato com os camponeses, mostrava-lhes que assim como o filho do patrão tinha direito a alimentar-se bem, frequentar a escola, ir ao médico, calçar sapatos os seus filhos também tinham. Trazia dentro de si a igualdade de direitos e por isto lutou. Segundo alguns depoimentos era membro do PCB. Em virtude de sua atuação nas ligas, sofreu vários atentados. Os mais graves ocorreram em Itabaiana, em 1962, quando foi brutalmente espancado juntamente com Assis Lemos, e em Sapé, em 1963, tendo sido ferido a bala foi preciso colocar peças de platina no fêmur e na omoplata. Visitou Cuba, a convite do governo de Fidel Castro. Por conta dessa visita, sua casa era frequentemente revistada pelo exército e pela polícia a procura de armas que teria trazido da ilha. Com o golpe militar ele consegue fugir e fica escondido no Engenho

Mussuré, de Álvaro Magliano. Depois decide entregar-se no 15º Regimento de Infantaria, pois acreditava ser mais seguro do que ser aprisionado pela polícia militar. Segundo os familiares, o Coronel Luiz de Barros, tinha “muita sede” nele. Por isso achou mais seguro entregar-se ao exército. Tal como aconteceu com o Nego Fuba, teria sido solto no dia 7 de setembro. No dia 10 do mesmo mês, os jornais publicam uma foto de dois corpos encontrados na margem da BR-104, no atual município de Alcantil. Os corpos tinham sinais evidentes de tortura e de enforcamento. Na época, a notícia foi dada como: “Esquadrão da morte executa mais dois”. Após a sua morte a família ainda sofreu toda sorte de perseguição: ameaças de morte para os dois filhos homens, demissão do emprego das filhas, intimações para comparecer no IV Exército, etc. Em 1995, através da Lei n. 9.140, foi reconhecido como morto, tendo sido emitida a certidão de óbito em 8 de fevereiro de 1996.

ALFREDO PEREIRA NASCIMENTO

Morador da Fazenda Miriri, foi do grupo fundador da Liga de Sapé. Segundo depoimento de Assis Lemos, tinha uma grande capacidade de liderança, chegando a atrair a maioria dos moradores do engenho Miriri para a Liga. Em virtude do seu envolvimento passou a sofrer ameaças de morte. Temendo pelo pior, no dia 15 de março de 1962, as lideranças das Ligas obtiveram uma audiência com o Governador Pedro Gondim, tendo sido ordenado que a polícia desse garantia de vida para ele. No mesmo dia, ele é assassinado por Manoel Pereira da Silva, o Capim de Aço, pistoleiro contratado pela Fazenda.

IVAN FIGUEIREDO

Nasceu em 5 de novembro de 1924, no município de Sapé. Casado com Maria Lúcia de Souza, teve quatro filhos. Pequeno proprietário, residente no Povoado Sapucaia. Na sua terra de 38 hectares, cultivava inhame, cana de açúcar, abacaxi, algodão e mandioca, de modo a garantir a manutenção da família. Ingressou nas Ligas logo no início do movimento, tendo participado da reunião de fundação

das Ligas de Sapé, ocorrida no Grupo Gentil Lins com a presença de João Pedro Teixeira, João Santa Cruz, Francisco Julião, Assis Lemos, José Joffily, Nego Fuba, Pedro Fazendeiro. O primeiro presidente da Liga de Sapé foi Severino Barbosa, sendo João Pedro o vice-presidente. Ivan Figueiredo foi o primeiro presidente do Sindicato Rural, no momento em que a Liga foi transformada em Sindicato. Chegou a ser candidato a prefeito de Sapé em 1962, disputando a eleição contra Cassiano Ribeiro Coutinho. Perdeu a eleição por poucos votos (cerca de 200 votos). Em virtude do seu envolvimento com as Ligas, foi preso e conduzido para o 15º Regimento de Infantaria juntamente com Severino Barbosa, sendo em seguida reconduzido para Recife. Após assinar documento em branco, foi solto, voltando para Sapé. Em 1964, logo após o golpe militar, temendo nova prisão, fugiu de casa e ficou escondido no meio de uma mata, próxima do sítio Sapucaia. Permaneceu aí por vários dias, alimentando-se de frutas silvestres e de insetos. Conseguiu fugir na carroceria de uma camioneta para o Rio de Janeiro, onde trabalhou numa pedreira na zona rural de Piraí. Em virtude das dificuldades financeiras enfrentadas, vendeu o seu sítio. Voltou, posteriormente, para Sapé. Conseguiu uma aposentadoria pelo INSS no valor de dois salários mínimos. Faleceu em 2004.

ANTONIO GALDINO DA SILVA

Natural de Goiania (PE), Antônio Galdino da Silva, conhecido como Carioca, era membro do PCB. Tinha sido incumbido de organizar os trabalhadores rurais de Mari. Assim, organizou o Sindicato de Mari, ocupando o cargo de presidente. Ao organizar um mutirão de trabalhadores na fazenda Olho d'Água, pertencente ao Sr. Manoel de Paula Magalhães. Em 15 de janeiro de 1964, foi uma das vítimas do que ficou conhecido como a "tragédia de Mari". Durante o mutirão houve uma desavença com o capataz da fazenda Santo Antônio, pertencente à esposa de Renato Ribeiro Coutinho, que foi exigir a retirada dos trabalhadores da fazenda. Durante o desentendimento, os trabalhadores se apossaram de revólver calibre 45 (arma era privativa das forças armadas) que estava de posse do capataz, mas

que era de propriedade do Renato Ribeiro Coutinho. Na ocasião, os trabalhadores colocaram um chocalho no capataz. Ao tomar conhecimento do fato, o gerente da usina São João, juntamente com outras pessoas de sua confiança, inclusive um sargento da Polícia, dirigiu-se ao local do mutirão. Ao chegar ao local, teria pedido a arma a Antônio Galdino que teria concordado em entregar, quando o sargento Pinto teria ordenado colocar o chocalho em Antônio Galdino, desencadeando a revolta dos trabalhadores. No incidente morreram 14 pessoas, dentre elas o Antônio Galdino, três trabalhadores rurais (José Barbosa do Nascimento, Pedro Cardoso da Silva e Genival Fortunato Félix.) o gerente da Usina São João, dois sargentos responsáveis pela segurança nas usinas, três capatazes, e policiais. Este foi o incidente mais grave ocorrido durante o período de atuação das Ligas Camponesas.

ADALBERTO BARRETO

Nasceu em 1934 na zona rural de Catolé do Rocha. Ainda na juventude migrou para João Pessoa, onde exerceu muitas funções, destacando-se como jornalista (A União, Correio da Paraíba, O Norte, Jornal da Paraíba) e escritor. Foi diretor da Radio Tabajara durante o governo Pedro Gondim, tendo sido demitido do cargo por ocasião da Chacina de Mari. Foi presidente da Associação Paraibana de Imprensa, cargo que ocupava por ocasião do golpe militar. Enquanto presidente, fez da API uma caixa de ressonância dos movimentos sociais, particularmente das Ligas Camponesas. Nessa época também era presidente da Frente de Mobilização Popular. Foi preso duas vezes. A primeira, em 1961, durante o movimento pela posse de João Goulart. A segunda, quando do golpe militar. No dia 1 de abril de 1964, foi preso, sendo solto após dois dias. Solto, ficou escondido durante três meses, até apresentar-se no Grupamento de Engenharia, permanecendo preso por 100 dias. Na época foi destituído de cargos que ocupava na administração estadual. Morreu aos 74 anos em João Pessoa.

ANTONIO AUGUSTO ARROXELAS

Natural de João Pessoa, Antônio Augusto de Arroxelas Macedo nasceu em 6 de fevereiro de 1939. Em 1960, ingressou no curso de odontologia e ainda estudante, integrou o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Foi presidente da União dos Estudantes do Estado da Paraíba, filiada à UNE. Enquanto dirigente estudantil, participou ativamente da sustentação às Ligas Camponesas na Paraíba. Em 1963, foi eleito vereador de João Pessoa. Em abril de 1964, teve o seu mandato cassado através da Resolução da CMJP nº 5, de 3 de abril de 1964. No mesmo ano, foi preso duas vezes. Na primeira, ficou preso no 15º RI e no DOPS, quando sofreu tortura física. Teve sua prisão relaxada pelo Conselho Permanente da Justiça Militar do 7ª RM. A segunda prisão ocorreu no segundo semestre de 1964, agora acusado de integrar o grupo dos onze. Das duas acusações obteve habeas corpus favorável. Em 1967, foi aprovado para o curso de direito da FURNE (Fundação Universidade Regional do Nordeste) em Campina Grande. Em 1968, ocupou o cargo de presidente do diretório acadêmico. Em 1969, com base no AI-5, teve sua matrícula cancelada naquela instituição. No final da década de 1970, participou da campanha pela Anistia. Ajudou a construir, em 1980, a Frente Democrática e, em 1982, conquistou novamente uma cadeira na CMJP sendo o vereador eleito mais votado daquele ano. Arroxelas participou, também, da campanha pelas “Diretas Já”, contribuindo para o processo de redemocratização do Brasil. Em 2014, a Câmara Municipal de João Pessoa, realizou sessão solene para a devolução simbólica do mandato de ex-vereador a Antônio Augusto Arroxelas, pois tinha sido cassado na primeira semana de vigência do regime militar, conforme dito anteriormente.

ANTONIO FRANCISCO DE CARVALHO.

Nasceu em 30 de maio de 1930, no sítio Tanques, município de Alagoa Grande. Desde a infância trabalhava na agricultura, ajudando o pai que trabalhava em propriedade rural na condição de foreiro. Por volta de 1960, residia no sítio Carrasco em Guarabira. Começa a participar da luta pela ocupação de terras

devolutas existentes no local. Dado esse envolvimento, foi eleito presidente da Liga Camponesa de Guarabira. Para fugir da perseguição após o golpe de 1964, esconde-se durante três meses em uma caverna existente no engenho Quitéria, município de Alagoa Grande. Durante esse período foi assistido por um tio que lhe levava alimento e água. Depois dos três meses, decide apresentar-se no 15º RI, de onde foi encaminhado para a delegacia de Guarabira. Liberado pelo delegado local, encontrou dificuldades para encontrar ocupação tanto no sítio Carrasco quanto nas propriedades rurais do município.

ANTONIO JOSÉ DANTAS

Nasceu na vila de Cuité, no município de Sapé no dia 19 de novembro de 1920. Ingressou nos movimentos sociais no final dos anos 1940, em Recife. Em virtude desse envolvimento, ingressou no Partido Comunista, então na ilegalidade. Em 1951, foi preso na sede do Jornal Folha do Povo, órgão do PC de Pernambuco, onde trabalhava. Após essa primeira prisão, foi detido várias vezes (em 23 de agosto em Recife, em 25 de outubro em Garanhuns, sob acusação de distribuir material subversivo; em 1953 e em 1954, foi preso duas vezes em cada um desses anos acusado de subversão; nova prisão em 1956, pela mesma acusação). Em 1958, volta à Paraíba para refazer sua vida profissional longe da perseguição da polícia pernambucana. Consegue emprego na Companhia Vulcan Material Plástico até 1961, quando é demitido em virtude de sua atividade junto ao movimento camponês. Foi fundador da Liga Camponesa de Santa Rita, com o nome de Associação dos Plantadores e Trabalhadores Agrícolas de Santa Rita, tendo sido eleito seu secretário. Em virtude de problemas tidos com o Partido Comunista, desfilia-se do mesmo e continua a atuação nas Ligas, buscando apoio junto ao Grupo de Julião na Paraíba. Após o golpe militar foi preso em abril de 1964 no 15º RI, encaminhado à Delegacia do DOPS, onde foi submetido a tortura.

ELIAS QUIRINO PEREIRA

Era farmacêutico na cidade de Mulungu, quando através de contatos foi convidado para fundar a Liga Camponesa de Mulungu. Foi incentivado a se estabelecer em Alhandra, abrindo uma farmácia. Em virtude da influência no município da nova morada, transformou-se em líder do movimento camponês. Fundou a Liga Camponesa de Alhandra. Em razão da sua atuação política no município, foi preso após o golpe de 1964

FRANCISCO DE ASSIS LEMOS

Nasceu na cidade de Areia-PB, em 07 de março de 1929, formou-se Engenheiro Agrônomo na antiga Escola de Agronomia do Nordeste (EAN - Areia-PB). Participante das Ligas Camponesas, foi fundador da Federação das Ligas Camponesa da Paraíba e seu primeiro presidente. Era Deputado Estadual e professor universitário quando teve, a partir de 1964, o mandato parlamentar cassado, a demissão da universidade e seus direitos políticos cassado. Foi preso em Recife na casa do deputado Osmar de Aquino. Foi brutalmente torturado enquanto esteve preso. Após a prisão, não tendo condição de permanecer na Paraíba, radicou-se no Paraná, em Londrina, exercendo a profissão de agrônomo, tendo desempenhado a função de presidente do Instituto agrônomo do Paraná.

GERALDO CAMILO

Nasceu em 8 de janeiro de 1935 no município de Mulungu. Formado em medicina. Foi fundador da Liga Camponesa de Mulungu, estando ligado à liderança de Osmar de Aquino. Foi prefeito do município de Mulungu. Em 10 de abril de 1964, encontrava-se na casa de seu pai, quando recebeu a visita do delegado local, acompanhado de dois policiais. Foi intimado a comparecer à delegacia. Houve tumulto. Alguns amigos impediram que fosse levado preso à cadeia local. No dia 11 de abril, a Câmara Municipal, em reunião extraordinária cassou o seu mandato.

GONZAGA RODRIGUES

Nascido em Alagoa Nova em 1933. Autodidata, desde cedo ingressou no jornalismo, sendo considerado um dos maiores do jornalismo paraibano. Em 2009, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFPB. Membro da Academia Paraibana de Letras desde 1993, tendo escrito vários livros (Notas do meu lugar; Um sítio que anda comigo; Filipéia e outras saudades; Parahyba, a cidade, o rio e o mar). Por ocasião do golpe militar, integrava o grupo de jornalistas que dava apoio aos movimentos populares, especialmente às Ligas Camponesas.

IZA GUERRA

No início dos anos 1960, era aluna da Faculdade de Serviço Social, mantida pela Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Era integrante da JUC, com participação na CEPLAR.

JOÃO BATISTA BARBOSA, O BATISTÃO

Nasceu em Guarabira, em 1912. Começou a sua militância política em 1945 contra o fascismo. Membro do Partido Comunista na Paraíba, participou dos movimentos sociais, integrou a equipe do Jornal do Povo. Apoiou o movimento das Ligas Camponesa. Após o golpe de 64, concluiu o curso de Economia e Ciências Contábeis (1977). Ingressou no Tribunal de Contas da Paraíba.

JOÃO SANTA CRUZ DE OLIVEIRA

Nasceu em 31 de maio de 1896, na cidade de Parayba, atual João Pessoa. Apesar da naturalidade, a sua família tinha raízes na cidade de Monteiro. Seu avô (e homônimo) fixou-se em Monteiro no final do século XIX, onde adquiriu propriedades. Seu pai, Miguel de Santa Cruz Oliveira, era bacharel em Direito e exerceu a magistratura em várias comarcas da Paraíba. Além da magistratura foi também deputado provincial pela Paraíba e professor do Liceu Paraibano. João Santa Cruz de Oliveira seguiu, no campo profissional os caminhos do pai. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1920. Após a formatura,

seguiu para o Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, onde exerceu os cargos de promotor público e promotor adjunto da Justiça Militar. No retorno para João Pessoa, no final da década de 1920, foi redator do Jornal a União e, em 1930, foi nomeado como Procurador dos Feitos da Fazenda Estadual. Membro do Partido Comunista, ele foi eleito deputado estadual constituinte em 1947. Teve participação ativa nos debates para a elaboração da Constituição estadual, até a publicação da Resolução nº 1.841, de 7 de maio de 1947, que cassou o registro do PCB. Fundou o Jornal do Povo órgão de imprensa do Partido Comunista da Paraíba. Continuou a sua militância política prestando assistência jurídica a vários sindicatos. Além dos cargos públicos assumidos, João Santa Cruz teve atuação marcante como advogado, tendo sido nomeado desembargador, em 1957, como representante dos advogados, aposentando-se como desembargador em 1959. Quando da fundação das Ligas Camponesas, em 1958, prestou assistência jurídica aos membros da Liga. Era o “socorro” dos trabalhadores nos momentos de perseguição. Com o golpe militar, foi preso diversas vezes. Faleceu em 3 de setembro de 1981.

JOSÉ GOMES DA SILVA

Nasceu em 7 de março de 1922 no município de Pilar. Teve a primeira prisão em 15 de janeiro de 1948, acusado de ter participado de incêndio no quartel do 15º RI, chamado da farsa do 15º RI, pois ficou provado posteriormente ter sido realizado por pessoas do próprio quartel. Filiado ao partido Comunista, era encarregado da Comissão de Imprensa e Propaganda. Dirigiu o Jornal do Povo. Militou no movimento estudantil na década de 50. No depoimento de José Joffily no Jornal O Momento, de 26/03/89: “Numa época em que quase todos os formados em direito buscavam empregos públicos ou ligações com os poderosos do dia, ele se dedicava à causa dos desamparados pela Justiça.” Formou-se em economia, contabilidade e direito. Era advogado das ligas camponesas e de vários sindicatos urbanos de João Pessoa. Pertencia ao PCB, por isso ficou conhecido como “Zé Moscou”. No governo de João Goulart, foi nomeado

delegado do IAPETC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas), por solicitação do movimento sindical. Com o golpe militar, escondeu-se para não ser preso. Em junho de 1964, apresentou-se ao Grupamento de Engenharia, onde ficou preso por cerca de 70 dias. Era suplente de Vereador na Capital e foi cassado por ato da Mesa Diretora em 10 de abril de 1964. Após a soltura, continua a sua atividade advocatícia. Durante sua vida foi preso 29 vezes. Faleceu em 1989, com problemas cardíacos. Em 2014, foi-lhe devolvido o diploma de suplente de vereador pela Câmara Municipal de João Pessoa, em sessão solene.

LEONARDO MOREIRA LEAL

Nascido em Pernambuco, desde cedo radicou-se em João Pessoa onde graduou-se em odontologia pela UFPB. Foi membro destacado do partido comunista da Paraíba. Participou da eleição municipal de 1963 como candidato a vereador, tendo obtido a suplência. Foi cassado em 10 de abril de 1964, por ato da mesa diretora. Segundo depoimento de seu sobrinho Marcio Renné, após o golpe de 1964: “Fugido da Paraíba, ele acabou indo morar no Rio de Janeiro. Naquela cidade, participou da resistência clandestina e, por conta de suas habilidades artísticas, recebeu treinamento para “falsificar” documentos para que os perseguidos pela ditadura pudessem sair do país.” Ainda segundo o seu sobrinho: “Ele era um romântico por natureza, daqueles que vê encantamento em tudo, que vê beleza nos detalhes mais inesperados, em cada cantinho, que enxerga nobreza em cada gesto ou acontecimento.” Certamente, foi esse seu jeito de ser e de ver a vida que marcou a todos que com ele conviveram. A mesa diretora da Câmara Municipal de João Pessoa, em 16 de outubro de 1997, revogou a decisão da mesa diretora da Câmara Municipal de João Pessoa, que cassou os seus direitos políticos. Em 2014, a Câmara Municipal de João Pessoa, em sessão solene, devolveu-lhe o diploma de suplente de vereador.

MALAQUIAS BATISTA FILHO

Natural de São Sebastião do Umbuzeiro (PB), nasceu em 31 de agosto de 1934. Formou-se em medicina no ano de 1961. Durante o curso universitário, leu o livro Geografia da Fome de Josué de Castro, que determinou o seu engajamento político e a sua dedicação à saúde pública e aos problemas nutricionais da população. Participou do movimento estudantil, ocupando a secretaria de saúde da União Estadual dos Estudantes. Teve uma atuação junto às Ligas Camponesas de Oitizeiro (João Pessoa), atendendo no ambulatório médico nos finais de semana. Nesse período também participou de uma invasão de terra para abrigar camponeses que tinha sido expulsos de uma propriedade em Lucena. Essa terra era propriedade do Estado e tinha sido ocupada por um proprietário. Em virtude de sua participação no movimento, foi nomeado para o Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU). Com o golpe militar, foi demitido do SAMDU. Em 1965, ingressou como professor da Universidade Federal de Pernambuco, tendo se aposentado em 2004. É um dos grandes nomes na área de nutrição no Brasil.

MARIA DO CARMO AQUINO

Nasceu em 17 de junho de 1922, no município de Guarabira. Filha de proprietários rurais, herdou a fazenda Milhã com a morte do pai. Participou da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba e era membro do Partido Comunista. Irmã de Osmar de Aquino, ela atuava particularmente na Liga Camponesa de Guarabira, bem como em outras cidades como Mamanguape, Sapé e Mari. Em Guarabira, liderou o movimento no sítio Caboclo que foi desapropriado para fins de reforma agrária. Teve também atuação nos municípios de Alagoinha, Cuitegi, Belém e Bananeiras. Foi eleita para a diretoria da Federação dos Trabalhadores Agrícolas da Paraíba (conhecida como Federação das Ligas Camponesas da Paraíba), durante a gestão de Francisco de Assis Lemos. Com o golpe militar de 1964, foragiu-se de abril a 28 de dezembro quando se apresentou na 2ª Companhia de Guarda da 7ª Região Militar em Recife. Em virtude das perseguições sofrida

decidiu, novamente, foragir-se entre março de 1965 e janeiro de 1966. Em novembro de 1967, conseguiu habeas corpus do superior Tribunal Militar no tocante à denúncia oferecida pelo auditor da 7ª região Militar. Em virtude das dificuldades financeiras sofridas, teve que vender a sua propriedade. (memorial da democracia)

OPHÉLIA MARIA AMORIM

Natural de Campina Grande. Filha de um renomado advogado, Dr. Otávio Amorim. Foi aluna da Faculdade de Direito de João Pessoa durante o período de 1957 a 1961. Ainda estudante, começou a advogar para os trabalhadores rurais, seja através das Ligas Camponesas, seja através de sindicatos rurais. Continuou a assessoria jurídica após a formatura em dezembro de 1961, ocasião em que recebeu homenagem dos movimentos no Teatro Santa Roza, em João Pessoa. Com o golpe militar de 1964, foi presa durante seis meses. Após a soltura passou a fixar residência em Campinas, participando de escritório de advocacia, mas com atuação também em movimentos sociais. Foi Secretária dos Negócios Jurídicos da Prefeitura de Campinas, durante o mandato de Jacob Bittar. Recebeu o título de cidadã de Campinas em 2017.

OSMAR DE ARAÚJO AQUINO

Nasceu em Guarabira, em 11 de dezembro de 1916. Pertencia a uma família de proprietários rurais e de políticos. Fez o curso secundário no Colégio Diocesano, em João Pessoa. Prosseguiu os estudos na Faculdade de Direito em Recife, onde participou da luta estudantil contra o nazifascismo que se abrigava na ditadura de Vargas. Não obstante isso, foi nomeado interventor de Guarabira em 1940, logo após concluir o curso de direito. Em 1946, foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte, quando faz conhecimento com várias figuras do Partido Comunista Brasileira, inclusive com Luís Carlos Prestes. Manifestou-se contrariamente ao projeto 900-A de 1947, que colocou o PCB na ilegalidade e cassou o mando dos constituintes comunistas. Em 1955 é eleito prefeito de Guarabira.

No início da década de 1960 foi eleito deputado estadual, tendo participado da Cadeia da Legalidade e pela reforma agrária, quando participou da luta pela reforma agrária contribuindo para a formação da Liga Camponesa de Guarabira. Após o golpe militar foi eleito deputado federal, tendo sido cassado pelo AI-5, com direitos suspensos por 10 anos. Faleceu em 1980.

MANUEL HENRIQUE DANTAS

Morador do engenho Massangana, era um dos líderes locais das Ligas Camponesas.

JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO

Natural de Sape, nascido em 28 de novembro de 1918. Teve seis filhos nascidos entre 1952 e 1958. Residiu na Fazenda Miriri, propriedade de Ademar Londres, desde 1948. Aí trabalhavam cerca de 1300 moradores posseiros. A fazenda foi vendida a Pedro Ramos Coutinho em 1951. A partir de 1955, o novo proprietário começou a ocupar as terras dos posseiros, expulsando-os. Mandando destruir as lavouras e retirar os animais para plantar cana. Em 1957, teve a sua terra invadida por seis homens da fazenda. Saiu após ajeitamentos da polícia. Passou a residir em Gramame em propriedade do dentista Fernando Furtado. Ao saber de sua ligação com as ligas camponesas, o proprietário expulsou-o com sua família com a ajuda de capangas. Esteve ligado à Liga Camponesa de Alhandra, sendo indicado delegado para o congresso de fundação da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba, sendo escolhido como 2º secretário do Conselho Fiscal da Federação. Foi também escolhido delegado ao Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais realizado em Minas Gerais em setembro de 1961. Em virtude de problemas internos na Liga de Alhandra, Dionísio passa a residir em Capim, então distrito do município de Mamanguape. Em 1964, após o golpe foi preso pelo Luiz de Barros e levado para Sapé onde já se encontrava uma grande quantidade de camponeses presos. Tendo sido solto dois dias depois, procurou o 15 RI. Não sendo atendido no seu pleito de garantias, voltou para o município de Capim.

SEVERINO ALVES BARBOSA

Nasceu no município de São Miguel de Taipu (então distrito de Pilar). Aos vinte anos, foi residir em Pilar na casa de um casal que considerava como pais adotivos. Anos depois foi residir na fazenda Pacatuba, em Sapé, pertencente ao Sr. Gentil Lins. Aí tomava conta da “venda” (barracão) da fazenda, por isso ficou conhecido como Biu Pacatuba. Com a morte do Coronel Gentil Lins, a fazenda foi vendida ao usineiro Renato Coutinho. Após a venda, foi morar em Sapé e logo depois em Borborema, onde instalou um alambique, produzindo uma aguardente de nome Vitalina. Depois de três anos, recebeu convite de João Úrsulo Ribeiro Coutinho para administrar a fazenda Una, situada em Sapé. Casa-se, então, com Helena Malheiros Gomes Barbosa. Teve 2 filhos e 3 filhas. Na fazenda Una, além da administração também cultivava um pedaço de terra cedida pelo proprietário. Tendo melhorado de vida, arrendou um pedaço de terra na fazenda Miriri, pertencente ao Dr. Ademar Londres, que exercia a medicina em João Pessoa. Dadas as condições favoráveis, cultivava arroz. Com a morte do Dr. Ademar, a fazenda foi vendida a Pedro Ramos Coutinho. Além de meio-irmão (irmão natural) de Renato Ribeiro, era também seu principal braço direito, no dizer da viúva de Severino Alves seu principal capanga. Dado o sucesso da produção de arroz e do envolvimento de Severino Barbosa com o movimento camponês, passou a sofrer perseguições por parte do Pedro Ramos. Segundo documento endereçado por Helena Malheiros ao ministro da Justiça: “O camponês que não cumprisse as ordens do patrão, era punido, e para isso, o dono da terra usava da Polícia que era toda subserviente aos latifundiários. Os capangas eram o braço forte de seus patrões na hora de reprimir os trabalhadores”. Passou a sofrer retaliações do novo proprietário. Decidiu sair da fazenda Una, pedindo demissão do cargo que ocupava na fazenda, não sendo aceito pelo Sr. João Úrsulo. Renato Ribeiro, no entanto, era de opinião contrária e passou a perseguir Severino Barbosa. Diante das pressões e ameaças de morte, sai da Fazenda Una e compra um sítio em Sapucaia com 2 hectares. Através de compras sucessivas de terra, o sítio chegou a medir cerca de 50 hectares. Quando da fundação da

Liga Camponesa de Sapé, Severino Alves Barbosa foi eleito o seu primeiro presidente. O seu sítio foi invadido pelo exército por duas vezes para prendê-lo, não obtendo sucesso. Em 18 de agosto de 1961, finalmente, soldados do exército cercam a sua casa. Preso, é conduzido inicialmente para a cadeia de Sapé e logo depois para o 15º RI, em João Pessoa. Em seguida é transferido para o Quartel General do IV Exército em Recife, juntamente com Ivan Figueiredo e João Pedro Teixeira. Após ser obrigado a assinar um papel em branco ele é liberado. Vai para a casa de uma prima, residente em Jaboatão. Com a ajuda da prima, conseguiu voltar para casa. Após o golpe militar sofreu forte discriminação da comunidade local. Para criar os filhos contou com a ajuda de duas cunhadas, depois de ter vendido o sítio. Diante das pressões, foi acometido de depressão e de doença cardíaca, vindo a falecer em 28 de agosto de 1975.

ANTÔNIO AUGUSTO DE ALMEIDA

Nasceu em 10 de março de 1934, na cidade de Areia. Filho de José Rufino de Almeida e de Adelaide Gondim de Almeida, proprietários de engenho no município de Areia. Viveu a sua infância em contato direto com os problemas dos trabalhadores da zona canavieira do Brejo Paraibano. Estudou no colégio Marista e no Liceu Paraibano. Diplomou-se pela Faculdade de Engenharia da UFPE em 1958, tendo participado ativamente do movimento estudantil universitário. Após a formatura, trabalhou um tempo no Rio de Janeiro. Regressando a João Pessoa, trabalhou numa empresa de construção civil. Filiado ao Partido Comunista, atuou junto às bases urbanas e às Ligas Camponesas, fez a cobertura das matérias sobre as Ligas Camponesas para o Jornal Terra Livre. Em 1961 foi nomeado para o Conselho de Desenvolvimento do Estado da Paraíba, elaborando relatórios de viabilidade técnica sobre projetos de implantação de indústrias bem como de conjuntos habitacionais no Estado. Também teve participação na CEPLAR. Após o golpe foi demitido do Conselho de Desenvolvimento do Estado. Foi preso do 15º RI em abril de 1964. Teve prisão relaxada em 19 de junho de 1964. Respondeu IPM na auditoria militar do Recife, tendo sido

defendido pelo advogado Nizi Marinheiro, após dois outros advogados contratados terem se afastado do processo. Foi liberado do IPM por habeas corpus. Foi readmitido no Estado por força da lei de anistia de 1979.

WALTER RABELLO PESSOA DA COSTA

Nasceu em João Pessoa em 19 de setembro de 1915. Foi aluno do Liceu Paraibano onde concluiu o curso clássico. Mudou-se para o Rio de Janeiro, concluindo o curso de direito. Na então capital federal também concluiu o curso de Educação Física pela Escola Nacional. No retorno a João Pessoa, foi professor do Lyceu Paraibano e do Instituto de Educação. Em 1960 é aprovado em concurso para a magistratura, recebendo o encargo da Comarca de Antenor Navarro. Depois de oito meses, é removido para a comarca de Sapé. Depois ocupou o cargo de juiz em Cabedelo, de onde foi transferido para a 6ª Vara da Capital. Por onde atuou, foi um fiel cumpridor da Lei. Assim, foi marcada a sua passagem por Sapé, quando do assassinato de João Pedro Teixeira. Determinou a prisão do usineiro Agnaldo Veloso Borges mandante do crime. Aposentou-se em 1985. Faleceu em 2007.

BIBLIOGRAFIA SOBRE AS LIGAS NA PARAÍBA

51 ANOS SEM JOÃO PEDRO TEIXEIRA: do cabra marcado para morrer a luta camponesa para lembrar Thiago Moreira Melo e Silva ANPUH, **Anais do 27 Simpósio de história**. 2013.

AIRES, José Luciano de Queiroz; ALMEIDA, Rogério (org.) **Liga Camponesa de Sapé-PB**: Barra de Antas, ontem e hoje. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. Disponível em: <https://www.ligascamponezas.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Livro-LIGAS-CAMPONESAS-DE-SAPE-MLLC-PET.pdf>

ALVES, Cida. “CABRA marcado para morrer”: morte do líder camponês João Pedro Teixeira completa 60 anos. João Pessoa: **Brasil de Fato** | João Pessoa (PB) | 02 de Abril de 2022 às 12:14. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2023/02/13/98-anos-de-elizabeth-teixeira-uma-mulher-marcada-para-viver>

ALVES, Janicleide Martins de Moraes. **Pedro Fazendeiro**: Trajetória, luta e dor de um líder. 2006. 101f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

ALVES, Janicleide Martins de Moraes; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Reencontro da família Teixeira no memorial das ligas camponesas: contribuição da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba. In **Anais do II Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB**. Ditaduras militares, estado de exceção e resistência democrática na América Latina. Org: Fabiana Rechembach, Giuseppe Tosi, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira. (Orgs.). João Pessoa: CCTA, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371779963/e-Book-Viii-Sidh-Versaofinal#>

ALMEIDA, Rogério; SOUZA, Cristiane Pereira de; MEDEIROS, Kamila. (org). **Cabra marcado para morrer**. São Paulo: FEUSP, 2023.

ALVES, Janicleide Martins de Moraes. **Memorial das Ligas Camponesas**: preservação da memória e promoção dos direitos humanos. João Pessoa: UFPB, dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Direitos humanos. 2014

ALVES, Juliana Ferreira. **O documentário “Cabra Marcado para morrer” e a construção da história da Liga Camponesa de Sapé**. Campina Grande: UFCG, Dissertação de Mestrado em História, 2010.

ALVES, Juliana Ferreira. **Violência entre (des)iguais**: memórias silenciadas nas lutas da liga camponesa de Sapé-PB (1962-1964). João Pessoa: Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em História da UFPB), 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19966/1/JulianaFerreiraAlves_Dissert.pdf

ARAÚJO, Marta. L. R. O processo político na Paraíba: 1945-1964. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (org.). **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1999. (Coleção História Temática da Paraíba; v.4).

ARAÚJO, Náugia Maria de. **Ao meu nobre pai Pedro Fazendeiro e outros tantos companheiros**. Poema. Disponível em: <http://www.ligascamponezas.org.br/?p=249> Acesso em: 30 jun. 2014.

AUED, Bernardete Wrubleski. **A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro e Ligas Camponesas 1955-64**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide; GODOY, Rosa. **Eu marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

- BARBOSA, João Batista. **Santa Cruz e o jornal do povo: uma contribuição à história das lutas sociais na Paraíba**
- BATISTA, Bento da Gama. **1964: Agonia em Fernando de Noronha – Depoimentos sobre o cárcere da ditadura militar**. João Pessoa, Ed. Universitária: 2000.
- BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em marcha**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.140 p.
- BRAGA, Medeiros. **O cordel das Ligas Camponesas: mártires e heróis**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2012.
- BRAGA, Medeiros. **Resistencia em Mari**. Cinquenta anos de uma luta. João Pessoa, 2014. (Cordel).
- CABRAL, Heitor. Stefan Robock e o movimento camponês. In MELLO, José Octávio de Arruda; MELLO, Víctor Raul da Rocha (Organizadores e coautores). **O Movimento de 64 na Paraíba Origens, Assalto ao Poder e Repressão**. Campina Grande: EDUEPB, 2018.
- CARNEIRO, Ana; CLOCCARI, Marta. **Retrato da Repressão Política no Campo: Brasil 1962-1985**. Brasília, MDA, 2011.
- CARNEIRO, Mário Afonso. **Relatório sobre a área de Sapé**. Centro Latino Americano de pesquisas Sociais, 1963.
- CARVALHO, Jocekelly Henrique de. **Ophélia Amorim: memória, trauma e ditadura civil-militar**. Campina Grande: TCC do curso de graduação em História da UEPB, 2014.
- CHASIN, José; VAISMAN, Ester. Vida e Morte das Ligas Camponesas. (Depoimento de Francisco de Assis Lemos) Publicado originalmente em: CHASIN, José (ed.). **Ensaio 10**. São Paulo: Ensaio, 1982, p. 195-205. Transcrito por V. S. Conttren, com correções mínimas, Novembro 2019.
- CITTADINO, Monique. **Populismo e Golpe de Estado na Paraíba. (1945/1964)**. João Pessoa: Universitária/UFPB/Ideias, 1998.
- CITTADINO, M. **A UFPB e o Golpe de 64**. Cadernos da Adufpb-Jp., João Pessoa/PB, v. 10, p. 1-46, 1993.
- CITTADINO, Monique. **O golpe de 1964 e a instalação da repressão na Paraíba**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=561&textCode=3371&date=currentDate>
- COELHO, Nelson. **A tragédia de Mari**. João Pessoa: Ed. Ideia, 2004.
- COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE (CEV-PB). **Relatório da Comissão Estadual da Verdade**. João Pessoa, 2014. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/docs/relatorio_comissao_estadual_da_verdade_pb.pdf
- CONSULTA POPULAR. **João Pedro Teixeira: vivo na memória e nas lutas dos trabalhadores**. João Pessoa: Ed. Ideia, 2002.
- COSTA, Walter Rabello Pessoa da. **Anotações de um juiz de direito: 1960 a 1985**. João Pessoa: Unigraf, 1988.
- DANTAS, Antônio. **Memória militante**. João Pessoa: Ed. Ideia, 2012. Disponível em: <http://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/Memoria-Militante-Antonio-Jose-Dantas.pdf>
- DIAS JUNIOR, Antonio Normando da Silva. **O resgate de João Alfredo Dias: o Nego Fuba**—livro reportagem biográfico sobre o líder da liga camponesa de Sapé. João Pessoa: Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB), 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19300?locale=pt_BR
- DINIZ, Francisco. **A história de João Pedro Teixeira, de sua esposa Elisabete e da Liga Camponesa de Sapé-PB**. João Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.projetocordel.com.br/novo/elisabete.htm>
- FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva; FREIRE, Emilia Augusta Lins. **Sapateiro, comunista e cidadão: a história de Chico do Baita**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- FERREIRA Bodão. **60 anos sem Pedro Teixeira**. In **Brasil de Fato** <https://www.brasildefatopb.com>.

br/2022/04/01/60-anos-sem-joao-pedro-teixeira

GENARO, Eduardo Guandalini. **Do fogo de monturo à chama das ligas camponesas: sociogênese de uma luta pela liberdade da terra na Paraíba (1954-1964)**. Campina Grande: UFCG, Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/4627/EDUARDO%20GUANDALINI%20GENARO%20%e2%80%93%20DISSERTA%c3%87%c3%83O%20PPGCS%20CH%202019.pdf?sequence=3&isAllowed=y>

GOMES, Maria José Teixeira Lopes. **Ditadura na Universidade Federal da Paraíba (1964-1971)**. Memória de professores. João Pessoa: Cefet, 2002.

GONÇALVES, Maria Cândida Rodrigues. Entrevista com Antônio Dantas: a propósito das Ligas Camponesas. In **Cadernos de Estudos Regionais**. Ano IV, n. 4, junho de 1981.

GUEDES, Nonato; OCTÁVIO, José et al.. **O jogo da verdade**. Revolução de 64 trinta anos depois. João Pessoa: A União, 1994.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. **Crônica do tempo distante**. João Pessoa: Secretaria de Educação, 1999.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. **Recordações da ilha maldita e outros registros**. João Pessoa, Grqfset, 1988

MACHADO, Jório. 1964: **Aa opressão dos quartéis**. João Pessoa: Ed. O Combate, 1991.

MELLO, José O. de A. **História da Paraíba: Lutas e resistência**. João Pessoa: Ed. A União, 2008. 280 p.

MELO, José Otávio de Arruda Melo. Tensão Social e lutas populares na Paraíba (1962-1964). In **Cadernos de Estudos Regionais**. Ano IV, n. 4, João Pessoa, NDIHR, junho de 1981.

MELO, Zênia Chaves Araújo de. Dossiê Grupo da Várzea Parte IV: Ligas Camponesas e Golpe Civil-Militar (1959-1964). In **Brasil de Fato, 20 anos**. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/05/08/dossie-grupo-da-varzea-parte-iv-ligas-camponesas-e-golpe-civil-militar-1959-1964>

MELO, Zênia Chaves Araújo de. Dossiê Grupo da Várzea Parte III: da Democratização aos Conflitos Agrários, 1946-1958. In **Brasil de Fato, 20 anos**. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2021/04/17/dossie-grupo-da-varzea-parte-iii-da-democratizacao-aos-conflitos-agrarios-1946-1958>

MESQUITA, Claudia. Resistir à Morte: A presentificação de João Pedro Teixeira no filme de Eduardo Coutinho. **Devires**, V. 12, N. 2, Jul/Dez, 2015.

MESQUITA, Cláudia. **A família de Elizabeth Teixeira** – a história reaberta. Catálogo do forumdoc.bh 2014. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2014.

MORAIS, Clodomir Santos de. **História das ligas Camponesas do Brasil**. 1965. Disponível em: http://r1.ufrj.br/cpda/als/corpo/html/teses/tese_cmorais.htm. Acessado em: 10 de julho de 2018.

MORAIS, Jonas Rodrigues. Ligas camponesas na Paraíba: Lutas, resistência e memória. In **Anais do VIII Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB**. Ditaduras militares, estado de exceção e resistência democrática na América Latina. Org: Fabiana Rechembach, Giuseppe Tosi, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira. (Orgs.). João Pessoa: CCTA, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371779963/e-Book-Viii-Sidh-Versaofinal#>

MUNIZ, Roberto Silva. **A fabricação de João Pedro Teixeira: como o herói camponês**. Campina Grande, dissertação de mestrado em história, UFCG, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Ivan%20Targino/Downloads/ROBERTO%20SILVA%20MUNIZ%20-%20DISSERTA%3%87%3%83O%20PPGH%20CH%202010.pdf>

NASCIMENTO, Juliana E. T. do. **A saga do Camponês João Pedro Teixeira e a Liga Camponesa de Sapé – PB**. 2003. Monografia de conclusão de curso – CH da UEPB – Departamento de História, Guarabira, 2003. 61 f.

- NOVAES, R. C. R. **De corpo e alma**: Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1997. p. 35-70. 238 p.
- NOVAES, Regina C. Reyes. Violência imaginada: João Pedro Teixeira, o camponês, no filme de Eduardo Coutinho. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, a. 2, n. 3, p. 187-207, 1996.
- NUNES, N. S. **João Pedro Teixeira**: um mártir do latifúndio. João Pessoa: Ed. Ideia, 2013.
- NUNES, Paulo Giovani. Os movimentos sociais, o governo Pedro Gondim e o golpe militar na Paraíba. ANPHUR, **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_7e7b02e8edf1f4ec103cf5b545c26726.pdf
- NUNES, Nonato S. **Memórias de Fogo**: Assis Lemos e as Ligas Camponesas. Video, disponível em: <https://www.google.com/search?q=memorias+de+fogo%3A+assis+lemos+e+as+ligas&oq=memorias+de+fogo%3A+assis+lemos+e+as+ligas&aqs=chrome..69i57.21591j0j3&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:80ef45e3,vid:35ZiEb6AhXs>
- OLIVEIRA, Roberval Vêras de. **As portas de saída da cadeia de sofrimento**: Os projetos de esquerda e as Ligas camponesas – 1958 a 1964. Campina Grande: Centro de Humanidades: Universidade Federal da Paraíba, 1989.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Pedagogia e luta social no campo paraibano**. São Paulo: Cortez, 1984.
- PESSOA, Victor Gadelha. **As Ligas Camponesas da Paraíba**: História e Memória. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH-UFPB, João Pessoa, 2015
- PORTO, Maria das Dores de Oliveira; LAGE, Iveline Lucena da Costa. **Ceplar**: história de um sonho coletivo. João Pessoa: Secretaria Estadual de Educação, 1995.
- RAMOS, Severino. **Crimes que abalaram a Paraíba**. João Pessoa: Ed. Ideia, 1995.
- RAMOS, Alcides Freire. A historicidade de Cabra marcado para morrer (1964-1984). In **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1520>.
- RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte; Esperança de vida**: A história das Ligas Camponesas na Paraíba. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 2000. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279429>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- RANGEL, Maria do Socorro. Territórios de confronto: uma história de luta pela terra nas ligas camponesas. In. LARA, Sílvia Hunold; MENDONÇA, Joseli (orgs.). **Direitos e justiça no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006
- ROCHA, Ayala. **Elizabeth Teixeira**: mulher da terra. João Pessoa: Ed. Universitária, 2009.
- RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. Lembrar e resistir: ecos da memória camponesa no contexto da Ditadura Militar e da construção do Estado de Direito em Sapé, Paraíba, Brasil. In **Anais do II Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB**. Ditaduras militares, estado de exceção e resistência democrática na América Latina. Org: Fabiana Rechembach, Giuseppe Tosi, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira. (Orgs.). João Pessoa: CCTA, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371779963/e-Book-Viii-Sidh-Versaofinal#>
- SAMPAIO, Cristiano. Líder camponês paraibano é reconhecido como ‘Herói da Pátria’ In **Brasil de Fato**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/01/17/lider-campones-paraibano-e-reconhecido-como-heroi-da-patria>
- SAMPAIO, Cristiano. Militante histórico da reforma agrária, João Pedro Teixeira foi uma referência na luta pela terra nos anos 1950. João Pessoa: **Brasil de Fato** – Brasília (DF) 17 de Janeiro de 2018 às 09:12 disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/01/17/lider-campones-paraibano-e-reconhecido-como-heroi-da-patria>
- SANTA’ANNA, Affonso R. de. **Poema para Pedro Teixeira assassinado**, RJ: Civilização Brasileira, 1962.

- SANTOS, Maria Clyvia Martins dos. **A tragédia de Mari: a resistência camponesa no município de Mari-PB.** João Pessoa: UFPB, Programa de Pós-Graduação em Geografia, dissertação de mestrado, 2017.
- SANTOS, Priscila Patrícia dos. **Memória Filmada: estudo do documentário de Eduardo Coutinho como possibilidade de entrecruzamento entre as narrativas históricas e cinematográficas.** Dissertação (Mestrado) em História–Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, 2008.
- SILVA JUNIOR, José Inácio Martins da. **Os conflitos pela terra no município de Sapé-PB: as Ligas Camponesas (1958-1964).** Campina Grande: UFCG, TCC em Geografia, 2013. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3286/1/PDF%20-%20Jos%C3%A9%20Inaldo%20Martins%20da%20Silva%20Junior.pdf>
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Ditadura militar no Brasil: a vez e a voz dos perseguidos.** João Pessoa: Ed. da UFPB, 2013.
- SILVA, Valdir Porfírio. **Bandeiras Vermelhas: a presença dos comunistas na Paraíba 1900-1960.** João Pessoa: Texoarte, 2003.
- SOUZA, Francisco de A. Lemos de. **Nordeste: O Vietnã que não houve, Ligas Camponesas e o golpe de 1964.** Londrina: Ed. UEL/ Ed. da UFPB, 1996. 375 p.
- SOUZA, Francisco de A. Lemos de. Governo Federal, Ligas Camponesas, PCB e Visita de Kennedy. In MELLO, José Octávio de Arruda; MELLO, Victor Raul da Rocha (Organizadores e coautores). **O Movimento de 64 na Paraíba Origens, Assalto ao Poder e Repressão.** Campina Grande: EDUEPB, 2018.
- TARGINO, Ivan; MOREIRA, Emilia; MENEZES, Marilda. Ligas camponesas na Paraíba: um resgate histórico. In *Ruris*, (Campinas), v. 5, p. 83-117, 2011.
- TAVARES, Anna Rachel de Arruda. **Memória, justiça e reparação às rupturas impulsionadas pelo estado brasileiro no período de 1961-1985: Uma análise pautada na identidade da família de Elizabeth Teixeira.** Dissertação (Mestrado em Direito). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 167, 2022
- VAN HAM, Antonia M. (Irmã Tony) et al. **Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas na Paraíba – Deixemos o povo falar.** João Pessoa: Ed. Idéia, 2006.
- VARELA, F. **A questão agrária nacional e assentamentos rurais na Paraíba.** 4. ed. João Pessoa: Idéia, 2006. 237 p.
- XAVIER, Wilson J. F. **As práticas educativas na Liga Camponesa de Sapé: memórias de uma luta no interior da Paraíba (1958 – 1964).** 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. Educar para nunca mais: memória e resistência camponesa em Mari, PB, Brasil. In *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/21>

BIBLIOGRAFIA SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS NO NORDESTE

- AGUIAR, Cláudio. **Francisco Julião**: uma biografia. São Paulo: Ed. Record, 2014.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- ARAÚJO, Rita de Cássia de; BARRETO, Túlio V. Barreto. **1964: O golpe passado a limpo**. Recife: Ed. Massangana, 2007.
- ARQUIVO Público Estadual de Pernambuco. **Documentação do Dops**. Fundo nº 29.709.
- AZEVÉDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 145 p.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)**. 7 ed. Rio de Janeiro/Brasília, Revan/Ed. UnB, 2001, pp. 46-50.
- BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis; Vozes, 1984. 141 p.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias**. Campinas: Ed. Boitempo, 2011.
- BRAYNER, Flávio Henrique Albert. **Partido comunista em Pernambuco: mudança e conservação na atividade do partido comunista brasileiro em Pernambuco; 1956 – 1964**. Recife: FUNDAJ/Editora Massangana, 1989.
- CABRAL, Flávio José Gomes; MEDEIROS, Maria da Glória Dias; ARAÚJO, Antônio Henrique da Silva. Lugar de mulher é na Revolução. **Anais do V Colóquio de História**. Recife, Pernambuco, 2011. Disponível em << <http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wpcontent/uploads/2013/11/5Col-p.1205-1218.pdf>>> acesso em: 08 de março de 2019.
- CALLADO, Antônio. **Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960.
- CAMARGO, Aspásia. **Mouvements paysans et crise populiste**. Paris: Tese de 3º ciclo na Ecole Pratique des Hautes Etudes, 1973.
- CARVALHO, Romeu de. **Carro Doce**: o romance das Ligas Camponesas. Porto Alegre: Ed. Anima, 1986.
- CASTELLANOS, Diana G. Hidalgo. **Um olhar na vida de exílio de Francisco Julião**. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi: memórias políticas**. Vol. 2. Recife: Guararapes, 1980.
- COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E DA VERDADE DOM HELDER CÂMARA. **Ligas Camponesas**. Recife, disponível em: <https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/ligas-campone-sas-2>
- CORTEZ, Lucili Grangeiro. **O drama barroco dos exilados do Nordeste**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.
- COSTA, Célia e PANDOLFI, Dulce. **Projeto Memória Viva: 14 depoimentos sobre a política pernambucana**. Vol. II. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. Recife, 2007.
- COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **O Congresso Nacional Camponês: Trabalhadores Rurais no Processo Político Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

- DABAT, Christine Rufino. “Depois que Arraes entrou, fomos forros outra vez!” *Ligas camponesas e sindicatos de trabalhadores rurais: a luta de classes na zona canavieira de Pernambuco segundo os cortadores de cana. In **Revista de Pesquisa Histórica**, v. 22, n. 1, Recife, 2004.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 1987.
- FERREIRA, André Lopes. Reforma Agrária e Revolução: Cuba e as Ligas Camponesas no Brasil nos anos 60.. In **Revista Brasileira do Caribe**, v. 10., n. 19, 2009. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2199>.
- FONSECA, Gondim. **Assim falou Julião**. São Paulo: Ed. Fulgor, 1962.
- GALILEIA, Zito. **A história das Ligas Camponesas: testemunho de quem a viveu**. Recife: Ed. Cepe, 2017.
- JULIÃO, Francisco. **Cachaça (contos)**. Prefácio Gilberto Freyre. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.
- JULIÃO, Francisco. Esperança é meu signo. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (Coord.) **Memórias do Exílio, Brasil 1964-19??**. V. 1. Editora Livramento: São Paulo, 1978.
- JULIAO, Francisco. **As Ligas Camponesas no Brasil**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/juliao/ano/mes/40.pdf>
- JULIÃO, Francisco. **As Ligas e o golpe militar de 1964**. Diário de Pernambuco – Caderno Documento. Recife, 31 de março de 2004.
- JULIÃO, Francisco. **Até quarta Isabela**. Recife: Ed. Guararapes, 1979.
- JULIÃO, Francisco. **Brasil, Antes y Después**. Editorial Nuestro Tiempo: México, 1968.
- JULIÃO, Francisco. **Cambão: a face oculta do Brasil**. Recife: Ed. Bagaço, 2009.
- JULIÃO, Francisco. **Cartilha do camponês**. Recife, s.e., set. 1960, p. 9.
- JULIÃO, Francisco. **Que são as ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962.
- LESSA, Sônia Sampaio Navarro. **O movimento sindical rural em Pernambuco: 1958-1968**. 1985. Dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 52.
- LIRA, Ana Paula Araújo. Folha do Povo: a voz popular no jornalismo diário recifense (1935-1960). In: **Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo, jun. 2007. Disponível em: . Acesso em 15 nov. 2011
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **As ligas camponesas às vésperas do golpe de 1964**. Proj. História, São Paulo, (29) tomo 2, p. 391-416, dez. 2004.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. As Ligas Camponesas e os conflitos no campo. In ARAÚJO, Rita de Cássia de; BARRETO, Túlio V. Barreto. **1964: o golpe passado a limpo**. Recife: Ed. Massangana, 2007.
- MORAIS, Clodomir Santos de. **História das Ligas Camponesas do Brasil**. Brasília: Edições latermund, 1997.
- MORAIS, Clodomir Santos de. História das Ligas Camponesas no Brasil. In: STEDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil. História e natureza das Ligas Camponesas (1954-1964)**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- MORAIS, Clodomir Santos de. **Dicionário de Reforma Agrária**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- PAGE, Joseph. **A revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)**. Rio de Janeiro, Record, 1972, p. 59.
- PEREIRA, Anthony W. O declínio das Ligas Camponesas e a ascensão dos sindicatos. In: **CLIO. Revista de Pesquisa Histórica**. n. 26-2. Programa de Pós-graduação em História–Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- PEREIRA, Anthony W.. O Mito de Francisco Julião. In: **Cadernos de Estudos Sociais**. Vol. 7, nº 1. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Janeiro/junho 1991. p. 108.

PORFÍRIO, Pablo F. de A. **Medo, Comunismo e Revolução**. Pernambuco (1959-1964). Recife: Ed. UFPE, 2009.

PORFÍCIO, Pablo F. de A. **Francisco Julião: em luta com seu mito**. São Paulo. Paco editorial, 2016.

PORFÍRIO, Pablo. **Pétalas e pedras: a trajetória de Francisco Julião**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro- PPGHIS/UFRJ. Rio de Janeiro, 2013.

ROGERS, William D. **The twillight struggle: the Alliance for Progress and the politics of development in Latin America**. New York, Random House, 1967, p. 19.

SÁ, Aybirê Ferreira. **Das Ligas Camponesas à anistia**. Memórias de um militante trotskista. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

SANTIAGO, Vandeck. **Francisco Julião, as ligas camponesas e o golpe militar de 64**. Recife: Ed. Comunigraf, 2004.

SANTIAGO, Vandeck. **Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador**. Recife, A Assembléia, 2001. (Série Perfil Parlamentar), p. 53.

SANTOS, Leonardo Soares dos. **As Ligas Camponesas do Partido Comunista do Brasil (1928-1954)**. Curitiba: Ed. Appris, 2022.

SILVA, Reginaldo José da. A dinâmica da formação nas ligas camponesas entre 1960 e 1964, a partir da cartilha do camponês e do documento "Bença, Mãe!" In **Anais do XXII EPNN**, Natal, 2014. .

SIMONETTI, Thiago França; HALLEY, Bruno Maia. Josué, Julião e as ligas: r-existências camponesas. In **Revista Mutirão** (Folhetim de Geografias Agrárias do Sul) V. 1, No. 2, 2020.

SOARES, José Arlindo. **Nacionalismo e crise social: o caso da Frente do Recife (1955-1964)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

SODRE, F. Novais. **Quem é Francisco Julião?** Retrato de um movimento popular. São Paulo: Ed. Renascença Nacional, 1963.

STEDILE, João Pedro (org). **História e natureza das Ligas Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

VIANA, Gilney. Exposição: **Memória camponesa -1946-1988**. Disponível em: <http://www.ligascamponesas.org.br/wp-content/uploads/A-Luta-pela-Terra-e-as-Guerrilhas-Camponesas.pdf>

VIOLÃO DE RUA. **Poemas para a liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962. Disponível em: <https://documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2022/03/403393454-violao-de-rua-pdf.pdf>

VÍDEOS E FILME SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS

VIDEOS

Três perfis de intelectuais orgânicos das ligas camponesas: Francisco Julião, Clodomir Moraes e Alípio de Freitas

I. Francisco Julião

1. Julião recorda o início das Ligas Camponesas
<https://www.youtube.com/watch?v=BnSWdID6x-4>
2. As Ligas e a posição da Igreja:
<https://www.youtube.com/watch?v=3CAMMdL6Fxs>
3. Julião e sua versão da consigna “na lei ou na marra”:
https://www.youtube.com/watch?v=XIHYY1Mu_Rs

II. Clodomir de Moraes

1. Dados biográficos de Clodomir Moraes:
http://es.wikipedia.org/wiki/Clodomir_Santos_de_Morais
2. Entrevista com Clodomir Moraes:
<https://www.youtube.com/watch?v=xJ2bVPyK5EY>

III. Pe. Alípio de Freitas:

1. Sobre o Pe. Alípio de Freitas, um dos intelectuais das Ligas Camponesas
2. Canção:
<http://www.youtube.com/watch?v=IXNLoTKo4Hw>
3. Elementos sobre sua atuação de militante:
<http://adalbertofranklin.por.com.br/2013/01/alipio-de-freitas-um-padre-guerrilheiro-no-maranhao/>
4. Discurso de Alípio de Freitas:
<https://www.youtube.com/watch?v=ueWUAX9vMqI>

IV. Depoimentos na Comissão Estadual da Verdade da Paraíba

Ophélia Amorim

<https://www.youtube.com/watch?v=ARo4yo97Cro>

Antônio Dantas na Comissão Estadual da Verdade

https://twitcasting.tv/cnv_brasil/movie/15581543

Oitiva de Nídia Franca Lemos de Sousa.

<https://cev.pb.gov.br/oitivas/nydia-franca-lemos-de-souza#wrapper>

Alexina Crespo - Memórias clandestinas

<https://www.youtube.com/watch?v=iaXDBosImCY>

FILME

Cabra marcado para morrer. Documentário de Eduardo Coutinho

ANEXOS

ANEXO I – ESTATUTO DA LIGA CAMPONESA DO ESTADO DA PARAÍBA

DENOMINAÇÃO – SEDE E FINS

Art. 1º. A LIGA CAMPONESA DO ESTADO DA PARAÍBA, fundada no dia 25 de novembro de 1962, com sede e foro em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba é uma sociedade civil de direito privado com jurisdição para todo o Estado da Paraíba e se regerá pelos presentes Estatutos e pelas leis em vigor no país;

Art. 2º. A LIGA tem por objetivos:

- 1 – Prestar assistência social aos arrendatários, assalariados e pequenos proprietários agrícolas;
- 2 – Criar, instalar e manter serviços de assistência jurídica, médica, odontológica e educacional segundo suas possibilidades;

§ único – A LIGA não fará discriminação de cor, credo político, religioso ou filosófico entre filiados;

DOS SÓCIOS

Art. 3º. São condições para associar-se à LIGA o exercício de qualquer atividade ligada à produção agrícola e discriminados no item 1 (um) do art. 2º

Art. 4º. Os sócios podem ser efetivos, beneméritos ou honorários;

§ 1º. Somente podem ser sócios efetivos aqueles que preencherem os requisitos exigidos no item 1º (primeiro) do Art. 2º (segundo);

§ 2º. Serão considerados sócios beneméritos todos aqueles que por relevantes serviços prestados à LIGA se fizerem dignos desse título, que será outorgado pelo Conselho Deliberativo por proposta da Diretoria;

§ 3º. Consideram-se sócios honorários todos aqueles que tomarem parte na reunião de fundação da LIGA e que tenham assinado a ata da fundação;

DOS DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS

Art. 5º. São direitos dos sócios efetivos:

- a) Votar e ser votado,
- b) Participar de todas as atividades programadas pela LIGA;
- c) Usufruir dos benefícios que lhe são conferidos pelos presentes Estatutos;

Art. 6º. São deveres dos sócios efetivos:

- a) Pagas as mensalidades que forem estipuladas, anualmente, pela diretoria, incorrendo na pena de exclusão do quadro social todo aquele que se atrasar no pagamento durante três meses consecutivos;
- b) Acatar e cumprir todas as deliberações dos órgãos da LIGA;
- c) Cumprir as tarefas determinadas e prestar contas da execução no organismo que as tiver determinado;

DAS PENALIDADES

Art. 7º. Um membro da LIGA que tornar pernicioso a mesma ou infringir os deveres prescritos nestes Estatutos, devem ser, na medida a infração praticada:

- a) Advertido por escrito;
- b) Censurado publicamente;
- c) Suspenso ou destituído do cargo que ocupar;
- d) Expulso da LIGA;

§ 1º. As penalidades serão aplicadas pelo órgão a eu estiver diretamente subordinado o infrator, através de processo sumário, com audiência do acusado;

§ 2º. Das penalidades aplicadas pela Diretoria caberá recurso ao Conselho Deliberativo;

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 8º. A LIGA será administrada por uma diretoria, por um Conselho Deliberativo e pela Assembleia Geral;

I – A Diretoria terá função executiva e se comporá de um Presidente, um 1º Vice-Presidente, um 2º Vice-Presidente, um 1º Secretário, um 2º Secretário, um 1º Tesoureiro e um 2º Tesoureiro;

II – O Conselho Deliberativo terá função deliberativa e se comporá de 13 (treze) membros;

III – A Assembleia Geral reunir-se-á ordinariamente uma vez em cada biênio para eleger a Diretoria e o Conselho Deliberativo e para apreciar as contas da Diretoria;

§ 1º. O mandato da Diretoria e do Conselho Deliberativo eleitos na Assembleia de fundação será de 180 (cento e oitenta) dias;

Art. 9º. Compete ao Presidente da Diretoria:

I – Representar a LIGA em juízo ou fora dele podendo, todavia, constituir o procurador;

II – Presidir e convocar as reuniões da Diretoria e as assembleias Gerais;

Art. 10º. As atribuições dos demais membros da Diretoria serão definidas no Regimento Interno da LIGA;

Art. 11º. A Diretoria reunir-se-á ordinariamente, uma vez por quinzena e extraordinariamente quando convocada pelo Presidente, ou pela maioria simples dos seus componentes;

Art. 12º. A Assembleia Geral poderá se reunir extraordinariamente quando convocada pelo Presidente, com a vênua da diretoria, ou quando convocada pelo Conselho Deliberativo.

Art. 13º. O Presidente da Assembleia Geral será o Presidente da diretoria que designará um secretário “ad hoc” para os trabalhos;

Art. 14º. A Assembleia Geral reunir-se-á em primeira convocação, com a presença mínima de um décimo (1/10) dos sócios quites, e em segunda convocação, uma hora após a primeira com qualquer número;

Art. 15°. Os membros do Conselho Deliberativo na primeira reunião elegerão um presidente e um secretário.

Art. 16°. O Conselho Deliberativo poderá ser integrado por sócios efetivos, beneméritos e honorários, não se estendendo essa regalia aos demais órgãos;

Art. 17°. Compete ao Conselho Deliberativo orientar as atividades da LIGA durante o intervalo das reuniões ordinárias da Assembleia Geral sendo decisões soberanas em relação à Diretoria;

Art. 18°. O Conselho Deliberativo reunir-se-á, ordinariamente, quando convocado pelo Presidente;

Art. 19°. Os cargos que se tornarem vagos na Diretoria serão preenchidos interinamente por aprovação da maioria simples da Diretoria até que um Assembleia Geral convocada com qualquer número ratifique ou eleja novo diretor para o cargo vago, assumido interinamente.

DAS DELEGACIAS MUNICIPAIS OU DISTRITAIS

Art. 20°. A LIGA terá jurisdição em todo o Estado da Paraíba ... (inelegível)
Delegacias Municipais ou Distritais;

§ único. As Delegacias serão dirigidas por uma diretoria e pela Assembleia Geral, na forma dos presentes estatutos, podendo a Diretoria em casos especiais, compor-se de apenas um Presidente, um Secretário Geral e um Tesoureiro;

Art. 21°. As Delegacias estarão subordinadas, diretamente aos órgãos centrais da LIGA, considerando-se, no entanto, sub-sedes da mesma;

Art. 22°. Criada uma Delegacia Municipal ou Distrital a diretoria da LIGA comunicará imediatamente às autoridades locais.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 23°. O Patrimônio da LIGA constituir-se-á de mensalidades dos sócios, doações, subvenções ou qualquer outra forma lícita de renda;

Art. 24°. O movimento financeiro da LIGA será escriturado de forma a

permitir sua rápida verificação por qualquer sócio interessado;

Art. 25°. A LIGA deverá colaborar com as entidades congêneres de direito público ou privado, no interessa da melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais para tanto podendo celebrar convênios e acordos;

Art. 26°. Todas as decisões da LIGA serão tomadas por maioria simples de votos, ressalvando-se os casos expressamente previstos neste Estatuto;

Art. 27°. Os presentes Estatutos só poderão ser reformados por Assembleia Geral Extraordinária, para esse fim convocada;

Art. 28°. Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais;

Art. 29°. A LIGA dissolver-se-á por Assembleia Geral para esse fim convocada e que deliberará pelo voto de dois terços dos presentes;

§ único. Essa Assembleia Geral destinará o patrimônio da LIGA a uma instituição de fins análogos;

Art. 30°. A eleição dos órgãos dirigentes da LIGA na reunião de fundação far-se-á por escrutínio secreto;

Art. 31°. Os casos omissos nos presentes Estatutos serão resolvidos pelo Conselho Deliberativo.

João Pessoa. Estado da Paraíba, em 25 de novembro de 1962.

ANEXO II – ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE LAVRADORES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS DE SAPÉ

CAPÍTULO 1

Art. 1º – A ASSOCIAÇÃO DE LAVRADORES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS DE SAPÉ tem por finalidade a prestação de ASSISTÊNCIA SOCIAL aos arrendatários, assalariados e pequenos proprietários agrícolas do município e áreas vizinhas, bem como a defesa de seus legítimos direitos, de acordo com as Leis do País.

CAPÍTULO II

Art. 2º – São condições para associar-se à entidade, o exercício de qualquer das profissões indicadas no art. 19, idade mínima de 18 anos e o pagamento de uma contribuição financeira inicial de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros).

Art. 3º – Os sócios podem ser: contribuintes, beneméritos e honorários.

§ 1º – Sócios Contribuintes são os que pagam a mensalidade estipulada em Cr\$ 20,00 e cumprem os demais deveres fixados nestes estatutos.

§ 2º – Sócios Beneméritos são os que tenham proposto mais de 20 (vinte) outros, efetivamente associados.

§ 3º – Sócios Honorários são as personalidades estranhas ao quadro social, que tenham prestado relevantes serviços à Associação.

Art. 4º – São deveres dos Sócios Contribuintes e Beneméritos, cumprir os Estatutos e decisões da Assembleia e da diretoria: observar pontualidade nas reuniões e no pagamento das contribuições; zelar pelo bom nome da Associação; comunicar mudança de residência.

Art. 5º – São direitos dos Sócios Contribuintes e Beneméritos: “votar e ser votado para os cargos de direção desde que estejam quites com os cofres da Associação; participar dos debates e decisões da Assembleia; convocação de Assembleia Extraordinária em requerimento assinado por mais de 20 (vinte) associados.

CAPÍTULO III

Art. 6º – A ASSOCIAÇÃO é dirigida por uma Diretoria, pelo Conselho Fiscal e pela Assembleia Geral. A primeira como órgão administrativo e a segunda como órgão deliberativo soberano.

Art. 7º – A Diretoria se compõe de um presidente; um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e um orador, eleitos por maioria absoluta por um período de dois anos.

Art. 8º – Compete ao Presidente a direção administrativa da entidade, sua representação oficial e judicial, a direção das reuniões, a designação de comissões, assinatura de atas e outros documentos, visto de cheques, a autorização de despesas e demais atos necessários ao fiel cumprimento dos Estatutos.

Art. 9º – Compete ao Vice-presidente substituir e suceder ao Presidente em todas as atribuições do cargo.

Art. 10 – Compete ao 1º Secretário os trabalhos de expediente, registro, correspondência, publicidade e arquivo.

Art. 11 – Compete ao 2º Secretário, substituir e suceder ao 1º Secretário, bem como auxiliá-lo nas atividades de Secretaria.

Art. 12 – Compete ao Tesoureiro: a guarda dos valores da entidade, a escrituração de receita e despesa em balancetes mensais e anuais, o depósito em banco de quantia superior a Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros), o recebimento de receita e o pagamento de despesas, a promoção de campanhas financeiras em benefício da Associação.

Art. 13 – Compete ao Orador, as saudações aos visitantes, a realização de palestras sobre assuntos cívicos e de interesse de trabalho rural, bem

como a representação da Associação em solenidades para que foi designado pelo Presidente.

CAPÍTULO IV

Art. 14 – O Conselho Fiscal se compõe de três (3) membros eleitos igualmente com a Diretoria.

Art. 15 – Compete ao Conselho Fiscal, dar parecer sobre os: balancetes e demais documentos da tesouraria, fiscalizar a escrituração e o movimento patrimonial e dar parecer sobre a admissão dos sócios propostos.

CAPÍTULO V

Art. 16 – A Assembleia Geral é o poder soberano da Associação e se reunirá ordinariamente, uma vez por mês ou quando convocada pela Diretoria e extraordinariamente para eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal, e sempre que convocada por um mínimo de um terço dos associados, mediante publicação na imprensa do Estado com antecedência entre sete e cinco dias.

Art. 17 – À Assembleia Geral Ordinária compete decidir sobre todos os assuntos importantes da atividade social que forem apresentados a sua deliberação à aprovação dos balancetes e demais atos da gestão patrimonial e administrativa da Diretoria, bem como a escolha de sócios beneméritos e honorários.

Art. 18 – As deliberações da Assembleia Geral Ordinária serão efetuadas com o mínimo da metade dos associados em primeira convocação, e com qualquer número em segunda convocação.

CAPÍTULO VI

Art. 19 – Compete à Assembleia Geral Extraordinária a eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal. A reforma dos Estatutos, autorização de atos que envolvam alienação ou responsabilidade do patrimônio social e a extinção da Associação.

Art. 20 – As decisões da Assembleia Geral Extraordinária serão tomadas por maioria de dois terços dos votantes com exceção da eleição da Diretoria e

do Conselho Fiscal que será procedida por maioria simples.

CAPÍTULO VII

Art. 21 – A Associação manterá serviço de assistência social, médica, odontológica, jurídica e educativa, conforme suas possibilidades.

Art. 22 – A Associação deverá colaborar com as entidades congêneres, no interesse da melhoria das condições de trabalhos rurais.

Art. 23 – Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e Assembleia Geral.

Severino Alves Barbosa

Presidente: João Pedro

Vice-presidente: Manuel Barbosa da Silva.

Primeiro-Secretário: Pedro Ignácio de Araújo

Segundo-Secretário: Severino José da Silva

Tesoureiro: Walter Acioly

Orador:

FONTE: CARNEIRO, Mario Afonso. Relatório sobre a área de Sapé. Centro Latino Americano de Pesquisas Sociais: s/l, 1963 (Mimeo.).

ANEXO III – RELAÇÃO DOS PERSEGUIDOS POLÍTICOS NA PARAÍBA COM LIGAÇÃO COM AS LIGAS CAMPONESAS

Relação baseada no trabalho de Waldir Porfírio, responsável no Gabinete do deputado estadual Zenóbio Toscano pelo atendimento aos perseguidos políticos pela ditadura militar 1964 a 1985, cujos requerimentos de reparação econômica foram encaminhados à Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.

- **Antônio Fernandes de Andrade.** Presidente do Sindicato dos Têxteis de Rio Tinto, Eleito prefeito de Rio Tinto em 1963. Após o golpe de 64, teve o seu mandato cassado pela Câmara Municipal em virtude de sua defesa dos trabalhadores contra a fábrica daquela cidade, de seu envolvimento com a Liga Camponesa de Mamanguape e da sua reação ao golpe militar.
- **Antônio Francisco Carvalho.** Participou da Liga Camponesa de Guarabira, sendo presidente da entidade por dois anos.
- **Antônio José Dantas.** Presidente da Liga de Santa Rita.
- **Antônio Pereira da Silva.** Ex-líder da Liga Camponesa de Guarabira. Foi cassado em 09/10/1964 e anistiado em 1979.
- **Antônio Teixeira de Carvalho.** Ex-prefeito de Santa Rita, dava apoio ao movimento das ligas camponesas sendo preso, após o golpe militar, e demitido do emprego.
- **Bento da Gama.** Foi advogado das Ligas Camponesas, preso em 1964 e demitido da SUPRA (atual INCRA).
- **Elias Quirino Pereira.** Líder da Liga Camponesa de Alhandra. Era farmacêutico na cidade e foi preso após 1964.

- **Elizabeth Altino Teixeira.** Líder da Liga Camponesa de Sapé. Em 1964, teve que fugir para não ser morta pelos militares. Deixou os filhos e sua propriedade rural, ficando foragida durante 17 anos.
- **Evandro Nóbrega de Oliveira.** Participava da Liga Camponesa de Guarabira. Foragiu-se na casa do ex-deputado federal Osmar de Aquino, em Recife, após o golpe militar. Presenciou a prisão de Assis Lemos na referida residência.
- **Francisco de Assis Lemos de Souza.** Professor do Departamento de Economia da UFPB, Presidente da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba. Foi eleito deputado estadual em 1962. Com o golpe militar, foi preso, torturado, demitido da UFPB e teve o seu mandato cassado pela Assembleia Legislativa.
- **Geraldo Camilo.** Médico com atuação no município de Mulungu. Fundou a Liga Camponesa do município. Seguiu orientação política do deputado federal Osmar de Aquino. Foi eleito prefeito de Mulungu. Com o golpe militar, a Câmara Municipal de Mulungu sob a influência de políticos locais e do Major Lima do 1º Grupamento de Engenharia cassou o seu mandato de prefeito.
- **Hermilo de Carvalho Ximenes.** Em 1964, era juiz da Comarca de Rio Tinto, tendo defendido o direito dos trabalhadores contra a fábrica de tecido da cidade. Em virtude dessa atuação foi preso em 1964 e colocado em disponibilidade entre 1964 e 1980.
- **Ivan Figueiredo.** Líder da Liga Camponesa de Sapé e primeiro presidente do Sindicato Rural daquela cidade. Foi candidato a Prefeito com o apoio da Liga.
- **Jaime Simplício da Costa.** Participava da Liga Camponesa de Sapé, tendo ocupado o cargo de 2º Secretário. Trabalhava no SAMDU. Era membro do Partido Comunista. Foi preso após o golpe militar e demitido do SAMDU.
- **João Germano da Silva.** Vereador da município de Rio Tinto e apoiador das Ligas Camponesas. Em virtude dessa atuação teve o mandato cassado.
- **João Alves Cabral.** Residente em Caaporã e tesoureiro da Liga Camponesa de Alhandra. Após o golpe de 1964, foi encontrado morto em 14 de abril de 1964 em Goiânia – PE.

- **José Francisco da Silva.** Motorista de várias lideranças das Ligas Camponesas, dentre eles, Francisco Julião, Elizabeth Teixeira, etc.
- **José Gomes da Silva.** Advogado que militou no movimento estudantil na década de 50, tendo sido antes preso pelo Exército, acusado de participar da farsa do incêndio do 15º RI. Era advogado das Ligas Camponesas e de vários sindicatos urbanos de João Pessoa. Pertencia ao PCB, por isso ficou conhecido como “Zé Moscou”. Era suplente de Vereador na Capital e foi cassado por ato da Mesa Diretora.
- **José Hermínio Dionísio.** Fazia parte do movimento das Ligas Camponesas, com atuação em Sapé e Alhandra. Foi 2º Secretário da Federação das Ligas Camponesas
- **José Maria de Barros.** Era do SAMDU e fazia parte da Liga Camponesa de Sapé.
- **Luiz João da Costa.** Membro da Liga Camponesa de Sapé. Em 1964, foi preso e torturado. Depois de solto foi expulso da Fazenda de Joca Meireles onde trabalhava.
- **Malaquias Batista Filho.** Na época das Ligas Camponesas fazia atendimento médico aos trabalhadores rurais e prestava-lhe apoio político. Quando houve o golpe militar, foi demitido do cargo de médico do SAMDU.
- **Manoel Alves Luís Filho.** Participava do movimento camponês de Guarabira, auxiliando o seu pai, quando foi preso e torturado. Após sair da prisão, foi despejado das terras onde trabalhava.
- **Manoel Porfírio da Fonsêca.** Era funcionário do SAMDU de Santa Rita e um dos líderes da Liga Camponesa de Sapé. Perdeu o emprego em 1964.
- **Maria do Carmo Aquino.** Participava da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba e era membro do Partido Comunista.
- **Otávio Domingos de Oliveira.** Membro da Liga Camponesa de Sapé, foi preso e torturado, saindo da prisão para o manicômio em João Pessoa

- **Pedro Dantas das Chagas.** Líder da Liga Camponesa de Mamanguape, preso pela Polícia Militar, em 1964, recambiado para o Grupamento de Engenharia, em João Pessoa, e depois para a Ilha de Fernando de Noronha. Era motorista do SAMDU, em Mamanguape, tendo perdido o emprego.
- **Pedro Fernandes da Cunha.** Participava da Liga Camponesa de Guarabira. Foi preso em sua cidade, levado para Sapé, onde foi torturado, e depois recambiado para o 15º RI, em João Pessoa.
- **Severino Alves Barbosa.** Participou da Liga Camponesa de Sapé, tendo sido seu primeiro presidente.
- **Severino Batista do Nascimento.** Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Rita. Recebeu pressões da Delegacia do Trabalho na Paraíba para renunciar ao mandato com argumento que pertencia às Ligas Camponesas. Caso não renunciasse iria ser preso e torturado.
- **Severino Matias de Lima.** Quando houve o golpe militar era funcionário do SAMDU, sendo preso, respondeu a três IPM's, e foi forçado a renunciar à suplência de Vereador de Sapé, cujo titular era Nêgo Fuba.

ANEXO IV – DEPOIMENTO DE ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA

Tendo chegado às minhas mãos uma versão preliminar dos anais do encontro “Memória Camponesa: as Ligas Camponesas na Paraíba”, em 2009, do qual não tive a honra de participar, deparei-me com um depoimento em que meu nome é citado numa narrativa distorcida da realidade dos fatos ocorridos. Aliás, não é a primeira vez que o mesmo depoente refere-se dessa forma à minha pessoa, em eventos promovidos pela Universidade Federal da Paraíba. Em 1980/81, no Seminário “A Questão Agrária no Nordeste”, de iniciativa do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, o impetuoso depoente coloca como minha a afirmação, em reunião realizada no Sindicato dos Trabalhadores da Fiação e Tecelagem, em Santa Rita, de que “os trabalhadores não tinham experiência suficiente para dirigir um sindicato de tamanha envergadura”. Também naquela ocasião, somente tomei conhecimento quando os anais do evento foram publicados na revista Cadernos de Estudos Regionais, do NDIHR (Ano IV, Nº 4 – junho de 1981 – Série Especial – João Pessoa PB).

Dado o caráter científico desses eventos e sua publicação como meio de resgate da verdadeira história, solicitei ao professor Ivan Targino um espaço para a minha versão daquele fato, segundo o que ainda guardo na memória.

Comecei a militância no PCB quando ainda estudante de engenharia em Recife, no ano de 1956. Porém, a articulação com o Partido em João Pessoa somente aconteceria no início de 1962, quando passei a compor a equipe técnica do Conselho Estadual do Desenvolvimento, a coincidir, portanto, com a época do assassinato do líder camponês e também militante do PCB, João Pedro Teixeira. Minha atuação no Partido dava-se predominantemente no campo, junto às Ligas Camponesas, onde cumpria tarefas coletivas na organização dos eventos.

Contribuía para isso o fato de possuir um veículo utilitário Kombi. Lembro-me da placa, 1254 PB. A Kombi viajava sempre lotada de camaradas e aliados. Quando era previsto um grande evento camponês (concentração urbana, marcha no campo, fundação de sindicato rural, etc.), o veículo era cedido durante dois ou três dias na semana precedente a um companheiro habilitado a guiá-lo, para o trabalho de articulação e mobilização. Geralmente era o companheiro Manoel Alves Pereira que o conduzia, porque conhecia todos os caminhos, sítios e onde moravam os companheiros e lideranças do campo.

Como se recorda, a brutal eliminação dos líderes da Liga Camponesa de Sapé, Alfredo Pereira do Nascimento e João Pedro Teixeira, em menos de vinte dias, ao contrário do que premeditaram os latifundiários, trouxe mais energia e vigor ao movimento camponês na Paraíba, tornando-o foco da grande repercussão nacional e internacional que alcançara o Nordeste naquele momento. O ano de 1963 ficou marcado por esse fortalecimento das ligas camponesas paraibanas, resultando, de um lado, em melhores condições de vida do trabalhador rural e conquistas dos lavradores, a exemplo da extinção do cambão, assistência médica e jurídica, etc., e avanços organizacionais na luta pela Reforma Agrária Radical; mas de outro, no aguçamento do conflito face à crescente reação dos latifundiários, agora mais organizados sob a orientação do Grupo da Várzea e com o apoio velado da Guarnição Federal das Forças Armadas no estado.

Da mesma forma, no cenário nacional, o movimento camponês e a sindicalização rural, sob a liderança incontestada da ULTAB – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, orientada pelo Partido, também acumulavam conquistas locais e avanços básicos nacionais para grandes transformações da estrutura agrária do país. Estruturava-se também a união entre os trabalhadores urbanos, estudantes e intelectuais aos camponeses, que era uma das condições que o PCB defendia para construção da revolução socialista no Brasil. Na Paraíba, essa união de forças se dava em torno da Frente de Mobilização Popular, que tinha como coordenador Adalberto Barreto, presidente da API, e reunia a CGT/PB, comandada por Luiz Hugo Guimarães, a Frente Parlamentar Nacionalista,

representada pelo Deputado Figueiredo Agra, a União Estadual do Estudante, presidida por José Rodrigues Lopes (Sabino), a Federação dos Trabalhadores da Indústria, dirigida por João Ribeiro e o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentos, presidido por Rivaldo Cipriano, (“Vavá”). Estes quatro últimos dirigentes eram militantes do Partido, com os quais eu convivía nas reuniões do PCB.

Tais avanços no nível nacional levaram o governo Goulart a instituir naquele ano o Estatuto do Trabalhador Rural que estenderia ao trabalhador do campo os direitos trabalhistas e a sindicalização, assim como a obrigatoriedade do salário mínimo. Essas medidas como era de esperar, acirraram ainda mais as forças reacionárias rurais, sobretudo no Nordeste, mas esse avanço contribuiu também para criar condições favoráveis ao movimento camponês reivindicatório, sobretudo dos trabalhadores das zonas canavieiras da região. Isto porque muitos proprietários de antigos engenhos agora fornecedores de cana e usineiros se negavam a cumpri-las. Além do mais, diminuía o exército de reserva de mão-de-obra alimentado pelo fluxo migratório, inclusive dos retirantes das secas do semiárido, agora dirigido para o Sudeste que se industrializava. Foi nesse contexto favorável que aconteceu em dezembro daquele ano a grande greve dos trabalhadores da cana-de-açúcar em Pernambuco, na Paraíba e em parte de Alagoas.

Naquele estado vizinho, como se sabe, o movimento camponês era muito forte e contava com o apoio do Governo Arraes, porém as lideranças das esquerdas no campo estavam divididas desde o rompimento entre o deputado Francisco Julião e o PCB. Também agiam em faixa própria grupos da esquerda mais radical. Mesmo assim, essas forças atuaram de forma convergente no movimento grevista, o que contribuiu para assegurar seu êxito naquele estado. Já na Paraíba, em que pese o movimento das ligas camponesas ser mais coeso, na mobilização da greve canavieira surgiu um pequeno grupo divergente do comando geral que tinha o amparo institucional do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentos. Não obstante, o movimento fora tão vitorioso quanto em Pernambuco nas conquistas alcançadas.

Tal divisão, entretanto, preocupou muito a direção do Partido porque ocorria justamente em Santa Rita, aonde já tinha havido antecedentes de frustração na luta por conta de problemas na liga local, pela forte ação de cooptação e chantagem da parte das forças reacionárias do Grupo da Várzea ali embasadas. Havia rumores até da presença de agentes da CIA infiltrados no movimento em Santa Rita. Naqueles dias, os fatos aconteciam com tal velocidade que a executiva (direção coletiva do Partido) se reunia três ou mais vezes por semana para o trato de assuntos internos ou com os aliados, entre estes, o Deputado Francisco de Assis Lemos. Estava desfalcada do principal dirigente, o companheiro Isaias (Ari), cujo agravamento do estado de saúde obrigara o Partido, com a ajuda do CE de Pernambuco, a enviá-lo para tratamento em Moscou. O companheiro Ari sempre atuou na clandestinidade desde 1947, enfrentando a repressão dos aparelhos policiais estaduais e o Partido não queria expô-lo internando-o num hospital daqui. Com sua ausência, o companheiro José Anísio Correia Maia assume a direção e meu nome ascende a membro da Executiva, e logo recebi a tarefa de comparecer a uma reunião de massa convocada para acontecer no Sindicato dos Trabalhadores da Fiação e Tecelagem, da Companhia de Tecidos Paraibana (Fábrica Tibiri). O Partido tinha quadros mais experientes para essa missão, mas estava evitando expor os companheiros “queimados” (notoriamente conhecidos como comunistas), a exemplo de Leonardo Moreira Leal (odontólogo e professor da UFPB) que atuara no campo desde meados dos anos de 1950, mas estava muito visado pelos latifundiários e pela vigília dos militares.

Eu tinha um vínculo empregatício (carteira assinada) com a Tibiri, como engenheiro responsável pelas obras de construção civil, sem obrigação do expediente formal. Não era tecelão, mas tinha boa convivência com o sindicato, que em 1962 me credenciara como delegado ao VIII Festival da Juventude e dos Estudantes Pela Paz e a Amizade (mais conhecido como Festival da Juventude Comunista) realizado em Helsinque – Finlândia, ao qual compareci com recursos próprios. Ainda guardo a carteirinha de delegado. Além disso, o Partido estava sempre atento em proporcionar experiência aos novos quadros.

Ao chegar ao Sindicato, os companheiros da base local estavam preocupados e me informaram que havia muitas pessoas desconhecidas por eles e pelas lideranças do campo, trazidas de carro por Antonio Dantas, e que queriam fundar um sindicato rural. Todos nós estranhamos tal atitude porque este, depois de expulso do Partido e da Federação das Ligas, se ligara a Julião. Ao contrário do PCB que tinha como uma de suas ações no campo, o apoio à criação ou transformação das ligas em sindicatos rurais – o deputado pernambucano não simpatizava a criação dos mesmos; achava que iam se transformar em antros de pelegos. O Partido também defendia que, diferentemente das ligas, que podiam admitir sócios urbanos, os sindicatos deveriam associar exclusivamente trabalhadores rurais e da sua área de jurisdição.

A reunião transcorreu sem maiores tumultos. Não lembro das minhas palavras na intervenção que fiz, mas a grande responsabilidade que me fora confiada fez guardar o foco delas: alertar os companheiros para o perigo de uma divisão no movimento, pois era tudo que os latifundiários queriam; que nós conhecíamos o poder, as artimanhas e o esforço que faziam os proprietários de terra para dividir o movimento ou até promover provocações violentas para justificar a intervenção da polícia ou mesmo do exército; que o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação tinha muita experiência, representava o apoio dos operários da cidade aos do campo e que tinha se saído muito bem na condução da greve; que as divergências presentes na reunião mostravam que não era oportuna a criação de um sindicato rural em Santa Rita naquele momento, principalmente levando-se em conta que esta iniciativa devia partir dos legítimos trabalhadores do âmbito da greve.

Essa é a minha versão daqueles acontecimentos.

Antonio Augusto de Almeida

Eng. Civil – Professor Aposentado da UFPB

ANEXO V - INQUÉRITOS CONTRA FRANCISCO DE ASSIS LEMOS

CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA RECIFE

4084/83

INFORME N. 61, 16, ARE, 83

DATA: 10 JAN 83

ASSUNTO: FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA

ORIGEM: -X-X

REFERÊNCIA: -X-X

AValiação: A/1

DIFUSÃO ANTERIOR: -X-X

DIFUSÃO: SS/06

ANEXO: PRONTUÁRIO DO NOMINADO

FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA foi o maior responsável pelas agitações no interior da PARAÍBA, especialmente em SAPÉ e MARI. Participou ativamente do movimento subversivo estudantil / naquele Estado.

Tomou, ainda, parte de inúmeros comícios e concentrações de caráter subversivo e atentatório a segurança do Estado.

Foi denunciado na 7ª CJM como infrator dos artigos 2º, 9º e 11º da Lei 1802/53. O processo foi suspenso através de Habeas-Corpus.

Em 23 Fev 67, foi absolvido pela 7ª CJM.

Toda pessoa que tomar conhecimento deste documento é responsável pela manutenção de seu sigilo. (Art. 12 da RSAS - Dec. N.º 79.039/77)

CONFIDENCIAL

P. n.º =00602-1832

NOME: FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA
 FILIAÇÃO: JOÃO CÂNCIO DE SOUZA; e IZABEL LEMOS DE SOUZA.
 NATURAL DE: PARAÍBA.
 PROFISSÃO: Agrônomo - Professor Universitário.

DATA	FONTE	HISTÓRICO
3/1/1966	SNI-ARE	<p>-O maior responsável pelas agitações no interior da Paraíba, especialmente em SAIPE e MARI - Inicialmente estava entrosado no movimento camponês ao lado de JULIANO; posteriormente, dele discordou, passando a agir em faixa própria mas com o mesmo sentido agitacionista e subversivo. -x-x-x-</p> <p>-Desfrutava de real prestígio com JOÃO GOULART, tendo entrada franca em Palácio e acesso rápido para entendimento com JANGO, de quem obtinha todas as nomeações que desejasse. -x-</p> <p>-Intimamente ligado ao almirante Cândido Aragão, de quem recebeu uma pistola Colt. 45 para sua defesa pessoal; dita arma, no dia 1/4/64, foi atirada às águas do Capibaribe, em Recife, conforme confissão em IPM. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-</p> <p>-Muito ligado ao ex-Reitor da Universidade da Paraíba, MARIO MOACIR PORTO, sendo por este feito professor da Faculdade de Ciências Econômicas. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-</p> <p>-Participou ativamente do movimento subversivo estudantil na Paraíba; distribuía panfletos e livros de sentido marxista entre os alunos da Faculdade. -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-</p> <p>-Indiciado em diversos IPM em Pernambuco e Paraíba. -x-x-x-</p>
12/4/66	IPM	<p>-Ex-deputado estadual (mandato cassado por unanimidade por falta de decoro parlamentar, em abril de 1964). Presidente da Federação das Ligas Camponesas do Estado. Agitador emérito. Tomou parte de inumeras combates e concentrações de caráter subversivo e atentório à Segurança do Estado. Comandou invasão de terras e depredações. Portava pistola 45, de uso privativo das Forças Armadas que lhe foi cedido pelo Almirante CÂNDIDO ARAGÃO. Responsável pelo clima de agitação do Estado por parte dos camponeses, que em bandos armados importunavam os viajantes pelas estradas, obrigando-os a dar vivas as Ligas Camponesas, a Fidel Castro, a Cuba etc. No dia 30 de março de 1964, discursando na Assembleia Legislativa hipotecou solidariedade aos Marinheiros e Fuzileiros amotinados e reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos, na Guanabara, pedindo para constar dos Anais da Assembleia o discurso subversivo do Cabo ANSELMO o qual foi lido na oportunidade. -Amigo particular de João Goulart de quem recebeu um Jeep de presente para facilitar suas atividades. -</p> <p>-Apontado como autor intelectual de morte do proprietário Rubens Regis, na região Cajá, no lugar denominado Jucurí. Como professor da Escola de Agronomia de Areia não deu no ano de 1963 nenhuma aula, muito embora recebesse mensalmente os seus vencimentos. (Arts. 2º, II e IV, 4º, II, 5º, 6º, 7º, 9º, 11º letra A e B, 12º, 13º, 14º e 15º, da Lei nº 1.802 de 5 de janeiro de 1953). (INF. IPM-Grupo dos 11). -x-x-x-x-x-x-x-x-x-</p>
06/07/66	SNI-ARE	<p>- Residente à rua 24 de maio, 170 - João Pessoa - Pe. *** (P/B Nº 1385/SNI-ARE) -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-</p>

(Continua na fl. nº 29)

P. n.º 00602
(Fôlha nº 2)

408483

3

NOME - FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA
 FILIAÇÃO - João Câncio de Souza e Izabel Lemos de Souza
 NATURAL DE - Paraíba
 PROFISSÃO - Agrônomo - Professor Universitário

JOÃO PESSOA/PB. -COMUNISTA-

DATA	FONTE	HISTÓRICO
24/09/66 9.11.66	D.O. 4/07/66 SNI	Suspensão dos direitos políticos por 10 anos. xxxxxxxx Brasileiro, paraibano, casado com 30 anos, engenheiro agrônomo, residente à rua 24 de maio 170-João Pessoa-PB. Foi denunciado pelo Promotor da Auditoria da 7ª RM no IPM/ Rural-IV Ex. de que foi encarregado o Ten. Cel. Elizário Paiva, como infrator do art. 2º incisos III e IV, art. 9º, art. 11 da letra a da Lei 1802/53. (Ref. Inf. 62/ SNI/ARE SSI-46/19.01.66). -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-
11.01.67	IPM	Em cumprimento ao despacho do Exmo Sr Dr Auditor da 7ª RM, exarado nos autos dos processos crime contra MIGUEL ARRAES DE ALENCAR e outros, da denuncia apresentada pelo Promotor Militar em Exercício, Dr Francisco de Paula Accioly, foi oferecida a seguinte denuncia contra / sua pessoa: " Este denunciado foi no seu Estado o responsável pelas agitações no interior, inclusive pelos graves acontecimentos de Sapé e Mari. Inicialmente ligado ao denunciado FRANCISCO JULIANO, depois dele divergiu e passou a atuar em faixa própria, no entanto com o mesmo sentido agitacionista, subversivo. Tinha entrada franca e acesso rápido para entendimentos com o Sr João Goulart, desfrutando de real prestígio, o mesmo acontecendo em relação ao ex-almirante Candido Aragão de quem recebeu uma pistola Colt. 45 para seu uso particular e defesa pessoal, como disse, tendo-a atirado as águas do Rio Capibaribe, em Abril do ano passado como ele próprio informou ao prestar declarações. Poderia incluí-lo também nesta denuncia como receptor, / mas, a mingua de provas mais concretas, não o enquadrar no delito previsto no artigo 208 do Código Penal Militar. Sua influencia pessoal perante o governo de João Goulart era incontestada, porquanto fazia as / nomeações que entendia e para as funções que, consoante suas conveniências, indicava. (Ref. IPM instaurado contra MIGUEL ARRAES e outros). -x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-
08.08.67	D.O. da União de 04.7.66	De acordo com o art. 15 do Ato Institucional nº 2, de 27 out 65, teve seus direitos políticos suspensos por 10 anos. (Ref. D.O. da União de 08.07.66). *****
30.01.68	D.O. União	-Foi atingido pelo Art. 7º do Ato Institucional com demissão do cargo de Professor Catedrático da Universidade da Paraíba, do Ministério da Educação e Cultura. (Ref. Diário Oficial da União de 28.09.1964)x-x-x-x-x-
08.02.68	SSP/PB.	-Paraibano. Residente à rua 24 de Maio, 170, profissão: Engenheiro Agrônomo, professor da Escola de Arcaia. Ex-Deputado Estadual. Líder do movimento camponês da Paraíba. Comunista atuante, tomou parte em diversos comícios nesta capital e no interior, inclusive com a presença de Luiz Carlos Prestes. Elemento de grande influência no governo de João Goulart. Suspeito de implicações nos seguintes acontecimentos: a) Morte do Proprietário Rubens Regis; b) Incêndio do Engenho Lagoa Preta; c) acontecimento de Mari que resultou na morte do Dr. Fernando Gouveia e mais dez pessoas; d) outros acontecimentos e mo

Continúa às fls. 03.

4084/83
Fls. 03. 4

P. n.º -00602-

NOME - FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA
 FILIAÇÃO - JOÃO GÂNCIO DE SOUZA e IZABEL LEMOS DE SOUZA
 NATURAL DE - PARAIBA
 PROFISSÃO - AGRÔNOMO - Professor Universitario
 RECIFE/PE. JOÃO PESSOA/PB.

-AGITADOR-
 -SUBVERSIVO-
 -COMUNISTA-

DATA	FONTE	HISTÓRICO
08.02.68	SSP/PB.	-vimentos em que a violência esteve presente, chefiava / camponeses na prática do "enchocalhamento". (Ref. Ofício nº 4 de 2.01.68 da SSP da Paraíba)xxxxxxxxxxxx
11.7.68.	7ª RM	-Processo nº 83/64-Sentença.- -O Representante do Ministério Público, ofereceu denúncia, como infrator do artigo 2º, inciso III, da Lei nº 1.802, de 05 de janeiro de 1953, contra Francisco de Assis Lemos de Souza, brasileiro, casado, engenheiro agrônomo, com 35 anos/ de idade, filho de João Gancio de Souza e dona Izabel Lemos de Souza, residente à Avenida 24 de Maio, 170-J, Pessoa-Paraíba, pelos motivos e fundamentos expostos na denúncia. Quanto ao acusado Francisco Assis Lemos de Souza, não se comprova contra o mesmo os elementos constitutivos do crime, que lhe são imputados na denúncia ou outro qualquer, proventura praticado pelo mesmo. Considerando, finalmente, o acima exposto, a prova dos autos e mais que deles constem, resolveu o Conselho Permanente de Justiça do Exército, por unanimidade de votos, julgar: Improcedente a denúncia oferecida contra Francisco Assis Lemos de Souza, já individuado inicialmente, para fim de absolver o acusado das imputações que lhe foram feitas. (Ref. Sentença remetida pela Auditoria de Guerra da 7ª RM em 26.6.68)(A Sentença completa está com o Pront. 00584)
09. Set. 68	Aud. 7ª RM	- O STM concedeu "habeas-Corpus", por inépcia da denúncia, ao elemento acima, denunciado no Processo Rural, cujo Encarregado do Inquérito foi o TenCel Elisiário Paiva e que tomou na Auditoria de Guerra da 7ª RM, o nº 33/65. (O Habeas-Corpus completo está junto ao Pront. nº 01207). (Ref. Informação nº 609-BE/2, de 16.8.68).
16-04-70	SNI	Comunista notório, e Ex-Deputado Estadual cassado, esteve nas vésperas das eleições em João Pessoa, e em pleno coração da cidade (Ponto Cem Réis), promoveu um ajuntamento, onde concitou seus adeptos a votar no Senador João Agripino Filho, para o cargo de Governador com o mesmo objetivo, procedeu no interior do Estado, onde permaneceu por tempo ignorado. (Ref. Informação Nº 167/GAB/SNI/SAJP, de 8-10-65. Prot. 2216, de 11-10-65). x.x
17.07.73	xxxx/sni SNI/NAJP	Anexo: Pront. nº 0144 e 3 fls. com atividades do nominado, procedentes do SNI/NAJP, que foi desativado. x.x
23.06.76	Aud. 7ª CJM	O nominado foi denunciado em Processo nº 06/66, oriundo do IFM/UNE/UBES, pela Auditoria da 7ª CJM, cujo processo foi remetido à Auditoria de Correição - RIO/CB, com o ofício nº 1431, de 31.12.68, da 7ª CJM. (REF. Dados colhidos na Auditoria da 7ª CJM, em 1971). x.x

(Fls. "4")

P. n.º = 00.602 =
(fls "4")

4084/83

5

NOME - FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA

FILIAÇÃO - João Câncio de Souza e Izabel Lemos de Souza

NATURAL DE - Paraíba

PROFISSÃO - Engenheiro Agrônomo - Professor

DATA	FONTE	HISTÓRICO
08.11.76	7ª CJM	Os Processos nºs. 33/65 e 70/64, nos quais o nominado foi indiciado, foram remetidos à Auditoria de Correição/GB, com os ofícios nºs 918 e 1409, de 14 Ago 68 e 24 Dez 68, respectivamente, da Auditoria da 7ª RM. (Ref.: Dados colhidos na 7ª CJM, em março de 1971).*.***.
30.11.76	7ª CJM	O Processo nº 88/64, no qual foi indiciado o nominado, foi remetido ao Supremo Tribunal Militar, com o ofício nº 1518, de 20.11.70, da Auditoria da 7ª RM/DE. (Ref.: Dados colhidos na 7ª CJM, em março de 1971).x.
13.10.78	IV Ex	Em atenção ao PB 227/116/ARE/78, de 29 Mar, foi informado a esta AR sobre os antecedentes do nominado e a reativação do movimento esquerdista na PARAÍBA. Ref.: Infão nº 94-I/IV Ex/78, de 09 Out - PRG 5608/78. Difusão: ARE/SNI.
17.10.78	ARE/SNI	Solicitado ao IV Ex os antecedentes e dados de qualificação do nominado. Ref.: PB nº 893/116/ARE/78, de 16 Out. Difusão: IV Ex
19.10.78	ARE/SNI	Tornado sem efeito o lançamento anterior, correspondente ao PB nº 893/116/ARE/78, em virtude de haver sido sustada a difusão daquele expediente.
25.10.78	ARE/SNI	Em atenção ao PB nº 042/16/AC/78, de 20 Mar, foi informado que existem neste OI registros negativos sobre o epigrafado, citado no subitem 1.4 da cópia do RELATÓRIO, SOBRE REATIVAÇÃO DO MOVIMENTO ESQUERDISTA NA PARAÍBA, anexo ao PB referenciado. Ref.: INFÃO 935/116/ARE/78, de 20 Out Difusão: AC/SNI

06.02.80	ARE/SNI	Fil.: JOAO CÂNCIO DE SOUZA IZABEL LEMOS DE SOUZA DLN : PB Grupo esquerdista integrado pelo epigrafado e outros, está em demarches junto ao ex-Dep Fed FRANCISCO TEOTÔNIO NETO para adquirir controle acionário do Jornal e Rádio "CORREIO DA PARAÍBA". O motivo da possível negociação é decorrente da crise financeira por que passam as empresas acima mencionadas. É possível haver um bloqueio na negociação da citada emis-

FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA

4024/83 Fl. 15^ª
Prontuário N.º 00.602 6

...

sora por parte do Ministério das Comunicações, quando da passagem do controle acionario, do qual já faz parte, com 10%, JOAO MANOEL DE CARVALHO COSTA, conhecido comunista paraibano.

Ref.: TIX nº 2300/119/ARE/79, de 20 Nov
ACE nº 0762/80

Dif.: AC/SNI.

29.01.81

O nominado foi denunciado na 7ª CJM (Proc. 70/64, como infrator do art 2º da Lei 1802/53. Foi excluído da denuncia através de Habeas Corpus.

Foi denunciado na 7ª CJM (Proc. 33/65), como infrator dos arts 2º, 9º e 11º da Lei 1802/53. O Processo foi trancado através de Habeas Corpus.

Em 23.02.67, o nominado foi absolvido pela 7ª CJM (Processo 88/64).

REF: Dados colhidos na 7ª CJM.

2 não incluídos

Os anexos foram destruídos

P. n.º 0144 4007/83

NOME - FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA
 FILIAÇÃO - JOÃO CÂNCIO DE SOUZA e IZABEL LEMOS DE SOUZA
 NATURAL DE -
 PROFISSÃO - PROFESSOR (Deputado Estadual) (Eng. Agrônomo)

DATA	FONTE	HISTÓRICO
1965	Inf.15-GAB	AÇÃO: Foi demitido do cargo de Professôr da UP, assim como perdeu seu mandato de Deputado Estadual por força da Revolução.
"	Inf.49-GAB	Compareceu a uma reunião na SUPRA, antes de 31 Março 64, cujo tema principal era a pregação revolucionária de caráter comunista e maneira de agir na hora propícia. Foi gravada esta reunião, tendo dita fita sido apreendida pelo Comando do 15º RI.
"	Inf.50-GAB	- Tomou parte numa reunião no Município de Rio Tinto, durante as comemorações de 1º Mai 62, juntamente com os Srs SILVIO PORTO e JOSÉ JOFFILLI, partindo dessa reunião uma moção ao Presidente da República, protestos contra o Exército em Sapé e uma outra ao S T Eleitoral, pedindo o registro do P C B.
"	Inf.167-GAB	- Esteve nas vésperas das eleições nesta Capital, e, em pleno "Ponto de Cera Reis", promoveu um ajuntamento onde concitou seus adeptos a votar no Senador JOÃO AGRIPINO, para o cargo de Governador da Paraíba. Com o mesmo objetivo, permaneceu por tempo ignorado no interior do Estado.
11 04-64	Diário da Ass. Legislativa-Pb	- Têve seu mandato de Deputado cassado pela Assembléia Legislativa da Paraíba, de acôrdo com a Resolução nº 272 de 10 de abril de 1964. - Pertencia à Legenda do Partido Socialista Brasileiro.
31 Mar 71	INF DO I/- 15º R I	Em 31 Jul 62, às 20.30 horas, tomou parte numa conferência realizada na Faculdade de Direito desta Capital, proferida pelo Jornalista RUY FACÓ, tendo como tema "REFORMA AGRÁRIA e LIGA CAMPONESAS"; havendo essa reunião descambiada para uma pregação revolucionária comunista, conclamando o povo à revolução pelas armas, fugindo totalmente do tema a que o conferencista se propôs a falar. Achavam-se presentes os seguintes comunistas: JOSÉ JOFFELY, RONALDO DE QUEIROZ, NIZI MARINHEIRO, JOÃO SANTA CRUZ DE OLIVEIRA, ADALBERTO BARRETO, HAMILTON GOMES, MALAQUIAS BATISTA, JOSÉ GOMES DA SILVA, JÓRIO DE LIRA MACHADO, JOÃO MANOEL DE CARVALHO, LUIZ GONZAGA RODRIGUES, FERNANDO BARTOLOMEU DE MACEDO, HÉLIO ZENAIDE, SERVERINO RAMOS, SEVERINO DE OLIVEIRA e LUIZ BERNARDO DA SILVA e outros.

- 1 -

4084/83

FRANCISCO DE ASSIS LEMOS DE SOUZA

1. Acorbertado pelo Movimento Nacionalista e juntamente com outros comunistas como JOAQUIM FERREIRA FILHO, JOSÉ ISIDRO, LEONARDO LEAL, JOÃO ALFREDO e EU RÍPEDES CRUZ, homenageou em Sapé (Sede das Ligas Camponesas) o Pres João Pessoa e a Revolução de Cuba. (Agosto de 1964)
2. Novembro de 1964: - Juntamente com outros elementos, encaminhou nota à Imprensa, sobre solidariedade ao povo cubano.
3. Em 25 Fev 61 - Juntamente com outros elementos subversivos, visitou o Dep Francisco Julião, que se achava hospedado no Paraíba Palace Hotel. No dia 26 Fev 61, fez parte da comitiva de Dep Francisco Julião em visita à cidade de Alhandra. Naquela cidade foram hasteado cartazes com os seguintes distíctivos: VIVA FIDEL CASTRO; O AGRICULTOR DE ALHANDRA PRECISA PLANTAR; OS CAMPONESES DE ALHANDRA SAÚDAM OS CARAVANEIROS. Naquela cidade, falou ao povo e fez constantes referências ao prefeito local, Sr Manoel Torres, tido como comunista simpatizante na época.
4. Em 24 Set 61 - Foi realizada na cidade de Sapé, uma concentração das Ligas Camponesas, para debaterem assuntos relacionados com a Reforma Agrária. Na oportunidade foi um dos elementos que mais se destacou. Foi o 1º orador da concentração. Disse ter viajado a Brasília, juntamente com Francisco Julião e que haviam conferenciado com o Pres da República e que este determinou que apressassem o movimento da Reforma Agrária nos moldes que eles pretendiam, pois somente a Reforma Agrária não satisfazia, era preciso que fosse aprovada de maneira que o camponês não fosse logrado pelos latifundiários.
5. Em Out 61 - Foi empossado como Presidente das Ligas Camponesas. Na oportunidade falou dizendo que "camponeses e universitários de braços dados, muito poderiam fazer", e, entre palavras de constantes elogios a Cuba e a revolução, disse: "O Presidente JOÃO GOULART garantiu a mim e ao Dep Julião que no seu governo garantia o livre funcionamento das Ligas, daria toda a ajuda e prometia que o Exército não perseguiria os camponeses". Acrescentou: "no Recife acaba de desembarcar uma porção de jeeps para os camponeses", continuou falando: "...é lamentável que somente no Estado da Paraíba o Exército usasse violência e até prisão de camponeses, somente na Paraíba, mas todos sabemos porque". Depois, convidou os camponeses para, em passeata, levarem os estudantes ao "Quartel General dos Universitários". Houve a passeata, a frente da mesma ia o Sr FERNANDO MACEDO gritando "viva Cuba, viva a revolução, viva Brizola".
6. Em Dez 61:- Declarou que denunciou ao Presidente da Associação Rural de Brasil que o Exército fazia as vezes de policiais arbitrários e de desordeiros capangas perseguindo camponeses, e que se prestava a homenagear um latifundiário como Renato Ribeiro e que o Presidente da República já tinha conhecimento disso. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
7. Em Jan 62:- Manteve vários contatos com DAVID CAPISTRANO (de Pernambuco), quando este esteve nesta capital entre 22 e 26 Jan 62.
8. Foi localizado em Palácio do Governo em companhia de Ophélia Amorim e vários camponeses, procurando entendimento com o Sr Sílvio Porto, Sec do Int e ~~Just~~ Segurança. Depois esteve na sede da União Estadual dos Estudantes da Paraíba. No meio universitário procurou apoio e declarou que iria dar ordem aos camponeses para atacar todos os que reagissem as ações das Ligas Camponesas. Os estudantes encabeçados por elementos democratas, negaram-lhe apoio. No dia 14 Mar 62, houve a chacina de Miriri, concretizando as ameaças feitas por ele, como autor intelectual do ocorrido. No dia 18 do mesmo mês, houve uma reunião, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, das Ligas Camponesas. Houve e comício e o primeiro a falar foi ASSIS LEMOS, como Presidente da Federação das Ligas Camponesas. Na ocasião relembrou o ocorrido na Fazenda Miriri, onde disse existir idéia de se acabar com todos os camponeses que são moradores daquela Fazenda, ~~mas~~ que os proprietários estavam muito enganados, pois os camponeses continuariam reagindo, mesmo que tivessem de enfrentar as balas das metralhadoras dos latifundiários; que nunca deixaram de ter organizados grupos armados de capangas para acabar com as vidas dos moradores camponeses. Determinou que

- 2 -

4004/83 9

- todos os camponeses daquele município se deslocassem para esta Capital, no dia 28 Mar, a fim de se reunirem a outras organizações sindicais, para, em passeata, se dirigirem AO GOVERNADOR E COMANDANTE DA GUARNIÇÃO DO EXERCITO, exigirem ~~xxxx~~ o apoio daquelas autoridades, a fim de plantarem e colherem suas lavouras. Esperou contar / com 40.000 homens.
9. Em Mar 62 - Tornou-se líder Camponês e advertiu as autoridades que / não se responsabilizava pelo que viesse a acontecer, caso não fossem aceitas as reivindicações dos camponeses
 10. Em Maio de 1962:- Fêz parte da comitiva que acompanhou o Dep JOFFILY em visitas e comícios a várias cidades vizinhas. Em Sapé recebeu, / com outros, o Ministro da Agricultura. Falou nessa ocasião, e como / sempre, defendeu os humildes e não esqueceu os ataques ao Exército e autoridades de Sapé (Juiz, Delegado, etc).
 11. Em abril de 1962:- Foi nomeado pelo Reitor da U F Pb, Prof da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba.
 12. Em 29 Abr 62:- Teve início a concentração dos Sindicatos Pernambuco e Paraíba, da qual ASSIS LEMOS compareceu como Presidente da Federação das Ligas Camponesas.
 13. Em Mai 62:- Fez pressão para que êle próprio nomeasse os médicos e outros funcionários, isto é, indicasse médicos e funcionários para / os postos do SAMDU, na Paraíba. Nesse sentido enviou um memorial ao Presidente da República, exigindo fossem nomeados aqueles que por êle f ôsse, indicados.
 14. Em 23 Jul 62:- Quase tôdas as últimas noites vem acompanhando, junto com outros elementos suspeitos, as reuniões do Sindicato das Indústrias de Alimentação de João Pessoa.
 15. Em 31 Jul 62:- O jornalista RUY FACÓ conferenciou na Faculdade de D Direito, as 20,30 hs, e o tema da conferencia foi: REFORMA AGRÁRIA E LIGAS CAMPONESAS. No entanto, descambou para a pregação da revolução comunista, conclamando as armas. Dentre os elementos que assistiram essa reun conferencia, encontrava-se o ASSIS LEMOS.
 16. Em Set 62:- Foi adotado pelo ASSIS LEMOS, na faculdade de Ciências Econômicas, o livro MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA da Academia de Ciências da URSS.
 17. Em Nov 62:- Foi eleito Deputado Estadual na Paraíba, pelo PSB.
 18. Em Fev 63:- Devido aos acontecimentos da Fazenda Jucurí, correram / rumores de que sua vida estava ameaçada, por ter sido considerado / autor intelectual da morte do proprietário daquela fazenda. Esteve naquele local poucos dias antes dos acontecimentos, insuflando os camponeses.
 19. Em 18 Mai 63:- Às 1600 horas teve início um comício em Sapé, com a presença de vários líderes comunistas, dentre os quais ASSIS LEMOS. Logo após o comício houve passeata com desfile de 10 tratores e caminhões do Fomento Agrícola, fazendo propaganda contra os proprietários de terras, tudo com a presença do citado elemento. Durante o comício teceu elogios a si próprio, dizendo que na assembleia é um verdadeiro defensor dos camponeses.
 20. Em Out 63:- Foram distribuídos nesta Capital, boletins com os títulos "A VERTICALIDADE DO GOVERNO" e "AINDA VERTICALIDADE DO GOVERNO" sob a sua responsabilidade e de JOSÉ JOFFILY, numa tentativa de retirar dos estudantes e deles a autoria intelectual e material de um crime praticado contra um soldado da polícia do Estado, imputando-o ao Governo e ao seu sistema policial. Compareceu no dia 18 Nov 63 a conferencia realizada na Faculdade de Direito pelo Secretário de Agricultura de Pernambuco, Sr JADER DE ANDRADE, cujo tema foi "O / SUBDESENVOLVIMENTO E O IMPERIALISMO".
 21. Em Abr 64:- Foragiu-se quando deflagrou a revolução de 31 Mar 64, 8

- 3 -

4084/83 10

porém logo depois foi capturado e conduzido para a ilha de Fernando de Noronha. Esta prisão deu-se em Recife, por uma patrulha do Exército. Esteve preso logo depois de ser capturado nos seguintes locais: QG IV Ex, 15º RI, Fernando de Noronha e QG do 1º Gpt E, onde foi decretada a sua prisão preventiva, pela Justiça Militar, em consequência do IPM realizado.

22. Em 22 Ago 64:- Foi transferido da prisão do 1º Gpt E para a do 15º RI, a fim de responder IPM sobre o grupo dos 11 (G-11). ~~XXXXXXXX~~

ANEXO VI - AO MEU NOBRE PAI PEDRO FAZENDEIRO E OUTROS TANTOS COMPANHEIROS

O que dizer de você que quase não conheci!
Que tão pouco vi e quase não convivi,
É só falar da saudade! Saudade do que não tive,
Do homem bom companheiro, do Pedro pai e amigo,
Do refúgio no abrigo do abraço protetor,
Que a ditadura roubou.

São cinco os filhos de Pedro, sendo eu a derradeira,
Quase nada me sobrou, pois as alegrias de filha,
A ditadura tão desumana tão crua,
Brutalmente me fraudou,
Roubou-me a paternidade e em órfã me tornou.

O meu coração, ainda sofre e chora essa dor,
A dor da saudade do direito suprimido,
De ao seu lado ter crescido, seus abraços e carinho recebido,
Vê-lo sorrir de alegria, enquanto eu acertava,
E, receber correção quando na vida eu errava,
Tudo me foi tirado, não posso mais me calar,
Explode coração! Chora coração!
Fala da tua dor com emoção e razão.

Isso, sem falar da dor dos que já sabiam o que é a dor,
Pois, a mim coube a dor da inocência,
Da espera prolongada, da sua utópica chegada,
Que, na minha ingenuidade era por mim aguardada,
Na minha fé infantil que assim acreditava,
Que, tal como o Cristo um dia ressuscitou,
E em refulgente glória para o pai retornou,
Eu cria e confiante orava, pela volta do meu pai,
Mas ele jamais chegou.

O que dizer da dor, de quem já sabia o que é dor!
De quem antes já sofria!
O que dizer então da dor de Maria?
Minha mãe que de tanto que chorou,
Como uma rosa murchou, ressecou, expirou,
Por conhecer o sentir do coração,
Sabia que seu amado, jamais ao lar tornaria,
Que ela agora seria só,
Só solidão, tristeza, e agonia.

Como criar seus cinco filhos Maria?
Na angustia de saber que Pedro,
Pai, provedor, fora tiranizado pela lei da ditadura,
A lei que ditou tão dura a vida, martírio e morte,
Do Pedro que honra e paz proclamava,
Sim! Por esta causa lutava, vida, paz e honradez,
Aos amigos, companheiros camponeses,
Torturados, humilhados, indefesos,
Por algozes e covardes capatazes.

E, o que dizer da dor das minhas irmãs e irmãos?
Nadieje, Josineide, Marinarde e o Walter,
Por já entenderem tudo ou quem sabe quase tudo,
Em pouco tempo sabiam, que pai nunca mais teriam.

Ai, Quão grande foi essa dor,
Que tem por nome orfandade!
Que aflige os corações sem escolha de idade.
Como doeu essa dor crucial e cabalista,
Ao saberem, que Pedro não mais veriam,
O pai amoroso, corajoso e idealista,
Sim! Meu pai era um sonhador,
E, pra esses quatro filhos profissão assim sonhou,
Essa será doutora e a outra professora,
Esse menino engenheiro e aquele advogado,
(só para mim tão pequena a ditadura tão dura
Roubou-lhe o tempo do sonho e o vazio ficou).

Ai! Quão grande foi essa dor,
Que tem por nome orfandade!
Que magoa corações, independente da idade.

Respondam-me, por favor,
O que fazer de um amor
Que não tem o ser amado,
Que fora dos meus pequenos braços tirado,
Deixando-me apenas dor e saudades,
Fome, medo, pranto e fragilidade.
Cadê o meu pai amado?
Respondam-me, por favor, tiranas autoridades,
Ditadores cruéis de vidas ensanguentadas,
Respondam-me, por favor, o que faço com essa dor?
E o que dizer da dor de outros tantos companheiros?
Guardada nos corações de quem tanto amor perdeu.
Tantos Pedros, Joãos, Josés, Assis e os Agassiz
As Marias, Margaridas, as Rosas, as Betes e Elizabetes
Os Lemos e também os que não lemos,
Que tiveram seus amores como ramos arrancados,
Iguais pétalas de flores extraídas, esmagadas
Pelas mãos ensanguentadas dessa dita cuja dura,
Freando-lhes o pulsar dos vibrantes corações!

O que dizer para quem tanto chorou,
Gritou, sofreu e venceu,
Sim! Venceu, Pedro e outros tantos companheiros,
Pois o sangue irrompido no mundo e nesse Brasil querido,
Hoje renasce e aflora com ardor e esperança,
Por sabermos que a cada ramo arrancado,
A cada pétala extraída e a cada flor esmagada,
O sonho é mais sonhado, desejado e por fim realizado,
Pois, pulsam fortes os corações dos Pedros, e dos Joãos,
Das Marias, Margaridas, Rosas e Elizabetes
Dos Lemos e também dos que não lemos,
Que a tanto sobreviveram.
Enfim, ao meu saudoso e honrado pai,
Pedro Inácio de Araújo,
Nosso nobre Pedro Fazendeiro,
Nosso sim, pois nunca foste só meu,
Pois como exemplo de honra, heroísmo e altruísmo,
Destes a tua vida por esse Brasil querido.

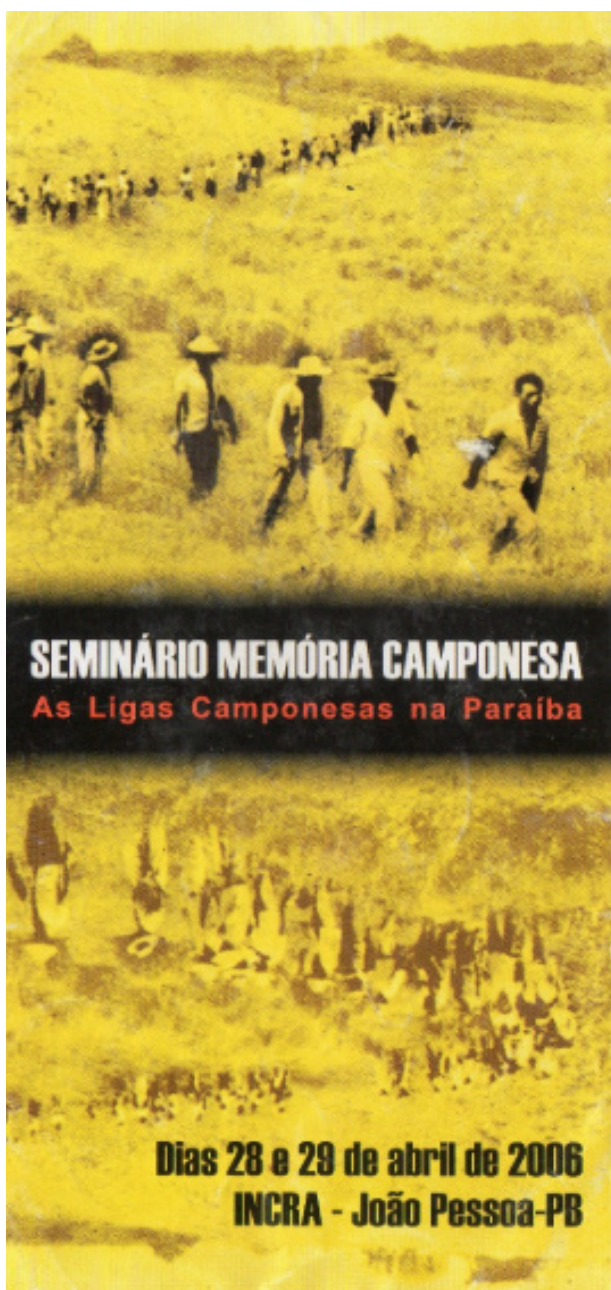
E, que esse bravo povo brasileiro,
Honre ao meu nobre pai Pedro Fazendeiro,
E, outros tantos companheiros
Que de tanto padeceram.

Em nome da minha mãe (in memória) minhas irmãs e irmãos,
Deixo a você meu pai, meu amor, minha saudade,
Minha dor que tanto doeu e dói,
Mas em especial deixo a você minha grande admiração,
Pois, me orgulho de olhar para o amanhã e ver,
Que aquela luta, a sua luta!
Que parecia tão amarga e inglória,
Hoje é escrita na história como a luta de um grande vencedor!

Obrigada, Pedro Fazendeiro e outros tantos companheiros.

Com amor,
Náugia Maria de Araújo (Náugia Fazendeiro)

ANEXO VII – FOLDER DO SEMINÁRIO “MEMÓRIA CAMPONESA: AS LIGAS CAMPONESAS NA PARAIBA”



Programação

Dia 28.04.06- 6ª.feira:

9:00 Abertura Comissão Organizadora e Bráulio Rodrigues (FETAG- RJ).

9:30 hs -11:00 1ª. Mesa: As ligas camponesas em Sapé e na Paraíba

- **Dr. Assis Lemos:** Presidente da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba e Deputado estadual cassado pela ditadura; autor do livro "O Vietnã que não houve", Editora da UEL.

- **Elizabeth Teixeira:** ex-presidente da Liga Camponesa de Sapé e viúva do líder camponês assassinado João Pedro Teixeira.

- **Neide Araújo:** filha de Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro), líder da Liga Camponesa de Sapé, preso político e é um dos desaparecidos do regime militar.

- **Marina Dias Virgínio:** irmã de João Alfredo Dias (Nego Fuba): líder camponês de Sapé, ex-vereador, membro do PCB, preso e desaparecido político.

11:00 12:00 hs - Debate

12:00 14:00 hs - Almoço

14:00 15:30 hs. - A atuação dos Advogados, Intelectuais, Estudantes e Imprensa

- **Dra.Ofélia Amorim** Advogada das Ligas na Paraíba.

-**Adalberto Barreto:** Presidente da

Associação Paraibana de Imprensa.

Gonzaga Rodrigues: Jornalista.

Antonio Augusto Arroxelas: Presidente da União Estadual dos Estudantes e membro do Bloco estudantil, operário e camponês.

Iza Guerra Labell: Coordenadora da Campanha de Educação Popular (Ceplar)

15:30 16:00 hs Debate

16:00 17:30 - As Ligas Camponesas em Guarabira e Mamanguape

Dona Maria do Carmo de Aquino - Secretária da Federação das Ligas Camponesas da Paraíba.

Sr. Antônio Francisco de Carvalho Liga de Guarabira.

Sr. Manoel Marinho da Silva (Carrasco) Liga de Guarabira.

Sr.José Arnóbio dos Santos - Liga de Mamanguape.

Sra. Glória Celestino da Silva - Liga de Mamanguape.

17:30 18:30 - Debate

Sábado 29. 04.06

8:30- 9:30 4ª. Médicos, Partidos Políticos, Sindicatos e as Ligas Camponesas

Dr. Malaquias B. Filho: Médico do SAMDU, foi demitido pela ditadura.

Dr. Geraldo Camilo: Médico, foi prefeito de Mulungu.

Luis Hugo Guimarães: Presidente do CGT.

Agassiz Almeida: Deputado estadual, preso político e apoiava as ligas camponesas.

10:00 11:00 hs - As ligas camponesas de Santa Rita

Antonio Dantas - liderava o Grupo Julião na Paraíba e fundou a Liga de Santa Rita.

Sr. Manoel Dantas - Ligas de Cruz do Espírito Santo.

Sr. Severino Porfírio - Ligas de Cruz do Espírito Santo.

11:00 12:00 hs - Debate

14:00 15:30 hs - As ligas de Alhandra, Lagoa Seca e Campina Grande

- **Sr. Elias Quirino** - Liga de Alhandra.

- **Sr. José Cardoso** - Liga de Alhandra.

- **Sr. Celestino Pereira da Silva** - Fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande.

- **Langstein Almeida** - Deputado estadual, preso político e atuava na Liga de Campina Grande.

15:30 16:30 hs A ação do Estado nas Ligas Camponesas

Sr. Chico Maria - Delegado de Polícia, denunciou os assassinos e mandantes de João Pedro Teixeira.

Sr. Hermillo Ximenes - Juiz de Rio Tinto, baixou portaria desarmando latifundiários e camponeses.

16:30- 17:00 - Debate

17:00 hs - Encerramento

Capa: foto retirada do livro "Nordeste: O Vietnã que não houve - Ligas Camponesas e o Golpe de 64".

Coordenação:

Ms. Belarmino Mariano Neto
(UEPB - CH / Guarabira)

Dr. Genaro Ieno - Depto. Psicologia UFPB:
8814-8222

Dr. Ivan Targino - PPGE UFPB

Dra. Emilia R. Moreira - PPGG- UFPB

Dra. Marilda Menezes - Grupo Memória
Centro de Humanidades/UFCC

Waldir Porfírio da Silva - Associação
Paraibana de Imprensa

Realização:



PROJETO MEMÓRIA
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
EM CAMPINA GRANDE
www.projetomemoria.fbr.net

PPGS /
UFCC

API
Associação Paraíba de Imprensa

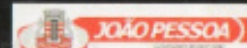


Nu
AP

Núcleo de
Antropologia
da Política



Apoio:



Centro de
Humanidades



Informações

Prof. Belarmino

(0**83) 3255- 0678 / 9922-6658

Waldir Porfírio: 9382-1931 / 8837-9564

Fábio Ronaldo: 8806-8647

**INCRA / Instituto Nacional de Colonização
e Reforma Agrária**

Av. Desportista Aurélio Rocha, 592

Bairro dos Estados - João Pessoa-PB

CEP: 58031-000

Fone: (0**83) 3244-1442 - R. 217

ANEXO VIII - DISCURSO PROFERIDO POR RAYMUNDO ASFORA EM HOMENAGEM A JOÃO PEDRO TEIXEIRA EM 04.04.1962

Um tiro franziu o azul da tarde e ensanguentou o peito de um camponês. Foi assim que João Pedro morreu. Eu o vi morto no hospital de Sapé. Peguei na alça do seu caixão e, ao lado de outros companheiros e de milhares de camponeses, levei-o ao cemitério. Estava com os olhos abertos. A morte não conseguiu fechar os olhos de João Pedro. Brilhavam numa expressão misteriosa e estranha, como se tivessem sido tocados por um clarão de eternidade.

Os seus olhos, os olhos de João Pedro, estavam escancarados para a tarde. E dentro deles, eu vi—juro que eu vi—havia uma réstia verde que bem poderia ser saudade dos campos ou o fogo da esperança que não se apagará.

Tinha sido avisado de que o perseguiam. Assistira certa vez, ao lado da esposa, a uma ronda sinistra em torno do seu lar. Talvez soubesse tudo, mas aprendera na poesia revolucionária do mundo, que é melhor morrer sabendo do que viver enganado.

Por que mataram João Pedro? Por que o trucidaram de emboscada? Mataram João Pedro porque ele havia sonhado com um mundo melhor para si e para seus irmãos.

Idealista puro, ele não compreendia nunca, na inteligência ágil e no seu raciocínio acertado, como todas as terras da Várzea do Paraíba pertenciam a proprietários que poderiam ser contados nos dedos de uma mão. E tantos homens sem terra e tantos homens aflitos e tantos homens com fome.

Sonhara com a reforma agrária. Mas não pensara na revisão dos estatutos das glebas empunhando uma foice ou um bacamarte, na atitude dos desesperados.

Apelava, apenas, para a organização da opinião campesina, da opinião dos campos, porque organizada a opinião do povo, tudo mais ficaria organizado.

Nunca me deparei, paraibanos, com uma população rural tão penetrada e compenetrada da consciência de classe, do valor da disciplina e da coesão como os lavradores de Sapé. Foi João Pedro quem os convenceu, mobilizando-os, ardentemente, em cada feira e em cada roçado. Argumentando sempre, com fé inquebrantável, sobre a necessidade da formação de seu sindicato. De um sindicato igual aos vossos, trabalhadores de João Pessoa, respeitado pelos patrões, protegido e protetor.

Por que os latifundiários não querem respeitar as Ligas Camponesas? Por que? Não se organizam eles nas cidades, nas associações comerciais, nas federações das indústrias, não frequentam eles o Clube Cabo Branco, o Clube Astrea, os clubes do Recife e do Rio? Por que os camponeses não têm direito de ter a sua Liga?

O campo se priva de tudo para nos prover de tudo. Sem a enxada, que fecunda o ventre da terra para a gravidez da semente e o parto da colheita, nada chegará as nossas mesas. A vida vem dos campos. Sem o suor, sem a fadiga dos campesinos, jamais alcançaremos a fartura do povo e a pobreza será cada vez mais infeliz e desamparada.

Os latifundiários, todavia, na sua ganância, finjem desconhecer essa verdade, e na sua cupidez e na sua egolatria negam aos pobres até o direito de ter fome.

Fecham as suas propriedades ao cultivo e trazem-nas avarentamente estagnadas, mandando matar aqueles que desejam transformá-las num instrumento da produção e de felicidade social.

São tão mesquinhos, no seu egoísmo, que, na expressão de um ironista, deixariam o universo as escuras se fossem proprietários do sol.

Eu vi João Pedro morto. Os seus olhos ainda estavam abertos. Eles tinham visto muito. Tinham visto quase tudo à sombra do Sobrado, povoado de Sapé. Ouviu, talvez, contar na varanda de sua casa tosca, a história dos pais e dos avós que cultivaram aquelas terras. Sempre sob o regime do cambão, da terça e

do cambito. Desse miserável cambão, dessa hedionda terça, desse desumamo cambito que deve ser varrido de nossa paisagem rural, nem que seja a golpes, nem que seja a impacto das multidões revolucionárias nas praças.

Ouvira contar que, certa vez, o pai fora enxotado cruelmente, pelo capataz do amo, pelo simples fato de terem discutido sobre uma cuia de feijão.

Sofria, ele próprio, as angústias daquele servilismo, doendo, agora, sobre o corpo exausto, com o suor da agonia que lhe escorria pela alma, fermentando, então, no íntimo, a convicção de que a dignidade humana não poderia ser tão aviltada. Urgia uma reação e João Pedro, à sombra do Sobrado, meditava e sonhava com um mundo melhor para os seus filhos. Eles não haveriam de amargar a mesma servidão.

Sonhou. Haveria de pagar pelo crime de ter sonhado. O seu sonho era uma visão perigosa de liberdade. Os latifundiários não podem compreender que os corações dos humildes possam aninhar tão elevados sonhos.

Contrataram sicários, armaram pistoleiros, puseram-se na tocaia. João Pedro deveria ser eliminado.

Acuso, perante o governo da Paraíba, que há um sindicato da morte implantado na Várzea para ceifar a vida dos homens do campo. Ninguém se iluda: aquilo não foi mandado de um homem só.

Todos devem se levantar em favor da luta dos camponeses. Todos, principalmente vós, pessoenses, depositários da vida indômita da raça tabajara, para que, em face da violência, da opressão, os camponeses não se sintam desamparados.

Matam João Pedro. Nunca mais poderei esquecer os seus olhos. Os olhos dos mortos não choram. Ele nos deixou, no transe derradeiro da vida, a dignidade final da sua morte.

Sigamos o seu último exemplo. Ninguém derramará mais lágrimas. Os seus olhos queriam dizer que os camponeses, de tanto verterem suor, não têm sequer pranto para derramar outras lágrimas.

Paraibanos, esta cruzada é diferente das demais porque é maior do que todas as outras. Não há um candidato, não há partido político, não há um interesse

exclusivista a ser defendido. Esta insurreição é hoje na história da Paraíba o seu grande apostolado.

Ou defendemos o homem do campo numa onda de solidariedade pacífica e irreprimível, pressionando as elites dirigentes para uma revisão da estrutura jurídica vigente, que os depaupera e degrada, efetivando urgentemente a reforma das leis agrárias, ou o Brasil será a Pátria traída pelo poder econômico que já nos vem atraçando nos governos da República e no parlamento nacional.

É inútil matar camponeses. Eles sempre viverão. Antes de morrer João Pedro era apenas a silhueta de um homem no asfalto. Mas agora, paraibanos, **JOÃO PEDRO VIROU ZUMBI, VIROU ASSOMBRAÇÃO!**

É uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate forte na porta das casas-grandes e dos engenhos, que povoa a reunião dos poderosos, que grita na voz do vento dentro da noite, e pede justiça e clama vingança. Que passeie pelas estradas de Sapé, que fala pela boca de milhares de criaturas escravizadas, a mesma língua que, com a sua morte, não se perdeu, porque a mensagem dos verdadeiros líderes não se esgota.

Pessoenses, meditemos profundamente na destruição de João Pedro, da tremenda cilada que armaram contra o inesquecível líder, na carga de ódio que caiu sobre si com o peso de um destino. Ele sofreu no próprio sangue a grave ameaça que existia contra todos nós. Que todos os patriotas dobrem os joelhos diante de seu túmulo.